"Intenso e imprevisível, uma narrativa dinâmica."
— Julie Kagawa, autora *best-seller* do *The New York Times*



O amor é apenas o começo... do fim.

STARLING

LESLEY LIVINGSTON

JANGADA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

STARLING

Lesley Livingston

STARLING

O Despertar dos Filhos de Odin

Tradução

MARTHA ARGEL
HUMBERTO MOURA NETO



Título do original: *Starling*.

Copyright © 2012 Lesley Livingston.

Copyright da edição brasileira © 2014 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2014.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance, são também produtos da imaginação do autor e são usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela
Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz
Preparação de originais: Marta Almeida de Sá
Produção editorial: Indiara Faria Kayo
Editoração Eletrônica: Join Bureau
Revisão: Barbara C. Parente e Yociko Oikawa
Produção de epub: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Livingston, Lesley
Starling – O despertar dos filhos de Odin / Lesley Livingston ; tradução Martha Argel Humberto Moura Neto. – 1. ed. – São Paulo : Jangada Editora, 2014.

Título original: Starling.
ISBN: 978-85-64850-85-9

1, Ficção fantástica 2. Ficção – norte-americana I. Título.

14-11555 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

1ª Edição digital: 2015
eISBN: 978-85-64850-91-0

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Para os bibliotecários. Todos eles.

Agradecimentos

Este livro marca o início de uma nova aventura, uma nova viagem. Algumas das pessoas que pegaram esta estrada comigo já são companheiros de viagem conhecidos; alguns são novos. Eu os envolveria no maior abraço grupal já visto se pudesse colocá-los todos na mesma sala ao mesmo tempo. Já que isso parece improvável, só vou agradecer a todos vocês aqui.

Primeiro, como sempre, minha profunda gratidão vai para Jessica Regel, minha agente. Continuo não sendo capaz de expressar suficientemente o quanto lhe sou grata, e por favor, só continue sendo essa pessoa fantástica. Em seguida, quero agradecer Karen Chaplin, minha editora sábia, paciente, muito mais esperta do que eu. Obrigada por tomarem conta tão bem de mim e desta série; é uma delícia trabalhar com vocês. E um terceiro obrigada vai para Laura Arnold, que também é fantástica e que foi quem primeiro comprou esta série.

Obrigada a Jean Naggar e ao pessoal da JVNLA, por serem tão bons. TimBits para todos vocês de novo, da próxima vez que eu for ao escritório.

Obrigada à dedicada e criativa equipe da HarperCollins: minha diretora editorial Barbara Lalicki; Maggie Herold, da produção editorial; e Cara Petrus, minha diagramadora. Vocês todas fizeram com que eu, e este livro, e Mason Starling ficássemos *tão* bons! Obrigada também a todos da HarperCollins Canada por continuarem a me fazer sentir como se eu fosse parte da equipe, em especial a meu editor canadense Hadley Dyer, que me aguenta durante almoços regados a conversas profissionais sobre mitologia.

Agora, como sempre, dedico todo o meu amor e a minha gratidão a minha mãe e minha família maravilhosa. E a meus amigos. Porque todos vocês me toleram quando estou com o prazo de entrega dos originais vencendo, e isso não seria nada divertido se vocês não achassem que é um lance legal.

Claro, meu mais importante agradecimento/respeito/declaração de amor eterno/dívida de gratidão e/ou bebidas geladas vai, sem qualquer novidade, para John. Mais uma vez. Nada disso aconteceria sem você. Nada. Você é o personagem de Gene Hackman em *O Destino do Poseidon* enquanto eu faço o papel de Idiota em Pânico 1.

Por fim, obrigada a todos os meus leitores. Àqueles que me seguiram até aqui e àqueles que se juntaram a mim no meio do caminho. Espero que curtam a viagem... e fiquem de olho em alguma valquíria perdida!

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Agradecimentos
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX
XXI
XXII
XXIII
XXIV
XXV
XXVI
XXVII
XXVIII
XXIX
XXX
XXXI
XXXII

XXXIII
XXXIV

I

– Vamos lá, Mase! Cadê seu instinto assassino?

Calum Aristarchos moveu o corpo lentamente, a ponta de seu sabre de esgrima traçava no ar pequenas espirais ameaçadoras.

– *En garde*...

Por trás da máscara de malha metálica, Mason Starling cerrou os olhos, abaixou-se, mas continuou agachada; os músculos de suas coxas ardiam com o esforço. Sacudiu a cabeça com força para clarear a mente, enquanto o suor escorria por seus olhos, cegando-a. *Concentre-se*...

A lâmina em sua mão oscilou, inclinando como se estivesse incerta.

Ela recuou meio passo...

E Calum Aristarchos atacou. Um pé cruzando sobre o outro num borrão, ele avançou sobre ela e mirou em seu coração, o braço esquerdo jogado para trás, a coluna arqueada como a de um dançarino, esticando-se para a frente apenas *um pouquinho* a mais.

Mason abaixou-se ao máximo, suas pernas doíam; então ela ergueu a espada e...

– *Touché*!

– Não!

Toby Fortier, o treinador de esgrima durão, o tipo de pessoa com quem não se deveria discutir esse tipo de coisa, resmungou e fez uma anotação na folha de pontuação dos treinos.

– Ela acertou você, Aristarchos. E, portanto, ganhou de novo. Reclamar só faz você parecer uma garota. – Ele olhou para Mason, que tirou a máscara e sorriu. – Uma garota que não consegue lutar como Mason.

Calum tirou a própria máscara e jogou no ar seu florete de treino, pegando-o pela lâmina, pouco abaixo do copo. Voltou até onde Mason estava; seus olhos verdes faiscavam e um sorrisinho curvava sua boca num dos cantos. Mason

notou que o rosto dele ainda brilhava com os resquícios de um bronzeado de verão. Em parte, era o que o fazia parecer um modelo de revista.

– Tudo bem – disse Calum, cutucando-a com o cotovelo. – Acho que você encontrou seu instinto assassino.

– Pode ser – ela respondeu. – Ou então você ficou confiante demais. Aquela investida deixou as suas defesas totalmente abertas.

– Não para qualquer um, Mase. – Ele deu uma piscadela e tirou a espada da mão de Mason. – Só para você.

Mason sentiu seu coração agitar-se por um momento.

– Isso significa que você vai me ajudar a me preparar para as eliminatórias nacionais?

– Com certeza. – Cal envolveu a cintura de Mason com um braço e sussurrou em seu ouvido. – Eu sempre ajudo um vencedor.

Mason corou até a raiz do cabelo e sentiu o rosto arder. Então sentiu outro tipo de calor, como se um raio *laser* apontasse para sua nuca, e olhou para trás, por cima do ombro. Do outro lado do ginásio, Heather Palmerston a encarava. A loura alta virou para o outro lado quando os olhos de Mason encontraram os seus e bateu com a luva de esgrima na palma da mão; o som do couro estalou como um chicote. Mason tinha certeza de que Heather só havia começado a praticar esgrima para ficar perto de Cal, embora os dois tivessem terminado o namoro fazia pouco tempo.

Heather era uma esgrimista indiferente – não que fosse ruim, só não se esforçava muito – e não parecia gostar tanto assim do esporte. Diferente de Mason, para quem a esgrima, mais do que uma atividade, era uma paixão. Ela estava tentando ingressar na equipe nacional. E depois? Talvez até as Olimpíadas. Já Heather… nem tanto. Menos ainda depois que ela e Cal terminaram. Mason se perguntou por que Heather não saiu do clube de esgrima quando isso aconteceu, mas para Heather tudo era questão de aparência. Desistir da esgrima daria a impressão de que ela havia perdido algo. O que ela parecia mais gostar naquele esporte era a forma como os homens olhavam para ela quando usava as calças brancas justas.

Como Rory Starling, o mais novo dos dois irmãos mais velhos de Mason, que nesse exato momento olhava Heather de boca aberta. Quando ela passou desfilando por onde ele treinava ataques com o saco de pancadas, no canto mais distante do ginásio, o queixo de Rory caiu tanto que ele quase babou. Mason revirou os olhos.

– Ela seria uma lutadora decente se estivesse a fim – Toby disse, bem do lado dela. Mason havia percebido que ele estava ali. – Não conseguiria chegar ao seu nível, claro, mas poderia se dar bem. – Ele resmungou e passou a mão sobre o rosto, alisando o cavanhaque bem cuidado.

– Você quer que ela entre na equipe de competição? – Mason perguntou. Ela queria que a pergunta soasse neutra, mas não foi o que aconteceu. Do outro lado do ginásio, Heather disse algo que fez Calum rir, e Mason sentiu uma pontada de ciúme.

Toby a fitou e sacudiu a cabeça.

– Não, Mason. E você *sabe* que seu lugar no time está garantido.

– Não foi isso que eu quis dizer...

– Eu sei. Só quero que você entenda que não precisa se preocupar com isso. Não se continuar a lutar como vem lutando. – Toby voltou seu olhar para Heather, que estava soltando do rabo de cavalo seus cabelos loiros. Estes se espalharam sobre os ombros como mel. Sua aparência era o oposto exato de Mason, com seu cabelo negro, pele branca e olhos azuis. – De qualquer modo, Heather é carente demais de atenção. Eu só detesto desperdício de potencial, isso é tudo.

Mason concordou sem dizer nada, e Toby caminhou em direção a dois jovens da aula de luta livre, que tentavam ver quem acertava com mais força a cabeça do outro com uma bola de vôlei. Mason tirou de sua sacola de lona a garrafa de alumínio e tomou um belo gole de água, para matar a sede resultante da longa sessão de treinamento. Estava cansada, mas não exausta, o que era um bom sinal. Cal era um adversário difícil. Na verdade, o mais difícil. Apesar do que Toby dissera, ele ainda era melhor que ela, e Mason estava feliz não só por ter conseguido enfrentá-lo de igual para igual, mas também por ele ter parecido gostar disso. Ela gostava da ideia de ter a aprovação de Calum Aristarchos. Gostava muito.

Controlando-se para não espiar com o intuito de verificar se ele ainda estava conversando com Heather, Mason guardou a garrafa na bolsa e juntou o resto de suas coisas. Enquanto fazia isso, percebeu uma leve mudança na qualidade da luz que entrava pelas janelas altas em forma de arco. Olhou para cima, através dos andaimes que tinham sido erguidos ao longo de toda a parede sul do salão que abrigava o novo centro de atletismo da Academia Gosforth, e espantou-se ao ver que o céu, até então azul, estava encoberto por uma manta pesada e escura que obscurecia o sol.

Pelas janelas, Mason viu densas nuvens negras rolando umas sobre as outras, movendo-se com uma rapidez que chegava a ser assustadora. Olhou o relógio. Ainda era o fim da tarde, pouco antes do jantar. Mas de repente pareceu ser muito mais tarde. A luz externa minguou, tornando-se um lusco-fusco lúgubre e arroxeado.

Se o céu ia desabar, Mason pensou, pelo menos seria bem mais fácil chegar ao seu quarto no dormitório do que quando os treinos de esgrima eram no ginásio da Universidade de Colúmbia. Este ficava a umas seis quadras de distância. Agora ela só precisava atravessar o pátio interno de Gosforth para chegar ao dormitório em casa. Era uma das vantagens das novas instalações. O prédio tinha sido a residência do diretor da academia, mas a velha estrutura gótica recentemente tinha sido toda remodelada e transformada num centro multiuso, para abrigar o centro de ginástica, as aulas de dança e luta livre e, o mais importante do ponto de vista de Mason, a equipe de esgrima. Os assoalhos de madeira tinham sido instalados fazia apenas uma semana, e o local cheirava a madeira, verniz e tinta.

Eram instalações fantásticas, com equipamentos de última geração envolvidos pelo charme antigo da arquitetura gótica do prédio. Havia até um palco elevado numa extremidade para recitais de dança e apresentações, e as velhas paredes de pedra tinham sido deixadas expostas ao longo de um dos lados. Bem no meio da parede norte, portas duplas colocadas numa parede alta de vidro levavam a um vestíbulo de pé direito muito alto. Era um detalhe extravagante num ginásio de atletismo, mas o vidro era de espessura tripla e provavelmente aguentaria até uma bola de basquete arremessada com toda força. Tinha sido colocado para deixar à vista o alto arco de pedra que no passado acomodara uma janela em vitral com vidros comuns, que o pai de Mason, como patrono da escola, tinha mandado substituir por um vitral colorido que era uma obra de arte. Mesmo no dia mais nublado, a janela captava a luz e a decompunha num milhão de fragmentos de arco-íris brilhantes, lançando-os através do saguão de entrada do novo ginásio, revestido em madeira escura, onde mostruários de vidro exibiam incontáveis troféus esportivos.

Mason sorriu ao contemplar o vitral. Ela tinha orgulho do pai e de sua dedicação à escola, mas às vezes desejava que ele escolhesse modos menos ostentosos de demonstrá-la.

Do lado de fora, as sombras projetadas pelos galhos do velho carvalho no pátio da escola começaram a oscilar rapidamente na tempestade que se

anunciava. Era uma árvore que fora plantada quando o prédio original da escola foi construído no Upper West Side de Manhattan, no final do século XVIII. As rajadas de vento arremessavam folhas, galhos e frutos contra a janela e o antigo telhado de ardósia. As luzes fluorescentes que pendiam das vigas do salão piscaram e ficaram menos brilhantes. Quando voltaram ao normal, o ginásio pareceu adquirir um ar meio sepulcral.

– Opa! – Mason ouviu Calum exclamar.

Ela se virou e o viu olhando para a tempestade que se avolumava, os olhos verdes arregalados na luz mortiça que entrava pelas janelas altas.

– Ei, Toby – ele disse. – Talvez fosse melhor voltarmos para os dormitórios. Parece que o tempo está ficando bem feio.

– Claro – concordou Toby. – Já treinamos o suficiente por hoje. E você se livra de perder de novo para sua parceira.

Ele exibiu um meio sorriso e deu uma palmada na pasta onde estavam as folhas de pontuação. Então apanhou sua caneca de estimação, companheira constante de um viciado em cafeína como ele, e se virou, gritando para os outros alunos atletas que juntassem as coisas e fossem embora. Então instruiu os alunos de esgrima para que entregassem seus equipamentos a Mason. Ela e Cal verificariam se estavam em ordem, para depois guardá-los em seus devidos lugares nos armários.

– Ei, Mouse, pega – Rory gritou ao jogar um florete de treino para ela, e Mason teve de se desviar para não correr o risco de que sua ponta lhe perfurasse um olho.

Como ele é irritante, pensou Mason. Detestava quando ele a chamava de Mouse. E ele sabia disso.

Heather, é claro, passou por Mason e entregou o florete direto para Calum. Ainda eram cordiais entre si, mas, desde o fim do namoro, Calum tinha deixado bem claro suas intenções de manter as coisas assim: cordiais. Não que Mason fizesse questão de reparar no modo como ele se comportava...

– Vamos, Mase – disse Calum, sorrindo para ela.

Ele lhe entregou o florete de Heather, tirou a jaqueta de esgrima e a jogou por cima de suas coisas. Por baixo, vestia só uma camiseta fina com o logotipo da escola nas costas.

– É melhor a gente correr para chegar antes da tempestade, ou vamos ficar encharcados – disse ele para Mason, por cima do ombro.

Calum de camiseta molhada não era uma ideia nada má, do ponto de vista

dela, mas ele tinha razão. Ela correu para os armários no fundo do ginásio, porém, na mesma hora, ficou bem claro que eles não iam conseguir fazer nada antes da tempestade. Pela janela, ela viu um raio fendendo-se e varrendo o céu com um chiado ensurdecedor, que a aterrorizou.

Será um mau sinal a gente conseguir escutar *um raio*? – ela se perguntou. Mas não teve tempo de pensar sobre a física daquela situação, porque o som foi quase imediatamente engolido pelo estrondo do trovão, tão alto que era como se estivesse dentro de sua cabeça. O ar no salão estremeceu com a onda de choque. E o assoalho novo do ginásio pareceu ondular. Mason deu um gemido e correu para os armários. Do lado de fora, a chuva começou a cair em grandes gotas e o vento uivou com força. Mason se atrapalhou com sua braçada de delgadas espadas de alumínio, tentando abrir a porta de metal sem ter de parar para colocá-las no chão. Ficou surpresa quando Heather apareceu ao seu lado e abriu a porta para ela.

– Obrigada – disse ela, tentando se desvencilhar do buquê de espadas.

– Pare aí – disse Heather. – Se tentar guardar as espadas dessa maneira, vai acabar machucando uma de nós.

Juntas, as duas garotas conseguiram separar as armas e guardá-las nos suportes da parede do armário.

– Cuidado com essa espada! – avisou Mason. – Você vai quebrar a ponta!

– Tá, tá. Pode deixar, Starling. Está tudo sob controle.

Quando conseguiram guardar tudo, o céu estava preto como se fosse meia-noite e os raios rasgavam a parte de baixo das nuvens negras. As luzes voltaram a piscar, e Mason prendeu a respiração por um momento.

– Caramba – exclamou Calum. – Quem encomendou o apocalipse?

Como se tivesse sido combinado, outro raio ofuscante sulcou o céu, e as luzes no salão piscaram e se apagaram. Todo o ginásio ficou às escuras. Mason prendeu a respiração e seu coração disparou. Pegou depressa a sacola de lona e correu para a porta.

– Vamos embora daqui – disse ela.

Atravessou as portas duplas de vidro para o saguão de entrada e empurrou a barra de abertura da porta externa, mas nada aconteceu. Empurrou de novo, com mais força, mas a pesada porta de madeira entalhada continuou fechada.

– Qual o problema? – perguntou Heather, logo atrás dela.

– Parece que está emperrada – disse Mason, e tentou de novo.

– Deixe eu tentar – Calum a empurrou para o lado. Ele usou as duas mãos

para empurrar a barra. Chutou a barra de bronze da parte de baixo e tentou empurrar a porta com o ombro, mas ela não se moveu.

– Espere aí, Cal – gritou Toby.

Eles o ouviram atravessando o ginásio e vindo na direção deles. Os coturnos pesados e surrados faziam um *tum tum* contínuo no escuro. Seu vulto corpulento apareceu de repente diante deles, e ele sacudiu a barra de abertura e empurrou a porta com força algumas vezes. Então ele se aproximou de uma reentrância ao lado da porta.

– Hum – ele resmungou. – Estranho...

– Que foi? – perguntou Rory, aparecendo com sua sacola de lona pendurada num dos ombros.

– Acho que a queda de energia danificou essas novas travas elétricas – respondeu Toby. – O painel de controle pifou.

– Não devia ter um sistema de emergência? – perguntou Calum.

– Devia. – Toby deu um soco no painel e sacudiu a barra de novo. – Mas também devia haver luzes de emergência, e não estou vendo nada. Talvez haja falhas no sistema que eles ainda não consertaram.

Do lado de fora, o mundo parecia estar vindo abaixo. Mason podia ouvir o velho carvalho de Gosforth rangendo em protesto contra o vento que o açoitava.

– Vou checar a saída de incêndio de emergência – disse Toby. – Fiquem aqui até eu voltar. Não saiam por aí. Ainda tem equipamento de construção junto às paredes e não quero que alguém chute uma serra circular sem querer e ampute um dedo.

Mesmo na escuridão total, o mestre de esgrima não demorou muito para ir de um lado a outro do ginásio e voltar. E Mason sabia, só pelo som ritmado dos passos, que eles não iriam sair dali tão cedo.

– É melhor ficarmos aqui confortáveis até a energia voltar – disse Toby, confirmando as suspeitas dela, e Mason o ouviu girando na caneca o pouco de café que restava. – A porta de incêndio também está trancada.

– Isso não devia acontecer, devia?

– Não, Mason, não devia. – Toby soltou um pesado suspiro. – E, maldição, meu café acabou. *Isso* também não devia acontecer.

Olha aqui, Mason disse a si mesma, muito séria, *você não está trancada num espaço pequeno. Você não está presa. Tem muito espaço.*

Podia sentir a sua volta a amplidão do salão alto e abobadado, mesmo sem poder ver o teto, mas essa não era a questão. O que a incomodava era mais a

ideia de estar trancada sem qualquer possibilidade de *fuga*. Isso e a escuridão. Era tão completa... Tão absoluta... Não deveria haver pelo menos alguma luz nos edifícios ao redor? Pelo amor de Deus, a escola estava no meio de Manhattan!

– Toby – Mason disse baixinho.

Ele pareceu não ter escutado. Talvez fosse porque a garganta dela estava tão seca que a voz não passara de sussurro.

– Toby – tentou outra vez.

– Qual o problema, Mason?

Qual o problema? Ela ia perder o controle a qualquer minuto: *esse* era o problema. Ela ia se descontrolar na frente do cara mais lindo da escola, e da pretensiosa ex dele, e de seu estúpido irmão egoísta, e na primeira aula do dia seguinte toda a Academia Gosforth ia ficar sabendo que ela era uma maluca claustrofóbica.

– Toby? Eu...

– O que foi? – ele perguntou de novo. – Mason, estamos todos presos aqui até a energia voltar, então é melhor a gente relaxar.

– Não consigo.

– Ah, essa não – Rory murmurou. – Lá vamos nós.

– Cale a boca, Ror – Mason disse tensa.

– Mason, o que você quer dizer? – perguntou Toby.

– Quero dizer que... eu... não lido bem com espaços fechados. – Mason podia ouvir o tom de pânico na própria voz. – Não suporto ficar trancada.

Ela sabia que Toby tinha se adiantado e devia estar tentando vê-la na escuridão para verificar se aquilo era brincadeira. Ou para verificar se ela de fato estava a ponto de perder o controle. Mas ela não conseguia ver o rosto dele. Luz alguma entrava pelas janelas. Estava começando a parecer que ela estava presa no fundo de um poço ou dentro de um caixão.

– Não lida bem como? – Toby perguntou calmamente.

– Tipo suor, vômito, gritos incontroláveis, surto psicótico.

Toby piscou para ela.

– Quando?

– Logo, logo...

– Ah, que maravilha... – Heather disse com uma voz desagradável. – Se você vomitar em mim, vai levar um murro na cara, Starling.

– Não tem problema – Mason falou entre dentes. Seus punhos estavam cerrados, e ela parecia não conseguir fazer os dedos se abrirem. – Se chegar a

esse ponto, nem vou ligar para o que você fizer comigo.

De repente, ouviu-se um baque forte contra as pesadas portas duplas, como se algo pesado tivesse se chocado contra elas a toda velocidade. Até Toby se sobressaltou. No silêncio que se seguiu, Mason podia sentir nos ouvidos seu coração batendo.

Então os uivos começaram. Sinistros, ululantes e, de alguma forma, não humanos.

– Que droga é essa? – Heather disse bruscamente. Mesmo no escuro, Mason sabia que ela a olhava de maneira acusadora, como se de alguma forma a culpa fosse sua. – É alguma brincadeira?

– Espere aí, Heather – disse Calum. Ele pareceu também notar o tom acusatório na voz dela. – Mason não tem nada a ver com isso. E deve ser mesmo uma brincadeira. Devem ser calouros babacas correndo por aí na tempestade, fingindo que são ninjas. Não é nada com que se preocupar.

– Cal tem razão – disse Toby. – E, de qualquer forma, ninguém vai entrar aqui, ninjas ou não. Da mesma maneira que não vamos sair tão cedo. Lamento, Mase.

Houve outro baque pesado no alto no telhado, seguido de uma chuva de golpes fortes na porta da frente e do som de guinchos.

Calum foi até a porta no escuro e golpeou-a, gritando:

– Parem com isso, seus idiotas! Estamos presos aqui! Façam algo útil e tragam um pé de cabra!

O barulho parou. Todos ficaram escutando por vários minutos, mas só conseguiam ouvir os sons da tempestade. E a respiração ofegante de Mason. No escuro, mesmo com os olhos fechados com força, tudo o que ela conseguia ver era vermelho. As costas de sua jaqueta de esgrima estavam encharcadas de suor frio e seu estômago doía. Mason tinha certeza de que o que tinham ouvido não eram alunos pregando peças. Mas também começava a pensar que preferiria se arriscar lá fora na tempestade a passar mais cinco minutos presa do lado de dentro, sem ter como escapar.

Inquieta, ela voltou para o salão do ginásio e atravessou com cuidado a escuridão total, chegando aos andaimes instalados sob as grandes janelas situadas no alto da parede. Originalmente eram as janelas do primeiro andar. As janelas do térreo tinham sido fechadas com tijolos. Quando o ginásio estivesse terminado, seriam instalados na longa parede aparelhos de atletismo como uma barra de balé e estruturas para pendurar alvos de arco e flecha e manequins para

treino de esgrima. Ela precisava fazer alguma coisa para se manter ocupada ou ia de fato perder o controle.

– Mase? – chamou Calum. – O que você está fazendo?

– Só quero ver uma coisa. – Ela pôs o pé numa barra horizontal e içou-se até a primeira plataforma.

– Mason – Toby falou, com uma voz de alerta. – Eu prefiro não ter que contar a seu pai que você quebrou o pescoço fazendo escalada no escuro. Por favor, leve em conta que ele pode querer quebrar o meu só para ficarmos quites.

– Estou tendo cuidado – disse Mason, subindo para a plataforma seguinte, que lhe permitiria olhar pela janela. Chegou até a janela mais próxima e olhou. Podia ver a chuva torrencial e conseguia divisar as silhuetas dos prédios mais próximos, negros contra o céu. Mas não havia luzes. Em lugar nenhum. Nem luzes de emergência, nem nos postes das ruas. Nem mesmo luzes acesas por geradores de emergência, ao que parecia. Mason engoliu em seco. Aquilo não era normal. Olhou para baixo, para onde os outros se mantinham juntos, no escuro.

– Parece que a falta de energia é geral – ela disse.

Mason pensou ter ouvido a sirene de um carro de polícia por sobre o ruído da tempestade e se voltou para olhar pela janela. De repente, soltou um grito de terror e por reflexo se jogou para trás. Soltou um grito agudo quando seu pé escorregou na plataforma e ela caiu, só escapando da queda de cinco metros agarrando-se a uma das vigas do andaime com o braço dobrado. Ficou pendurada no ar, debatendo-se e chutando o vazio, enquanto Toby e os rapazes gritavam seu nome e tentavam alcançá-la. Conseguiram segurar as pernas dela e sustentar seu peso, e ela soltou a viga do andaime. Quando seus pés tocaram o solo, Cal a envolveu num abraço apertado e totalmente inesperado.

– Não me assuste assim! – disse, enquanto a segurava com força.

– Estou bem...

De repente, Rory empurrou Calum para o lado. Agarrou Mason pelos ombros e sacudiu-a.

– *O que deu em você*? – gritou na cara dela. – Podia ter se matado!

Mason se soltou com raiva das mãos crispadas de seu irmão, enquanto Toby o puxava para trás.

– Dá um tempo, Rory – disse o mestre de esgrima, tão calmo quanto possível. – Mason, o que aconteceu?

– Eu... – Agora que estava a salvo no chão, a horrível imagem voltou à mente.

– Eu vi algo. No meio da tempestade. Era horrível, um rosto… só olhos e dentes, e gritando…

– Besteira – Rory debochou. – Primeiro você tem um ataque, e agora está inventando coisas. Você está sempre inventando alguma idiotice...

– Toby disse para você dar um tempo, Rory. – Calum ficou na frente dele e pôs a mão em seu peito. – Não pode falar assim com Mason.

– Vá se ferrar! Ela é minha irmã e eu falo com ela do jeito que eu quiser!

– Chega, vocês dois! – Toby gritou.

No silêncio que se seguiu, um frenesi súbito de ruídos veio de cima, como garras de animais arranhando e um uivo ensurdecedor em algum lugar no alto do teto. Mason estremeceu e olhou para cima, mesmo sem poder ver nada no escuro. Os gritos sobrenaturais eram ouvidos acima do rugido da tempestade.

Toby empurrou os dois rapazes para fora do caminho e olhou para Mason. Segurou-a pelos ombros e a fez olhar para ele.

– Mason... Você tem certeza? – perguntou. – Não eram só as árvores balançando com o vento? Você viu alguém lá fora?

– Vi *algo*. Olhos... e dentes – Mason tornou a dizer. Juntou as mãos e as apertou com força ao perceber que estava tremendo. No escuro, conseguia ver Toby olhar por sobre o ombro, hesitante, na direção da janela. Ele achava que tinha a ver com a claustrofobia dela.

– *Havia* um rosto lá fora, Toby. Não estou maluca.

– Talvez a gente devesse quebrar uma janela – sugeriu Calum. – Cair fora daqui...

– Não. – Toby sacudiu a cabeça. – Ninguém vai quebrar janela nenhuma.

E foi exatamente neste momento que a árvore do pátio interno desabou.

II

Como se zombasse da declaração de Toby, o velhíssimo carvalho de Gosforth desabou bem no meio da luminosa contribuição de Gunnar Starling ao ginásio recém-inaugurado – a nova janela de vitral multicolorido. Os ramos do alto da venerável árvore pareciam uma centena de braços estendidos, todos terminando em mãos de dedos negros, prontos para agarrar. Estilhaços reluzentes e afiados voaram pelos ares, e Toby e os alunos gritaram a uma só voz, enquanto corriam para os cantos mais afastados do longo salão do ginásio.

Os enormes galhos abriram um buraco na fachada do centro de atletismo, espalhando folhas e ramos partidos... e uma horda de pesadelos uivantes jorrou pela abertura adentro.

Mason foi a primeira a vê-los – monstruosidades de pele escura, com forma vagamente humana, a pele frouxa e com a aparência de borracha.

– Toby! – ela grunhiu alarmada.

As criaturas eram iguais à que ela tinha visto do lado de fora da janela, só que agora devia haver pelo menos uma dúzia delas, lutando para se desvencilharem da árvore caída. Um relâmpago iluminou o ginásio como se fosse de dia através da abertura irregular no teto, e a chuva desabou num dilúvio gelado. Mason escondeu-se por trás de uma pilha de tábuas bem no fundo do salão e ficou olhando as aparições que se libertavam do carvalho.

Será que essas coisas derrubaram a árvore? – ela se perguntou aterrorizada, lembrando-se dos gritos enfurecidos e dos golpes na porta. *O que elas são? O que querem?*

Aquelas coisas sinistras davam puxões nos galhos, soltando-se e jogando para longe os destroços com força inumana. Moviam-se de um jeito desconcertante, aos trancos, braços e pernas dobrando-se em ângulos estranhos, agudos, mas eram muito rápidos. Sua pele era de um azul-arroxeado, como a pele de um

cadáver afogado, esticada sobre corpos esqueléticos, e cabeleiras lambidas pendiam de seus escalpos, atadas para trás em longas tranças desgrenhadas. As criaturas pareciam alguma coisa saída de um filme de terror de Hollywood com um orçamento bem alto, zumbis com olhos que brilhavam com uma luz branca, leitosa e débil. As bocas abertas exibiam dentes de marfim, expostos em esgares de loucura e fúria. Sede de sangue.

Isto não está acontecendo.

Esse era aquele surto psicótico sobre o qual Mason havia alertado Toby pouco antes.

É isso. Ela tinha perdido o juízo...

Então, por um instante, por um momento congelado no caos, Mason viu o que a princípio pensou ser um anjo. Uma figura alada apareceu na escuridão, sua silhueta delineada com luz iridescente, faiscante, uma mulher de beleza etérea, com longos cabelos prateados e olhos luminosos. Ela pairou no ar, à grande altura acima do piso do ginásio; sua silhueta era delineada com um fogo sobrenatural, e ela apontou uma espécie de arpão ou bastão para algo que Mason mal entrevia na tempestade: um emaranhado pálido de membros esguios e musculosos, esticados entre os ramos da árvore...

As criaturas escuras, horríveis, se encolheram, guincharam e recuaram, espalhando-se. Entretanto, tão de repente quanto surgiu, a aparição luminosa sumiu, levando consigo a luz, e os monstros se reagruparam e avançaram de novo. Mason percebeu que eles tinham armas, lâminas escuras de ferro, com bordas irregulares, desgastadas pelas batalhas e pontas ameaçadoras.

Toby gritou, acenando com os braços para chamar a atenção dos jovens, e uma das criaturas saltou para cima dele. Ele pegou um cano de andaime, que estava jogado ali perto, e brandiu-o como uma espada larga, acertando uma das criaturas na lateral da cabeça com o som repugnante de uma abóbora bem madura se partindo.

As criaturas urraram indignadas e avançaram sobre o mestre de esgrima. Até que uma delas virou a cabeça na direção de Mason... e seu olhar ameaçador penetrou nos olhos dela. A criatura arreganhou os dentes num sorriso horrível e ganiu algo que soou como algum tipo de ordem para os demais. Os monstros abandonaram Toby e começaram a se mover na direção de Mason, como se formassem um círculo.

Ela recuou em direção a um canto, quase gemendo de terror.

De repente, um poderoso rugido de fúria cortou o clamor da tempestade. Os

olhos já arregalados de Mason arregalaram-se ainda mais. O vulto pálido que ela vira alguns instantes antes no emaranhado do carvalho não era outro monstro. Era um homem, um garoto, erguendo-se em meio aos escombros entre ela e as horríveis aparições de pele cinzenta... e ele estava completamente nu.

Tão nu quanto a lâmina reluzente que empunhava.

Ele ergueu a mão livre na direção de Mason, alertando-a para que recuasse, e então se virou e ergueu a lâmina para se proteger, enquanto a criatura voltava a atacar. Mason não se moveu. Ela não conseguiria. Mesmo tomada pelo pânico mais profundo, só conseguia ficar olhando assombrada, enquanto o estranho se virava e corria direto para uma das aparições de pele cinzenta, brandindo a espada acima de sua cabeça. Ele baixou a lâmina num arco violento e decepou o braço de uma das criaturas como se apenas cortasse lenha para uma fogueira. Um sangue negro e fétido jorrou como um gêiser da terrível ferida, pintando um arco de escuridão na parede do ginásio. Outro golpe de lâmina, e a cabeça da criatura caiu de cima de seus ombros.

Heather soltou um grito, e Toby e Cal de repente entraram em ação, formando fileiras atrás do garoto, para que as criaturas monstruosas não o atacassem pelas costas. Mason viu que Cal segurava um sarrafo com firmeza, e Toby desferia golpes com seu pedaço de cano, em sua maioria oblíquos, mantendo as criaturas a distância.

Mas elas continuavam atacando.

Na escuridão, era quase impossível acompanhar o que estava acontecendo. Mason ouviu um grito de Rory, e Heather grunhiu de terror. Toby lançou um olhar para o estranho, que assentiu com a cabeça, tenso.

– Vá – rosnou o garoto.

O mestre de esgrima golpeou uma das criaturas desengonçadas, tirando-a de seu caminho, e correu na direção de Rory e Heather, que estavam perto do saco de pancadas com o qual, pouco antes, Rory tentara usar, sem muita empolgação, suas habilidades de esgrimista. Mason notou, com o tipo de distanciamento que talvez resulte do choque, que Rory estava conseguindo enfrentar um dos monstros de forma admirável. Ele havia pegado um *step* de plástico de aeróbica e o usava, ora como escudo para aparar os golpes da criatura, ora para golpear-lhe a cabeça com o plástico duro.

Mason sentiu-se inútil ali parada. Ela olhou em volta e viu um pedaço de madeira no meio dos materiais de construção. Avançou para pegá-lo. Mas, no segundo em que fez isso, um dos monstros lançou-se adiante e tentou agarrar o

braço dela. Relâmpagos explodiam um após o outro, ondas de luz branca rolavam uma atrás da outra, como a arrebentação no mar, e Mason via tudo acontecendo como numa série de fotografias com superexposição.

O desconhecido e Cal precipitaram-se para abater a criatura que vinha atrás dela.

Cal chegou primeiro e conseguiu afastar a coisa para longe dela.

O cara loiro empurrou-a com violência para trás de si.

– Afaste-se! – ele rosnou.

Mason caiu sobre o ombro, em cima das tábuas empilhadas; medo e ira se inflamavam por trás de seus olhos. Ela se ergueu imediatamente e avançou outra vez, determinada a entrar no combate, mas estacou ao ouvir o grito de alerta de Calum. Ela o viu apontar para o teto. Uma criatura deixou-se cair das vigas, bem em cima dela. Se tivesse ficado ali, a criatura teria lhe quebrado a espinha. Mas outro empurrão firme derrubou-a, e o sujeito loiro tomou seu lugar. A criatura o derrubou de joelhos, e Mason ouviu o *uff* de ar quando todo o fôlego foi expulso de seus pulmões e ela viu a cabeça dele se chocando contra o piso. A espada voou da mão do garoto, e ele ficou jogado, atordoado, no meio do ginásio.

A criatura atirou a cabeça para trás, num uivo de alegria, os braços longos e finos abertos num gesto de triunfo que deixava expostos seus flancos.

Atirando-se sobre a espada caída, Mason agarrou a arma e correu para a frente, empunhando-a diante de si como uma lança. Ela berrava de terror e, alarmada, a criatura voltou-se contra ela com rapidez impressionante, apenas para jogar-se, por acidente, sobre a ponta da espada que Mason segurava. A lâmina era tão afiada que penetrou fundo na carne da criatura, que se contorceu e urrou, tentando alcançar o rosto e as mãos de Mason mesmo à beira da morte. Os gritos ficaram presos na garganta de Mason quando ela viu o desconhecido erguer-se por trás da criatura e agarrar com ambas as mãos a cabeça disforme. Um tranco súbito, um estalo, e o monstro caiu no chão, um peso morto, deslizando para fora da lâmina na mão da garota.

Mason ouviu Cal gritando de novo, mas desta vez não era um alerta.

– Cal! – gritou Heather.

Mason se virou e viu que ele estava nas garras encarquilhadas de uma das criaturas, a menos de três metros de distância. Mason se pôs a postos, procurando uma brecha, mas a coisa monstruosa agarrava Cal pela garganta. O olho de brilho branco e débil se fixou nos olhos dela, e o monstro emitiu um sorriso horrendo, cruel.

Ele sibilou para ela por entre os dentes afilados, uma única palavra ecoou na mente dela. Mason não a compreendeu. Não conseguia ouvir bem em meio ao fragor da tempestade. Mas ainda assim ficou aterrorizada.

A espada em sua mão vacilou.

Ela ficou ali paralisada, enquanto a criatura ergueu o braço forte e então baixou com violência; suas garras rasgaram a pele de Cal. O rosto e o peito dele de repente se tingiram de vermelho, enquanto Mason assistia horrorizada.

O grito de dor de Cal abafou a palavra fantasmagórica que travava o cérebro dela e incitou seus músculos a se moverem de novo.

A criatura parecia estar se preparando para matar Cal, mas antes que conseguisse cravar dentes, garras ou a lâmina nele, Mason tomou impulso e arremeteu com a espada de novo, gritando de modo ininteligível enquanto golpeava com tudo o flanco do monstro. Sentiu um momento feroz de exultação selvagem quando o fio da arma penetrou fundo na carne flácida da criatura horrenda. O monstro sibilou de dor e arrastou-se de volta para as sombras, enquanto outro avançava por trás de Mason. O impulso da primeira investida fez Mason girar, e ela golpeou às cegas de novo. Um golpe de raspão desta vez, mas suficiente para fazer seu agressor refugiar-se de novo nas trevas impenetráveis sob o carvalho caído.

– Espada! – bradou o desconhecido, agora em pé.

Sem pensar, Mason jogou-a para ele. O homem pegou a pesada lâmina com uma das mãos e brandiu-a acima da cabeça. Em seguida, propiciou aos aterrorizados alunos de esgrima e seu professor uma aula espetacular no manejo da espada.

Mason agarrou o braço de Cal e lutou para arrastá-lo para longe.

– Corram para o depósito do porão – arquejou Toby, surgindo ao lado de Mason, que saía da escuridão.

– Você quer dizer... para baixo da terra? – O estômago de Mason contraiu-se.

– *Agora*, Mason – ordenou Toby. – Enquanto ele mantém essas criaturas ocupadas.

Vindo logo atrás de Toby, Rory não precisou ser ordenado duas vezes. Ainda agarrado a sua sacola de lona, como se fosse algum tipo de cobertor de segurança, ele correu pelo ginásio. Mason e Heather foram atrás deles, e Toby veio em seguida, meio arrastando Cal, dobrado ao meio de dor. Rory ergueu um anel metálico encaixado no piso do ginásio diante do palco e puxou, abrindo o alçapão, que dava para o que costumava ser um velho porão, que agora era usado

para guardar cadeiras e equipamentos velhos de ginástica. Enquanto os demais passavam por ela e desciam para a escuridão, Mason hesitou, a claustrofobia ameaçando vencer o medo dos atacantes. Ela olhou para trás, para o garoto que se preparava para se defender da próxima leva. Ela mal podia vê-lo na penumbra, mas soube quando ele virou a cabeça e olhou direto para ela. Naquele momento, soube que seus olhos eram azuis como gelo.

– Vá! – ele comandou.

– Não posso – Mason sussurrou, seu olhar preso ao dele.

O braço dele pendeu ao seu lado e ele ficou ali parado, imóvel como uma estátua, esculpido pela luz branco-dourada dos raios. A calma repentina no olho do furacão.

– Sim, você pode – ele disse baixinho.

Ela relanceou os olhos pelo buraco no chão.

– Eu *não posso*...

– Vai ficar tudo bem. Eu *prometo*.

Ela olhou de novo para ele. De algum modo, tinha ouvido a voz dele acima da cacofonia da tempestade e sentiu-se, de repente, como se estivesse numa casa vazia com todas as janelas abertas. Uma brisa reconfortante e imaginária lhe disse que havia rotas de fuga. Formas de sair. Liberdade. Paz e proteção...

– Vá – ele repetiu.

Ela fez que sim com a cabeça, girou nos calcanhares e desceu para o porão. Toby estendeu o braço depois que ela passou e fechou o alçapão. Uma fração de segundo depois, algo pesado bateu contra ele e ouviram uivos. O desconhecido havia ganhado tempo para que eles conseguissem se refugiar no depósito. E agora ele estava lá fora, defendendo-os.

Ela deu as costas para a entrada e tentou bloquear o som da luta. A escuridão era sufocante. Mason ouviu alguém se mexendo e de repente a tela do celular de Rory se iluminou. Ele o ergueu acima da cabeça, o tênue brilho azul lutando debilmente contra o negrume do depósito. Encolhida atrás de uma estante, Heather ofegava, de olhos arregalados, como um animal assustado. Mason nunca tinha visto Heather Palmerston com medo de *nada*. Mas, até aí, ela duvidava que Heather já tivesse visto uma pessoa decapitando alguém. *Algo*. Mason também nunca tinha visto aquilo.

Toby enfiou seu cano de andaime diagonalmente através dos anéis usados para puxar o alçapão, bloqueando-os. Os sons da luta continuaram acima deles por longos minutos mais, e então pararam de repente. Esperaram, mas tudo o que

ouviam eram o vento e a chuva que caía direto pelo buraco no teto do ginásio. Sem dizer uma palavra, Toby esticou a mão pedindo o celular. Rory entregou, e Toby vasculhou as prateleiras e encontrou uma lanterna. Apertou um botão e um facho pálido de luz delineou os detalhes do depósito em preto e cinza, pintando os rostos deles de um branco assustador.

Por um momento, todos ficaram imóveis. Então uma batida pesada na porta acima deles deixou todo mundo sobressaltado.

– Me deixem entrar – soou uma voz brusca.

– Sem chance, cara – exclamou Rory.

Toby hesitou.

– Deixa ele entrar, Toby! – disse Mason. – Ele acabou de nos salvar!

O mestre de esgrima ficou ali indeciso.

– Toby? – Heather olhou para ele.

– Ah, droga.

Toby tirou o cano dos puxadores da porta enquanto Rory sacudia a cabeça, reprovando. O desconhecido abriu a porta e desceu, fechando a porta atrás de si. Chegando ao fundo, ele apoiou todo o seu peso nos degraus, sua respiração estava ofegante. A luz da lanterna de Toby ressaltava com nitidez todos os contornos de seu corpo. Ele parecia uma escultura de Michelangelo, pensou Mason.

– Bloqueiem o alçapão.

– Vá – ordenou Toby a Rory, entregando-lhe o cano. – E alguém arranje umas calças para o menino-lobo aqui.

– É *Fennrys* Lobo – disse secamente. – E, sim, calças não seriam nada mal.

III

Ninguém se moveu.

Mason virou a cabeça de um lado para o outro e viu que tanto Heather quanto Rory tinham a expressão de um animal selvagem paralisado pelos faróis de um carro. Na escuridão, Heather arquejava, respirando rápido com um chiado irregular. Rory não parecia nem estar respirando. Seu rosto estava tão pálido como o de um fantasma à luz do facho da lanterna de Toby.

– Ah, pelo amor de Deus... – Mason sacudiu a cabeça com rispidez e apontou para a sacola de lona no chão ao lado dele. – Rory, você tem alguma roupa de ginástica sobrando aí?

– O quê? Ah, hã, acho que sim... – O rapaz chutou a sacola na direção dela e foi bloquear o alçapão, movendo-se como se estivesse em transe.

Ela se ajoelhou e remexeu o interior da sacola, tirando uma calça de abrigo e um moletom com capuz. Foi até o desconhecido, mantendo o olhar fixo num ponto acima do ombro esquerdo dele. Com o canto do olho, viu sua boca se curvar para cima num esboço de sorriso.

– Tome – disse ela, entregando-lhe as roupas.

– Obrigado.

Mason assentiu com a cabeça e se virou, voltando tensa para postar-se logo atrás de Toby, enquanto o homem pousava a espada no chão para vestir a calça e o moletom. As duas peças eram pequenas demais para ele e realçavam ainda mais seu físico.

– Aquelas criaturas se foram? – perguntou Toby.

– A maioria está morta – grunhiu o estranho. – O resto se foi. Por ora.

Depois de se vestir, o desconhecido virou-se para encará-los, o punho da espada de novo firme em sua mão.

– Onde estou? – sua voz era um rosnado rouco e baixo. – Quem são vocês?

– Esta é uma escola – respondeu Toby, postando-se de modo a ficar na frente de Mason e dos outros. – Todos eles são alunos.

– Uma... escola. Mas onde? Em que reino?

– Reino? Do que você está falando? – perguntou Rory, olhando muito desconfiado para o garoto. – Você faz parte de algum programa de intercâmbio?

– Com um país onde não se usam calças? – murmurou Heather, recuperando um pouco do seu sarcasmo habitual.

– Talvez ele queira dizer bairro – sugeriu Mason, ignorando o comentário de Heather. Ela voltou-se para o desconhecido. – Aqui é Manhattan. Hã… Cidade de Nova York, sabe?

Um vislumbre de reconhecimento cruzou suas feições angulosas.

– Nova... eu me lembro... – E então o vislumbre desapareceu. – Algo.

– Ei. – Rory cruzou os braços como se tivesse decidido que já bastava e era hora de bancar o durão. Mason odiava quando ele fazia isso. – Que nome mais idiota é esse, "Fennrys Lobo"?

– Não sei. E na verdade é Fennrys, o Lobo. Acho que…

– Que droga quer dizer isso? – perguntou Rory. – Quem é você, na verdade?

Ele olhou de um para outro e disse baixinho:

– Tinha esperança de que vocês me dissessem.

Havia alguma coisa tão nua em sua expressão, pensou Mason. E então começou a ficar vermelha lembrando da aparência dele, pouco tempo antes. *Bem, nua não... mais como despojada.* Não, não. Isso também não ajudava. Ela estremeceu. *Que tal… vulnerável*?

Isso. Era exatamente isso.

Fosse lá quem fosse esse cara, apesar de sua enorme força bruta e suas habilidades de luta, havia algo quase frágil nele. Como se mal conseguisse se aguentar. Mason franziu o cenho, olhando para o belo enigma louro, e se perguntou de onde ele teria vindo.

De repente, um som chamou a atenção de Mason: um gemido baixo, vindo do canto onde Cal, que estava apoiado na parede, havia escorregado para o chão, semiconsciente. Heather correu até lá e se ajoelhou ao lado dele, e Mason a ouviu prender a respiração.

– Pessoal… – ela disse. – Ele não está com uma cara nada boa. Quero dizer... ele... ah, droga! Cal? – Ela sacudiu o ombro dele, mas não houve resposta. – Toby? – Heather olhou para cima, com lágrimas nos olhos.

Toby passou por Rory e pelo desconhecido e foi ver como Cal estava. Mason

o ouviu murmurar:

– Ah, maldição!

– O que foi? – Mason perguntou. – Qual o problema? *Fora o óbvio*...

– A pele em volta das feridas está ficando manchada e ele está ardendo em febre – Toby disse, com voz muito preocupada. – Parece que está começando a infeccionar.

– Infeccionar?

– Envenenamento do sangue – disse Fennrys, o Lobo.

– E a infecção está se espalhando rápido, pelo visto – murmurou Toby. – Rápido demais. Não deveria ser possível. Aquelas... *coisas* devem ser venenosas.

Mason e Heather trocaram olhares alarmados.

– Faça alguma coisa! – Heather exclamou. – Ajude-o! Onde está o estojo de primeiros socorros?

Toby bufou frustrado e se levantou.

– No escritório. Lá *fora*. – Ele olhou para o alçapão. – E bandagens e iodo não vão ser de muita ajuda se ele entrar em choque por septicemia.

O desconhecido franziu a testa. Deu um passo à frente, como se quisesse passar por Toby, mas este estendeu o braço, bloqueando o caminho. Sem dizer uma palavra, Toby olhou para a espada na mão do garoto.

Fennrys, o Lobo, olhou para a própria arma e, girando com destreza a lâmina, entregou-a a Mason pelo cabo. Pega de surpresa, ela aceitou a arma. A boca de Fennrys se curvou para cima de novo naquele meio sorriso. Mason teve a impressão de que ele nunca sorria de verdade.

– Acho que eu devia dar uma olhada no garoto – disse a Toby.

Toby o encarou por um instante e depois saiu da frente dele. O estranho se ajoelhou ao lado de Cal e cuidadosamente afastou as bordas rasgadas de sua camiseta do ferimento no ombro. Mason viu Heather virar-se, seu lindo rosto contorcido por uma expressão de aflição. Três rasgões irregulares paralelos corriam pelos músculos peitorais de Cal, vertendo sangue. Com sorte, não seriam muito profundos. O detalhe preocupante era a rede intrincada de linhas escuras que havia começado a se irradiar sob a superfície da pele no rosto e no peito de Cal.

Fennrys, o Lobo, sentou-se sobre os calcanhares e, por um instante, pareceu perdido. Uma expressão de confusão passou por seus olhos, mas ele sacudiu com força a cabeça e suas narinas se dilataram. Cerrou os olhos, e seus longos dedos se fecharam em volta do medalhão que lhe pendia do pescoço por um cordão de

couro, a única coisa que ele usava quando apareceu ali. Mason ficou olhando enquanto ele começava a murmurar baixinho, uma das mãos esticada sobre o corpo prostrado de Cal.

– Toby, o que que deu em você? – disse Rory por trás dela, em voz baixa. – Por que você deixou esse sujeito se aproximar do Cal?

– Se ele quisesse nos causar algum mal, poderia muito bem ter nos abandonado lá em cima, Rory – Toby respondeu baixinho. – Junto com aquelas criaturas. No momento, não tenho nenhuma forma de ajudar Cal. Talvez *ele* tenha.

O estranho se debruçou sobre Cal.

– Uma luz aqui seria útil – ele disse.

Mason pegou a lanterna de Toby e a apontou para Cal. Fennrys, o Lobo, estendeu a mão e ajeitou o braço dela para ajustar o foco de luz, mas, fosse o que estivesse fazendo, estava fora do ângulo de visão de Mason. Tudo o que ela sabia era que ele estava muito concentrado, murmurando baixinho. Ela não conseguia distinguir as palavras, mas tinha a sensação de que, mesmo que conseguisse, não as entenderia.

Aos poucos, como se uma névoa invisível subisse do chão, Mason sentiu o ar do depósito começar a mudar. Como se estivesse ficando carregado de eletricidade. Seus pés e depois suas pernas começaram a formigar levemente, como se uma corrente estivesse passando pelo assoalho. Mason sentiu a barriga se contrair e ouviu o próprio coração batendo.

E então pensou que podia ouvir o coração de Cal...

E então o de Fennrys, o Lobo...

O que é esse cara, algum tipo de xamã? – pensou Mason. Era ridículo. Mas igualmente ridícula era a ideia de terem sido atacados por monstros. *Não acredito em seres sobrenaturais*, Mason disse a si mesma, com convicção. *Deve haver uma explicação racional. Bicho-papão não existe*.

Finalmente, depois de longos e tensos minutos, os ombros do desconhecido relaxaram e ele se sentou apoiado num suporte de equipamento. As linhas de seu rosto estavam contraídas de cansaço, e longas colunas de músculos desciam pelos lados do pescoço, salientes. Mason podia ver a pulsação num ponto logo abaixo da mandíbula, mas já não conseguia ouvir o coração dele. O som tinha se desvanecido, junto com a eletricidade do ar. Lá fora, bem ao longe, ela ouviu um ribombar de trovão. Talvez a tempestade, com todos os seus horrores, estivesse se afastando.

– Alguém tem um pouco de água? – perguntou Fennrys, o Lobo, erguendo-se.

– Eu. – Mason achou a garrafa de água e foi na direção de Calum. – Aqui...

Fennrys interceptou a garrafa e abriu a tampa.

– Para ele não, para mim. – Jogou a cabeça para trás e bebeu toda a água de um só gole.

– Hã, tá. – Mason apanhou a garrafa vazia que ele lhe estendia. – Beleza...

Ela apontou o facho da lanterna de novo para Calum. Os filamentos que indicavam o envenenamento do sangue pareciam desaparecer sob seu olhar. O sangramento também parecia ter parado. Toby tinha dobrado a camisa rasgada de Cal de modo a formar um quadrado e chamou Heather para que a segurasse sobre o peito dele. Antes de fazer isso, ela tirou a jaqueta de esgrima. Tirou o top e, lançando aos demais um olhar desafiador por estar de sutiã à mostra, vestiu a jaqueta de novo. Usou o tecido fino do top para pressionar de leve os ferimentos no rosto de Cal.

Mason olhou para Fennrys, o Lobo.

– Ele vai...?

– Ele vai ficar bem, acho. Talvez não tão bonito quanto antes. – Passou por Mason com passos incertos e parou, apoiando-se na parede. Estava quase tão pálido quanto os tijolos de concreto que o amparavam. Esfregou uma manga sobre o rosto cansado.

– Mas até aí... Quem de nós ainda é?

IV

Mason se sentia estranha. Não estava surtando por estar presa num porão, e isso não parecia certo. Já fazia quase meia hora que estavam lá, compartilhando a escuridão num silêncio tenso desde que Fennrys, o Lobo, havia feito... seja lá o quê com Cal.

Agora Mason estava em pé atrás de uma prateleira cheia de velhos alvos de treino de arco e flecha, fora da linha de visão de Toby, escutando. Heather, sentada com a cabeça de Cal em seu colo, parecia estar cochilando. Cal continuava inconsciente. Rory tinha ido para o fundo do depósito e se apoiado a uma parede de pedra. Estava agindo como uma criança emburrada e, dadas as circunstâncias, Mason teve vontade de dar uma surra nele. Mais do que de costume. Toby havia levado Fennrys para longe dos outros, para conversar com ele em particular, mas a curiosidade de Mason foi mais forte e ela se aproximou devagarinho dos dois, para ouvir o que estavam dizendo.

– Olhe... Senhor Lobo, certo? – A voz estrondosa do mestre de esgrima chegava até onde Mason estava, parcialmente abafada por uma estante de metal, apesar de ele obviamente estar tentando falar baixo.

– Não – respondeu o outro. – Na verdade... não sei. – Do lugar onde estava, Mason podia ver a parte de trás de sua cabeça loura e seus ombros largos. Ele encolheu os ombros e disse: – Pode me chamar de Fennrys.

– Certo. É... um nome interessante. Como se escreve?

– F-e-n-n-r-y-s – ele respondeu seco. – Acho.

Toby respirou fundo, e embora Mason não pudesse ver seu rosto, podia imaginá-lo puxando a barba, tentando encontrar a melhor maneira de dizer o que estava pensando.

– Muito bem, então, Fennrys. Meu nome é Toby Fortier, e eu gostaria que me desse algumas respostas.

– Não tenho nenhuma para dar.

– Foi o que você disse antes.

– É a verdade.

– Tudo bem. – Toby bufou e mexeu o corpanzil inquieto. – Veja bem… não é que eu não seja grato pelo que você fez. Quero dizer, *estou* agradecido. Esses garotos estão sob minha responsabilidade e... bem… essa é a questão. – O tom de Toby era cuidadosamente neutro, mas nem Mason entendeu o que ele quis dizer.

– Certo. – Fennrys riu um pouco, sem nenhuma alegria. – Entendi. Estão sob sua responsabilidade. E, no que diz respeito à segurança deles, você não confia mais em mim do que nas criaturas que os atacou lá fora.

– Não exatamente. Eu acho preferível tê-los aqui dentro com você do que lá fora com... aquelas coisas, seja lá o que forem. – Toby deu um passo na direção de Fennrys. Sua sombra projetou-se na parede como algo enorme, e as botas esmagaram detritos no chão. – Mas sou alguém que entende de lutas – continuou. – E eu *vi* o que você fez lá fora.

– Viu?

Toby ficou calado por um instante e depois disse:

– Vi, sim.

– E o que foi exatamente que eu fiz, senhor Fortier? – A voz de Fennrys estava estranhamente neutra e tensa. Como se as palavras de Toby o estivessem irritando e ele tentasse conter a raiva. – Fora salvar todos vocês?

– Sim, salvou mesmo. O que eu queria saber é como.

– Não sei se entendo o que quer dizer – disse Fennrys, lacônico.

Toby grunhiu, e, apesar de não poder vê-lo, Mason o imaginou cruzando os braços sobre o peito musculoso e lançando um de seus olhares raio *laser* sobre Fennrys.

– Passei minha vida treinando pessoas nas artes marciais. Sei como me virar com espadas, pistolas, combate avançado corpo a corpo... Tenho amigos que são SEALs da marinha.

Isso é mentira, pensou Mason, franzindo o cenho. Toby não tinha apenas amigos que eram SEALs: ele *era* um SEAL. Ex-SEAL, talvez; mas autêntico. Ela um dia tinha ouvido seu pai contar isso a um mordomo, logo depois de Toby ser contratado pela escola.

– Acho que então o senhor entende mesmo do assunto, senhor Fortier – Fennrys disse.

– Entendo o suficiente para saber que você poderia provavelmente arrancar o

couro de alguns de meus amigos sem sequer transpirar – respondeu Toby, ignorando a isca que lhe foi oferecida.

– Não puxo briga com o sexo frágil, senhor – Fennrys disse, seco.

Mason teve que cobrir a boca para não dar uma gargalhada.

– Meu jovem... – Toby suspirou frustrado. – Você nem tem idade para ter adquirido toda essa experiência de combate.

Através das grades da estante, Mason viu os olhos de Fennrys ficarem sombrios, confusos, com a menção a sua idade. Até onde podia ver, Toby tinha razão. O estranho não era muito mais velho do que ela. Dezenove anos, vinte no máximo. Com um físico que sugeria que ele tivesse passado cada um de seus anos em treinamento intensivo.

Fennrys engoliu em seco e ficou em silêncio.

– Também notei as marcas – Toby disse, baixando ainda mais a voz. – Aquelas nos seus pulsos e tornozelos...

Mason também as havia notado. Faixas de ferimentos e esfoladuras, camadas e camadas, novas marcas sobre cicatrizes antigas, como se ele tivesse passado muito tempo acorrentado.

– Você está metido em alguma encrenca, Fennrys? – perguntou Toby. – Fugindo de alguma coisa, talvez?

Fennrys deu uma risada vacilante.

– Quando eu descobrir isso, senhor Fortier, eu o informarei. Escute. Por que não vai se reunir a seu rebanho e tomar conta dele? Ficarei aqui perto da porta, fora do caminho. Não vou incomodá-los. Creio que concordará que voltar para a tempestade não é uma boa ideia, mesmo que os *draugr* já tenham ido embora. Melhor esperarmos até o sol nascer, para ter certeza.

– Um momento. Como foi que você os chamou?

– Como?

– Você chamou aquelas coisas por um nome.

– Eu...

Mason se inclinou para a frente, olhando atentamente através da grade metálica da estante. *Aquele olhar de novo*, pensou. O mesmo que fazia esse tal Fennrys parecer estar tão surpreso com as coisas que dizia quanto aqueles com quem falava.

– *Draugr* – disse de novo, rolando a palavra na ponta da língua como se estivesse tentando identificar seu sabor. – Tem razão. Eu chamei. – Voltou a olhar para o rosto de Toby, mas seus olhos azuis eram duros e frios. Ergueu a

mão para impedir Toby de fazer a próxima pergunta. – Não me pergunte. Não *sei* como sei. Não me *lembro*.

Toby ficou em silêncio por um instante e depois disse: – Mas sabe que terão ido embora antes do nascer do sol.

– Não, não sei. – Fennrys sacudiu a cabeça.

– Mas acabou de dizer isso. Você disse que...

– O que eu *disse* foi que achava mais seguro esperar. – Fennrys passou a mão pelo cabelo louro escuro que se erguia de sua cabeça em pontas desgrenhadas. Naquele momento, parecia muito jovem e ao mesmo tempo imensamente velho.

– E...?

– E é isso. – Fennrys deu um sorriso cansado. – As coisas sempre parecem diferentes sob a luz do sol, senhor Fortier. Em alguns casos, a escuridão é melhor, mas não neste.

Mason estava um pouco surpresa por Toby não agarrar o sujeito pelo moleton emprestado e sacudi-lo até obter respostas. Mas ele não o fez; só ficou lá parado.

E Fennrys ficou encarando-o.

Era como algum tipo de duelo mexicano supertenso, exceto pelo fato de nenhum dos dois ter uma arma apontada para o outro. Mason prendeu a respiração. Naquele instante, algo pareceu brilhar no olhar de Fennrys – um pensamento, ou talvez uma recordação – e sua mão subiu devagar para o medalhão na altura da garganta, como se fosse puxada por fios invisíveis.

– Acho que todos nós precisamos de um descanso, Toby – disse Fennrys, depois de um instante, e havia em sua voz uma característica... estranha. Quase vazia, como um eco. – Não concorda?

Mason sacudiu a cabeça. De repente, havia uma pressão sutil em seus ouvidos, como se estivesse num avião decolando e precisasse desentupi-los. Olhou de novo para Fennrys e percebeu, com um sobressalto, que ele agora olhava fixo para ela. Sentiu a respiração ficar presa na garganta.

– *Todos* precisamos descansar – Fennrys disse de novo. – Não é?

Mason sentiu um formigamento estranho na base do crânio. As palavras de Fennrys ecoaram de maneira ainda mais estranha. Mason ouviu Toby bocejar. Ele murmurou, concordando, e ela o ouviu vir em sua direção, as passadas pesadas e arrastadas. Mason se virou e cambaleou até o lugar onde todos os outros se amontoavam no escuro. Quando chegou lá, seus olhos estavam tão pesados que ela praticamente dormia em pé. Heather e Rory já estavam dormindo. Heather respirando com suavidade e a cabeça de Rory inclinada para

trás, a boca escancarada. Mason ajoelhou-se ao lado da forma estendida de Calum, sentindo um leve alívio ao constatar que a respiração dele era profunda e normal. Estava ferrado no sono.

E então ela dormiu também.

V

As botas eram grandes demais e, sem meias, elas esfolavam seus tornozelos, mas era melhor do que caminhar descalço pelas ruas da cidade. Fennrys endireitou-se depois de atar com força os cadarços, espreguiçou-se e exercitou os ombros. Acomodou sua espada a suas costas, oculta numa sacola de lona própria para equipamento de esgrima. Fennrys a encontrara numa prateleira e decidiu pegá-la emprestado, junto com as botas que agora usava. À luz da lanterna já fraca, ele olhou a fileira de corpos adormecidos. A garota de cabelos escuros e olhos incrivelmente azuis estava enrodilhada de lado, ainda em sono profundo.

Fennrys também havia se dado o luxo de algumas horas de sono muito necessárias, mas agora era hora de partir. Já passava da hora. No entanto, antes de ir, ele se ajoelhou junto ao aluno bonitão que quase tinha sido morto durante a luta com os *draugr* e com cuidado virou sua cabeça para o lado. O garoto – *não, ele já não é um garoto, parceiro*, disse uma voz em sua cabeça, *vocês devem ter mais ou menos a mesma idade* – estava pálido, a respiração regular, mas rasa. Fennrys passou um dedo de leve sobre as marcas lívidas no rosto do garoto. O sangramento havia parado, mas as linhas de um violeta furioso, que tinham começado a sumir, estavam reaparecendo por baixo da pele, e sua carne ainda estava quente ao tato. Quente demais.

– Maldição... – murmurou Fennrys para si mesmo.

O veneno das garras do *draugr* era poderoso e forte. Fennrys hesitou por um instante e então ergueu os braços e soltou o nó do cordão de couro do qual pendia o medalhão de ferro. Demorou um pouco, pois fazia muito tempo que aquele nó não era desfeito, mas, quando finalmente conseguiu, ele amarrou o medalhão ao redor do pulso do garoto. Pressionando os dedos nos símbolos gravados na superfície de metal do disco, Fennrys sentiu que ele pulsava

suavemente, com uma energia fresca, purificadora. Tendo feito tudo o que poderia fazer, ele ficou em pé e olhou para baixo.

O garoto adormecido agitou-se e depois se aquietou com um suspiro. Provavelmente carregaria as cicatrizes pelo resto da vida, mas pelo menos Fennrys se assegurara de que a vida dele não terminaria ali, no chão daquele depósito. Ele sentiu uma pontada de tristeza ao olhar para aquele rosto bonito todo arruinado.

Grande coisa. O que são algumas cicatrizes?

De fato, o que eram? Quando tinha vestido as roupas emprestadas que a garota lhe entregara, ele havia notado suas próprias cicatrizes, que não eram poucas, em seus membros e em seu tronco. Onde teria conseguido aquela estranha coleção? Por que estava nu? Em meio a sua confusão, ele deu um meio sorriso para si mesmo ao lembrar o forte tom rosado na bela face da garota, quando ela olhou para ele naquele estado. Mas não a outra; a linda loira estava acostumada com os contornos do corpo masculino. Ou pelo menos tinha fingido muito bem.

Porém a garota de cabelos escuros tinha sido muito gentil. Meio tímida, mas corajosa o suficiente para se aproximar dele quando os outros se mantinham afastados. Forte e ágil o suficiente para saber se virar numa luta. Ela o fazia lembrar-se de... do quê? De quem? Ninguém de quem ele conseguisse se recordar.

Sua mente era um vazio total.

Bem, talvez não um vazio *total*. Podia se lembrar da escuridão... da sensação da pedra fria contra sua carne nua e trêmula. Umidade. E um odor de terra molhada e podridão. Uma voz. E então, luz – tão brilhante que ele estremeceu e fechou os olhos com a simples lembrança. Doía só de pensar naquilo.

Depois de um instante, a lembrança fragmentada desapareceu e Fennrys abriu os olhos de novo. Ele baixou o olhar para a garota de cabelos escuros, deitada de lado, um braço estendido. A manga de sua jaqueta de esgrima estava arregaçada, e a pele do braço dela brilhava pálida na penumbra. Tão pálida quanto a pele do próprio Fennrys, que exibia uma palidez doentia, como se ele não tivesse visto a luz do sol durante muito tempo. Porém a dela brilhava como uma escultura de alabastro iluminada por dentro. Fenn traçou o percurso de uma veia azul na parte de dentro do pulso dela, como se seguisse o traçado de um rio num mapa. Então correu as pontas dos dedos pela aspereza de seus próprios pulsos. Toby tinha razão. Fennrys fora acorrentado. Recentemente e por um longo tempo.

O que *diabos* ele era?

A pergunta foi formulada em sua mente daquela forma. Não “quem”, mas “o quê”. Talvez ele não quisesse saber. Talvez fosse melhor para ele se nunca descobrisse... Ele poderia desaparecer no mundo e... O quê? Começar uma nova vida? Ele não conseguia sequer imaginar como tinha sido a anterior.

Espadas. Monstros. Perigo...

A garota de cabelos escuros se mexeu, ainda adormecida, emitindo algo que parecia um pequeno gemido. Suas mãos se ergueram diante da face, como se ela lutasse em sonhos contra algo. Com suavidade, Fennrys tomou-lhe as mãos e baixou-as até os flancos do corpo dela. Afagou-lhe a testa de leve, até que ela ficou quieta de novo, e a leve ruga em sua testa desapareceu.

No silêncio e na escuridão, ele se voltou e ficou escutando por um longo instante. Não chovia mais. Não havia trovões. Até o vento parecia ter se reduzido a nada. E tampouco havia sons dos *draugr*. Teria ele matado todos durante aqueles breves momentos de frenesi, horas antes? Ele não tinha certeza. Talvez houvesse outros lá fora, à espera.

Esperando por ele... ou por estes jovens e seu professor? Fennrys achava bem improvável essa possibilidade. Eles não eram nada. Ninguém. Um bando de adolescentes absolutamente normais.

Ele, por outro lado, parecia ser... alguma outra coisa. Algo perigoso. Ele não queria que a garota de cabelos escuros corresse perigo por causa dele. Ele ficou em pé e se afastou dela. Um gesto simples, isolado, que o fez se sentir muito sozinho.

Uma vez do lado de fora, Fennrys abriu caminho por entre o caos de raízes de carvalho e terra revolta e cruzou o gramado bem cuidado rumo ao arco de pedra que dava para a rua. A luminosidade pálida, anêmica, que antecede a aurora indicava que o nascer do sol ainda tardaria uma ou duas horas. Ele deixou o terreno da Academia Gosforth – era como o lugar se chamava, segundo a placa na frente – esperando que fosse o suficiente para lhe dar uma margem de segurança. Fennrys caminhou rumo ao sul por vários quarteirões escuros e silenciosos, até finalmente erguer os olhos para as placas de ruas, para se orientar. Broadway e rua 110 Oeste, Cathedral Parkway.

Então... estou no Upper West Side?

Sim. Ele sabia o que aquilo era. Onde ele estava. E ele também sabia que uma boa extensão da Broadway era ocupada por um famoso distrito teatral, embora isso fosse muito mais a sul de onde ele agora estava. Pelo visto, ele estava bem

familiarizado com a cidade de Nova York. Ele conhecia as ruas e os bairros, endereços e destinos. O único vazio no mapa de sua mente era ele mesmo. Era como se ele fosse um espaço vazio à deriva na cidade, sem amarras. Sem vínculos com o seu entorno em vez de definido por eles, pelo que poderia ter sido toda uma vida de experiências acumuladas naquelas ruas. Quanto mais ele se esforçava para dar sentido aos pontos de referência à sua volta, mais fugidio tudo se tornava. Qualquer coisa que pudesse dizer a respeito de si mesmo simplesmente se esquivava para longe e se perdia num vácuo em sua mente.

– Que maravilha... – resmungou Fenn para si mesmo. – Sei onde posso ir assistir a um musical, mas não faço ideia de onde vivo. Não é uma situação ideal... – ele ergueu o capuz de seu moletom emprestado. – Especialmente considerando que tenho a impressão de que sou o tipo de cara que odeia musicais.

Mesmo em seu estado atual, que parecia ser algum tipo de amnésia, Fennrys sabia que a espada de lâmina larga que ele carregava ao descobrir-se nu sobre uma árvore, durante uma tempestade, não era algo que uma pessoa normal carregaria pelas ruas de... *Nova York*.

Por que ele tinha uma espada? Por que ele estava em Nova York? Será que ele de fato morava ali?

Nesse caso, onde era sua casa? Onde estavam suas roupas?

Por que exibia aquelas marcas nos tornozelos e pulsos?

Quem era ele?

Quem sou eu...?

A pergunta martelava o cérebro no mesmo ritmo de seus passos, e ele virou para leste e partiu num trote ágil, como se estivesse fazendo *jogging*, a espada a suas costas batendo com suavidade na sua espinha a cada passada. Uma névoa fina pairava no ar escuro, adensando-se junto ao chão num nevoeiro ondulante. Os edifícios em ambos os lados estavam escuros, as luzes das ruas apagadas, e ninguém, absolutamente ninguém além dele, estava à vista. Aquilo lhe pareceu... estranho. Um blecaute no meio de uma cidade como Nova York e ninguém tirava vantagem? Nenhum tumulto, nenhum vandalismo... Era como se nem os elementos mais desagradáveis da sociedade quisessem se arriscar a sair numa noite como esta que terminava.

Ele foi ainda mais para leste, percorrendo o limite sul do Harlem. Enquanto corria, as luzes nos prédios e nas ruas começaram, devagar, uma a uma, a piscar e voltar à vida. Silhuetas nas portas de entrada, olhos em faces ocultas na sombra

olhavam para Fennrys quando ele passava. À sua direita, um longo muro de pedra margeou seu caminho por várias quadras. Por trás dele, através da cortina de água que agora caía suave e mansa, ele podia ver árvores. Muitas árvores... um parque. O Central Park.

Um tremor violento subiu pela espinha de Fenn. Ele sabia, por instinto, exatamente onde estava agora. E ele sabia que, a menos que sua vida dependesse daquilo, o parque era o lugar exato onde ele não podia, não devia, entrar. O que ele não sabia era *por quê*, mas a sensação em suas entranhas era suficiente para fazer com que ele continuasse correndo.

Por fim, muito longe, a distância, ele podia ouvir o som de sirenes; Fennrys continuou correndo. Era a única coisa que parecia certa naquele momento – os golpes, no asfalto, das botas que roubara do mestre de esgrima, a sensação do ar molhado de chuva batendo no rosto e o som de sua respiração e de seu coração, forte nos ouvidos.

Mas então ele ouviu outro som, outro pulsar rítmico diferente, e ao olhar para cima, viu duas grandes silhuetas no meio da rua, vindo depressa em sua direção.

Policiais a cavalo, pensou Fennrys. *Departamento de Polícia de NY. Já era tempo...*

Eram dois homens, com capacetes e armaduras, montados em animais enormes, robustos – hanoverianos ou alguma raça parecida, cavalos com cascos do tamanho de pratos de jantar. Fennrys afundou a cabeça entre os ombros, tentando fingir que era apenas mais um corredor se exercitando, no meio de um temporal que deixava toda a cidade às escuras.

Por razões que ele não podia entender bem, Fennrys desejou de verdade ainda ter consigo o medalhão de ferro que deixara com o garoto ferido na escola. Ele também sabia que o deixara lá por um bom motivo. O instinto era a única coisa que ele tinha para guiá-lo no momento, mas era tudo. O instinto... e o peso reconfortante da espada na sacola de lona atravessada às costas.

O *clop-clop* lento e tranquilo dos cavalos ecoava em seus ouvidos, amplificado de forma desconcertante pelo ar úmido e reluzente.

O som congelava-o até a medula. *Corra descontraído,* pensou Fenn, tentando não olhar para trás, na direção deles. Não havia nada nele que chamasse a atenção. Quase nada. Talvez tivessem sido os coturnos que o traíram. Talvez o físico indisfarçável de um lutador, que o uniforme de ginástica com o logo da escola não podia esconder. Ele não sabia. Mas algo o denunciara.

Ele ouviu uma troca de palavras gutural, murmurada, e o som daqueles cascos

enormes chocando-se contra o asfalto quando aceleraram de um passo calmo para o trote e para o galope. Fennrys ergueu o olhar e sentiu o coração subir para sua garganta. *Esses não são policiais!* – pensou enquanto duas figuras magníficas avançavam na direção dele em meio às massas rodopiantes de nevoeiro. Agora ele via os capacetes com cristas altas e placas de proteção ao nariz e às faces cobrindo as superfícies de seus rostos. Arcos longos e aljavas de setas cruzavam-se nos torsos nus dos homens. Torsos que fluíam contínuos até embaixo, fundindo-se à musculatura equina. A miragem dos policiais da cidade de Nova York montados em seus cavalos ondulou e se dissolveu, revelando as criaturas estranhas, míticas, *impossíveis*: centauros.

Tá legal. Agora eu sei que estou maluco, pensou Fenn.

E então pensou: *Corra!*

VI

– Malditos sejam os olhos dele!

O rugido de Toby arrancou Mason do sono, e de um sonho estranho, confuso, em que ela caía através da escuridão, e então da luz, e então escuridão de novo, em meio a um céu carregado de tempestade, e então uma vasta caverna repleta de emaranhados de raízes e então o céu de novo – e ela estava em chamas. Pelo menos, tinha acordado antes de atingir o chão. Seu irmão Rory, provocando-a por causa de um pesadelo que ela tivera quando era pequena, em que estava caindo, tinha dito que quando a gente bate no chão num desses sonhos em que voa ou cai, a gente morre na vida real. Que o coração para por causa do choque. Mason não acreditava nele, mas não tinha vontade nenhuma de testar a teoria.

Toby varria ao redor com a lanterna quase sem pilha, praguejando sem parar, algo que ele em geral tentava controlar, com maior ou menor êxito, na frente dos alunos. Mason levantou-se e foi ver por que ele estava espumando de raiva daquele jeito.

– Ele roubou minhas malditas botas! – ele grunhiu antes que ela tivesse qualquer chance de perguntar-lhe.

Toby era uma espécie de aberração da natureza, no sentido de que conseguia esgrimir com coturnos, calçados sólidos, de solas pesadas que ele tinha amaciado com muito carinho ao longo de duas décadas. Mas agora ali estava ele, de meias e furioso, no piso frio de concreto, parecendo um tanto cômico.

E o garoto que eles conheciam apenas como Fennrys, o Lobo se fora.

Mais para perto da parede, Rory balbuciava dormindo e se agitava, como se nadasse de volta para a consciência. Mason notou que um de seus tênis estava desamarrado e jazia no chão ao lado de seu pé. Ela sabia o que devia ter acontecido. Rory tinha pezinhos pequenos, quase de menina, e Fennrys obviamente não tinha sido capaz de calçar os tênis dele.

Ela se voltou outra vez para Toby e teve de conter uma risada ao ver sua expressão.

– Você devia estar num sono profundo para que um sujeito conseguisse roubar suas botas, não? – ela comentou.

– Para começar, não consigo acreditar que peguei no sono – Toby resmungou. – Foi como se alguém tivesse me dado um "boa noite, Cinderela" ou algo parecido. Num segundo, estava falando com o sujeito, e a próxima coisa de que me lembro é que comecei a sentir um ventinho frio subindo pelas canelas. Algo muito esquisito aconteceu.

– Você acha? – disse Heather, um pouco sonolenta, sentando-se ao lado de Mason.

Estava calma e seus olhos pareciam um pouco vazios, como se tivesse tomado um sedativo. Mason também se sentia um pouco daquele jeito. Ela procurou dentro de si o pânico que em circunstâncias normais teria sentido naquela situação e encontrou-o. Porém era algo distante, amortecido. Mas... era melhor não forçar a sorte.

– Toby – Mason checou seu relógio de pulso à luz fraca da lanterna. – Já amanheceu. Podemos, por favor, sair daqui? Ele disse que poderíamos.

– É, eu... – Toby se interrompeu, cravando o olhar nela, e Mason percebeu que acabava de confessar ter bisbilhotado a conversa dele com Fennrys. Para seu alívio, ele decidiu deixar para lá. Em vez disso, disse apenas: – É, acho que agora está tudo bem.

– Por que ninguém veio nos procurar? – Heather perguntou baixinho. – Onde está todo mundo?

Mason também tinha se perguntado isso. Era bem improvável que alguém tivesse andado por aí durante a tempestade, mas com certeza alguém teria notado que o carvalho havia tombado. Teriam ouvido? Talvez não. Não acima do barulho da tempestade. Mas agora...

Toby abriu o alçapão e subiu para o ginásio, as garotas logo atrás. A luz que entrava pela janela estourada mal podia receber esse nome. Ainda era aquela hora escura que antecede a aurora. E o lugar parecia ter sido atingido por uma bomba. Uma parte do telhado havia desmoronado, e havia galhos e tijolos, telhas de ardósia despedaçadas e estilhaços de vidro colorido por toda parte. O assoalho novo de pinho, encharcado, já estava empenando, e no lugar onde ficava a entrada principal só havia um buraco enorme.

Não havia nem sinal dos... como Fennrys os chamara? Mason franziu a testa,

tentando lembrar. *Draugr*. Isso mesmo. Mas não havia nenhum ali. Nem mesmo corpos ou qualquer sinal de que tivesse acontecido sequer uma luta, quanto mais uma batalha de alguma proporção. Não havia sangue, preto ou vermelho, e nenhuma marca que revelasse que tivessem sido arrastados para outro lugar. Era como se tudo, exceto a tempestade, tivesse sido apenas um pesadelo horrível.

– Toby.

A voz rouca de Calum deu um susto em Mason. Lá estava ele, curvado e segurando o braço esquerdo de encontro ao corpo. O som de sua respiração saía áspero através de seus dentes, como se respirar doesse. Estava mortalmente pálido, pensou Mason, mas ainda assim tão lindo...

Até que ele se virou para ela...

E ela viu as marcas paralelas das garras, que desciam da linha do cabelo até o queixo, do lado esquerdo do rosto. Não tinha sido um sonho. Mas com certeza havia sido um pesadelo.

– Toby – Cal chamou de novo, e Mason viu que o lado esquerdo da boca dele estava torcido para cima, de dor. – Que vamos dizer às pessoas quando nos perguntarem que diabos aconteceu aqui?

Mason estremeceu ao ver os cortes no rosto dele. Os olhos verdes de Cal se desviaram para ela nesse instante, e o olhar dele ficou gélido por baixo do brilho de dor. Ele virou o rosto para longe dela e olhou para o mestre de esgrima, que estava imóvel, pensativo. As rugas entre as sobrancelhas de Toby eram profundas, e seus olhos moviam-se de um lado para outro, em meio às ruínas do ginásio de Gosforth. Por fim, ele devolveu o olhar a Cal; sua expressão era cuidadosamente neutra enquanto o fitava. Mason desejou ter sido capaz de fazer o mesmo, momentos antes.

– Que diabos vamos dizer, Toby? – Calum perguntou de novo.

– Foi a árvore – respondeu Toby, com calma. Ele fez um gesto, com uma das mãos, para os cortes no rosto de Cal. – E os vidros quebrados da janela.

Depois de um longo instante, Cal acenou com a cabeça de leve, concordando. Parada do lado oposto a Mason, Heather se mexia para a frente e para trás; uma sombra de preocupação passava por seu rosto, mas ela se manteve em silêncio.

– Espere aí – disse Mason. – O quê?

– A queda da árvore, Mason – respondeu Toby com uma voz sem ânimo. – Os galhos e o vidro. Foi assim que Calum se feriu. É o que vamos dizer.

– Não entendi. Não foi o que aconteceu.

Ao seu lado, Heather se agitou de novo, mas não disse nada. Rory, que

finalmente saíra do depósito e estava parado, ouvindo, encolheu os ombros e manteve-se calado. Toby ergueu o queixo, teimoso, como se desafiasse Mason a fazer alguma objeção. Mas foi Cal quem realmente a surpreendeu. Ele cruzou os braços, ou ao menos tentou, pois estava claro que doía, e a encarou.

Mason recuou um passo.

– Vamos simplesmente ignorar o que aconteceu aqui? – Seu olhar ia de um rosto a outro de seus colegas. – Vamos só mentir e esquecer o que aconteceu?

– O que você acha que devíamos fazer? Dar uma coletiva de imprensa e contar ao mundo todo que fomos atacados por... o quê? Zumbis da tempestade? – Rory zombou. Ele fez um gesto indicando os destroços que, estava evidente, careciam de qualquer prova do ataque. – Os zumbis da tempestade *invisíveis*? Quer dizer, eu sei que para você tudo bem te considerarem uma maluca, é algo normal para você, mas para mim não é, não.

– Mas foi o que aconteceu! Precisamos avisar as pessoas...

– O quê? – a voz de Calum era como um chicote. O som a fez rodopiar para ficar de frente com ele. – A verdade? É o que a gente vai contar para as pessoas? Meu Deus, Mase, olhe para mim. Eu não quero contar. Isto... *isto* já é ruim o suficiente do jeito que está.

Ele lhe deu as costas, e Mason o viu se encolher outra vez de dor. Ou talvez de vergonha. Ela não sabia bem do que ele deveria ficar envergonhado. Calum Aristarchos nunca tinha parecido o tipo de sujeito que se preocupava demais com a aparência. Mas, até aí, se você tivesse crescido com a aparência que ele tinha, talvez nem tivesse motivos para se preocupar. E agora...

Heather tinha o olhar fixo em Cal, mas ele também lhe deu as costas. Ela sacudiu a cabeça e murmurou algo para si mesma que Mason não conseguiu ouvir.

– Heather? – Mason perguntou. – E você?

– Não sei, Starling. – Ela encolheu os ombros, impotente. – Quero dizer... como é que iríamos explicar essas coisas? E aquele cara? Que, por infelicidade, também desapareceu.

– Não sei como explicar nada disso. Mas alguma coisa aconteceu aqui. – Mason pressionou a outra garota, sentindo que Heather estava quase tão pouco à vontade quanto ela por encobrir a verdade. – *Um monte* de coisas, na verdade. Você também quer que a gente minta?

– A alternativa é dizer a verdade e todo mundo achar que você ou é idiota ou doida ou está fazendo uma brincadeira de mau gosto? – Heather sacudiu a

cabeça, ficou em silêncio por um instante e em seguida assentiu uma vez decidida. – Sim, Mason, acho que eu quero que a gente minta.

– Eu...

Rory finalmente perdeu a paciência.

– Mouse, *quer calar essa boca* por um segundo!

A boca de Mason se fechou de repente. Ela achava que ele iria ridicularizá-la de novo, mas ele a surpreendeu, segurando-a com suavidade pelos ombros e olhando-a nos olhos, com expressão séria.

– Ouça o que estamos dizendo – ele disse baixinho. – Ouça o que *eu* estou dizendo, ao menos uma vez. Imagine contar ao papai o que você acha que aconteceu aqui.

– Eu não acho, eu *sei*. E você também.

– Tudo bem. Ainda assim. Imagine como seria contar a ele essa história. – Rory a olhava nos olhos, e ela o olhava de volta. Os olhos dele tinham um tom de castanho que constantemente mudava, de acordo com o humor dele. No momento, eram de um verde-acinzentado tempestuoso. E demonstravam preocupação. – O que você acha que Gunnar faria? Hein? Você acha que ele deixaria você aqui em Gosforth por um segundo mais? Eu, com certeza. Papai não dá a mínima para o que eu falo ou faço. Mas e se ele achar que tem algo estranho acontecendo aqui, ou se, que Deus não permita, ele achar que *você* está correndo algum tipo de perigo? Bom, posso te garantir que a garotinha do Top Gunn vai ser arrastada de volta para o lar para ter aulas em casa e um toque de recolher ao pôr do sol. Vamos ver se você vai competir nas eliminatórias nacionais se isso acontecer, irmãzinha.

– Ele não faria isso.

Toby emitiu um som pesaroso, que não era bem uma risada seca.

– É, ele provavelmente faria, Mason.

Por mais que não quisesse acreditar naquilo, ela sabia que eles provavelmente tinham razão. Toby conhecia o pai dela fazia muito tempo. Fora Gunnar Starling quem conseguira para ele aquele emprego em Gosforth. Mason tinha a impressão de que ele não iria colocar seu emprego em risco com histórias malucas. Histórias das quais eles não tinham prova absolutamente nenhuma. Ela olhou desolada para os estragos no ginásio.

– Tudo bem, não vou dizer nada – Mason concordou com uma voz que era quase um sussurro. Ela olhou para cima, através do buraco no telhado. – Prometo. Mas também não vou simplesmente esquecer o que rolou aqui. E eu

acho... não, eu *sei*... que todos nós vamos ter que encarar isso em algum momento.

VII

Gargalhadas soaram, informando Fennrys que ele tinha sido localizado de novo por aqueles seres de pesadelo que estavam atrás dele.

Ele tinha feito o possível para despistá-los, entrando por becos e cortando caminho em meio a blocos de apartamentos e casas de aluguel na parte sul do Harlem, correndo, se escondendo, rumando para o leste enquanto ziguezagueava de uma quadra para outra, até cruzar o Park Avenue e ficar apenas a três longos quarteirões do East River.

Mas cada vez que achava que tinha enganado os centauros, eles apareciam por entre uma massa de nevoeiro no final de algum beco, uivando por seu sangue. Como estavam fazendo agora. Fennrys praguejou e correu para longe de seu último esconderijo, um emaranhado maciço de arbustos num terreno baldio, enquanto os homens-cavalo dobravam a esquina de um edifício e empinavam juntos, golpeando o ar com cascos revestidos de metal. O par acelerou num galope, e Fennrys soube que, uma vez que ganhassem velocidade, iriam pisoteá-lo.

Desta vez, estavam perto o suficiente para que ele ouvisse um deles rugindo algo sobre “uma presa que valia a pena” e “a glória da caçada”. Um momento antes de se virar e sair correndo, ele viu um deles sacar algo de um coldre. E, como uma imagem com dupla exposição de policial e criatura, Fennrys viu não um revólver padrão da polícia de Nova York, mas a imagem do revólver sobreposta como uma sombra à arma real – outra miragem. Ouviu um zunido agudo e desviou bruscamente para a direita quando uma seta de besta passou ligeira por sua cabeça, como uma ave feroz e letal.

Fennrys sabia muito bem que uma besta como aquela podia disparar um projétil capaz de penetrar uma armadura. Não se preocupou em se perguntar de onde vinha aquele conhecimento: simplesmente o aceitou, dobrou de repente à direita e correu para o sul, passando por dois quarteirões de conjuntos

residenciais, para depois virar para leste e de novo para o sul. Uma escadaria escura por trás de uma caçamba de lixo num beco estreito deu-lhe a chance de recuperar o fôlego.

Depois de vários minutos de silêncio, Fennrys saiu devagar de seu esconderijo. Viu o FDR Drive na sua frente e uma rampa levando a uma estreita ponte para pedestres que se estendia até a Ilha Wards.

Fennrys olhou em volta e parecia ter conseguido despistar seus perseguidores. Entretanto, se não tivesse despistado, a ponte parecia estreita demais para acomodar as corpulentas criaturas; suas metades equinas eram como Clydesdales criados com esteroides, quase mais touros que cavalos. Fennrys resolveu arriscar e correu rampa acima, seguindo pela extensão longa e estreita da ponte.

Quando chegou à ilha, continuou correndo. Escalou a cerca que delimitava as quadras de tênis e correu por elas a toda velocidade, sentindo-se terrivelmente exposto na luz que antecedia o dia. Havia cruzado cerca de metade do espaço aberto quando setas começaram a se fincar no chão dos dois lados dele. Fennrys estremeceu e, jogando os braços sobre a cabeça, deu uma guinada brusca à direita; então continuou correndo em zigue-zague, rumo às árvores, no limite norte das quadras de tênis.

De repente, uma das setas atingiu o meio das costas de Fennrys e a força do impacto o jogou no chão de joelhos. Ele caiu no solo e rolou, pensando que havia sido mortalmente ferido. Mas então, pela dor do impacto, ele percebeu que a mortífera flecha havia sido desviada pela lâmina larga da espada às suas costas.

Dentro de sua cabeça, ouviu uma voz feminina sussurrando: “Jamais perca essa espada. Jamais a deixe longe de sua mão. Será sua companheira e seu conforto em dias vindouros, da forma que só uma boa lâmina pode ser para um guerreiro. Ela salvará sua vida, talvez tantas vezes quanto for preciso”.

Quantas vezes seria isso? – pensou Fennrys quase desesperado, enquanto rolava e se punha em pé, girando os braços para tentar recuperar o equilíbrio e depois seguir adiante.

Ouviu um rugido ultrajante vindo por trás e acima dele quando o centauro percebeu que havia perdido a presa. Estavam atirando nele do deque elevado da ponte de Triborough – longe o bastante para que o disparo não tivesse a força necessária para quebrar sua espada e partir sua espinha. Fennrys estava surpreso por eles terem sido capazes de se mover tão rápido: a rampa de acesso para Triborough ficava ao norte da rua 120. Sua decisão de atravessar pela ponte de

pedestres dera-lhe tempo, mas provavelmente não o bastante. Entretanto ele ouviu um dos centauros gritar para o outro:

– Atire nele! Está na Terra Morta. Não podemos segui-lo! Atire agora ou ele vai escapar!

Enchendo-se de esperança, Fennrys se jogou para a esquerda, entrando de cabeça num emaranhado de galhos flexíveis que golpearam seu rosto e seus braços como chicotes. Então as sombras o engoliram, e ele se viu a salvo dos monstruosos arqueiros, por ora. Talvez, a julgar pelo que haviam dito, não o seguissem até o solo da Ilha Wards. Mas ele não iria se arriscar. Eles o haviam visto se embrenhar entre as árvores, mas elas não eram grossas o bastante para escondê-lo se os homens-cavalo fossem atrás dele. Rumou para leste, seguindo o perímetro da ilha ao longo do rio. À sua frente, erguendo-se como a torre sentinela de um castelo medieval, estava o pilar de sustentação de concreto de outra ponte. Esta era um arco maciço de ferro, pintado de vermelho, que se projetava com elegância sobre as águas brancas espumantes do rio. As sombras sob a torre de concreto eram impenetráveis e permitiam uma visão desobstruída dos arredores. Fennrys seria capaz de ver qualquer coisa se aproximando por quase dois quilômetros em todas as direções sem ser visto. Serviria.

O ar úmido e pesado o envolveu como um manto enquanto ele se acomodava para esperar a chegada da manhã. Se essa tal “Terra Morta” podia impedir aquelas coisas de segui-lo, então ele poderia simplesmente aguardar até o nascer do sol. E um retorno a algum tipo de sanidade ou normalidade.

Ou não.

Pelo canto do olho, Fennrys viu um lampejo de movimento na escuridão. Ficou imóvel como uma rocha e prendeu a respiração quando uma enorme sombra se projetou no pilar de sustentação da ponte à frente dele. Fennrys se agachou rápido, ergueu o braço por cima da cabeça para pegar o punho da espada e se virou. A lâmina assobiou quando ele a sacou e a segurou estendida a sua frente. Um homem grande e maltrapilho parou imediatamente, a ponta afiada da espada balançava a dois centímetros do centro de seu peito. Debaixo da aba larga e esfarrapada de um velho chapéu de couro, seus olhos brilharam no escuro, enquanto ele olhava para Fennrys sem piscar. Numa das mãos, envolta em farrapos, ele segurava um cano de chumbo.

– Largue isso – disse Fennrys sussurrando.

O homem era enorme. Mas, até onde Fennrys podia ver, humano. Ele nem podia acreditar que estava pensando nesses termos, mas depois de tudo que tinha

visto e feito naquela noite... Claro, quem podia dizer? Talvez ele tivesse sido drogado. Ou quem sabe – e Fennrys sempre voltava a essa possibilidade com um nó na garganta – estivesse delirando.

– Eu disse para largar isso.

Com um movimento mínimo dos músculos do braço, ele empurrou a ponta da espada para a frente. Só o suficiente para dar uma espetada.

– Ai! Ei!

O vulto maciço deixou cair o cano e recuou com a mão no peito. Fennrys chutou o cano para longe. O homem olhou para ele com raiva e apontou para a estrutura de ferro acima.

– Minha ponte, irmão – ele grunhiu, numa voz que parecia uma avalanche de rochas. – Estou aqui há mais tempo que você. Mais tempo que a maioria. Mostre um pouco de respeito.

– Não sou seu irmão e não vou ficar aqui. Mas também não vou a lugar algum antes de o sol nascer. Então você pode se sentar para lá, bem longe, e se comportar, ou então procurar outra ponte onde morar. Como aquela. – Ele apontou com a cabeça a ponte de linhas elegantes da qual os centauros haviam atirado nele.

– A ponte de Triborough? – O enorme mendigo vestido de farrapos e cobertor fungou. – Aquela é só uma *ponte*.

Fennrys dirigiu um olhar interrogativo ao homem e passou os olhos pela ponte que se estendia sobre suas cabeças.

– Nem todas as pontes são criadas do mesmo jeito, irmão.

O homem recuou e se sentou, apoiando os ombros maciços contra o arco de concreto. – Isto... – ele bateu no pilar da ponte atrás da cabeça com as costas dos dedos – é Hell Gate, o Portal do Inferno. E isto... – pôs a palma da mão aberta sobre o solo – é a Terra dos Mortos. Aqui eles não virão atrás de você.

– Não diga. – Fennrys estava cansado demais para se surpreender com o fato de que o homem tinha visto dois centauros alvejando-o com flechas e parecia não achar isso fora do comum. – E por quê?

– Estamos na Terra Morta. – Ele encolheu de novo os ombros, como se isso explicasse tudo. – Mas bem agitada, por sinal.

Terra Morta. Foi o que um centauro disse para o outro, Fennrys observou. Que diabos era aquilo? Antes que pudesse perguntar, o homenzarrão estava falando de novo, batendo no chão de terra com a manopla.

– Muitos, muitos mortos estão enterrados aqui. Isso torna este lugar seguro

para uns. E não tão seguro para outros. – Virou-se para Fennrys, seus olhos como contas negras brilhantes num rosto formado por feições grosseiras e disformes. – Qual dos dois tipos será que você é?

Antes que Fennrys pudesse perguntar o que ele queria dizer, o homem se ergueu e se arrastou para o outro lado do pilar da robusta ponte de concreto, rindo baixinho.

VIII

Enquanto Toby e os alunos percorriam com cautela o ginásio, os olhos de Mason vasculhavam os destroços o tempo todo, em busca de qualquer coisa que pudesse dar uma indicação do que tinham sido aquelas criaturas. Ou de algum tipo de prova de que de fato tinham existido. Mas não havia nada. Nem um tufo de cabelo ou uma unha quebrada tinham sido deixados para trás, quanto mais o braço ou a cabeça que Fennrys tinha cortado com tanta eficiência. Fennrys, que para todas as finalidades e todos os propósitos, era um fantasma assim como os *draugr*. Fora o roubo das botas de Toby, tampouco havia evidência de que ele tivesse de fato estado ali.

Quase não havia evidências...

– Cal... – Mason estendeu a mão de repente e tocou algo que pendia do pulso esquerdo, ferido, que ele aconchegava com o outro braço.

Os dedos dela se fecharam ao redor do disco de metal cinzento ali amarrado com um cordão de couro, e ele estava quente. Mason afastou a mão de repente, como se tivesse tocado um fio elétrico, e seu braço formigou até o ombro. Ela o esfregou, olhando para o medalhão de ferro. Era *dele*. Era de Fennrys, o Lobo. Ela o vira pendurado no pescoço do garoto. Sentiu-se compelida, de forma quase irresistível, a estender a mão e tocá-lo de novo, apesar do choque que acabava de lhe dar.

Mas Calum baixou o braço junto ao corpo, quase como se o tentasse ocultar detrás das costas.

– É *dele*, do tal homem-lobo – disse Heather. – Eu o vi usando esse medalhão.

– Imagino que você não tenha deixado passar *nenhum* detalhe do guarda-roupas dele, do jeito que você estava olhando – disse Rory, seco, ignorando o olhar mortífero que ela lhe lançou em retribuição. Ele se voltou para Cal. – Por que será que ele o deixou com você?

– Quem sabe ele me achou um gato – respondeu Cal, igualmente seco.

– Crianças – Toby esfregou a ponte do nariz. Na luz que começava a aumentar, ele tinha uma aparência terrível, cinzento e exausto. – Podemos por favor deixar as bobagens de lado e quem sabe passar um minuto combinando nossas histórias? Antes que o diretor acorde e olhe para o pátio pela janela?

Isso pode já ter acontecido, pensou Mason, enquanto uma sirene começava a soar a distância.

Mais perto, ela ouviu uma voz, alguém gritando, e então mais uma. A Academia Gosforth estava despertando para encontrar seu venerável carvalho caído e seu ginásio novinho demolido. O que não encontraria seriam as criaturas que Mason tinha quase certeza de terem sido as responsáveis pela devastação.

E agora... agora que todos tinham concordado em permanecer em silêncio, não havia ninguém para falar da existência delas.

A equipe de emergência e o pessoal da administração da escola chegaram ao local em minutos, junto de uma multidão de estudantes assombrados, vindos dos dormitórios, a maioria deles ainda com moletons e com cara de sono. Mason foi conduzida, sob protesto, para sentar-se num banco ao lado de Heather Palmerston, para que um paramédico examinasse a pequena coleção de cortes e contusões que as duas garotas exibiam.

– Mason!

Ela ergueu o olhar apreensiva ao ouvir seu nome sendo chamado por uma voz familiar. Gunnar Starling cruzou o pátio com passos largos, carrancudo. Ao ver o pai, Mason sentiu seu coração dar um salto, que ela não sabia se era de medo ou de alívio. O sobretudo feito sob medida ondulava como uma capa por trás dele, e os bastos cabelos prateados eram como a juba de um leão. As elegantes feições nórdicas estavam contraídas, e os olhos azuis, perigosamente inflamados de fúria.

Talvez não seja fúria, pensou Mason. Talvez seja... preocupação.

O que seria pior. Se Gunnar Starling estava furioso com algo, ele lidava com isso de forma rápida, segura e permanente, e pronto. Se estava preocupado com algo, algum problema que não podia solucionar, mitigar ou afastar de imediato, então Gunnar era alguém a ser evitado a todo custo. Mason torcia para que ele apenas estivesse irritado por causa do vitral.

O pai veio na direção dela, que estava encolhida sob um cobertor de emergência. Heather parecia ter caído numa espécie de estupor aturdido, indiferente até à visão dos bombeiros sarados, mas só até o momento em que dois deles deram a volta pela lateral mais distante do edifício, amparando Calum

entre eles. Mason, Heather e Rory tinham conseguido escalar o tronco do carvalho caído para sair para o pátio. Porém Calum não conseguiu. Toby o fizera ficar esperando dentro do ginásio em ruínas, até que os bombeiros pudessem dar a volta e abrir à força a porta de emergência. A decisão provocara em Cal uma fúria silenciosa, Mason podia perceber, mas de qualquer modo teria sido inútil discutir. No estado em que se encontrava, Cal não tivera forças para passar por cima do imenso carvalho caído, apesar dos misteriosos cuidados prestados por Fennrys, o Lobo. Os quais, Mason suspeitava, provavelmente tinham salvado a vida de Cal.

Ela desejou ter alguma forma de agradecer Fennrys pelo que fizera por eles, mas receava que talvez nunca mais o visse. Isso a deixava imensamente triste, mas ela tinha problemas mais imediatos a enfrentar no momento. Como o pai, mudando de direção de repente, ao ver Toby conversando com o chefe dos bombeiros. Gunnar parecia disposto a arrancar membro por membro do mestre de esgrima. Mason ergueu-se do banco e correu para o pai, interceptando-o antes que ele chegasse ao destino.

– Papai!

– Mason! Querida... – Gunnar deu um abraço apertado na filha com seus braços fortes e beijou-lhe o alto da cabeça. – Que diabos aconteceu com você?

– Nada. – Mason tentou soar convincente. – Estou bem. Foi a tempestade. Acho que o velho carvalho simplesmente não aguentou...

O pai segurou-a à distância dos braços e se curvou para fitá-la nos olhos, seu olhar quase palpável de tão intenso.

– Você não devia ter ficado no ginásio...

– Papai, eu tinha treino...

– E você não devia estar lá sozinha daquele jeito, sem ninguém para te proteger.

– Eu *não estava*...

– Oi, velho – disse Rory, vindo até junto deles, as mãos enfiadas com displicência nos bolsos dos *jeans*. Mason notou, porém, que estavam cerradas, formando punhos.

– Rory, maldição! – Gunnar se voltou contra o filho mais novo. – Você devia ter tomado conta de sua irmã.

– Estou *bem*, obrigado – Rory murmurou ácido.

– Rory foi ótimo, papai. – Mason puxou o braço do pai, ignorando a olhada penetrante que o irmão lhe lançou. Mason tinha aprendido, ainda bem nova, que

Rory *não* gostava muito que qualquer um tentasse defendê-lo. – E Toby também foi incrível. Ele tomou conta de nós o tempo todo!

Gunnar olhou para o ponto onde uma paramédica, que havia feito curativos em Calum, o estava levando para uma ambulância. Quando a mulher tentou ampará-lo, segurando-o por baixo do braço, ele se afastou com um safanão irado.

– É – prosseguiu Mason, tentando reconquistar a atenção do pai. – Quer dizer, o coitado do Cal acabou se ferindo muito, mas foi porque estava exatamente no lugar errado quando o carvalho derrubou tudo.

Gunnar virou-se para a filha, franzindo o cenho.

– Mas ninguém entrou em pânico e Toby fez com que a gente soubesse o que fazer, e estamos todos bem. – Mason tentou dar um sorriso radiante. – Ele nos fez passar a noite no depósito, até a tempestade cessar, por via das dúvidas, e... e... – ela se interrompeu hesitante, desejando que seu pai ficasse calmo e não matasse ninguém por causa dela.

– O carro está na frente da academia – disse Gunnar. – Vão lá e esperem por mim.

– O quê? Por quê?

– Vocês dois vão voltar para casa comigo e vão ficar lá até que eu descubra o que foi que aconteceu. – Ele olhou para Rory. – Vocês dois.

– Papai, não! Estamos no meio do semestre. – Mason estava horrorizada. – Eu tenho exames. E treino. Falta pouco para as eliminatórias nacionais. Não posso ir embora.

– Mason...

– Foi só uma *tempestade*. – Ela olhou para Rory, que fechou a cara para ela, mas ficou calado. – Só isso. Podia ter acontecido em qualquer lugar. Podia ter acontecido em nossa casa...

– Onde eu poderia tomar conta de você...

– Eu posso tomar conta de mim mesma. *Por favor*. Estou bem, *de verdade*.

Ela ficou olhando ansiosa, enquanto Gunnar trocava um olhar longo e significativo com Toby. Ela sabia que estava condenada. O pai iria arrastá-la dali, e ela iria chutando e berrando, pois seria o único jeito de levá-la. E então ela seria trancada na mansão Starling, gótica e sombria, sabe-se lá por quanto tempo. Rory tinha razão.

Mas de repente os músculos do braço de Gunnar pareceram relaxar um pouco sob os dedos de Mason. O olhar dele desviou-se e ele olhou por cima do ombro

dela. Mason seguiu o olhar dele e também relaxou um pouco.

Roth. Ah, graças a Deus, Mason pensou. *Salva*.

O outro irmão dela, Rothgar – que ninguém, exceto o pai, poderia chamar assim –, tinha chegado, vestido da cabeça aos pés com roupas de couro de motociclista, que faziam com que parecesse estar usando uma armadura. Ele cruzou o arco de entrada do pátio e veio na direção deles com um andar descontraído, relaxado, totalmente confiante. Ele manteria o pai calmo.

A presença de Roth de alguma forma tinha o efeito de uma tecla de *mudo* ou de imagem congelada. Todos sempre pareciam ficar muito tranquilos e calmos quando estavam perto dele. Mason estava acostumada com isso, mas o efeito sempre a divertia. Ele tinha apenas 22 anos de idade e não era de modo algum um daqueles motoqueiros ou guarda-costas ou algo assim, enormes e musculosos. Mas, mesmo assim, as pessoas sempre tendiam a se comportar na presença dele.

Para Gunnar, ele era apenas uma influência tranquilizadora, porque qualquer coisa que o Starling mais velho necessitasse, Rothgar Starling simplesmente fazia acontecer. Ele era a epítome do sujeito forte e calado; em geral, a única coisa que as pessoas ouviam dele era o som de suas botas de solado grosso e biqueira de aço quando ele entrava em algum aposento. Rory uma vez se referira a Roth, em segredo, como o garoto de recados do pai deles, mas na verdade era mais como se ele fosse o braço direito de Gunnar.

– Ei, Mase... – Roth estendeu a mão enquanto ia na direção dela. Mason a segurou e ele a puxou para um breve abraço. – Ouvi dizer que você teve uma noite do pijama não planejada no ginásio, irmãzinha.

– É. Com direito a *show* de luzes e, de quebra, atos aleatórios de Deus. Ou da Deusa. Parece que não é muito legal folgar com a Mãe Natureza.

– Pode crer. – Roth presenteou-a com um sorriso e uma piscadinha. – Ela tem temperamento forte.

– Tomara que Gosforth tenha seguro.

A expressão de Gunnar Starling ficou sombria, e ele se virou e olhou por cima do ombro para o buraco aberto na parede externa do centro de atletismo, emoldurado pelos estilhaços do vitral.

– Eu realmente sinto muito pelo vitral, papai – disse Mason. – Era tão lindo... e eu sei como você se orgulhava dele...

– Não se preocupe com isso, querida – ele disse sem se virar para olhá-la. – Era só uma *coisa*. Coisas não são importantes. As posses são passageiras... – a

voz dele se perdeu antes que ele pudesse se lançar de verdade num de seus discursos típicos de “coisas materiais não têm significado/a vida depois desta é a que importa”. Era um dos temas favoritos dele, e isso sempre parecera meio engraçado a Mason. Seu pai era um dos homens mais ricos da América do Norte, e mesmo assim ele estava o tempo todo dizendo a ela como isso não tinha tanta importância. Vindo de qualquer outra pessoa, talvez soasse como hipocrisia. Mas, vindo de Gunnar Starling, eram palavras para serem levadas a sério. Mason se perguntava se algum dos outros patronos milionários de Gosforth pensava daquele jeito. Patronos como a mulher alta, atraente, que cruzava a arcada naquele exato momento, detendo-se com uma das mãos no quadril anguloso para examinar com um olhar panorâmico a multidão reunida.

Daria Aristarchos. A mãe de Calum.

Seu cabelo castanho-escuro estava preso num coque displicente, e ela usava calças de moletom folgadas e tênis de grife, mas de algum modo conseguia passar um ar de artista de cinema ou ex-modelo de passarela. Era fácil perceber de onde Cal tinha herdado sua aparência atraente, embora Mason duvidasse que o pai dele tivesse metade da beleza da mãe. Ela nunca o vira. Os pais de Cal eram divorciados, e o pai vivia em algum lugar do outro lado do Atlântico. Não tinha sido uma separação muito agradável, pelo que Mason sabia, e Cal havia adotado o sobrenome da mãe depois do fim da relação deles.

A senhora... *senhorita* Aristarchos, corrigiu-se Mason mentalmente, parecia que mal conseguia conter a ira ao puxar até um canto do pátio o diretor de Gosforth para uma discussão particular.

Mason virou-se e viu o pai olhando na direção da mãe de Cal, de novo com a cara fechada.

– Querida, pegue suas coisas e me encontre no carro – ele disse, sem olhar para Mason.

– Papai...

Ele lançou à filha um olhar irritado, e Mason calou a boca. Então ele cruzou o gramado com passos largos para juntar-se ao diretor e a Daria Aristarchos. Ou, antes, para enfiar-se na conversa, pensou Mason, enquanto via a mãe de Cal voltar-se para Gunnar com um olhar que teria transformado em pedra qualquer outro homem. Ela não conseguia ouvir o que estavam dizendo, mas parecia ser um diálogo bem exaltado.

Roth revirou os olhos e pegou Mason pelo braço.

– Vamos lá – ele disse. – Te acompanho até seu quarto e você pode pegar o

que for precisar. É sexta-feira. Provavelmente não vai ter aula enquanto estiverem consertando tudo. Você pode passar o final de semana em casa, e eu falo com Gunnar para deixar você voltar a tempo para as aulas da segunda de manhã. Fechado?

– Você vai fazer isso?

– Confie em mim, Mason. – Roth lhe deu um de seus raros sorrisos e conduziu-a rumo à porta que dava para a ala residencial, pouco além do banco onde Heather ainda estava sentada, parecendo um pouco perdida.

– Oi – murmurou Mason ao passar por ela.

– Oi – Heather acenou de volta com a cabeça e então pareceu notar que o irmão de Mason estava ali. – Oi, Roth.

Ela abriu um sorriso brilhante e jogou a farta cabeleira loira para trás do ombro.

– Olá, Heather. – A boca de Roth ergueu um canto da boca, num meio sorriso. Ele já estava acostumado com esse tipo de reação das garotas, e Mason nunca o tinha visto morder a isca. – Você está bem depois de tudo o que aconteceu esta noite? Precisa de alguma coisa?

Heather pareceu a ponto de fazer algum comentário provocante, mas então pensou melhor, ao perceber que não ia conseguir nada com aquilo. Ou talvez, pensou Mason, ela estivesse mesmo abalada demais para tentar. O que quer que fosse, Heather deixou o corpo pender para a frente e encolheu os ombros.

– Um ginásio novo seria legal.

– Foi mesmo incrível. – Roth sacudiu a cabeça. – Sabe, houve blecautes por meia Manhattan esta noite. Mas não vi nos noticiários nenhum outro lugar que tenha sido tão atingido como aqui... – Ele olhou para trás, para o ginásio e o emaranhado grotesco de raízes de carvalho que se erguiam no ar como incontáveis dedos tentando agarrar algo. – Foi um estrago e tanto.

– É. – Heather passou o polegar por uma inscrição feita na madeira do banco: H+C, rodeada por um coração. Então ela completou meio distraída: – Bom, a maior parte foi causada pela árvore que caiu.

– A maior parte? – perguntou Roth, incisivo.

Mason e Heather trocaram um olhar. Heather se remexeu no banco.

– Hã... Quer dizer, tudo foi por causa da árvore. Quer dizer... que *mais* podia ter sido, né? – Ela riu, e foi um som desajeitado, estridente.

Roth piscou os olhos enquanto olhava para ela e depois voltou o olhar para Mason, que deu de ombros e tentou parecer indiferente.

– Por que não acompanha a gente até o dormitório? – Roth perguntou a Heather. – Você parece estar precisando dormir um pouco. Vocês duas parecem que estão acabadas.

– Uma árvore quase nos matou, Roth. Você provavelmente também estaria – Mason deu-lhe um sorriso fraco. – Ou não, conhecendo você. Vamos, Heather! Roth tem razão. Ainda são 8h15, e já tivemos emoção mais do que suficiente para um dia.

Eles deixaram Heather diante da porta de seu quarto, no segundo andar, e então seguiram pelo longo corredor até o alojamento de Mason. Roth passou um braço ao redor da irmã, que apoiou o peso do corpo nele, enquanto caminhavam.

– Então... Você e Heather Palmerston... Amigas? – ele perguntou baixinho, depois que Heather fechou a porta.

– Não mesmo – Mason fez uma careta só de pensar naquilo. – É mais como... uma ligação temporária por meio da adversidade compartilhada. Prevejo que na segunda de manhã ela já vai estar de novo querendo me prender com fita isolante de cabeça para baixo em meu armário.

Roth deu uma risadinha.

– Ainda bem. Toda a família dela é pirada, sabe?

– Sério? – Mason parou diante de sua porta e procurou a chave na sacola. – E eu aqui achando que Heather era só uma vaca de nascença.

Roth respondeu à sua irmã com um sorriso. Ele se apoiou ao batente da porta.

– Fiquei sabendo que o Aristarchos ficou ferido – disse.

– É.

Mason procurou com mais empenho no fundo da bolsa, evitando cruzar o olhar com seu irmão.

– Também ouvi que ele vai ficar bem. De um modo geral.

– Tomara mesmo.

Mason podia sentir o olhar curioso de Roth sobre si e lutou para não ficar vermelha. A última coisa que queria era que Roth soubesse em quem ela andava interessada. Ela também não precisava que ele suspeitasse de que Calum não tinha sido ferido, afinal, pela árvore que caíra através da janela do ginásio. Ela odiava o fato de ter concordado com os outros em manter em segredo os detalhes de sua terrível aventura. Mas havia concordado, e ia manter o combinado. E, mesmo que não tivesse, ela não teria sabido sequer por onde começar a contar a Roth a verdade dos fatos. Por sorte, seus dedos roçaram no chaveiro, num canto da sacola, e ela abriu a porta e fez sinal para que Roth entrasse.

O quarto estava frio e cheirava a chuva. Mason lançou um olhar para a janela aberta e viu que o peitoril, junto ao círculo de carpete diretamente sob ele, estava encharcado. Ela ignorou isso. Mason nunca fechava a janela, e um pouco de umidade era um preço pequeno a pagar por sua estabilidade mental e emocional.

Ela sofria de claustrofobia desde criança e uma brincadeira de esconde-esconde que tinha dado muito errado. Aos 6 anos, Mason achou que era muito esperta quando se escondeu no galpão de jardinagem abandonado, nos limites da extensa propriedade de seu pai em Westchester. Porém Rory tinha visto quando ela entrou no esconderijo e achou que seria uma ótima brincadeira trancá-la ali dentro e deixá-la presa por um tempo. Só que... cerca de uma hora depois de ir atrás de Mason sem que ela percebesse, e fechá-la no galpão minúsculo com a tranca de deslizar, ele se esqueceu por completo da brincadeira boba. Principalmente porque já estava num carro, a caminho do chalé de um amigo onde passaria dois dias... um chalé nos Hamptons, sem telefone ou qualquer outra forma de entrar em contato com Rory para descobrir se ele por acaso não teria visto sua irmã mais nova antes de ir embora. Mason tinha bloqueado a maior parte das lembranças daquele episódio, mas lhe contaram que ela ainda não havia sido encontrada quando Rory voltou.

Roth olhou para a janela, mas não disse nada. Depois que tudo havia terminado, contaram a ela que fora Roth quem a encontrara. Ela não se lembrava. Ela não se lembrava de nada do que havia acontecido, a não ser na forma de terrores noturnos distorcidos. Tudo o que ela sabia era que Roth nunca implicava com ela por causa da claustrofobia, e isso era algo que ela apreciava muito.

Ela jogou sua sacola de lona sobre a cama e abriu o zíper. Então vasculhou a cômoda e jogou dentro da sacola a *nécessaire* de maquiagem, produtos de higiene pessoal e um par de suas camisetas favoritas, junto com o *laptop* e alguns livros-texto de que precisaria para fazer o dever de casa. A ideia de ter que ir para casa a deixava irritada e nervosa, mas se Roth dizia que ela voltaria para a escola na segunda, então ela iria. Roth nunca deixava de cumprir uma promessa.

Ela deu uma olhada para o irmão, apoiado na quina da escrivaninha, os braços cruzados diante do peito largo. A posição ressaltava seus músculos, e Mason deu um sorrisinho, relembrando como se achava sortuda quando era criança, por ter um irmão tão grande e forte, que poderia tomar conta dela mesmo que ela se metesse em alguma encrenca.

Ela tentou imaginar, em silêncio, o que Roth teria feito se tivesse estado no ginásio com ela, apenas algumas horas antes. Será que ele teria se saído tão bem quanto o misterioso Fennrys Lobo? Sentindo as faces arderem ao pensar no fascinante garoto loiro e musculoso, ela desviou o olhar de Roth e olhou ao redor, procurando algo para dizer antes que ele perguntasse por que ela havia ficado vermelha de repente.

– Hã... Então, o que é que rola entre papai e a mãe de Cal? – perguntou. – Eles meio que parecem se odiar, sei lá.

Roth franziu as sobrancelhas.

– É, tem um certo lance entre eles.

Mason olhou-o assombrada.

– Tá brincando. Quer dizer, tipo...

– Não, Mase. – Roth chacoalhou a cabeça e riu. – Não é *esse* tipo de lance. Só aqueles problemas entre as famílias de Gosforth. Você sabe.

Ela assentiu com a cabeça. Mason tentava evitar se envolver nessas coisas, mas não era fácil num lugar como Gos. A Academia Gosforth tinha sido criada no final do século XIX por um punhado de "fundadores" extraordinariamente ricos e influentes, homens e mulheres que haviam decidido que as escolas, públicas ou privadas, não eram boas o bastante para seus queridinhos. Gosforth, diziam, seria como um porto seguro. Um santuário da superelite, bem como um lugar de aprendizado e cultura excepcionais. Mason sempre se sentira meio constrangida com tudo aquilo e de tempos em tempos pedia ao pai que a deixasse estudar numa escola comum, sem êxito.

Os descendentes das famílias fundadoras vinham frequentando Gosforth por tantas gerações que havia uma teia complicada de rixas e inimizades, e alianças e pactos, que ninguém conseguia entender muito bem. Na maioria dos conflitos, ninguém conseguia sequer se lembrar das origens ou dos motivos por trás de tudo aquilo. Mas tudo aquilo às vezes tornava difícil negociar o lugar onde se sentar durante as refeições. Mason fazia o possível para ficar fora de tudo isso.

– Não sei a história toda – disse Roth. – Só sei que ela e mamãe eram grandes amigas quando eram jovens.

– Daria Aristarchos e mamãe? *Nossa* mãe?

O queixo de Mason caiu. Aquilo era algo que ela não podia entender. Não com tudo o que ela sabia sobre a mãe de Calum. E tudo o que sabia sobre sua própria mãe, o que de fato não era lá muita coisa.

– Você tá brincando. Achei que mamãe tinha estudado em algum outro lugar.

Algum lugar que *não* fosse Gosforth.

– Isso mesmo. Mamãe não fazia parte de tudo isto. – Roth sorriu, movendo os olhos para indicar o quarto e, pareceu a Mason, toda a escola. – Ela nunca teve que aguentar ser uma cria de Gosforth. Com todas as cobranças impossíveis e as "histórias consagradas" de um bando de aristocratas mimados e iludidos que acham que estão acima dos demais e que têm o destino da humanidade na palma de suas mãos sujas...

Ele se interrompeu quando percebeu que Mason o olhava espantada. Ela nunca o ouvira encadeando tantas palavras numa mesma frase antes.

Roth deu uma risadinha e sacudiu a cabeça.

– Mamãe era normal. Só isso, Mase. E é por isso que ela era muito mais legal do que qualquer um de nós algum dia vai conseguir ser.

– Eu gostaria de ter conhecido ela – disse Mason baixinho, sentindo a dor familiar da ausência da mãe.

Yelena Starling havia morrido durante o parto, e Mason tinha dificuldade em pensar sobre isso... sem pensar no fato de que *ela* era o motivo pelo qual a mãe se fora.

Roth afastou-se da escrivaninha, foi até Mason, junto à cama, e estendeu a mão pedindo a sacola.

– Vamos lá.

Mason fechou o zíper e entregou-lhe a sacola, com um suspiro.

– Tudo bem. Lar, doce lar, aqui vou eu.

IX

Fennrys estava agachado, encolhido sob a ponte Hell Gate esperando o retorno do amanhecer, ou de sua sanidade. Precisava de um dos dois, algo que lançasse luz em sua escuridão e banisse as criaturas que rondavam durante a noite, destruindo, caçando e matando. Cerrou os olhos, olhando para o leste, onde o horizonte finalmente começava a clarear. Tinha conseguido. No mínimo, parecia ter se livrado dos homens-cavalo que o perseguiram, e com sorte de modo permanente.

Centauros.

Ele devia estar metido numa encrenca das grandes.

Ou então estava louco, e isso era bem mais provável. À medida que a luminosidade rosa e dourada do pré-amanhecer avançou rumo ao lugar onde estava escondido, Fennrys se ergueu e espiou para o outro lado do pilar. Nada. O mendigo grandalhão tinha desaparecido, como se a névoa da manhã o tivesse tragado, e Fennrys estava sozinho.

Ele se lembrou de ter dito ao sujeito lutador na escola – como se chamava? Toby? – que estariam a salvo com a chegada do amanhecer. Que os *draugr* iriam embora com a luz da manhã. Isso ele sabia com certeza. Ele sabia que era bem provável que isso também se aplicasse aos centauros. O que ele não sabia, porém, era *como* sabia essas coisas.

Quando o sol finalmente surgiu acima do horizonte, ele esperou pelo menos uma hora, só para ter certeza, antes de deixar a segurança do esconderijo e voltar pela ponte de pedestres para Manhattan. Uma vez lá, começou a caminhar para o sul.

Chegando à rua 95, onde a margem do rio virava de novo para o leste, ele dobrou à direita e rumou mais para o coração da cidade. O vento que soprava do rio estava congelando um lado de seu corpo. Ele estremeceu e enfiou as mãos nos bolsos de seu moletom. E encontrou algo no fundo de um deles.

Curioso, Fennrys tirou o objeto do bolso. Era um grande bolo de notas de dinheiro, e ele olhou para elas por muito tempo. Isso, pelo menos, resolvia *aquele* problema. Relanceando os olhos para o leste, onde o sol já havia subido bastante no céu, ele se perguntou se as lojas de roupa da Quinta Avenida já estariam abertas.

A vendedora na loja de roupas caras foi simpática e atenciosa, e nem por um instante insinuou que Fennrys, o Lobo, estava malvestido quando entrou na loja... trajando calças de abrigo curtas demais, um moletom com o brasão de uma escola particular e um par de coturnos que pareciam ter sido atropelados por um trem de carga.

– Eu sugeriria os jeans escuros de modelagem *slim* – ela disse, dando-lhe outra pilha de calças para escolher. Ele já havia pedido que colocasse em sua conta as meias e cuecas, e agora estava no provador experimentando camisas e calças. – Vão ficar bem com essa camisa de abotoar. Também tenho algumas peças de *outwear* que posso trazer para você experimentar. Tem uma jaqueta de brim verde...

– Couro – disse Fenn. Era mais difícil para dentes, garras e espadas atravessarem o couro. Não que ele fosse explicar isso à vendedora. – Queria uma jaqueta de couro, se você tiver uma, por favor.

– Claro – ela concordou. – Tenho uma que sobrou da temporada passada que está com desconto.

– E botas.

– Já tenho um par separado para o senhor experimentar. – Quando Fennrys finalmente saiu do provador, a vendedora deu um olhar de aprovação. – O senhor já quer sair vestindo os itens, então?

– Sim.

– Quer que eu queime a roupa que estava usando?

Ele sorriu.

– Não, obrigado. Só coloque numa sacola para mim.

Fennrys teve uma ideia. Não havia conseguido parar de pensar na garota da escola. A lembrança do rosto dela, do azul profundo daqueles olhos, foi a única coisa que o manteve firme, em vez de perder de vez a sanidade mental enquanto esperava pelo amanhecer, sentado sob a ponte. Fennrys não sabia por quê, mas sabia que precisava vê-la de novo. E devolver os itens emprestados era a única desculpa que tinha. Fennrys pagou por suas roupas novas e, quando a vendedora lhe entregou as sacolas, perguntou:

– Conhece algum bom hotel nesta área?

As escadas rolantes o levaram por um corredor iluminado por *néon* verde-limão até o amplo e fantástico *lobby* do River Hotel com seu teto muito alto, revestido com trepadeiras e lustres faiscantes. Na recepção, havia um longo balcão de madeira entalhado com os galhos e as raízes de uma árvore enorme, toda contorcida. Aquilo lembrava algo a Fennrys, mas naquele momento ele não conseguia saber bem o quê. Por trás do balcão, altas janelas davam para um terraço que formava um oásis escondido no meio da cidade, uma profusão de verde em que se espalhavam cadeiras de teca e montes de almofadas, onde as pessoas podiam se acomodar e relaxar. Era cedo demais para o *check-in*, e a recepcionista por trás do balcão, pedindo mil desculpas, insistia em dizer que ele só poderia registrar-se se apresentasse um cartão de crédito como garantia por eventuais danos ao quarto. Tudo o que Fennrys tinha era o bolo de dinheiro de Rory.

Ele estava a ponto de desistir quando uma mulher alta, linda como uma modelo, vestindo um elegante terninho justo que realçava suas formas, fez um sinal para a recepcionista.

– O senhor me dá licença por um instante? – a moça disse e afastou-se para falar com a outra mulher.

Fennrys suspirou, imaginando estar a um passo de ser expulso do hotel. Afastou-se do balcão e virou-se, mas parou quando a moça voltou correndo para ele com um sorriso luminoso e um tanto ansioso.

– Se puder esperar um instante, Senhor Lobo, vou apenas verificar se os seus aposentos já estão prontos para sua estadia. Dei-lhe um *upgrade* para nossa suíte de cobertura e, assim que o senhor estiver acomodado, teremos o prazer de lhe oferecer bebidas de cortesia no *lounge*.

Ela deslizou o cartão magnético que servia de chave pela superfície lustrosa do balcão, na direção dele.

Fennrys olhou de novo para o lugar onde a mulher de terninho estivera, mas ela já não estava lá.

– O *upgrade*... Vou ter que pagar...

– Não. Para o senhor, é o mesmo preço que um quarto normal. – Ela fez uma pausa quando ele a olhou confuso. – Tudo já foi resolvido. Por favor, desfrute de sua estadia.

Tem alguma coisa errada aqui, Fennrys pensou. *Um zé-ninguém, literalmente, de 19 anos não é tratado assim num hotel de luxo*.

Ele apanhou devagar suas duas sacolas de compras e acenou com a cabeça para a recepcionista. Não ia arriscar sua sorte. Simplesmente pegou o cartão e andou com naturalidade para a área dos elevadores. Um deles se abriu e Fennrys entrou.

Quando o elevador começou a subir, ele tirou do bolso o que restara do dinheiro e folheou o maço de notas com o polegar. Sentiu uma ponta de culpa e ficou imaginando por que um aluno do ensino médio estaria andando por aí com tanto dinheiro. Por outro lado, vira o suficiente da escola para constatar que era frequentada por ricaços. Isso o fez sentir um pouco melhor; isso e o fato de que o garoto parecia ser um babaca.

Fennrys enfiou o dinheiro de volta no bolso. No início, era uma pequena fortuna, mas, com os preços de Nova York, ia acabar rápido. Com a tarifa normal do hotel, talvez conseguisse ficar umas duas noites. Tempo suficiente para descobrir o que ia fazer com o resto de sua vida. Talvez até tempo de lembrar o que já tinha feito.

Fennrys ficou debaixo do chuveiro quente da suíte por um bom tempo; as mãos apoiadas na parede de azulejos de vidro, deixando a água retirar de seus ossos e músculos o frio que parecia ter sempre estado neles, como se tivesse passado um longo tempo num lugar gélido e este tivesse virado parte de si. Fechou os olhos e virou o rosto para cima, na direção do jato de água; sua mente era um lugar estranho e vazio. Sem memórias. Ou quase. Havia lampejos, imagens...

Luz ofuscante refletida por telhados reluzentes. Campos verdejantes. Nuvens *abaixo* dele… E então a luz e as cores brilhantes se desfizeram, como se alguém golpeasse um arco-íris com um martelo, e ele foi jogado numa escuridão sufocante. Essa imagem em particular trazia como bônus o cheiro. Úmido, terroso. Pesado e enjoativo, o odor de túmulos e de cinzas molhadas pela chuva, em fogueiras há muito apagadas. O cheiro de morte. E, ecoando em sua cabeça, o som da voz de uma mulher lhe dizendo para lembrar-se. *Recorde-se de sua promessa*, a voz disse. Fennrys desligou o chuveiro e alcançou a toalha. Precisava ver a moça da escola de novo.

X

A viagem para a propriedade deles no condado de Westchester foi feita, como sempre, no trem particular de Gunnar. O pai dela não gostava de dirigir e detestava ficar parado em congestionamentos, mas era um entusiasta fanático por viagens ferroviárias. Isso era consequência de pertencer a uma longa linhagem de magnatas dos transportes. Barcos e trens eram a grande paixão de Gunnar, como tinham sido, antes dele, de seu pai. Parecia ser algo de família, se bem que na geração de Mason aparentemente só Rory tinha herdado o gene. O meio de transporte favorito de Roth era sua Harley, e Mason era indiferente.

Ela desconfiava que sua claustrofobia fosse a razão principal de o pai usar o trem para voltar para casa, mesmo que ele nunca chamasse a atenção para esse fato. Na verdade, ela ficava agradecida pelo gesto, mas ainda se sentia incomodada quando o motorista deles os deixava diante da pequena edificação num pátio de manobras, na parte norte de Manhattan, que havia sido convertida numa elegante sala de espera onde os clientes do pai podiam aguardar, com todo conforto, que o trem particular dele viesse buscá-los para viagens de negócios.

Quando era pequena, ela achava divertido viajar por aí num vagão particular decorado com antigos lustres de cristal Waterford, bancos de couro italiano e paredes revestidas com madeira de carvalho. Ela se sentia como uma princesa numa carruagem de luxo. Agora, aquilo só a fazia sentir-se como o proverbial pássaro na gaiola dourada.

No vagão, o silêncio era absoluto, exceto pelos acordes suaves de música clássica. *Turandot*, de Puccini. Roth tinha se despedido dela na escola, informando que iria pegar sua Harley e que a veria em casa. Mason desejou ter a mesma liberdade que ele. O pai estava na parte dianteira do vagão, que havia sido isolada com uma parede e convertida num escritório móvel *hghi-tech*. Assim, Mason ficou a sós com Rory por toda a viagem. E ele estava sendo uma

péssima companhia, mais até que o normal, jogado numa das elegantes poltronas giratórias e olhando pela janela para a paisagem que passava. E ignorando a irmã, como se ela nem estivesse ali.

Mason não o importunou. Mesmo que estivesse morrendo de vontade de falar sobre o que havia acontecido no ginásio, ela não queria falar com Rory sobre aquilo. Ele tinha um jeito esquisito de lidar com os problemas, e ela supôs que era o que estava fazendo agora. Lidando. Assim, ela o deixou em paz. Ela só queria que ele não fosse tão babaca.

Não era isso que ela costumava pensar sobre ele. No passado, ela o adorava, como ainda adorava Roth. Como Roth, antes ele tinha sido gentil com ela. Agora ele só era meio que um idiota. Era popular e atraente, como Calum, mas também era insensível, cheio de si e convencido demais.

E Mason suspeitava que, no fundo, ele a odiava.

Tudo era consequência daquela ridícula brincadeira de esconde-esconde de quando eram crianças... e do fato de Mason ter perdoado Rory pela completa estupidez que a expusera a semelhante perigo. Ela tinha até defendido o irmão contra a fúria do pai; ela se recordava de si mesma, aos 6 anos, pedindo que Gunnar por favor, *por favor* não ficasse bravo. Foram só os pedidos dela que impediram que o pai arrancasse o couro das costas do irmão. Mas ele nunca mais brincou de esconde-esconde com ela. Na verdade, desde então, Rory nunca mais conversou de verdade com ela.

Roth uma vez disse a ela que o motivo pelo qual Rory se tornara tão distante – tão agressivo, de fato – era que ele não conseguia perdoar a si mesmo por ter colocado em risco sua irmã mais nova. Porém, Mason sabia que não era isso. O problema era que Rory nunca a havia perdoado. Ela implorara clemência para ele, e ao fazer isso o poupara de ser açoitado e o envergonhara. Na época, Mason era criança demais para perceber que seu irmão teria preferido ser castigado.

A fraqueza não era muito bem-vista no clã dos Starling.

Uma hora depois, chegaram à propriedade da família Starling, vizinha ao vilarejo minúsculo de Valhalla, Nova York. O vagão particular de Gunnar os havia deixado na pequena estação rural que havia na cidade, onde o motorista já esperava com o Rolls Royce para levá-los pelo resto do caminho através da deslumbrante paisagem campestre de Westchester, percorrendo estradas sinuosas e a seguir um longo caminho particular de acesso que conduzia à imponente mansão gótica situada entre as margens dos lagos Kensico e Rye.

Quando pararam diante da casa, Rory foi o primeiro a sair do carro. Ele escancarou a porta da limusine e entrou na casa pisando duro, mas Mason sabia que ele não ficaria lá por muito tempo. Daí a minutos, ela ouviria o rugido do motor do conversível *vintage* Aston Martin DB5 que Gunnar lhe dera de presente em seu aniversário de 17 anos, e ele sairia pela estrada.

O pai de Mason ficou observando Rory entrar na casa, com uma expressão tensa, inescrutável. Então estendeu a mão e ajudou Mason a sair do carro. Pegou a mochila dela do porta-malas e acompanhou-a pela escada da frente da mansão. Uma vez lá dentro, Gunnar deu um empurrão suave na filha, em direção à escadaria em curva.

– Quero que você vá se deitar.

– Papai, não estamos nem no meio do dia ainda.

– Você passou a noite num porão. Não venha me dizer que conseguiu descansar.

Bom, não... não com os zumbis da tempestade e tudo o mais...

– Vá. Durma um pouco, querida. – Gunnar beijou a filha na testa e dirigiu-lhe um olhar penetrante. – *Só* durma. Sem sonhos. Sem pesadelos. Certo?

Mason gostava daquela ideia. Muito. Seu pai raramente mencionava as noites ruins dela, aquelas em que ela acordava a casa toda com seus gritos, mas ele sabia tudo sobre elas. Depois de subir as escadas e percorrer o longo corredor até seu quarto, bem no fim da ala norte, ela colocou a sacola de lona no chão e fechou a porta, passando o trinco e se sentindo estranhamente reconfortada com o estalo produzido.

Em primeiro lugar, ela foi direto até a janela alta e abriu-a, deixando a brisa entrar e respirando o ar frio do campo. E então, depois de tantas horas usando a jaqueta de esgrima como se fosse uma armadura protetora, Mason a despiu, deixando-a cair no chão, junto à cama. Ela tirou os sapatos, mas não se deu ao trabalho de trocar a camiseta e a *legging* antes de desabar de cara por cima da colcha da cama, e daí a instantes estava num sono profundo. Nem ouviu o barulho do carro de Rory quando ele saiu da garagem e passou a toda por baixo da janela dela.

As mãos de Rory apertavam com força o volante enquanto ele pisava fundo o acelerador e disparava pela estrada cheia de curvas. Ao chegar a uma estrada lateral que mal se via, ele dobrou e diminuiu a velocidade só o suficiente para que o chassi do DB5 não batesse na superfície irregular do caminho de terra. A

estradinha estreita, sombreada pelo túnel verde dos galhos das árvores, terminou numa pequena clareira de cascalho à beira do lago Rye, e Rory pisou no freio bem a tempo de impedir que o carro se projetasse na água. A nuvem de poeira do carro seguiu em frente, por cima da superfície tranquila do lago. Rory observou-a dissipar-se, enquanto lentamente forçava os dedos a soltarem o volante e sua respiração e pulsação voltavam a um ritmo constante.

A viagem de trem tinha sido uma agonia. Ter de ficar ali sentado o tempo todo, enquanto seu pai o ignorava, como sempre, enquanto Mason o encarava e tentava não fazer isso. Ter que fingir que não sabia mais do que ela sobre o que tinha acontecido a eles no ginásio. Ele teve a sensação de que ia explodir e que todos os segredos preciosos guardados ao longo dos anos iam vazar.

Rory olhou pelos espelhos retrovisores, só para ter certeza de estar sozinho, e desligou a ignição do carro. Então abriu o zíper da jaqueta e tirou um livro velho, com uma grossa capa de couro, que ele havia pegado na casa durante sua breve estada e escondido sob as roupas. O couro estava escurecido pela idade e exibia um complexo nó decorativo em relevo, quase liso de tanto uso. As páginas eram amareladas, e a tinta estava desbotada em alguns lugares.

A letra era de Gunnar Starling.

Quando Rory era pequeno, tinha aprendido que as coisas mais interessantes na vida quase sempre eram mantidas ocultas. Trancadas em lugares escuros. E que quanto mais difícil fosse abrir as fechaduras, maior o prêmio guardado lá dentro. Ele foi tomado por um desejo ardente e constante de caçar esses tesouros, e com isso desenvolveu um talento para ouvir por buracos de fechadura e conseguir ter acesso a lugares onde era proibido de entrar.

Fazia mais de um ano desde que tinha lido algo no diário. Quase tinha se convencido de que seria melhor deixá-lo quieto. Esquecer-se de todas as coisas que havia descoberto. Mas agora, depois da tempestade e do ataque dos *draugr*, ele sentia uma expectativa feroz. Talvez tudo com o que tinha sonhado tivesse finalmente uma chance de se tornar realidade. Ele abriu o diário e começou a ler do princípio, uma vez mais.

Gunnar Starling tinha começado a escrever o diário logo depois de ter o primeiro contato, em Copenhagen, com um trio de mulheres que chamavam a si mesmas de Nornes.

Para ser sincero comigo mesmo, devo admitir que não foi um acidente. Suspeito que elas já vinham me caçando, sabe-se lá há quanto tempo...

Rory correu a ponta do dedo ao longo daquela linha na primeira página do diário, embora ele já soubesse quase de cor o trecho.

As Nornes.

Três seres disfarçados de mulheres mortais que, de acordo com a mitologia nórdica, eram responsáveis por decidir o destino dos seres humanos.

O pai de Rory tinha ido a Copenhagen numa viagem de negócios com o pai dele, Magnus Starling; o jovem estava aprendendo os macetes dos negócios de família com transportes de cargas. Uma noite, Gunnar saiu sozinho para percorrer a cidade. Estava atrás de alguma coisa, qualquer coisa, para amenizar a inquietação trazida pelo tédio dos últimos dias. E encontrou.

Quando entrou pela porta da frente de um bar escuro e cavernoso perto do canal, pesadas cortinas de veludo se abriram e um homem surgiu: vestido de modo impecável, de pele morena, olhos escuros faiscantes e uma cabeleira de *dreadlocks* perfeitos que chegavam, uniformes, à altura dos ombros.

Ele sorriu para mim, um sorriso reluzente, astuto, e disse:
– Bem-vindo, senhor Starling. Pode me chamar de Rafe. Serei seu anfitrião nesta noite.

Eu não conseguia me lembrar de ter dito meu nome ao homem. Ele me levou até uma mesa numa alcova particular, arrumada com quatro cadeiras, como se ele achasse que eu poderia estar esperando companhia. Eu não estava, claro. Mas, apesar disso, a companhia me achou.

No início, Gunnar achou que elas fossem garotas “da noite”, pela forma como se vestiam, com o cabelo desgrenhado, maquiagem pesada e roupas pretas justas e reveladoras. Ele quase as dispensou. Mas então o homem voltou, trazendo numa bandeja quatro robustas canecas cheias de algo pungente e escuro – hidromel, talvez? As três mulheres sentaram-se à sua mesa sem convite.

“Por conta da casa”, disse Rafe, indicando as canecas com a cabeça. Então apontou para as mulheres. “Gunnar Starling, estas são Verda, Skully e Weirdo.”

As mulheres se voltaram num só movimento e olharam feio para o homem, e eu senti uma onda de apreensão. Mas ele só sorriu para mim e disse: "Não são os nomes verdadeiros delas, claro, mas elas insistem em se vestir como uma banda punk *dos barzinhos de Berlim".*

A maneira como ele as ridicularizava me pareceu imprudente. Perigosa. Mas então a mulher que ele havia chamado de Verda se virou e olhou meu rosto com olhos pálidos, de um verde meio amarelado. "É este", ela disse.

"Com certeza. Já ouvi isso de vocês antes." Meu anfitrião deu uma risada cruel e então virou-se para nos deixar. "Não demorem muito. E não destruam o lugar."

Ele fechou a cortina, deixando-me a sós com o estranho trio, mas àquela altura já era o suficiente para mim. Tomei meu drinque de um gole só, com toda a intenção de ir embora. Mas então algo... extraordinário aconteceu. E mesmo que meus olhos sejam os únicos a ler estas palavras, quase tenho medo de escrevê-las...

Rory deixou o livro de encadernação de couro cair aberto em seu colo enquanto inclinava a cabeça para trás, apoiando-a no encosto, e imaginava a cena...

As mulheres pegaram pequenas sacolas de couro que pendiam de seus cintos e espalharam pela mesa punhados de diminutas bolotas de carvalho douradas, cada uma com uma marca entalhada, uma runa. Gunnar tentou afastar as mãos da mesa, mas de repente descobriu que não conseguia. Parecia que seus dedos estavam enraizados no tampo. Ele sentiu a cadeira de madeira por baixo dele mover-se e ondular, curvando-se em direção à sua espinha, envolvendo seu torso...

Rory abriu os olhos e de novo olhou para a página.

Parecia que meus pés estavam se espalhando pelo piso e que raízes cresciam deles, penetrando no chão. Olhei para minhas mãos horrorizado. Estavam retorcidas, cobertas por cascas de árvore, e quando me debati, tentando me libertar, meus braços apenas estalaram como os galhos de uma árvore na

tempestade. Abri a boca para gritar, mas só consegui produzir um gemido fino, lamurioso.

"Liberte-se de seu medo, Gunnar Starling", disseram as três mulheres em uníssono, suas vozes ecoando como trovão em minha cabeça. "Você está no coração de Yggdrasil, a árvore do mundo. Você vai conhecer seu destino. Você vai cumpri-lo."

As bolotas no centro da mesa começaram a girar como piões, emitindo raios de luz dourada, e eu não conseguia desviar o olhar. O mundo escureceu à minha volta e vi minha vida... ramificando-se em vários caminhos diferentes, como os ramos de uma árvore, cada decisão levando-me numa direção distinta.

Um desses caminhos levava a meu desejo mais sagrado, que eu trazia guardado no fundo de minha alma...

O maior desejo de Gunnar Starling, Rory sabia, nunca foi o de um garoto normal. A maioria dos jovens normais não almejava conseguir a destruição do mundo. Eles não achavam que a humanidade estava além da redenção, já havia séculos, e não procuravam um fim para ela, de modo que o mundo pudesse começar do zero de novo. Mas era exatamente essa a única e singular ambição que Gunnar acalentava em segredo desde que era uma criança e seu próprio pai lhe dissera quem e o quê de fato ele era. A história secreta da família Starling era um legado passado de geração a geração. Muito antes de aprenderem a escrever as histórias de seus deuses, seus antepassados os serviam. Os Aesir. Thor e Odin e Loki; a adorável Freya; a temível Hel, senhora do Mundo dos Mortos; e Heimdall, o Guardião da Ponte... Os deuses e deusas dos vikings eram as estrelas-guias no céu acima das cabeças do clã Starling. As profecias daqueles deuses exigiam um final catastrófico, e era o dever de seus devotos fazer isso acontecer.

Até que meu próprio pai traiu a confiança sagrada, pensou Rory, com amargura, sua mão fechando-se em punho, sobre a página do diário. Mas isso aconteceu muito tempo depois.

Naquela noite em Copenhagen, Gunnar viu-se no início do caminho. Ele seguiu aquele caminho que se abria em sua mente e foi recompensado com um

vislumbre do horror glorioso que ele faria abater-se sobre o mundo. Mas, de repente, tudo ficou indistinto. Um nevoeiro espesso se formou em sua mente, e as imagens foram engolidas pela incerteza. Mas fora o bastante. Ele sabia o que devia fazer.

Quando voltei a mim, estava sozinho. Recolhi todas as bolotas espalhadas pela mesa, coloquei-as no bolso e saí do bar. O ar noturno estava fresco e suave, e tudo à minha volta estava mais vívido e nítido do que antes. No porto, parei para olhar por sobre as águas escuras. Era tarde o suficiente para haver apenas um punhado de pessoas por ali, e ninguém prestou a mínima atenção em mim. Ninguém... exceto a famosa estátua de bronze da Sereiazinha, sentada sobre sua rocha, no meio da baía. Quando olhei para ela, juro que vi seus lábios se curvarem num sorriso malicioso, convidativo, enquanto ela agitava a ponta da nadadeira caudal.

Acenei polidamente com a cabeça e continuei minha caminhada. Meus olhos foram abertos, e agora eu posso ver... Mas percebo também que tais visões trazem seus próprios perigos. Devo ter cuidado. Devo ser corajoso...

Rory foi arrancado de sua imersão na história de seu pai pelo som cortante e insistente de seu celular. Ele olhou o número e decidiu não atender. Suas "transações comerciais" podiam esperar. Ele voltou o olhar para as últimas linhas daquele registro.

Esta manhã, meu pai me perguntou por que eu parecia estar tão feliz.

"Encontrei meu futuro", respondi. "Conheci a mulher com quem vou me casar, e ela é maravilhosa. Seu nome é Yelena Rose. Ela mora em Nova York. E é tão linda quanto eu sabia que seria."

"Com ela ao meu lado, farei o que deve ser feito."

"É meu destino. Meu... e de Yelena."

– E meu também, Top Gunn – murmurou Rory enquanto fechava o diário que tinha no colo e seu olhar se perdia por sobre o lago. – Só que eu não vou desistir

de meu destino como você fez, velho...

Se fosse dar crédito a tudo o que seu pai havia escrito, então seus antepassados haviam dedicado suas vidas a serviço dos Aesir, os deuses das lendas nórdicas, e esperavam seu retorno ao mundo mortal.

Rory também havia descoberto que havia outros panteões de deuses, com clãs devotados de seguidores mortais. Ele sabia que a magia existia. Ele sabia até como usá-la, depois de descobrir as bolotas douradas escondidas no escritório de Gunnar.

Talvez a coisa mais surpreendente de tudo o que ele tinha descoberto era que a Academia Gosforth não era *só* uma escola. Era um refúgio. Campo neutro. Um lugar onde as famílias influentes – clãs rivais servindo deuses rivais – podiam manter seus filhos em segurança sob o mesmo teto. Era tanto uma situação à prova de riscos quanto uma apólice de seguros.

De acordo com o que Rory descobrira posteriormente sobre a história da Academia Gosforth, tudo funcionava muito bem desde a fundação da escola. Nenhuma das famílias jamais havia criado problemas. Os ritos eram mantidos, os rituais, preservados, mas até agora nenhum dos antigos deuses havia retornado, nem como um incômodo nem como uma ameaça declarada à humanidade.

Gunnar Starling, no entanto, tinha traçado outros planos.

Rory consultou nervoso o relógio no painel de controle do carro. Ele teria que devolver logo o diário para a caixa com arestas de bronze, que ficava sobre a escrivaninha do escritório de Gunnar. Ele não gostava de mantê-lo consigo por mais de uma ou duas horas de cada vez. Rory já estava preocupado com a possibilidade de que seu pai um dia desse pela falta de algumas das bolotas douradas da caixa.

Mas, antes de devolver o diário, ele abriu de novo o volume e folheou-o até a página que ele passara mais tempo olhando.

As palavras da profecia estavam rabiscadas pela página, como se Gunnar, ao escrevê-las, ainda estivesse preso nos ecos da visão.

Uma árvore. As asas de uma ave do arco-íris entre os ramos.
Três sementes da macieira, crescidas, tão altas quanto a lança de Odin,
empunhadas pela mão da Valquíria.
Despertarão, os filhos de Odin, quando o Devorador retornar.
O martelo cairá sobre a terra que deverá renascer.

Mesmo que Gunnar não explicasse o significado no diário, Rory o teria decifrado. O sobrenome de solteira de sua mãe era Rose. As macieiras pertencem à família da rosa, e a maçã tinha inúmeros significados em mitos e lendas. Os estorninhos[1] são aves conhecidas pelo brilho iridescente de suas penas, lembrando um arco-íris. E a mitologia nórdica era baseada num cenário de fim de mundo – Ragnarök, quando o monstruoso lobo gigante chamado Fenris devoraria Odin, pai dos deuses, e uma grande guerra, travada pelas almas dos mortos, destruiria o reino dos mortais.

A profecia, como Gunnar a compreendia, dizia que ele e Yelena teriam três filhos homens que se tornariam os "filhos de Odin", líderes das hostes guerreiras de Asgard, um exército de heróis caídos. O Devorador, Fenris, o Lobo, apareceria. Então Thor, o deus do trovão, renasceria no mundo mortal.

Quando Gunnar conheceu Yelena, foi o começo do fim de tudo.

Exceto pelo fato de a terceira criança nascida ser uma menina.

E Yelena morreu ao dar-lhe à luz.

[1] Em inglês, *starling* significa "estorninho". [N.T.]

XI

Mason havia prometido ao pai que não teria pesadelos, mas chegou à conclusão de que não era uma promessa realista. Mason tinha pesadelos desde os 6 anos; a maioria deles, variações sobre o mesmo tema.

Desta vez, ao abrir a porta do galpão no sonho, deparou-se com uma nova variante do velho tema do esconde-esconde. Quando entrou no galpão de jardinagem, antigo e esquecido, ela se viu, de forma inesperada, numa cela escura de paredes grosseiras. Parecia uma masmorra medieval, escavada na terra. Algemas pendiam de correntes enferrujadas. Mason nunca havia estado naquele lugar, em sonho ou no mundo real, mas ele lhe dava uma sensação de estranha familiaridade. Num canto, viu um banco, que tinha sido pintado com um azul-claro vivo, com rosas vermelhas. Mas o desenho estava desbotado, a pintura estava fosca e descascando. *Aquilo* era algo que ela conhecia. Era o banco que estava no galpão onde ela se escondera de Rory quando brincavam. Onde tinha ficado presa. Depois do segundo dia inteiro trancada na escuridão, a garotinha de 6 anos havia deitado no banco e chorado até adormecer. A partir daí, não conseguia se lembrar de mais nada do que havia acontecido até depois de ser encontrada.

Agora, porém, ela sabia que não estava num galpão. Recuou, e seus ombros se chocaram contra barras de ferro. Ao virar-se, viu Fennrys, o Lobo, do outro lado.

Ele segurava algo que parecia um cajado ou uma lança. E sorria. Porém o sorriso dele era... estranho. E, ao abrir a boca para falar, todo o seu rosto se distorceu, os maxilares abriram mais e mais até que tudo o que Mason via era a escuridão de uma caverna a sua frente. E tudo o que podia ouvir era o som da voz de Fennrys, o Lobo.

Dizendo-lhe para correr.

Os olhos de Mason se abriram e ela ficou deitada de costas, olhando para o teto. A luz da lua entrava pela janela aberta e lançava filetes prateados que ondulavam pelas paredes e no teto, reflexos da piscina lá embaixo. Ela deve ter dormido por horas. Mas sabia que não haveria um modo de acalmar sua mente para retornar àquele estado.

Fennrys...

Fennrys, o Lobo...

Que tipo de nome era aquele? Bem, ela sabia *exatamente* que tipo de nome era. Só queria saber o *porquê*. Virou a cabeça no travesseiro e olhou para a bolsa que estava sobre sua escrivaninha no canto do quarto, com o *laptop* dentro. Pensou em consultar a Wikipedia, mas, depois de um instante, levantou-se e em vez disso percorreu o longo corredor até o escritório de seu pai. Enquanto caminhava, descalça e silenciosa como um gato, Mason ia se espreguiçando, com o corpo todo duro por ter caído no sono tão de repente. No sonho, não tinha sido capaz de correr quando Fennrys mandou, e acordou na exata posição em que havia adormecido.

Foi por ter pensado nele que ela se dirigiu para a estante repleta de livros que ocupava uma longa parede do escritório, do chão ao teto. Mason tinha passado muito tempo ali quando era criança, subindo como um macaquinho pela escada de rodinhas, passando os dedos sobre letras em relevo nas lombadas com encadernação de couro. Numa das prateleiras do alto, Gunnar tinha uma grande coleção de literatura, histórias e mitos e folclore escandinavos, e eram esses volumes que Mason buscava. Teve o cuidado de não fazer nenhum ruído. Não queria que ninguém soubesse o motivo de ela ter desenvolvido um súbito e intenso interesse pelos mitos vikings.

Mason havia estudado algumas das histórias dos deuses nórdicos, mas sempre teve a impressão de que eram apenas versões mais sombrias, frias e estranhas daquelas contidas nos mitos greco-romanos. Deuses invejosos, tecendo intrigas e urdindo tramas uns contra os outros – com apenas o detalhe adicional da corrida inevitável rumo à aniquilação do mundo, prevista em profecia. Mason nunca desenvolvera o fascínio intenso de seu pai pelos mitos. Ainda assim, conhecia o suficiente das velhas histórias de seus ancestrais para saber que um lobo ocupava um lugar de destaque nessas histórias.

Ela pegou um grande livro ilustrado de capa dura que havia lido muitas vezes durante a infância, do qual se lembrava com carinho. Estava repleto de ilustrações fantasiosas, em cores brilhantes, de moças de cabelos compridos e

guerreiros com barbas e cabelos espetados. Uma concepção alegre de uma cosmologia fatalista que deveria terminar, ou talvez já tivesse terminado (Mason nunca entendeu bem a questão do Ragnarök), com a destruição do mundo.

Que animador, pensou.

– F-e-n... – murmurou, passando o dedo pelo índice e se lembrando de que a história de Fenris, o Lobo, ou Fenrir, como era muitas vezes chamado, estava no tópico "A monstruosa prole de Loki".

– Monstruosa... – Mason murmurou, virando-se para se sentar no degrau da escada com o livro no colo. – Está aí um adjetivo tranquilizador...

O simples folhear do livro trouxe de volta a lembrança adormecida das histórias. Ela se lembrou de que o lobo era a cria de um *jotun*, um gigante às vezes travesso, frequentemente maléfico, chamado Loki. Ela sabia que, no Ragnarök, a grande batalha apocalíptica no fim dos dias, Fenris, o Lobo, estava predestinado a devorar Odin, o pai caolho dos Aesir, que era como os nórdicos chamavam os caras do bem em seu complicado panteão de deuses.

Mason evitou virar a página em que ela sabia que estava desenhado Odin, de capacete e tapa-olho, montado em seu garanhão de oito pernas e brandindo sua poderosa lança mágica, galopando a toda velocidade direto para a goela do lobo e para sua própria destruição; ela sabia que, quando ele fosse devorado, todo tipo de coisas ruins iria acontecer.

O que ela *não* sabia era por que um cara que tinha exatamente o nome desse monstro havia entrado em sua vida daquele modo tão bizarro e assustador. Ou por que ela não conseguia parar de pensar nele de modo que não eram necessariamente bizarros ou assustadores, mas ainda assim perturbadores o bastante para mantê-la acordada no meio da noite.

Calum Aristarchos estava tendo dificuldades parecidas para dormir, arrancado de sonhos inquietos pelo som de vozes que flutuavam pela janela aberta. No início, pensou que estava sonhando, ou que sua mãe estivesse ouvindo ópera em algum lugar da casa. As vozes eram altas e doces, cantando harmonias complexas que o chamavam.

Cal sentou-se na cama, com a mente enevoada por causa dos remédios, os músculos doendo por conta da violência que havia sofrido, e colocou os pés no chão; suas pernas ainda estavam duras. Com movimentos desajeitados, uma calça de abrigo, descalço e sem camisa, caminhou silencioso pelo carpete espesso de seu quarto, indo até as portas francesas que se abriam para seu terraço

particular. Este dava para o gramado que descia até as águas do estreito de Long Island. Ele saiu para a noite de veludo negro, banhada pela luz líquida e prateada da lua, e perguntou-se se ainda estava dormindo. Tudo reluzia com uma espécie de brilho surreal. Cal não tinha ido para casa desde o início do semestre e havia se acostumado a não conseguir ver as estrelas em Manhattan. Por outro lado, não se lembrava de ter conseguido ver tantas estrelas em casa, mas lá estavam elas, como punhados de diamantes espalhados pelo céu noturno.

Do lado de fora, a música estava... não mais alta, porém mais sedutora. Irresistível. Cal sentiu um choque elétrico penetrante quando os ferimentos em seu rosto e seu peito formigaram intensamente, e então ele estava se movendo, percorrendo o caminho de paisagismo impecável, repleto de esculturas gregas clássicas em mármore. Ele desceu em direção ao deque onde costumava amarrar seu *jet-ski* quando passava as férias de verão em casa. Cal praticamente aprendera a nadar antes de aprender a andar. A água sempre fora um segundo lar para ele, e sua mãe e sua irmã sempre diziam que ele era meio peixe. Uma das entidades marinhas. Era uma brincadeira.

Ou talvez... não fosse.

Chegando ao final do caminho, ele se escondeu em meio a um pequeno bosque de cedros, mal arriscando respirar. Por um momento, pensou estar diante de algum tipo de trote de alunas calouras. Havia várias jovens muito, mas *muito* bonitas, sentadas na praia e nadando, brincando e espirrando água, no meio do estreito. Todas riam e cantavam, e apenas algumas delas usavam algo que sequer se assemelhava a roupas – túnicas finas e vestidos de gaze que se colavam a seus esguios corpos molhados. Pareciam nem perceber que Cal as espionava. Ou talvez nem ligassem.

Ele as observava, hipnotizado pelo espetáculo, quando de repente, em meio à superfície negra, a água começou a espumar e borbulhar, como se algo se agitasse nas profundezas. Cal cerrou os olhos, tentando entrever o que causava a turbulência. De súbito, um gêiser efervescente de água branca jorrou alto no ar e um corpulento cavalo prateado, com os membros traseiros fundidos numa única cauda muscular, com uma nadadeira como a de um peixe, saltou para fora da água. Uma moça de beleza sobrenatural estava montada em suas costas, agarrada à densa juba verde-marinha da criatura e rindo alegremente.

Ela foi seguida por dúzias de outras, todas montadas sobre monstros. Touros, cavalos e leopardos brancos como a neve saltavam, rompendo a superfície da água como golfinhos, de modo que Cal podia vê-los com nitidez. Todos tinham a

parte traseira revestida de escamas e nadadeiras longas e iridescentes onde deveriam estar pernas e cascos.

– Estou sonhando, com certeza – Cal se ouviu dizer.

Então uma das ninfas subiu ao deque e se virou para a direção em que ele estava escondido. Estendeu para ele a mão delicada, com membranas entre os dedos. Tinha olhos negros, brilhantes, que o atraíam como ímãs. Sua pele era de um branco prateado, brilhando fosforescente através de sua túnica transparente. Ela abriu a boca voluptuosa, vermelha como um morango, e de seus lábios saiu um riso que soava como o tilintar de um sino. Tinha dentes afiados e estreitos, numerosos demais.

Ela cantou o nome dele.

Cal fechou os olhos e engoliu o medo que subiu por sua garganta. Pôs a mão no rosto, sobre as marcas de garras, e lembrou-se de outros monstros. De outras coisas que não deveriam existir neste mundo.

Então se virou e correu pelo caminho de volta para a casa, cobrindo os ouvidos para abafar o chamado das sereias.

XII

No final da tarde de terça-feira, Mason estava repensando seriamente sua decisão de retornar à escola tão depressa. Na segunda, um teste-surpresa na aula de latim pegou-a desprevenida, e uma tarefa que ela achava que era para a semana seguinte obviamente devia ser entregue naquele mesmo dia. Ela estava começando a achar que Rory talvez tivera a ideia certa ao dizer que não se sentia bem e ficar em casa.

Mason percebera no ato que o irmão estava mentindo e havia se sentido toda virtuosa por voltar à escola. Além disso, ela estava ansiosa para conseguir dormir de verdade. Por algum motivo, era mais fácil ter um sono tranquilo em Gosforth. Havia algum tipo de bolha protetora recobrindo as dependências da academia e mantendo a distância os pesadelos.

Agora, porém, Mason sentia inveja do irmão. Na terça, ela descobriu, quase tarde demais, que participaria de um minitorneio de esgrima entre escolas, do qual tinha se esquecido por completo. Embora tenha conseguido chegar ao ginásio a tempo, as coisas não foram lá uma maravilha. “Catástrofe” seria uma descrição mais adequada.

A espada na mão de Mason dançava de um lado a outro como o rabo de um gato furioso. Ela acabava de perder o ponto da vitória no segundo combate seguido, para adversários inferiores, e estava furiosa consigo mesma. Heather estava no banco, observando-a, depois de ter concluído seus combates. Só havia perdido um deles e sacudiu a cabeça quando Mason passou.

– Bom, aquilo foi bem ruim – Toby murmurou seco quando ela o empurrou com o ombro, no caminho do vestiário.

Ela se virou para ele e teve que literalmente contar até dez, porque corria o sério risco de arrancar a cabeça de seu treinador a dentadas.

– Eu sei – ela rosnou entre os dentes cerrados.

Ela bufou frustrada. Tentou dizer a si mesma que tinha sido apenas o fato de ter passado o final de semana em casa e ter perdido dois dias de treino que a afetara. Mas não era nada daquilo. Era porque... No instante em que ergueu sua espada e encarou seu oponente, ela não viu apenas outro esgrimista com trajes brancos e máscara. Ela viu monstros.

– Eu sei... – ela repetiu, com mais calma. – Desculpe-me, Toby. Acho que só de segurar uma espada de novo... Eu não conseguia parar de pensar...

– Não! – a voz de Toby soou como um açoite. – Nós *não* pensamos nisso, Starling!

Toby encarou-a com um olhar inflamado, e Mason piscou os olhos surpresa. O mestre de esgrima era um dos seres humanos mais ponderados que ela conhecia, e não era mesmo a cara dele ficar tão irritado.

– *Não* aconteceu nada. – Ele tomou um grande gole da caneca de café que tinha na mão, o olhar furioso ainda fixo nela. – Lembra? Naquela noite, não houve nada além da tempestade. E com certeza aquilo não vai virar uma maldita desculpa para você não se sair bem nas disputas, Mason. Agora, ponha essa cabeça no lugar e volte ao páreo.

– Desculpe-me... – ela disse; sua voz era um mero sussurro quando sua garganta travou, e ela se sentiu à beira das lágrimas.

Ele respirou fundo e pareceu se acalmar um pouco.

– As eliminatórias nacionais vão ser na semana que vem... na *semana que vem*... e você não está competindo num nível nacional. Ao contrário do que eu disse no outro dia, Mason, não vou ter problema algum em colocar Palmerston na equipe em seu lugar. Não importa se já tenho um atleta a menos com Cal fora de ação. Se continuar bancando a tonta durante os combates, vou colocar você no banco... de uma vez por todas.

Mason engoliu o nó úmido e dolorido que travava sua garganta e fez um sim enfático com a cabeça. Toby não fazia ameaças vazias. Ele falava sério, e ela sabia que ele estava certo. Ela tinha sido péssima. Tinha feito o possível para esquecer tudo, mas tudo o que tinha conseguido ver quando estava na pista com a espada na mão foram as aparições desconjuntadas, de pele cinzenta, da noite da tempestade.

Ela sabia que era só sua mente pregando uma peça. Claro, ela tinha todo o direito de estar aterrorizada com os eventos recentes. Suas reações eram normais, qualquer um lhe diria isso... se ela ao menos tivesse permissão para falar sobre aquilo. Mas claro que essa não era uma opção. Ela sacudiu a cabeça.

Podia se enfiar até o pescoço na negação, como eles faziam. Ela podia tocar sua vida adiante.

– Desculpe-me, Toby – disse, endireitando-se e olhando direto nos olhos dele. – Você está certo. Vou dar o melhor de mim. Prometo.

– Sei que vai, Mase – respondeu Toby. A boca dele curvou-se num sorriso, mas era um sorriso cansado, pensou Mason. – Agora caia fora daqui. Treine. Muito.

Mason guardou seu equipamento na sacola de lona, trocou a jaqueta de esgrima por um abrigo de *fleece* com capuz e saiu do ginásio da Universidade de Colúmbia deixando que o ar frio resfriasse o suor em sua pele. Ela tomaria uma ducha ao voltar para o dormitório. Não queria ficar no meio de um monte de gente brandindo suas armas. Apesar do que dissera a Toby, só atravessar o ginásio, passando pelos outros esgrimistas competindo, fazia a mente dela voltar àquela noite.

Droga, como eu queria poder falar com alguém...

No entanto, havia apenas uma pessoa que não tinha jurado manter aquela noite em silêncio, e ela não sabia se algum dia voltaria a vê-lo de novo. Desconfiava que não, embora isso apertasse um pouco seu coração cada vez que pensava no assunto. Quem quer que Fennrys, o Lobo fosse, o que quer que fosse, Mason sentia quase como se de alguma forma fosse ficar incompleta pelo resto da vida se nunca mais o visse novamente.

Enquanto caminhava de volta para Gosforth, ela notou que nos pátios dos cafés ainda havia muitos universitários às mesas ao ar livre, embora o tempo estivesse anormalmente frio para aquela época do ano. O céu era de um azul índigo profundo por trás de nuvens violeta e cinzentas, e o vento erguia redemoinhos da poeira da rua, que feriam as faces de Mason e faziam-na apertar os olhos. Ela baixou a cabeça e olhou para a calçada enquanto caminhava. Outra rajada forte de vento forçou-a a fechar os olhos... e ela se chocou de frente com uma muralha sólida de músculos vestida com uma jaqueta de futebol americano.

Mason recuou e quase caiu de traseiro no chão, mas ele a segurou e a manteve em pé.

– Ei – ele disse, olhando para ela de cima, de uma altura quase olímpica. – Você é uma Starling, não é?

– Hã... sim... – respondeu Mason, piscando e olhando direto no rosto de queixo quadrado de Taggert Overlea. Ficou surpresa por ele saber quem ela era.

Os alunos da universidade mal prestavam atenção no pessoal de Gosforth, exceto talvez em Heather Palmerston e mais uma ou duas garotas.

– É. Eu achei que fosse.

Ele sorriu para ela, e Mason sentiu um aperto desconfortável na boca do estômago. Havia algo perturbador naquele jogador grandalhão de futebol americano, como se os olhos dele fossem só um pouquinho brilhantes demais, ou o sorriso largo demais, ou algo assim. Talvez fosse todo aquele lance de posar para as câmeras depois de ganhar jogos importantes. Tag e mais alguns jovens jogadores recentemente tinham se tornado heróis da Universidade Colúmbia quando, com seu estilo de jogo violento, quase alucinado, tiraram o time deles do fundo do poço. Pelo menos era o que Mason tinha ouvido dizerem no ginásio. Este cara era uma das raras estrelas em ascensão do futebol americano. *Iupi!*

– Ei, quando você encontrar seu irmão, pode dizer para ele me ligar? A gente ficou de dar um rolê no último final de semana, antes do jogo, mas ele não apareceu, e eu preciso falar com ele.

– Roth?

Mason se surpreendeu. Ela não conseguia imaginar uma pessoa menos provável de "dar um rolê" com Taggert do que Roth Starling. Sua jaqueta de atleta renomado ia se estranhar com a roupa de couro de Roth. E ela não conseguia mesmo imaginar os brutamontes colegas de Tag mantendo uma conversa amigável com a legião de motoqueiros do Roth.

– Não, o esquisitão não. – Tag sacudiu a cabeça. – É o outro, Rory.

– Ah! – E de algum modo isso era ainda *mais* improvável.

– É.

– Hã, tá legal – ela disse, recuando um passo quando Tag chegou mais perto. – Hã, neste momento ele está em casa, meio doente... Quer dizer, ele está fingindo, mas sei lá. Ele deve ter esquecido. Se eu falar com ele, vou dizer para entrar em contato com você.

– Legal. É *muito* importante. Mais uma coisa, fala para ele que tem uma festa na semana que vem e eu posso dar um jeito para ele entrar. Tipo mexer os pauzinhos, esses lances, porque eu conheço as pessoas, mas ele tem que me ligar primeiro. Preciso falar com ele.

– Tudo bem.

– Você pode vir também, se estiver a fim. – O olhar de Tag deslizou do rosto para os seios dela. – Vai rolar bebida, e meio que tô achando que você não tem uma identidade falsificada.

Mason resistiu à vontade de cruzar os braços diante de si.

– Você meio que achou certo.

– É, mas ninguém vai se meter com você se estiver comigo. – Ele deu um sorriso de lobo.

– Ah, hã, tá. Legal. – Ela se calou, sem jeito. – Bom, preciso ir – disse de repente, virando nos calcanhares e saindo num passo acelerado que era quase uma corrida. Pela maior parte do quarteirão, ela sentiu que ele a olhava.

Ela estremeceu. O que Rory andava fazendo para manter contato com um sujeito daqueles, ela se perguntou. Sem dúvida, Rory tinha sua boa cota de traços questionáveis de personalidade. Mas ele também era superesperto, acima da média, e um ímã de garotas, com seus olhos escuros e cabelos pretos e lisos, quase tão sedosos quanto os de Mason. Ele era atlético. Podia ter entrado em qualquer uma das equipes esportivas da escola. Alguns anos antes, ele até pareceu interessado em garantir sua vaga na equipe de remo. Mas então algo aconteceu, e ele parou totalmente de frequentar os treinos. Ela achava que talvez tivessem dito a ele algo do tipo “você não pode ser o capitão da equipe só com umas semanas de treino”.

Rory parecia achar que o mundo era um lugar especial criado só para ele, e todo mundo que pensasse diferente não passava de um transtorno.

E, estranhamente, Gunnar Starling era uma das pessoas que de forma alguma partilhava de tal opinião. Às vezes, Mason achava que seu pai odiava Rory profundamente. Mas, em outras ocasiões, ela pegava Gunn olhando o filho do meio com uma expressão tão nostálgica e desolada que fazia o coração dela doer. Ela não entendia o porquê. De certa forma, quase esperava que ele lançasse aquele tipo de olhar para *ela*. Afinal de contas... tinha sido *ela* quem pusera um fim à vida de Yelena Starling, a amada esposa de Gunnar, por meio do mero ato de nascer.

Ao voltar para Gosforth, Mason sentiu seu coração dar um salto dentro do peito ao ver a cabeça castanho-dourada de Calum, tão familiar, destacando-se acima das cabeças de um grupo de alunos que atravessava o pátio. Ela apressou o passo para alcançá-lo, tentando não parecer que estava correndo.

Ela olhou de passagem para o ginásio, que de novo estava oculto atrás de tapumes e andaimes, tão pouco tempo depois de ter sido reformado. O venerável carvalho tinha sido serrado e transformado em toras que, a pedido de Gunnar Starling, haviam sido despachadas de caminhão para a mansão Starling, para

serem usadas como lenha de lareira. Uma vingança adequada, brincou o pai de Mason quando ela lhe perguntou o porquê, e ela achou que devia ser mesmo, já que a árvore tinha destruído a bela e caríssima janela de Gunnar.

À frente dela, Cal desapareceu através de uma arcada. Mason o alcançou no corredor, diante do armário dele.

– Oi, Calum – ela disse, andando mais depressa para acompanhá-lo.

– Oi – ele respondeu, olhando para trás, mas sem parar para esperá-la, nem sequer diminuindo a velocidade.

– Como você está? – Ele devia estar atrasado para alguma aula noturna, ou algo assim, porque suas passadas pareciam ficar mais rápidas à medida que ele caminhava. – Sentimos sua falta no minitorneio de hoje. Claro, fiquei feliz por você não estar lá para me ver, foi bem vergonhoso, mas, sabe, a equipe sentiu sua falta. Você vai vir amanhã para o trei...

Ele parou tão de repente que Mason bateu com a testa no ombro dele. Ela deu um passo desajeitado para trás e ergueu os olhos para olhá-lo quando ele se virou. O lado esquerdo do rosto dele estava coberto com um curativo de gaze branca, da linha do cabelo à mandíbula. Era como se as cicatrizes que estavam se formando por baixo estivessem puxando o lado direito da boca dele, dando-lhe uma leve expressão de escárnio. O braço esquerdo estava numa tipoia em consequência dos danos aos músculos peitorais.

– O que você acha, Mason? – a mão dele, pendendo inerte contra o peito, contraiu-se de leve. – Parece que eu vou voltar logo a lutar?

Mason engoliu em seco, convulsivamente, ao ver os ferimentos. Eles tinham sido *mesmo* tão graves como ela pensara. Não. Tinham sido piores, muito piores... antes que Fennrys, o Lobo tivesse feito o que fez. Mason notou que Calum ainda usava o medalhão de ferro que Fenn lhe dera. Agora ele o usava no pescoço, ela podia ver os contornos dele por baixo da gola da camiseta.

– Certo. – Mason baixou a cabeça e cravou o olhar em seus pés, evitando a expressão nos olhos de Cal. – Bem, não. Quer dizer, eu sabia que você não ia voltar a lutar agora. Mas você tinha dito que iria... hã. Quer dizer, eu pensei que... deixa para lá.

Ela estava sendo egoísta. Claro que ele não iria querer ir ao treino só para ajudá-la a se preparar para a competição. Mesmo tendo prometido. As coisas tinham mudado. Tudo havia mudado. Ela ergueu os olhos e viu que ele a olhava com frieza. Toda a calidez que estivera ali nos olhos dele antes da noite da tempestade tinha desaparecido, e Mason sentiu um aperto no coração.

– Tenho que estudar para uma prova – ele disse. – Preciso ir.

– Certo. Claro. É bom ver você...

Ele se virou e foi embora pelo corredor.

– ... de volta.

Ele a deixou parada no meio do corredor, agarrada à alça de sua sacola de lona, os nós dos dedos brancos com o esforço de não começar a tremer de raiva e vergonha. Ela não tinha feito nada a Calum! Sentiu o calor subir por sua garganta até seu rosto. Havia uma rodinha de alunos junto aos armários que olhavam abertamente para ela, divertindo-se. Carrie Morgan estava rindo alto.

– Ei, Heather! – gritou Carrie, de repente.

Mason virou-se e viu a outra garota vindo por trás dela. Não a havia notado no corredor antes, mas gemeu mentalmente, imaginando que Heather iria juntar-se aos outros de muito bom grado para divertir-se à custa dela.

– Você viu aquilo? – perguntou Carrie. – A Starling acabou de tentar dar em cima do seu ex, e Callie Boy cortou na hora. Deu uma tremenda *gelada* nela. – E então ela deu um sorriso malvado.

– Sério, Carrie? – respondeu Heather, inclinando a cabeça com seu longo pescoço e lançando à outra garota um olhar de avaliação. – Mais gelado que o seu traseiro? Ou você guarda todo o calor do seu corpo para aquele *nerd* monitor de aula de matemática, que cheira a bode molhado?

Um silêncio vazio, chocado, abateu-se sobre o corredor. O rosto de Carrie assumiu um tom roxo meio manchado, de fúria reprimida, e Mason achou que um olho dela iria saltar para fora. A multidão de alunos ao redor dela recuou alguns metros, e daí a segundos todos tinham encontrado alguma outra coisa para fazer ou algum outro lugar aonde ir.

Mason sentiu seus dedos afrouxarem-se ao redor da alça da sacola, e ela se virou e seguiu pelo corredor, sem se incomodar em acrescentar nada ao nocaute certeiro. Nada que dissesse poderia ser mais eficiente. Tudo o que tinha a fazer era não demonstrar qualquer surpresa com a atitude de Heather. Ou com o fato de Heather ter saído caminhando ao seu lado. Quando estavam longe o suficiente, ela viu de relance que Heather tinha um sorrisinho no rosto.

Mason ponderou com cuidado se devia agradecer, sob o risco de que Heather se virasse contra ela, pois era imprevisível. Porém sentia que deveria dizer algo.

– Obrigada – murmurou, de modo casual. – E mais, foi ótimo.

Heather encolheu um ombro bem torneado.

– Carrie Morgan é uma vadia, e já faz meses que está pedindo por isso. Aliás,

ela esqueceu de dizer que Calum deu um chega para lá *nela* quando ela deu em cima dele logo depois que terminamos. Eu devia agradecer a você por me dar a chance.

Mason sentiu um sorriso se abrir em seu próprio rosto. Três dias desde a noite da tempestade, e tudo tinha mudado. Tudo.

Maldição, praguejou Calum contra si mesmo, em silêncio, enquanto seguia pelo corredor em direção à biblioteca. *Por que você foi fazer isso, seu estúpido?*

A mágoa nos lindos olhos azuis de Mason assombrava-o quando ele se sentou no fundo da biblioteca, por trás das estantes, onde poderia ficar sozinho.

Por que tinha sido tão babaca com Mason? – perguntou-se Cal, furioso. Ele gostava dela. *Você mais do que "gosta" de Mason Starling.*

Até o começo das aulas daquele ano, Cal na verdade nem tinha percebido isso. Ao longo de todo o ano anterior, Calum Aristarchos e Heather Palmerston tinham reinado como rei e rainha extraoficiais da escola. O casal poderoso de Gosforth. Então, no começo do semestre, Heather, assim do nada, derrubou uma bomba em Cal. Ela terminou com ele. O motivo? Cal estava apaixonado por Mason Starling.

Aquilo era novidade para ele... Até que parou para pensar.

Até aquele instante, Cal tinha a impressão de que nunca tinha dado a menor atenção àquela garota de cabelos negros, olhos de safira e beleza enternecedora que fazia parte da equipe de esgrima. Então, de repente, ela era *a única* coisa em sua mente. Ele tinha estado a ponto de convidá-la para um encontro de verdade, só os dois, quando...

Cal colocou a mão sobre o curativo no rosto.

Bom, isso não vai mais acontecer. Vai?

Ele tinha visto a maneira como ela havia olhado para ele. Além do mais... ele tinha visto a maneira como ela havia olhado para *ele*. Aquele sujeito. O desconhecido, loiro, arrogante e pelado – que *diabo* – que surgiu no meio daquela tempestade insana e, como algum herói mítico, salvou a pele de todos eles. Enquanto Cal ficava lá parado e deixava que acabassem com seu rosto.

E agora... tudo estava diferente.

Não só Mason, mas todo o mundo ao seu redor tinha mudado. Depois daquela primeira noite na mansão da mãe, em Long Island, em que ela se desdobrou em cuidados com ele, com aquele seu ar maternal distante, de uma elegante falta de jeito, Cal não queria sequer voltar para Gosforth. Nunca mais. Tudo o que

desejava era esperar pelo anoitecer e pelas vozes que cantavam do lado de fora de sua janela. Elas o faziam esquecer de seu fracasso no ginásio e dos ferimentos que marcavam sua pele. Também o faziam esquecer de Mason. Quase. Os médicos – houve mais de um – tinham dito que em algum momento ele precisaria de uma cirurgia plástica. Alguns deles ficaram intrigados com a rapidez com que os ferimentos estavam sarando.

Cal sacudiu a cabeça. Percebeu que estava segurando o medalhão que usava sob a camiseta. Era *dele*... de Fennrys, o Lobo. Cal sentiu uma onda de algo que parecia eletricidade estática invadindo seu corpo, arrepiando-lhe os pelos do braço. Ele conseguia sentir o poder contido no pequeno disco de ferro e tinha a desconfiança de que não deveria ser capaz disso.

No entanto a experiência pela qual passara, no escuro, à luz da lua, olhando para as águas negras do estreito de Long Island... Aquilo o transformara. Talvez até mais do que as marcas em seu rosto.

Você tem tomado uns remédios bem pesados, você sabe...

Com certeza, ele estava tomando remédios fortes. Não só para a dor, mas para ajudar a manter a distância os pesadelos e para ajudá-lo a dormir. E se não estivesse tomando tais medicamentos justamente por ter sido atacado por *monstros*, então estaria muito disposto a acreditar que as coisas que tinha visto eram apenas delírios causados pelos remédios. Sério, teria sido bem mais fácil de aceitar. Ele desejava poder falar sobre aquilo com alguém.

Não. Ele só desejava poder falar sobre aquilo com *Mason*.

XIII

As acomodações eram fantásticas, mas a clientela do River Hotel era... esquisita. Consistia em grande parte de casais europeus ou grupos de belos jovens de ambos os sexos que não pareciam fazer muito mais além de beber champanhe em longas taças no *lounge* e olhar para ele de relance quando passava. Fennry's fez o possível para ignorá-los, mas aquilo havia começado a encomodá-lo depois de alguns dias. Ele não gostava muito da ideia de passar outra noite num lugar onde as pessoas o olhavam como se soubessem algo a seu respeito que ele próprio ignorava.

Em vez disso, foi em busca de uma lavanderia automática que lembrava ter visto no caminho entre a loja de roupas e o hotel. A umas três quadras de distância, ele a encontrou, debaixo de um cartaz antigo e descascado no qual se lia LAVANDERIA WATERFORD.

Ele empurrou a porta e entrou no recinto longilíneo e sujo, que parecia um beco com uma parede sólida de lavadoras de um lado e de secadoras do outro. O lugar estava deserto, exceto por uma mulher muito velha toda enrolada em xales, sentada numa cadeira de plástico bem no fundo do estabelecimento. Não parecia lá um lugar aonde as pessoas iam para limpar qualquer coisa.

Ele trocou uma nota de dez dólares na máquina de troco na entrada da loja e comprou um pacotinho de sabão em outra máquina. Depois rumou para o fundo da lavanderia e escolheu uma lavadora. Jogou dentro o moletom que havia pegado emprestado na primeira noite, ajustou o botão para lavagem rápida e ficou andando de um lado para a outro enquanto esperava a máquina terminar.

Quando acabou a lavagem, jogou as roupas molhadas na secadora e deixou-se cair num banco para esperar. No ambiente quente, o ruído da máquina era hipnótico, e Fennrys acabou tendo dificuldade para se manter acordado. Seu corpo teve um espasmo quando se forçou a acordar, e ao virar a cabeça viu a velha observando-o do fundo da sala. Ou ao menos parecia estar observando-o.

Os olhos dela estavam fixos em sua direção, embora ele notasse que eram opacos, com cataratas em estágio avançado – um tom de azul leitoso que lhe trouxe a desconfortável recordação dos olhos de um *draugr*.

Fez uma saudação cortês com a cabeça, sem nem saber se ela podia vê-lo. Mas então ela devolveu a saudação e ergueu a mão nodosa, batendo no vidro da máquina de lavar ao seu lado. Fennrys podia ver peças de roupa movendo-se em seu interior, mas quando olhou com mais atenção notou que a espuma do sabão estava tingida de uma cor rosada. Enquanto olhava para a água que revolvia, ela foi ficando cada vez mais escura, até ficar escarlate e depois vermelho-sangue. Através da água vermelha e turva, Fennrys viu de relance uma peça de roupa e ficou surpreso de constatar que, fosse o que fosse, ostentava um emblema bem parecido com o brasão da escola Gosforth que havia no moletom que secava na máquina atrás de sua cabeça.

Fennrys levantou de supetão e abriu a porta da secadora. Uma lufada de vapor envolveu seu rosto quando ele retirou as roupas ainda úmidas e as enfiou na sacola junto com as botas de Toby. Ele se virou e deixou a lavanderia, sem sequer olhar para trás, para a velha. Percorreu vários quarteirões até finalmente sentir que os olhos leitosos dela já não estavam cravados em suas costas.

A pontaria de Fennrys era excepcional, mesmo à luz fraca e entre as sombras que se adensavam no fim de tarde. Acertou de primeira o centro exato da janela com uma pedrinha. Só que era a janela errada. Logo depois, o caixilho foi erguido com um rangido e uma cabeça loura surgiu.

– Ei, gatão – a garota linda do ginásio disse, depois de um instante. A *outra* garota linda, não a que ele tinha ido procurar. Por algum motivo, ela não pareceu surpresa ao vê-lo de novo. Ou então era muito boa em esconder qualquer reação que não fosse de indiferença e que fizesse parecer que ela não estava no controle total. Ela deu um sorriso malicioso. – Belas calças. Mas acho que gostava mais de você sem elas.

– Hã... Ah.

– Você está procurando a Mason, não é?

– Acho que sim. – Na verdade, ele não sabia o nome da garota que estava procurando. – Ela tem, hã...

– Cabelos escuros, olhos azuis – a loura o interrompeu. – Sem material suficiente para encher o sutiã. É essa? Sabe, aquela de quem você não conseguia tirar os olhos… nem enquanto matava monstros?

Fenn franziu o cenho. Aquilo não estava saindo do jeito que ele havia planejado. Ele assentiu.

– É ela mesma que estou procurando. Pensei tê-la visto através dessa janela.

– Ela esteve aqui faz um minuto. Faltei à aula hoje e precisei pedir emprestadas as anotações de ciência política.

– Tudo bem. Desculpe incomodar. – Ele se virou para ir embora.

– Espere! – Ela olhou para ele por um bom tempo e depois encolheu os ombros. – O nome dela é Mason Starling. E o quarto dela é na janela do canto sul, neste mesmo andar. Ela foi para lá logo depois de sair daqui.

– Obrigado.

– Ei, gatão... – a garota o chamou de novo. – Posso não ser uma grande amiga de Mason, mas ela é gente boa. E se você criar algum problema para ela, posso me achar na obrigação de contratar alguém para tornar a sua vida um inferno.

– Não creio que deva se preocupar com isso, senhorita...

– Palmerston. Heather Palmerston. Você pode pesquisar minha família na internet, e vai ver que tenho como cumprir minha ameaça.

Ele sorriu para ela.

– Como eu disse, você não precisa se preocupar com isso. Não vou criar problemas para ela. Mas, caso crie... você pode tentar.

Da forma como falou, não parecia estar contando vantagem. Soou como um mero convite, e uma avaliação objetiva de suas habilidades.

– Então, ótimo – disse Heather, cruzando os braços e jogando o cabelo para trás sobre os ombros. Ela o encarou desafiante. – Estamos entendidos.

– Tenho certeza de que estamos.

– Você certamente era mais interessante quando não vestia calças – Heather disse, fechando a janela com força.

Fennrys sacudiu a cabeça e foi para o outro lado do edifício de pedra, onde podia ver uma luz acesa por trás da cortina da janela de canto, no segundo andar. O caixilho de baixo estava erguido, então ele mirou no centro do quadrado de vidro de cima. Apesar de sua boa pontaria, ele precisou de três ou quatro tentativas até que Mason saísse à janela. Quando por fim ela colocou a cabeça para fora, havia uma expressão confusa em seu rosto ao olhar para a escuridão da rua.

– Boa-noite – disse Fennrys baixinho, saindo das sombras das árvores.

Mason se assustou e deu um pulo, batendo com a cabeça no caixilho da janela. Ela praguejou e recuou com os olhos arregalados quando o viu de pé lá

embaixo. Ele viu a respiração dela se acelerar e achou que ela poderia estar sentindo medo dele. Ele não poderia culpá-la, dadas as circunstâncias do primeiro encontro deles.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ela num sussurro, com as mãos agarrando o parapeito da janela com dedos rígidos. – O que você quer?

– Só queria conversar. Pode ser? – Ele pensou em contar que só fora devolver as roupas do irmão dela e as botas, mas tinha medo de que ela lhe dissesse para deixar a sacola na calçada e sumir. – Só conversar.

– Você veio sozinho? – ela perguntou. – Ou trouxe os zumbis de novo?

– Esta noite, vim sozinho.

Mason mordeu o lábio inferior, como se estivesse tentando decidir se acreditava nele ou não. Seu olhar passeou pelas árvores e prédios escuros por trás dele como se estivesse buscando confirmação de que estava mesmo só. Então olhou de novo para ele, e mais uma vez ele ficou impressionado com a beleza dela. O brilho alaranjado de uma luz da rua ressaltava a curva das maçãs do rosto e enfatizava o azul-safira intenso dos olhos dela. E os cabelos negros e lisos caíam como uma cortina brilhante diante de seu ombro.

– Espere aí – ela disse.

Fennrys esperou pelo que deviam ter sido cinco minutos, mas que pareceram muito mais. Na verdade, ficou surpreso quando a viu dobrar a esquina do prédio. Ele meio que tinha esperado que ela ou ficasse lá dentro, esperando que ele se fosse, ou chamasse a polícia. Ele se pegou quase sorrindo de alívio.

Ela parou a alguns metros dele, olhou-o e disse:

– O que você quer?

– Oi para você também – Fenn disse seco.

Mason olhou para ele sem piscar.

– Oi. O que você quer?

– Eu queria... – *Ver você de novo. Falar com você. Ter certeza de que você não era só outra lembrança perdida ou o fragmento de um sonho*. – Queria devolver as coisas que peguei emprestadas. – Ele ergueu a sacola de compras que tinha trazido.

– Ah. Tá.

Ela pareceu desapontada? O coração dele se acelerou por um instante com o pensamento de que ela talvez tivesse desejado vê-lo de novo. Mas então respirou fundo para se acalmar, temendo ter imaginado o olhar fugaz dela.

– E queria agradecer – adicionou, virando-se para que seus olhos não

denunciassem seus pensamentos.

– Senhor... hã... Lobo, não é?

– Pode me chamar de Fennrys.

– Certo. Tudo bem. – Mason assentiu e chutou o chão por um momento. – Bem, Fennrys, disponha. Quando quiser. Só que nunca mais.

– Também espero.

– Você se importaria de contar que diabos aconteceu naquela noite?

– Se pudesse, eu contaria.

– Não sei o que quer dizer. – Ela se aprumou e franziu o cenho. – Tudo bem, olha só. O que você quer de mim?

– O quê? – O olhar de Fenn voltou a se fixar no rosto dela. – Nada. Não quero... Não tem nada que eu…

– Quem é você, de verdade?

– Se eu soubesse, você provavelmente seria a primeira a quem eu contaria.

– Por que eu?

– Porque você é a única pessoa que eu conheço. Todo o resto é apenas um grande vazio.

– O quê? – Ela piscou os olhos várias vezes.

Ele bateu com o dedo do lado da cabeça.

– Parece que não consigo me lembrar. De nada. Quero dizer, nada a meu respeito. Ou da minha vida antes de sair daquela árvore que caiu dentro de seu ginásio.

Mason abriu e fechou a boca várias vezes, como se estivesse tentando decidir o que dizer. Finalmente disse:

– Você já parou para pensar que de repente devia ir a um médico ou coisa assim?

– Já. Mas provavelmente tem fila de espera. Calculo que o pronto-socorro local receba um monte de caras amnésicos, nus e matadores de monstros, todo sábado à noite.

– Você está falando sério... – Ela cerrou os olhos. – Isso não é algum tipo de desculpa que você inventou, é? Você não é tipo... algum guarda-costas que meu pai contratou para ficar de olho em mim, é?

– Quem é seu pai?

– O homem cujo vitral muito caro você ajudou a destruir.

– Ah. – Fennrys estremeceu de leve ao se lembrar. – E um cara assim... ele não teria grana para contratar alguém com calças, se fosse o caso? E com, sei lá,

uma metralhadora em vez de espada?

Mason cruzou os braços sobre o peito.

– É, acho que você tem razão.

– Não fui contratado por seu pai, Mason. – Ele estendeu a sacola para ela, como se fosse uma oferenda de paz.

Mason olhou desconfiada para a sacola. Esticou o braço, sua linguagem corporal dando a entender que, na opinião dela, ali dentro devia haver escorpiões ou bombas incendiárias. Quando o conteúdo não saltou sobre ela e nem explodiu, ela olhou para ele e assentiu uma vez.

– Tudo bem – disse. – Obrigada. Acho que meu irmão não está nem aí para o moletom, mas Toby ficou bem chateado por causa das botas...

O silêncio se instalou entre eles. Fennrys não sabia mais o que dizer. Mason sacudiu a cabeça e começou a se afastar.

– Bem, então boa-noite, homem misterioso...

– Mason. – Ele a deteve com um olhar. – Quando eu disse que não sei quem sou nem qualquer coisa sobre minha vida, *não* estava brincando. – Ele estendeu o braço na direção dela, mas parou antes de chegar a tocá-la. – E não estava mentindo.

Fennrys deixou o braço pender e ficou lá, esperando e sentindo-se praticamente indefeso. Se Mason se virasse e voltasse a entrar, se o deixasse ali plantado, ele não saberia o que fazer. Não a procuraria de novo. Sentiu o coração bater com força, mas a respiração estava presa na garganta. Todo o corpo de Mason parecia tenso, preparado para fugir.

– Isso... eu sinto muito. – Seus dedos davam nós nos cordões da sacola de compras. – Deve ser horrível. Só que é... tão difícil de acreditar. – Ela ergueu a mão para impedir os protestos dele. – Não, eu acredito em você. Acho. – Suas palavras vieram aos trancos, à medida que tentava digerir o que ele lhe dissera. – É que... Quero dizer... Já ouvi falar desse tipo de coisa nos filmes. Ou na tevê, sei lá. Mas nunca pensei que acontecia de verdade.

– Bem que eu gostaria que não acontecesse.

– Então, por onde andou nesses últimos dias?

– Ah... estou hospedado num hotel.

– Ah, é? – Mason levantou uma sobrancelha. – Como... Quer dizer... Quando vi você pela primeira vez, não creio que tivesse uma carteira.

– É. Hã. Eu meio que devo uma grana ao seu irmão. – Fennrys fez uma careta e esfregou a nuca. – Ou ele está vendendo equipamento eletrônico de ponta na

traseira de uma van, ou entrega muito jornal, mas encontrei quase 2 mil dólares no bolso do moletom dele.

– Ha! – A gargalhada de Mason se espalhou pela noite e fez o coração de Fenn saltar um pouco.

– Quer dizer... Vou devolver. Prometo. Você sabe. Um dia. Provavelmente...

– Não esquenta. – Ela abriu um largo sorriso. – Achado não é roubado, é o que eu sempre digo, e bem feito para ele! Tenho certeza de que ele provavelmente afanou esse dinheiro de meu pai ou algo assim.

– Bom, vai acabar logo, logo. – Fenn suspirou. – Manhattan é muito cara.

Mason parou de sorrir e o encarou.

– E o que você vai fazer depois?

Ele deu um leve sorriso e encolheu os ombros. Não sabia. No momento, não importava. Era o bastante ficar ali, olhando para a garota a sua frente, que parecia se importar de verdade com o que poderia acontecer a ele.

XIV

Mason estava parada na calçada, no meio da noite, olhando para um cara que ela já tinha visto nu, mas sobre o qual não sabia absolutamente nada. Ela percebeu que era a situação mais bizarra possível e estava perfeitamente consciente do fato de que o que devia fazer era agradecer pela devolução das coisas de Rory e Toby, desejar um agradável resto de sua vida, dar meia-volta e cair fora dali.

Em vez disso, ela pendurou a alça da sacola de compras no ombro e disse:

– Quer conversar sobre isso?

A expressão de pura vulnerabilidade e de gratidão que passou pelo rosto dele, no segundo que ele demorou para recobrar sua serenidade controlada, era tudo o que ela precisava para saber que tinha dito a coisa certa.

– Venha, sei onde podemos ir – ela disse e virou para seguir pela rua na direção norte.

Mason levou Fennrys pela avenida Claremont e virou à esquerda na rua 122 Oeste. Pensou em subir com ele a escadaria de pedra do Parque Sakura, para sentar-se num dos bancos que havia lá, mas decidiu que era um lugar isolado demais para estar sozinha com ele. Ele podia parecer inofensivo, mas ela o tinha visto lutar, e as roupas novas não conseguiam disfarçar seu físico musculoso.

Cruzaram a Riverside Drive e caminharam em silêncio até chegarem a um espaço aberto amplo, pavimentado, circundado com árvores. No centro, erguia-se um edifício quadrado de pedra, sólido e grandioso, com pilares e uma cúpula alta. Diante da estrutura monumental, havia amplos degraus de pedra, ladeados por duas estátuas de águias de aparência temível, de asas estendidas, com os bicos em gancho abertos.

– O mausoléu do General Grant – disse Mason. – Ele está aí dentro. Ele e a esposa Julia. – Ela abraçou os cotovelos e percorreu com os olhos as altas portas

duplas. – Selados em dois caixões enormes, como sarcófagos. Como se fossem da realeza, ou deuses, ou algo assim.

Fennrys encolheu os ombros enquanto caminhavam rumo ao monumento.

– Acho que existem maneiras piores de terminar – ele disse.

Mason virou-se e lançou um olhar longo a Fennrys.

– Não consigo pensar em nenhuma.

Fennrys ficou olhando para ela.

– Tenho problemas com “limitações espaciais” – ela disse seca.

– Ah.

Ela o levou até a ampla rampa de concreto que sustentava uma das águias e sentou-se, apoiando as costas na base da estátua e erguendo os olhos para as asas que se abriam acima dela, como se a abrigassem de uma tempestade. O lugar estava quase deserto quando chegaram lá, com a exceção de uma dupla de sujeitos com aparência de marginais, os rostos escondidos pelos capuzes, que rondavam nos fundos do terraço. E eles deram uma olhada em Fennrys, o Lobo, e caíram fora. Mason sorriu para si mesma. Com Fennrys ao seu lado, ela se sentia totalmente segura naquela noite. Ele ficou olhando os caras irem embora e murmurou algo que soou como “hobgoblins”, mas Mason deixou aquilo passar. Acomodou-se de um jeito mais confortável, apoiada aos ângulos agudos do mármore, e foi direto ao ponto.

– Me conte, o que você se lembra? – disse baixinho.

Ele sacudiu a cabeça devagar, de um lado a outro.

– Sei qual lado é leste e qual é oeste. Sei como subir escadas e cruzar a rua. Tenho certeza de que conseguiria fazer um omelete florentino de primeira se estivesse com fome e houvesse ovos e espinafre à mão. Eu sabia o que fazer para ajudar seu amigo que ficou ferido... ainda que eu não saiba de verdade o que foi que fiz.

– Ah.

– Sei meu nome.

– É difícil de esquecer.

A boca dele se curvou num breve sorriso, e então sua expressão endureceu.

– E sei como lutar. É tudo.

– Não pode ser tudo. Quer dizer... você se lembra de tudo que aconteceu desde que nos encontramos, certo?

– Sim, me lembro – ele assentiu com a cabeça.

– E então? Aconteceu algo superinteressante, ou você só andou sem rumo

pela cidade por três dias?

Ela ficou observando com atenção enquanto a expressão dele se anuviava.

– Não. Nada.

Ele estava mentindo. Ou quem sabe ele ainda não confiava nela o suficiente para lhe contar.

– Era uma árvore antiga maravilhosa – ele disse, tentando assumir um tom leve e mudar de assunto. – Aquela que destruiu a janela de seu pai. Sinto-me meio mal com aquilo.

– É uma escola bem antiga. Provavelmente a árvore tinha cupins. Não foi culpa sua. – Ela evitou mencionar de novo as criaturas que de fato haviam tido culpa. Mesmo tendo sido Fennrys quem disse o nome daqueles seres, ela acreditou quando ele disse que não sabia mais nada sobre o que eram ou de onde tinham vindo.

– Quanto tempo faz que aquele lugar existe?

– Gosforth? É quase tão antiga quanto Nova York. Quer dizer, nem sempre teve a mesma aparência, com toda aquela arquitetura imponente do Velho Mundo e tal. Provavelmente começou como uma escola de madeira. Mas as famílias fundadoras de Gosforth se asseguraram, ao longo do tempo, de que as instalações da academia mantivessem um certo... padrão. – Ela suspirou. – Eu acho meio desagradável, se você quer saber. Toda essa ostentação de riqueza, o tempo todo.

– Você não gosta da sua escola?

– É uma boa escola. Tem bons programas.

– Bons amigos?

Mason encolheu os ombros.

– Eu me viro bem sozinha.

– É, eu também.

Mason podia perceber a solidão dolorosa naquela afirmação. Ficou imaginando se ele a percebera na afirmação dela. Na distância, o som do trânsito em Riverside Drive era um murmúrio reconfortante. Não havia sirenes, o que era raro. O céu acima deles era de uma escuridão profunda, quebrada apenas aqui e ali por longos fios de nuvens, esgarçadas por um vento anterior, que brilhavam alaranjadas refletindo a luz da cidade. Era tranquilo. Era belo. Mason teve de se conter para não se recostar em Fennrys e desejar que ele envolvesse seus ombros com um braço.

– Preciso ir – ela disse. – Está ficando tarde e preciso treinar de manhã bem

cedo.

– Treinar?

– Esgrima.

– Certo. Eu quase me esqueci... Você se vira bem com uma lâmina.

Ela encolheu os ombros e afastou do rosto uma mecha de cabelo preto sedoso que tinha escapado do rabo de cavalo.

– Eu sou boa. Preciso ser melhor. Estou tentando entrar para a equipe nacional.

– Você vai conseguir?

– Se eu não me distrair. Se meu parceiro de treino não me der o cano. As duas coisas estão parecendo bem improváveis neste momento.

– Quem é seu parceiro?

Ela virou a cabeça e olhou para Fenn por um instante.

– O nome dele é Calum Aristarchos. Ele é o cara que você... salvou. Ajudou a se curar. Naquela noite.

Era estranho como tudo podia parecer perfeitamente normal entre eles. Como se fossem só dois jovens comuns, falando de assuntos banais, até que alguma coisa que tivesse a ver com aquela noite se infiltrasse na conversa.

Uma pequena ruga apareceu entre as sobrancelhas loiro-escuras de Fenn.

– Ah. Certo. É um garoto bonitão.

– Garoto – Mason fez um muxoxo. – Vocês provavelmente têm a mesma idade, sabe? Ou quase isso.

Mas ela sabia o que ele queria dizer. Eles não pareciam ter a mesma idade. Fennrys parecia muito mais... vivido. Como se tivesse visto e feito coisas que Mason não podia sequer imaginar. Mesmo que, no momento, ele não tivesse ideia do que seriam essas coisas.

– Como ele está? – perguntou Fennrys.

– Me evitando.

– Fico triste em saber. – Ele não parecia triste. Mason ergueu os olhos para ele, mas a expressão de Fenn era de novo neutra, estudada e inescrutável. Ela desejou que ele não fizesse aquilo.

– Você vai ficar bem sem ele – disse Fennrys. – Eu vi você lutar.

– Você me viu mexendo a espada de um lado para o outro num estado de pânico idiota. – Ela sacudiu a cabeça. – Eu tive muita, muita sorte com aquele golpe às cegas.

– Não foi só sorte. Com todo aquele pânico idiota? Vai por mim. Você é boa.

– É o que eu *costumava* achar. – Mason de repente se viu, inesperadamente, quase à beira das lágrimas. – Eu costumava achar que nada podia me distrair numa luta. Nada poderia tirar meu foco. Agora, tudo o que eu vejo quando luto são aquelas... *coisas*. Vindo para cima de mim. E é como se eu ficasse paralisada e não soubesse mais nem como segurar a espada, quanto mais usá-la. Quer dizer, perdi uma disputa para Kristen Denholm, e ela mal sabe distinguir a ponta e o cabo da espada. Se eu for derrotada na semana que vem, vou perder a chance de entrar na equipe. Vou perder *tudo*.

Fenn se ajeitou um pouco para olhar de frente para Mason, e uma brisa perdida trouxe seu aroma até ela. Sentiu o couro da jaqueta dele e o perfume quente de sua pele. Ela fechou os olhos e recordou-se, com nitidez, como se estivesse acontecendo bem a sua frente naquele momento, como ele lhe parecera ao lutar para salvar a vida dela. A elegância pura e selvagem dele. A forma como os músculos se moviam por baixo da pele de seus braços e ombros. A intensidade feroz e concentrada de sua mirada glacial. Todos os outros que tinham estado lá pareciam satisfeitos em esquecer aquela noite. Mason não queria. Em especial pela forma como Fennrys havia lutado. Por ela.

Você está sendo idiota. Ele não estava lutando especificamente por você. E como você sabe que aquelas criaturas não foram lá justamente por estarem atrás dele? Esse cara é perigoso. Você mal o conhece. É melhor você ir embora. Agora, *Mason.*

– Certo. Então. Hã... vou treinar. Eu preciso... – ela pegou a sacola de compras e começou a se levantar, mas Fenn segurou-lhe o braço.

Ela baixou os olhos para os dedos dele e depois para seu rosto.

Ele a soltou.

– Posso ver você de novo?

O coração dela falhou por um instante, mas então sua cabeça interferiu.

– Eu com certeza não acho que essa seja uma boa ideia.

– Eu preciso ver você de novo, Mason – ele afirmou numa voz baixa, urgente.

– Por quê?

Fennrys respirou fundo, devagar, como para se acalmar ou dar-se tempo para pensar.

– Bom... para começar, eu preciso pegar meu medalhão de volta.

Ah.

– Então fale com Calum – disse Mason erguendo-se e colocando ao ombro a sacola de compras.

– Mason – disse ele baixinho. Quase um sussurro. – *Por favor*.

– Eu... ah... – ela hesitou. – Tudo bem. Vou ver o que posso fazer.

– Obrigado. – Ele quase sorriu. Isso fazia com que parecesse mais novo. Quase de sua própria idade.

Mason teve de afastar o olhar antes que aquele sorriso a fizesse querer ficar ali a noite toda.

– Como posso entrar em contato com você?

– Eu procuro você. Tenho métodos de comunicação bem *high-tech*. Só não bata a cabeça de novo, da próxima vez que ouvir uma pedrinha em sua janela. – Ele ficou em pé ao lado dela. – Vamos. Vou acompanhar você até seu dormitório.

XV

O curativo era menor. Já não parecia que o lado da cabeça estava todo envolto por uma grande luva branca. E agora os dois olhos estavam completamente expostos, de modo que Mason sentiu o impacto total do olhar verde faiscante de Cal quando ele ouviu o chamado dela no pátio e se virou. Por uma fração de segundo, ela se viu comparando-o com o olhar azul-tempestade-de-inverno de Fenn. Mas só por uma fração de segundo.

Ela podia ver as bordas das marcas das garras do *draugr* por baixo do curativo e tentou desesperadamente não deixar que seus olhos mirassem naquela direção.

Ela emitiu seu sorriso mais radiante.

– Oi, Cal...

– Starling.

Starling. Ele costumava chamá-la de *Mase*. Ela sentiu o sorriso em seu rosto diminuir.

– O que você quer? – Calum perguntou do jeito que poderia ter perguntado a qualquer *nerd* de matemática pedindo um transferidor emprestado.

Ela quase deu meia-volta e se foi naquele mesmo instante. Então se lembrou do motivo que a levara ali. Não era por ela. *"Mason... por favor."* O modo como Fennrys havia implorado a ela, como havia dito seu nome, fez com que ela ficasse firme, parada diante do garoto que, poucos dias antes, tinha feito seu coração bater mais depressa do que quando treinavam juntos, mas que agora só a fazia querer fugir e se esconder.

– Bom... Eu ainda estava querendo saber se você me ajudaria a treinar minhas estratégias de defesa – ela disse, tentando parecer casual. – Toby acha que não estou conseguindo melhorar, e você parece sempre saber como me ajudar a me sair bem.

Ele fez uma expressão carrancuda e ela desviou o olhar, mas continuou falando.

– E eu sei que você ainda não está cem por cento, mas achei que talvez pudéssemos ajudar um ao outro. Você poderia me ajudar a treinar os movimentos, e eu ajudaria você com, sei lá, qualquer alongamento ou outra coisa que você tenha que fazer. Quer dizer, acho que vão te passar alguma fisioterapia para seu braço, coisas assim, não é? E... sabe...

Ela ergueu os olhos e viu que ele ainda estava lá. Ainda olhando para ela.

– Sinto sua falta, Calum – ela completou. Estava sendo sincera.

A linha da boca dele se suavizou de repente, e um pouquinho do brilho que costumava aparecer quando ele olhava para ela reapareceu. Por um instante.

E então ela disse:

– Ah, olha, sabe aquele medalhão... aquele que Fenn te deu? Se ainda estiver com ele, você podia trazer quando formos treinar, e aí eu devolveria para ele, se você quiser.

O brilho no olhar de Calum oscilou e feneceu, enquanto seu rosto endurecia.

– “Fenn”? – ele disse. – O viking psicopata agora é “Fenn” para você? E... o quê? Ele voltou? Farejando ao redor de Gosforth como algum tipo de cão? Ou é ao redor de você que ele está farejando?

– O quê? Não! Ele veio devolver as roupas de Rory.

– Veio de onde? Quando?

– Ontem à noite...

– Ontem *à noite*. Claro que ele veio. Quem é esse cara, Mason? Você sabe? Você liga? Ou você virou só um monte de hormônios descontrolados desejando o corpo gostoso dele?

– Pare com isso, Cal! – Mason quase gritou, tomada de irritação. – Mas que droga está acontecendo com você? Você quer saber quem ele é? Ele é o cara que salvou a sua vida, é *isso* o que ele é. Você podia ficar um pouquinho agradecido.

– Ah, é? Pois eu acho que não preciso – disse Calum, colocando a mão por dentro da camisa para pegar o medalhão. Ele deu um puxão decidido que arrebentou o cordão de couro trançado do qual pendia ao redor do pescoço dele. – Parece que *Fenn* já está conseguindo de você tudo de que precisa.

Ele jogou o medalhão no chão, aos pés de Mason, e se foi. Ela ficou parada, tremendo de mágoa e fúria. E incredulidade.

A porta se abriu, e Heather Palmerston ficou ali olhando para Mason sem

entender nada. E com razão, pois ela não tinha nenhum material de Mason que precisasse devolver. Não era por isso que Mason tinha ido falar com ela. Heather inclinou a cabeça, esperando.

Mason limpou a garganta.

– Oi – disse.

– Oi.

– Posso falar com você?

Heather relanceou os olhos para um lado e para o outro do corredor, obviamente vazio, e afastou-se relutante para deixar Mason entrar em seu quarto. Como o quarto de Mason, este era longo e estreito, com uma janela alta, em arco, na extremidade oposta, uma única cama e uma estante de livros. Mas, ao contrário do quarto de Mason, estava atulhado. A cama estava desarrumada e a poltrona e a cadeira da escrivaninha... e a escrivaninha e várias das prateleiras e uma boa parte do piso estavam enterradas debaixo de pilhas de roupas e livros e objetos diversos.

Ela se jogou na cama.

– Sente-se. Se conseguir encontrar os móveis.

Mason atravessou o quarto com cuidado, como se estivesse evitando pisar em armadilhas. Conseguiu chegar até a janela e apoiou-se no parapeito interno, cruzando os braços e se remexendo desconfortável, enquanto Heather a olhava, esperando que dissesse algo. Mason pensou por um instante e então decidiu ir direto ao ponto. Heather parecia apreciar a objetividade.

– Por que você e Cal terminaram? – ela perguntou.

Heather abriu a boca e então piscou os olhos. Era evidente que aquela não era a pergunta que ela esperava de Mason. Recobrando-se rápido, fechou a boca e encolheu os ombros.

– Não sei – disse. – Só terminamos. Estava na hora, acho. Além do mais, a mãe dele é uma maluca de pedra supercontroladora.

– Sério? Por que você diz isso?

– Por causa do jeito como ela agia quando eu estava por perto. Aposto que ela não suportava que Cal estivesse namorando alguém que era mais bonita do que ele. – Ela revirou os olhos na direção de Mason. – Então para você não ia ter problema.

– Obrigada.

– Brincadeira. Bom, na verdade, não. Quer dizer... – ela encolheu os ombros de novo.

Mason sacudiu a cabeça e deu um sorriso desanimado. Do jeito que Heather disse aquilo, não havia de fato um excesso de ego envolvido. E ela tinha que concordar, Heather era, de modo geral, perfeita. Muito mais bonita do que ela. Ela era toda cor dourada e mel e cálidos tons rosados. A aparência de Mason era como gelo – cabelos negros e pele de um branco invernal. Alguém tinha dito que ela lembrava a ave chamada pega. Mason tinha rido e dito que um estorninho podia dar uma surra em qualquer pega. Os estorninhos eram lutadores. Mas agora, no que dizia respeito a Cal, Mason sentia que estava dando socos no ar.

Heather olhou para ela em silêncio e suspirou.

– Você é mais bonita que Calum, Mason. Certo?

– Todo mundo é mais bonito que Calum, agora – disse Mason, baixinho. – Pelo menos é o que ele parece achar.

– É... – Heather franziu as sobrancelhas. – Ontem fiz uma visita a ele em casa, em Long Island. Ele está voltando para lá todo dia depois da aula em vez de ficar no dormitório. Ele não está conseguindo levar numa boa.

– E você, está? Quer dizer... sobre aquela noite.

Heather lançou a Mason um olhar vazio e não disse nada.

– Pois é, eu também não – disse Mason, concordando com a cabeça.

– Olha, eu só estou tentando não pensar naquilo, tá legal? – Heather passou a mão pelo cabelo, que parecia estar precisando de uma boa escovada. Ela estava com olheiras. E ainda assim era linda. – Acho que você devia fazer o mesmo.

Mason ficou em silêncio por um instante. Então simplesmente fez a pergunta que a tinha levado à porta de Heather.

– Por que Cal me odeia, Heather?

– Ai, caramba. Você é mesmo tão tapada assim? – Heather sacudiu a cabeça.

– Hã, acho que sim. O que foi que eu perdi?

– Ah, nada – Heather revirou os olhos. – Só o fato de que Calum não odeia você. Calum está terrivelmente *apaixonado* por você. E se você quer a verdade *verdadeira*... foi por isso que nós terminamos.

– Você está brincando comigo – Mason sentiu o queixo cair.

Ela sabia que Cal gostava dela, ao menos até a noite da tempestade. Ele não a teria convidado para sair se não gostasse. Ele não era o tipo de cara que convidava garotas para sair só para provocar ciúmes numa ex, ou qualquer uma dessas bobagens juvenis. Então, sim. Ela sabia que ele gostava dela. Mas “gostar” estava muitos milhares de quilômetros distante de “terrivelmente

apaixonado”. E Mason não podia acreditar que *ela* fosse a razão de ele ter terminado com uma garota como Heather Palmerston.

– Qual é, Heather, você está brincando, não está?

– Eu adoraria estar brincando. Pode acreditar. Mas não estou. Nosso herói, Calum Aristarchos, arrasta uma asa deste tamanho por Mason Starling. – Heather declamou aquilo como se estivesse contando uma história. Uma espécie de conto de fadas distorcido. – E parecia que ele estava começando a fazê-la perceber quando aconteceu um pequeno incidente do qual não falaremos. Ele agora é... um produto com defeito.

Mason ficou completamente chocada com o que Heather tinha acabado de dizer.

– Eu não me importo com as cicatrizes. De verdade. E você?

– É claro que não. Mas não são só as cicatrizes. É a forma como ele as conseguiu. – Heather sacudiu a cabeça. – Cal acha que ele é tipo um herói. E quando você precisou de um herói, ele não esteve à altura. Ele levou uma surra, morderam a cara dele e, então, não só um sujeito misterioso, loiro e supersexy entrou em cena e salvou você, em vez de ele ter feito isso, mas ainda por cima *você* teve de ir e salvar o Cal. Talvez você devesse ter deixado que ele fosse comido pelos zumbis.

– Eu nunca teria feito isso. E acho que isso tudo é besteira.

– O que não significa que não seja verdade. Você é a garotinha de Gunnar Starling, pelo amor de Deus. Isso torna você um tipo de realeza nesta cidade. Um cara tem que estar à altura para cortejar alguém como você, alteza.

Mason fez um muxoxo.

– Cal não descende exatamente de uma linhagem de mendigos, você sabe. E, aliás, como você sabe dessas coisas? Ele... *contou* a você que gosta de mim?

– Eu não disse que ele gosta. Eu disse que ama. – Heather puxava um fio de uma almofada, com uma ruga entre as sobrancelhas. – E ele não me disse. Eu disse a ele. Então terminamos.

– O quê? – Mason olhou-a espantada. – Isso é loucura! E se você estivesse errada?

– Eu nunca estou errada. É um dom. Eu simplesmente sei quando as pessoas estão apaixonadas. Você quer saber o verdadeiro motivo por que Calum e eu terminamos? Então, é esse. Ele não estava apaixonado por mim, e nunca vai estar.

– Você é bem cínica para alguém que consegue ver tão bem o mecanismo

romântico interno da alma.

– Como você sabe que não é exatamente esse o motivo de eu ser cínica? Todo dia, eu vejo pessoas que estão apaixonadas por outras. E a maioria delas é idiota demais para tomar alguma atitude. Ou isso, ou estão apaixonadas pela pessoa errada e não conseguem ver a pessoa certa bem na frente de seu nariz, e sabe por quê? Porque o amor não é cego. Ele *cega*. – Heather já não puxava mais o fio da almofada, ela a estava socando, como se tentasse mudar sua forma. – Ele transforma pessoas perfeitamente normais e racionais em bobocas babões. Aquelas imagens lindas de cartões com criancinhas gorduchas e peladinhas, com olhos vendados e flechas? Fala sério. Para mim, o cupido *de verdade* é algum adolescente psicótico, com óculos escuros e um *taser*.

Mason sorriu com a imagem mental daquilo. Não iria vender muitos cartões de dia dos namorados, mas era engraçado.

– De qualquer forma, não se preocupe com Aristarchos – suspirou Heather. – No fim, ele vai superar. Ou não. E aí ou ele vai estar com você ou você vai estar em outra. Porque *você* não sabe o que quer. Ainda. E, enquanto isso, não vale a pena sofrer por ele.

– E você?

– O quê?

– Está sofrendo por ele?

– Por que eu faria isso quando acabei de te dizer que não vale a pena? – respondeu Heather seca.

– Certo.

Mason ficou em pé e se virou para ir embora. Então parou e perguntou:

– Ei, Heather, você diz que eu ainda não sei o que quero. Isso quer dizer que você sabe? Você sabe por quem estou apaixonada?

Heather olhou para Mason como se ela tivesse acabado de perguntar algo em outra língua. Ela a encarou sem expressão por um momento e então afastou o olhar.

– Eu... não. Eu não sei. Talvez ninguém. Ou... eu não sei, talvez você ainda não tenha encontrado a pessoa certa. Sei lá.

– Achei que você tivesse dito que sempre conseguia saber.

– Eu consigo. Se for uma pessoa viva, que esteja respirando. Eu nunca encontrei uma pessoa que não tivesse estado apaixonada pelo menos uma vez ao chegar aos 12 anos. Você é um enigma, Starling. Ou, quem sabe, você simplesmente não tem uma alma.

Heather deu um sorriso radiante ao dizer isso, mas Mason sentiu um arrepio em seu couro cabeludo. Ela engoliu o nó que tinha na garganta.

– Vá para a cama, está bem? – Heather acenou na direção da porta. – Mas, antes de ir, volte e me traga sua lição de casa de química para eu copiar. Pagamento pelo Conselho de Heather para Fracassados no Amor.

XVI

Tinc.

Tinc.

O sol da tarde entrava pela janela do quarto de Mason, enquanto uma chuva de pedrinhas batia no vidro.

Tinc.

Mason piscou os olhos e fechou o livro-texto que estava lendo sem na verdade ver as palavras ou absorver a informação. Saiu da cama e foi até a janela, tentando não chegar lá já sorrindo.

– Você podia conseguir um celular, sabia? – ela disse para Fennrys, de pé em meio às profundas sombras azuis lançadas pelas árvores naquele dia que se revelou sem nuvens.

– E por que eu precisaria? – Ele sorriu, olhando para ela lá em cima. – Até onde sei, você está sempre num de dois lugares. Ou em seu quarto, ou no ginásio. E é a única pessoa que eu conheço, lembra? Para quem mais eu iria ligar?

– Certo. Ou eu preciso ampliar meus horizontes... ou você precisa. – Mason apoiou-se nos cotovelos e sentiu-se um pouco como Julieta em sua sacada, trocando frases espirituosas com Romeu, no jardim lá embaixo.

Fennrys saiu para a luz do sol, e por algum motivo aquele simples gesto tranquilizou Mason imensamente. Era bobagem, ela sabia, mas, pensando bem, nunca o tinha visto em plena luz do dia antes. Ela havia começado a pensar, só meio de brincadeira, que ele poderia ser algum tipo de criatura da noite. Um vampiro ou... Não, era mais como um lobisomem. Mas parado ali sob os raios do sol, seu cabelo loiro-escuro reluzindo à luz, a palidez da pele não tão acentuada como da primeira vez que o vira, Mason começou a pensar que afinal de contas ele talvez fosse só um cara normal.

Ah, ele não é nada *normal, e você sabe disso*. Bem, não. Não normal como qualquer um dos colegas de escola dela, mas normal o suficiente para que ela pudesse dar uma volta com ele. De dia. Em locais movimentados.

Enquanto ela pensava essas coisas, Fennrys inclinou um pouco a cabeça e falou de novo:

– O dia está lindo, Mason. Eu gostaria de passá-lo com alguém e, como disse, você tem a honra de ser a única pessoa no mundo que conheço. Então tem que ser com você.

– Bom, já que sou a sua primeira escolha, então... – Ela revirou os olhos e inclinou a cabeça.

As tentativas dele de ser charmoso ficavam entre o forçado e o estúpido, mas de certa forma conseguiam, ainda assim, ter seu encanto.

O medalhão dele estava no bolso de seu *jeans*. Ela o tinha levado a uma loja e mandado colocar um novo cordão de couro trançado com um fecho de prata e anéis de prata entrelaçados no couro. Pedira ao homem para poli-lo, e o ferro reluzia como novo, quase como prata. Mas ela não o entregou de imediato, mesmo sabendo que era por esse motivo que ele estava ali.

Porque ela temia que, no minuto em que o fizesse, ele se fosse.

– Então, como tem passado? – ela perguntou, virando-se e seguindo com naturalidade pela rua, como se estivessem indo tomar um café ou algo assim. Como se tivessem se conhecido em circunstâncias normais e isso não fosse nada fora do comum.

Fenn inclinou a cabeça e acompanhou Mason, caminhando ao seu lado.

– Tenho passado bem, acho.

Ela esperou que ele desse mais detalhes, mas ele não o fez. Conversas amenas não eram o forte de Fennrys, o Lobo, ela concluiu. Isso a fazia se lembrar de Roth, a forma como ele só dizia algo quando lhe parecia de fato necessário. Talvez ambos tivessem lido o mesmo manual sobre a arte de ser um sujeito forte e caladão. Vai saber. Mason já sabia que para o irmão aquilo funcionava. Por onde passava, Roth deixava um rastro de garotas suspirando, mesmo que ele nunca parecesse perceber. Ela se perguntou se com Fennrys aconteceria o mesmo.

– Você se lembrou de mais alguma coisa?

– Não.

– Alguma pista?

– Não... – ele franziu as sobrancelhas.

– Alguma ideia do que você vai fazer a seguir?

– Não.

Mason suspirou. *Ele com certeza não fez o curso de Inglês Básico para Conversação*. Fennrys pareceu notar depois de um instante que ela havia se calado.

– Eu não sei – ele murmurou num tom que ficava a meio caminho entre irritação e frustração. Com uma ponta de espanto que, por mais que tentasse disfarçar, era o que Mason percebia com mais clareza. – Seria muito mais fácil encontrar a mim mesmo se eu soubesse por onde começar, sabe?

Por um momento, ele pareceu tão desamparado que Mason desejou com todo o seu coração poder de alguma forma ajudá-lo a voltar para casa. De repente, no fundo do bolso, onde sua mão segurava com força o disco de ferro, ela sentiu uma espécie de fagulha, como um choque elétrico. Seus pés se detiveram de repente em plena calçada e ela fechou os olhos. Uma imagem explodiu em sua mente...

Os olhos de Mason se abriram de repente e ela conteve uma exclamação. Por um breve segundo, pareceu como se ela estivesse dentro de um sonho, em meio à imagem vívida de um lugar em que ela sabia perfeitamente nunca ter estado. Mas vê-lo a havia impregnado com uma sensação esmagadora de *déjà-vu*. E mesmo que o local exato onde havia estado não fosse familiar, os pontos de referência ao redor eram.

– Tenho uma ideia – disse, virando-se de súbito e pegando o braço de Fenn com a mão livre. – Acho que devemos explorar juntos a cidade. Ver se alguma coisa desperta a sua memória.

– Claro – Fennrys ergueu um ombro e olhou para ela, a curiosidade brilhando em seu olhar. – Por que não? Só vou começar a entregar jornais na segunda-feira.

Mason riu, lembrando o que ele tinha dito antes sobre o fato de o dinheiro de origem duvidosa de Rory estar acabando.

– Legal. – Ela sorriu, quase vibrando de empolgação. – Vamos pegar um táxi.

– Aonde vamos?

– Para o sul. Na direção de Chelsea.

– Por que lá?

Mason encolheu os ombros. Ela não queria dizer a Fennrys que, no *exato* momento em que ela desejou poder ajudá-lo a voltar para casa, havia tido uma espécie de... visão. Primeiro, ela ia parecer uma lunática. Segundo, podia estar

totalmente errada. Mas o que podia ser muito mais assustador era a possibilidade de ela estar totalmente *certa*. Fosse como fosse, ela precisava saber.

– Temos que começar em algum lugar. E Chelsea é legal. Meu pai costumava me levar lá. Tem um parque novo que acabaram de inaugurar, o High Line, que é bem bacana. Foi construído num trecho elevado de trilhos de trem. Você vai ver quando chegarmos lá.

Ela caminhou em direção à rua para procurar um táxi, mas Fenn apontou para a estação de metrô ali perto, na rua 116.

– Se sou um nova-iorquino, e não estou dizendo que sou, mas sinto que talvez *seja*, eu não tomaria o metrô?

– É, você provavelmente tomaria. Mas não comigo.

– Isso é coisa de quem vai à escola particular?

Mason revirou os olhos.

– É uma coisa de Mason Starling. Eu disse a você na outra noite, tenho problemas com limitações espaciais.

– Não sei bem o que isso significa – disse Fennrys, olhando-a com uma ruga entre as sobrancelhas. – E a entrada do metrô está bem aqui. A gente não pode simplesmente...

– Problemas. Com. Limitações. Espaciais.

Mason ergueu um braço no ar e acenou para um táxi amarelo que ziguezagueava em meio ao tráfego da Broadway. Ela abriu a porta quando o carro parou diante deles e baixou a janela até a metade antes de sentar no banco de trás. Então deslizou para o lado oposto e fez a mesma coisa enquanto Fennrys se acomodava ao seu lado e fechava a porta atrás de si. A sobrancelha dele ergueu-se quando ela se recostou no assento.

– Você gosta mesmo de ar fresco.

Ela cruzou os braços e olhou para ele desafiadora.

– “Problemas com limitações espaciais” é minha forma de dizer que não me sinto muito bem em espaços fechados.

– É, eu notei isso – Fennrys encolheu os ombros. – Ei, eu não culpo você. Eu mesmo sou a favor de estratégias de fuga.

– É o que você acha que é? – ela inclinou a cabeça e o olhou de lado, tentando analisar se ele estava zoando com ela. – Você acha que quando estou com você eu preciso planejar rotas de fuga?

Mas parecia que ele não estava brincando.

– Acho que sim. Não é uma má ideia – ele disse, com voz neutra. – E não só

quando está comigo.

Essa declaração encerrou a conversa entre eles pelo resto da viagem. Mason disse ao motorista onde deveria deixá-los assim que chegassem a Chelsea. Quando pararam junto à calçada, ela passou o cartão de crédito pela máquina leitora. Uma vez que ela o forçou a andar de táxi em vez de tomar o metrô, o mínimo que podia fazer era pagar a viagem. O táxi se foi, e Mason se viu de pé na calçada de uma parte da cidade com a qual tinha pouca familiaridade, ao lado de um sujeito com o qual não tinha nenhuma familiaridade e perguntando-se onde é que estava com a cabeça. Seu comportamento em geral reservado estava notavelmente ausente. Na verdade, ela mal estava se reconhecendo. E o mesmo podia ser dito dos arredores.

– Uau – ela exclamou, olhando ao redor para todos os cafés e as lojas, e as galerias de arte que tinham brotado como flores silvestres nos antigos edifícios de armazéns. – Cada vez que venho aqui, parece que mais uma meia dúzia de galerias transadas foi inaugurada. Este lugar mudou muito, mesmo.

– Nem me diga. Eu me lembro quando... – Fenn se interrompeu e franziu a sobrancelha para um edifício a distância, como se ele fosse um insulto a sua sensibilidade.

– Que foi?

– Isso não é possível – ele afirmou seco.

– O que não é possível?

– Aquele complexo de apartamentos. O grande. Quando você acha que foi construído?

– O London Terrace? – perguntou Mason, seguindo o olhar de Fennrys na direção das fileiras de edifícios de tijolos vermelhos com pequenas torres quadradas no alto. – É bem conhecido. Foi construído no meio da década de 1930. Naquela época, acho que foi o maior do mundo desse tipo. Por quê?

Fennrys empalideceu.

– Eu me lembro de quando ele não existia.

– Fenn, isso é...

– Impossível. É. Foi o que acabei de dizer. – Ele se voltou para olhá-la, e seus olhos brilharam de um jeito perigoso. Como se ele achasse que ela talvez soubesse algo sobre ele, algo que não estava contando, e ele estivesse bravo com ela. – Por que você me trouxe aqui?

Mason retrocedeu um passo. Às vezes, era difícil lembrar que ela não sabia praticamente nada sobre aquele cara.

– Não sei – ela disse. Mason não queria dizer que uma sensação esquisita, premonitória, tinha sugerido que eles fossem para aquela parte da cidade, e ela sentiu que suas faces estavam ardendo sob o olhar duro dele. – Eu... isso me ocorreu de repente. Foi só uma ideia, acho.

– Você quer dizer como uma visão? – ele perguntou, muito sério.

– Mais como uma imagem mental. Eu simplesmente quis vir para essa parte da cidade com você, de repente. Foi só isso. Juro.

Fenn voltou-se de novo para olhar os edifícios a distância, e Mason percebeu que ele não estava bravo. Estava assustado. Seus punhos estavam cerrados, os nós dos dedos, brancos, os músculos da mandíbula, contraídos, enquanto ele rangia os dentes.

– Ei, vamos – disse Mason com suavidade, puxando-o pelo braço. – Talvez isso tenha sido apenas um *déjà-vu* maluco, não é? Ou uma experiência de alguma vida passada.

– Bem o que eu precisava. Eu já não tenho sequer alguma experiência desta vida atual – ele resmungou.

Mas ele deixou que ela o guiasse em direção às escadas de acesso na rua 18, que os levariam lá para cima, onde o High Line se estendia como uma faixa de parque flutuando acima das ruas de Chelsea. O silêncio se instalou entre os dois até que pareceu que Fennrys não conseguia aguentar mais.

– Então, você costumava vir aqui com seu pai? – ele perguntou, por fim.

Mason teve a sensação de que ele estava de fato tentando estabelecer uma conversa. Fez que sim.

– Meu pai é tipo um bambambã no ramo de transportes de mercadorias. Ele tem uns armazéns naquela direção. – Ela apontou para o porto. – Pelo menos, costumava ter. Não sei se ainda tem. Eu não acompanho os negócios da família. Não que ele fosse deixar que eu acompanhasse. Quem faz isso é Roth. Mas às vezes ele me trazia aqui, quando eu era bem pequena. Antes de tudo começar a ficar chique. Lembro que tudo era malcuidado e bem ameaçador.

– Eu me lembro quando era só um lamaçal e o porto, e pouca coisa mais... e... – Fennrys deteve-se. – Havia uma banca de jornal naquela esquina. Eu me lembro...

Mason ficou olhando fascinada enquanto ele fechava os olhos, bem cerrados, em profunda concentração.

– Posso ver a primeira página de um jornal em minha mente. Outubro... de 1912. – Os olhos de Fenn se abriram de repente, e ele virou-se e olhou ao longo

da rua, na direção do rio Hudson. – Trouxeram os sobreviventes do desastre do Titanic no Carpathia para as docas de Chelsea, e os jornais ainda estavam falando disso em outubro. Eu me lembro deste lugar sobretudo no outono. Isso faz algum sentido?

– Não. Bem, talvez – Mason tentou encolher os ombros de forma casual, mas um arrepio gelado de repente subiu por sua espinha e fez seu couro cabeludo formigar. O que estava para dizer soava idiota dentro de sua própria cabeça, mas ela ia dizer mesmo assim. – Fenn... quem sabe... Não sei. Você acha que pode ter reencarnado?

Ele fez uma careta.

– Não, eu acho que estou clinicamente maluco e... Espere.

– Que foi?

– Esta rua...

Quando Fennrys se virou para olhar pela rua 18, Mason soltou uma exclamação. De repente, o medalhão que tinha no bolso pareceu quase se mover na palma da mão dela. Como se os nós e as linhas enoveladas que decoravam o disco de ferro estivessem se contorcendo e se enroscando um ao redor do outro. Ela o tirou, estendendo-o pendurado em seu novo cordão de couro. Ele balançou para a frente e para trás como um pêndulo por alguns instantes.

Fennrys ergueu para Mason uma sobrancelha questionadora, mas não disse nada. Ela corou.

– Eu ia te devolver quando chegássemos ao parque...

De repente, o cordão do medalhão se retesou quando o disco virou para leste, apontando a rua na direção em que Fennrys estivera olhando. Mason tentou movê-lo para outra direção, mas a coisa estava travada como a agulha de uma bússola apontando o norte magnético. Parecia até que estava puxando na direção em que apontava. Ela o deixou guiá-la, adiantando-se alguns passos com Fennrys seguindo em silêncio logo atrás. O percurso levou-os por baixo do High Line, passando diante de um armazém de tijolos um tanto destruído, com a porta da frente lacrada e trancada com cadeado. Algo anormal na área revitalizada. Quando passavam pelo armazém, o disco virou como se fosse ao redor de um eixo e apontou direto para a porta. Mason e Fennrys se entreolhavam e foram até a porta.

Fennrys recuou alguns passos e olhou para cima, examinando o edifício. Era quadrado e baixo, sem nada de especial, e erguia-se ao lado da linha férrea elevada da High Line, com uma escada metálica de incêndio de puxar, presa a

sua fachada como uma longa cicatriz. Tinha dois andares e janelas grandes divididas em painéis pequenos de vidro, e a maioria delas parecia ter sido pintada ou fechada com tijolos por dentro. A porta de carga parecia não ter sido usada nos últimos anos. Não havia como ver lá dentro, e não que houvesse um incentivo a fazê-lo. Pregada ao lado da porta havia uma pequena placa preta e branca com os dizeres NÃO ENTRE, PROPRIEDADE PARTICULAR com letras bem escritas. Os tijolos da fachada do edifício estavam pintados num tom bege neutro. Em todos os aspectos, era exatamente o tipo de edifício diante do qual qualquer pessoa normal em Nova York passaria sem olhar duas vezes.

Fennrys aproximou-se com cuidado da porta. Era espessa, de aço, e o cadeado parecia algo saído de um calabouço medieval. Fenn estendeu a mão e pressionou os dedos contra a superfície do cadeado. Mason ficou olhando, a respiração presa, enquanto ele fechava os olhos e as linhas de seu rosto ficavam tensas com a concentração. A expressão dele se contraiu de leve, e seus lábios se apertaram. Ele virou um pouco a cabeça, como se escutasse uma voz que só ele pudesse ouvir, e então começou a murmurar de forma inaudível.

Mason se esticou para a frente, tentando entender o que ele dizia. De novo, como acontecera quando ele estava com Calum, não conseguiu captar o som das palavras. Mas dessa vez foi breve. O cadeado se abriu com um *clanc* forte. Mason sentiu o queixo cair de espanto. Fez menção de se adiantar, mas Fennrys estendeu a mão, alertando-a para que se afastasse. Ele transferiu a mão do cadeado para a porta em si, e Mason pensou ter sentido um leve crepitar de energia quando ele o fez. O ar diante deles pareceu tremular de leve, como se seus dedos tivessem tocado uma miragem de calor. Outra frase murmurada, e de repente a tensão no ar cedeu e dissipou-se. Fenn virou-se para olhar para Mason e ergueu uma sobrancelha ao ver a expressão dela. Então deu de ombros e, avançando, empurrou a porta com o corpo, abrindo-a.

O interior do prédio era sombrio. Estava vazio. Ao menos era o que parecia à primeira vista. Densas sombras cinzentas se juntavam nos cantos de um espaço enorme e empoeirado, habitado apenas por grossas colunas de sustentação de alvenaria e, no canto dos fundos, um elevador de carga antigo, com laterais de madeira e uma pesada grade corrediça no lugar de portas.

Nenhum deles disse “olá”. Era como se já sentissem que não havia ninguém lá para responder, pensou Mason. Fennrys girou os ombros, como se soltasse a musculatura antes de uma luta, e cruzou o piso de concreto, com Mason logo atrás. Fenn ergueu a grade, que rangeu como um sinal de alarme, e Mason

perguntou-se se eles não deveriam acatá-lo e voltar. Ele entrou no elevador. Num dos lados, havia um grande painel de controle de latão com uma alavanca, em vez de botões, e um grande interruptor preto que, ao ser apertado por Fennrys, fez acender uma lâmpada incandescente acima deles, que lentamente assumiu um brilho avermelhado. Mason engoliu em seco e, aceitando a mão que Fennrys lhe oferecia, entrou naquele espaço que parecia uma caixa. No mesmo instante, sua claustrofobia começou a se infiltrar pelas bordas de seu autocontrole. Ela respirou fundo e apertou espasmodicamente a mão de Fennrys, enquanto ele empurrava a alavanca para a posição de cima. O elevador deu um tranco e começou a subir devagar para o segundo andar.

E o que viram não foi nada menos que assombroso.

À medida que o elevador subiu e o andar de cima entrou no campo de visão deles, Fennrys ouviu Mason respirar fundo e prender a respiração. De sua parte, ele ficou espantado demais para sequer respirar naquele momento. O elevador estremeceu e parou, e uma iluminação indireta dourado-prateada acendeu-se para iluminar um apartamento tipo *loft*, elegante e estiloso. Hesitante, Fennrys pisou o assoalho reluzente de madeira de um amplo vestíbulo que continha uma mesa de entrada e um grande espelho com moldura em ébano polido, que lhe refletia de volta sua expressão atônita.

O rosto de Mason tinha uma expressão quase idêntica enquanto ela ia para a sala principal, os dedos deslizando pelas bordas de uma mesa e pelo encosto de um longo sofá de couro.

– Você mora aqui – ela disse, indo da sala de visitas para a sala de jantar.

– Você sabe tanto quanto eu, Mase – ele respondeu, girando num círculo para examinar tudo ao redor.

– Não. – Ela sacudiu a cabeça. – Eu quis dizer... você *mora* aqui.

Ela olhava fixo para Fennrys, do outro lado da sala; os olhos de safira brilhando na iluminação sofisticada, as faces levemente coradas.

Ele suspirou alto e disse:

– Tá legal. Eu moro aqui. E aparentemente tenho bom gosto. Talvez eu seja um decorador de interiores precoce e genial.

Mason sorriu.

– Talvez seja. Então vamos ver se encontramos aqui na Maison Lobo um cartão de visitas ou algo assim que confirme isso.

Por quase meia hora, eles vasculharam gavetas e armários e cômodas. Mason

até começou a erguer com cuidado as pinturas abstratas que pendiam nas paredes para ver se havia algum cofre escondido. Nada.

Onde estavam as fotografias? Lembranças? Objetos pessoais? Não havia absolutamente nada. Roupas no guarda-roupas, botas e casacos no *closet* do *hall* de entrada. Móveis caros com um toque meio europeu. Caros, mas não luxuosos. Tudo muito transado e cheio de classe e sem nenhuma pista da pessoa que morava ali. Até as pinturas que Mason estivera olhando eram só paisagens áridas com manchas vermelhas numa série de telas grandes alinhadas numa longa parede de tijolos.

Que tipo de pessoa ele era? Quem tinha sido? Não havia documentos de identidade. Não havia arquivos nem prateleiras de papéis. Nada de correspondência, nem sequer um folheto de *delivery* de comida chinesa, e nada de carteira na mesa de entrada. Não havia remédios no armarinho do banheiro. Ele quase se surpreendeu quando encontrou uma escova de dentes.

Fennrys fechou a porta espelhada do armarinho e olhou para seu reflexo.

Quem é você?

Que diabos fazia um cara de 19 anos, ou 20, ou sabe-se lá que idade ele tinha, com um apartamento como esse no centro de Manhattan? Talvez ele fosse algum empresário gênio da computação. O que faria sentido se houvesse algum computador em qualquer lugar do apartamento. Ele não conseguiu achar nem um telefone. Na verdade, havia um mínimo de aparelhos eletrônicos, nada de tevê ou som, nem mesmo um micro-ondas na cozinha. E mesmo que Fennrys tivesse a noção de que conhecia tais coisas, ele também suspeitava de que estava perfeitamente à vontade sem elas em casa. E Mason estava certa. Aquele era – ele sabia por instinto e sem qualquer dúvida – seu lar.

Ou, ao menos, *um* lar.

Ele voltou para o aposento principal e ficou entre duas colunas de sustentação de tijolos. Havia uma barra de metal suspensa entre elas, cerca de meio metro acima de sua cabeça. Ele ergueu os braços e a segurou. O metal pareceu frio e familiar contra as palmas das mãos e ele soube por que ela estava ali. Uma barra de exercícios.

Fenn ergueu os pés e balançou as pernas para a frente e para trás, lançando-se num salto e aterrissando com facilidade numa posição agachada, diante da lareira morta e fria. Algo atraiu seu olhar, e ele cerrou os olhos. Havia uma parte do lintel de madeira da lareira, com mais ou menos um palmo de largura, onde o brilho do verniz estava ligeiramente opaco. Ele não teria percebido de outro

ângulo. Fenn ficou em pé e foi até a lareira. Colocou a mão na parte gasta e empurrou-a.

Ouviu um som sussurrado por cima do ombro e, quando se virou, viu o que ele tinha achado ser uma parede decorativa de vidro preto ficar subitamente transparente quando as luzes do outro lado se acenderam. Ele prendeu a respiração quando um painel deslizou de lado por um trilho escondido, revelando um depósito que ia do chão ao teto, cheio de... algo realmente inesperado.

– Bem, tudo faz sentido agora – Fennrys murmurou para si mesmo, atordoado pelo que havia encontrado. – Sou um ninja.

XVII

Calum Aristarchos estava parado num canto do fundo do elevador do Rockefeller Center enquanto este subia veloz para o andar de destino, muito acima das ruas de Manhattan. Quando as portas se abriram, uma moça bonita o esperava. Usava um vestido branco justo, com decote generoso tanto na frente quanto atrás, e o cabelo artisticamente empilhado numa cascata de cachos no alto da cabeça. Sem dizer uma palavra, ela o conduziu por um corredor decorado com uma coleção de pinturas impressionante, que qualquer museu no mundo morreria para ter. Cal havia estado ali tantas vezes que já não lhes dava muita importância.

No final do corredor, um par de portas de vidro dava para uma sala espaçosa com uma vista de tirar o fôlego do edifício Empire State e de uma grande parte do centro de Manhattan. Numa cadeira de executivo de couro, que lembrava um trono, por trás de uma mesa esculpida de um único bloco de sequoia gigante, sentava-se Daria Aristarchos, a mãe de Cal. Por um momento, ela o olhou com indiferença por cima de seus dedos muito bem cuidados, com as pontas se tocando, e então seu rosto se abriu num sorriso maternal.

– Entre, querido – ela disse com voz baixa e musical, levantando-se para dar a volta a sua mesa, parecida com uma fortaleza, e ir até ele. Cal esperou paciente enquanto sua elegante mãe o abraçava. Ela o afastou à distância dos braços e examinou-lhe o rosto, e ele tentou não estremecer quando ela apertou os olhos, examinando suas cicatrizes. Quase sentiu como se sua pele estivesse sendo rasgada de novo. A mãe apertou os lábios numa linha fina, e ele viu que uma onda violenta de emoção se formou por trás dos olhos dela. Ela abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer algo, o som de botas de motociclista ressoou no chão de granito atrás dele. Cal se virou e viu a mesma moça que o tinha escoltado abrindo caminho para a última pessoa que ele esperaria ver ali. Roth Starling. Ele vinha acompanhado de dois sujeitos corpulentos vestidos como

motoqueiros, que se detiveram junto à porta do escritório, em posição de sentinela, enquanto Roth avançou até chegar ao centro da sala.

– Calum, sente-se, querido – disse Daria, olhando na direção de Roth. – Temos muito que conversar.

– Com ele? – Cal apontou para o irmão de Mason. – Eu nem o conheço.

– Você conhece minha irmã – Roth disse numa voz profunda que quase soou como o rosnado de alerta de um animal. – Você estava com ela no ginásio durante a tempestade.

Seu olhar desviou-se para as cicatrizes de Cal, que lutou para refrear uma onda súbita de raiva. Não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, mas não gostava nada daquilo.

– Então? – Seu olhar ia e vinha nervoso entre sua mãe e Roth Starling. O maior medo era que alguém tivesse revelado o que de fato acontecera naquela noite. Com certeza, o babaca do Rory. E agora Cal estava prestes a ser interrogado sobre o estado de sua saúde mental ou a ouvir um sermão sobre aquela brincadeira ridícula. Talvez um longo discurso sobre não macular a reputação da boa e velha Academia Gosforth. Era o que Cal esperava. Com certeza, não esperava que acreditassem numa história tão maluca.

E, com certeza, não esperava ouvir uma ainda mais maluca.

Mas por um momento, quando Roth Starling se aproximou de sua mãe, pareceu que até tinham se esquecido da presença de Cal. Uma tensão silenciosa se estabeleceu entre os dois, e a mãe de Cal, que já era alta, endireitou-se em toda a sua estatura.

– A paz foi rompida – disse finalmente Daria, num tom de acusação, de uma formalidade estranha. – Gunnar Starling a rompeu.

Roth sacudiu a cabeça.

– Você não pode afirmar isso...

– Os *draugr* com certeza não estão em *meus* domínios – Daria zombou.

– Meu pai não enviou um *draugr* para atacar a própria filha – Roth retrucou.

– A filha de Gunnar parece ter escapado sem qualquer ferimento. – Daria apontou uma unha longa e bem-feita para Cal. – Não se pode dizer o mesmo de meu filho.

Cal deu um passo à frente.

– Mãe...

– *Silêncio*, Calum!

– Estamos do mesmo lado, Daria – disse Roth. – Queremos as mesmas coisas.

– Olha, eu realmente detesto ser chato – Cal interrompeu, com voz irritada. – Mas que droga está rolando aqui?

– Calum...

– Não, mãe, não me diga de novo para me calar. Quero saber o que está acontecendo, e é óbvio que você quer que eu saiba. Se não, não teria me trazido aqui. – Cal virou-se para Roth. – Eu estava no ginásio, sim, e sei o que aconteceu lá. E está na cara que vocês também sabem, então acho que todos sabemos que aquilo estava muito longe de ser uma tempestade normal. – Ele olhou de Roth para sua mãe. – Então será que podem parar com esse papinho em código e me dizer o que realmente foi aquilo, para podermos discutir o problema, seja qual for?

Daria Aristarchos olhou para o filho por um longo instante, como se o visse pela primeira vez. A mão dela ergueu-se devagar, até pousar sobre o lado ferido do rosto dele. Ele deixou que ficasse ali por um instante, depois a afastou e se voltou para Roth.

– E então?

– O que ele sabe? – Roth perguntou à mãe de Cal.

– Nada. Não da forma que precisa saber agora. – Ela se virou, foi de volta para sua mesa e disse: – Achei que ajudaria se um amigo em comum explicasse a situação.

– Rafe? – perguntou Roth.

Daria assentiu.

– Pedi a ele que esperasse na sala do conselho. – Ela apertou um botão do comunicador. – Lia, por favor, peça ao nosso convidado que entre.

Cal ficou lá parado, tentando não explodir. Instantes depois, um vulto elegante vestindo um terno de grife surgiu na outra ponta do corredor e veio na direção deles, movendo-se com uma graça animal. Antes que o homem chegasse ao escritório, Roth perguntou a Cal:

– Você sabe o que é o Ragnarök, Cal?

– Não – respondeu Cal, seco –, mas tenho certeza de que deve haver alguma pomada ou pílula que cure isso.

Os dois homens que acompanhavam Roth olharam duro para Cal, como se ele tivesse acabado de fazer um insulto grave.

– Calum – sua mãe falou irritada. – Se não consegue agir como adulto, ao menos tente não me envergonhar desse jeito.

– Desculpe. – Cal apertou tanto os dedos que as juntas estalaram. Então ele

virou-se para Roth. – Eu sei o que é, sim. É o fim do mundo mítico, como previsto na mitologia nórdica. Um tipo de apocalipse viking. O currículo da escola Gosforth não mudou desde que você estudou lá. O curso de Religiões e Antigas Crenças do Mundo ainda é obrigatório.

Roth deu um sorrisinho torto.

– E por um bom motivo – disse. – É bom você saber que, do ponto de vista das famílias tradicionais que fundaram Gosforth, o que inclui a sua, algumas dessas crenças não são consideradas antigas.

– Obrigado pela parte que me toca – disse o homem que acabara de entrar no escritório, com um grande sorriso estampado no belo rosto. Tinha uma pele morena, cor de mel, e seu cabelo era um capacete de finos *dreadlocks*. Para Cal, ele parecia alguma estrela de rock. – Gosto de pensar que alguns de nós resistimos bem à passagem dos anos... – Ele esticou a mão para Cal. – Você deve ser Calum. Encontrei seu pai uma vez. Você se parece muito com ele.

– Lorde Rafe – Daria interceptou a mão do recém-chegado antes que ele pudesse apertar a mão de Cal. – Por favor, sente-se. Posso lhe oferecer uma bebida?

Lorde? – pensou Cal. *Quem é esse cara, alguém da nobreza*?

Sua mãe conduziu o homem estranho até uma poltrona perto da janela e então foi até o bar, onde serviu-lhe uma bebida de uma garrafa de cristal. Ela entregou o copo ao visitante com uma inclinação de cabeça suave e graciosa.

– Você é uma rainha entre as mulheres, Daria Aristarchos – ele disse, pegando o copo com um sorriso. – Que pena que o mundo esteja a ponto de acabar, ou eu a levaria para jantar uma hora dessas.

Cal não saberia dizer se ele estava brincando ou não. Pelo jeito, sua mãe também não.

– Você acredita mesmo que dessa vez estamos em sério perigo? – ela perguntou, numa voz sem a habitual frieza controlada.

Rafe respondeu à pergunta com outra.

– Você sempre pareceu se manter bem informada, Daria. O que dizem as suas fontes?

A mãe de Cal franziu levemente a testa, mas não disse nada. Pareceu a Cal que ela estava se controlando, e talvez não estivesse disposta a oferecer mais informação do que o necessário. Era típico de sua mãe; era o tipo de mulher que agarrava com firmeza cada vantagem possível, em qualquer situação em que

pudesse ter algum ganho. O silêncio se prolongou até que Roth finalmente bufou de frustração e perguntou a Rafe:

– Por que agora?

– Você sabe que no ano passado houve um... incidente. – Rafe ergueu a sobrancelha para o irmão de Mason.

– Com o Portal – Roth assentiu. – Sei.

– Pensei que isso havia sido solucionado pelas próprias fadas – disse Daria.

– E foi. – Rafe tomou um gole da bebida. – Mas causou muitos... por falta de uma expressão melhor... problemas de integridade estrutural. Vejam, por exemplo, a tempestade da outra noite.

Cal achou que, de repente, todos tivessem começado a falar em outra língua.

O homem chamado Rafe pareceu perceber. Suspirou e, num tom quase de desculpas, disse a Cal:

– Muito bem, meu jovem, aqui vai o resumo da ópera: deuses e deusas são reais. E existem reinos além deste. E bem poucos cidadãos de bem daqui de Nova York sabem que seu amado Central Park não é de fato apenas um parque. É um portal para Faerie, o Reino das Fadas, um lugar muito perigoso também conhecido como Outro Mundo. Há mais ou menos seis meses, esse portal correu o risco bem real de voar pelos ares. Tudo bem até aqui?

Cal assentiu atordoado. *Não*...

– Certo. É claro que não está. Mesmo assim, têm aparecido rachaduras nos muros que separam os mundos. Rachaduras grandes. Grandes o bastante para deixar passar coisas de mundos que estão para *além* do Reino das Fadas.

– Além?

– O Reino das Fadas é o mais próximo do mundo mortal. Para além dele estão os vários reinos dos deuses. Olimpo, Asgard, Tir Na Nog...

– Oz? – Calum murmurou baixinho. O sarcasmo era de fato a única defesa mental que lhe restava. Sua mãe olhou feio para ele, mas Rafe ergueu a mão e riu.

– Gosto desse garoto – ele disse. Inclinou-se para a frente, girando o copo para misturar a bebida, e fixou Cal com um olhar intenso. – Olhe, pense no Outro Mundo... o mundo de Faerie... como o lugar situado entre *aqui* e *lá*. Os seres humanos sempre viveram aqui, e os deuses, em sua maioria, lá. Se os deuses quisessem vir de lá para cá, teriam de passar pelo Reino das Fadas. O que significa que ou tinham que pedir com muita educação, e fazer um pacto com os Faeries, ou invadir seu reino. As duas opções davam muito trabalho, mas ainda

assim havia algum trânsito de ida e vinda. – Ele encolheu os ombros. – Hoje em dia, já não há.

– Por que não? – Cal perguntou, intrigado apesar de tudo.

– Há algum tempo, por volta de 1900, o rei de Faerie decretou que os mundos deveriam ser separados. Os Caminhos deveriam ser fechados. Então foi o que fez, e, como resultado, em tempos mais recentes, os deuses ficaram praticamente isolados deste mundo.

Cal olhou de sua mãe para Roth e depois para Rafe.

– Mas isso é... bom, não é?

Rafe encolheu os ombros.

– Sim e não. É só minha opinião, mas penso que este Reino fica mais pobre, de certo modo, por não ter deuses e monstros andando livres por aí. Apesar de, em outros aspectos, ficar muito, *muito* mais rico. A humanidade hoje é mais livre do que jamais foi para se autogovernar como espécie. Vocês podem projetar seu próprio caminho sem ter medo de que profecias ou o destino intervenham.

No fundo da mente, Cal percebeu que Rafe tinha dito “vocês”, e não “nós”.

– Essa liberdade do Reino dos Mortais, como de fato todo o maldito *destino* do Reino dos Mortais, está agora em perigo – prosseguiu Rafe. – De acordo com minhas fontes, a confusão em Faerie que provocou as rachaduras nos muros teve outra consequência interessante: um mortal que pode transitar entre mundos. Não só entrando e saindo do Reino das Fadas. Mas para os Reinos do *Além*. Para as terras dos mortos. – A expressão de Rafe de súbito ficou sombria, e seus olhos escuros e brilhantes como diamantes se voltaram para Roth. – E de volta para cá.

– Isso tem algo a ver com minha família, não tem? – disse Roth, em voz baixa. – Tem a ver com a profecia frustrada de meu pai.

– Ainda não está de todo claro para mim. Mas, sim, acho que tem.

– Que profecia? – Cal perguntou.

Roth respirou fundo e expirou.

– Minha irmã Mason deveria ser um menino – ele disse.

– O que teria sido um *tremendo* desperdício – Rafe fez uma careta.

Cal ignorou o comentário e sentiu seu pulso acelerar à mera menção do nome de Mason Starling.

– Um menino – ele disse. – E daí? Ela nasceu menina. Qual o problema?

Roth deu uma olhada para Rafe antes de responder.

– Nosso pai recebeu uma profecia que, segundo ele, dizia que, quando seu terceiro filho *homem* nascesse, o caminho para o Ragnarök se abriria e o mundo

começaria a se encaminhar para seus últimos dias. Porém Gunnar nunca teve um terceiro filho. Mason nasceu menina, e nossa mãe morreu no parto. Gunnar Starling não teve mais filhos de sangue.

Cal piscou os olhos.

– Então... nada de Apocalipse.

– Sempre existe um jeito. – Rafe sacudiu a cabeça. – Com profecias e todas essas besteiras. Não tenho dúvida de que as Nornes vêm distribuindo predições obscuras geração após geração, e sempre dá algum problema. Mas sempre se pode dar um jeito. O truque é descobrir como, e fazer acontecer.

De repente, ouviu-se um guincho distante do lado de fora da janela, e todos se viraram para ver uma figura de asas largas passar voando numa corrente ascendente. Qualquer um que olhasse do chão poderia pensar que era um urubu com problemas de orientação. Mas estava perto o suficiente das janelas do escritório para que até Cal conseguisse reconhecer a horrível criatura de seus livros de mitologia, o rosto de uma velha feia no corpo de uma ave de penas desgrenhadas. Uma harpia.

Nos céus de Nova York.

– Que ótimo – murmurou Rafe. – Comedoras de carniça. Arautos da destruição... – Ele bebeu o resto da bebida de um gole e jogou o copo vazio contra a janela, num súbito ataque de raiva.

– Suma! – rosnou.

O copo atingiu o vidro, e Cal recuou chocado quando ele explodiu numa bola de fogo e fumaça, como se estivesse cheio de explosivos. A criatura do lado de fora voltou o rosto horrendo para a explosão e soltou um grasnido de surpresa, antes de voar para longe.

– É melhor descobrirmos exatamente o que está acontecendo. – Rafe lançou um olhar sombrio a Roth. – Antes que o maluco do seu pai comece a ter ideias. – Virou-se para Daria. – E se você descobrir algo que possa ser útil para mim, sugiro que pense duas vezes antes de sonegar a informação. Você tem meu telefone, Daria querida. Use-o com sabedoria.

Assim, saiu do escritório e caminhou pelo corredor afora.

No silêncio após sua partida, Cal respirou fundo.

– Tudo bem. Deixe-me ver se entendi. – Ele apontou para Roth. – Você é, tipo, um viking. E aquele cara... – olhou na direção onde Rafe estivera. – Não tenho ideia do que ele é. – Olhou para sua mãe. – E nossa família então é... o quê? Descendente de deuses gregos ou algo assim?

– Não seja pretensioso. – Daria olhou feio para ele. – Somos servidores, e não descendentes. Encarregados de obrigações sagradas que foram passadas de geração em geração.

Cal virou-se para o irmão de Mason.

– E você sabe disso desde pequeno.

Roth assentiu.

Cal virou-se para a mãe.

– E Meredith?

Meredith era a irmã mais velha de Cal. Estava morando na Grécia nos últimos cinco anos, e ele às vezes até esquecia que tinha uma irmã.

– Ela sabe. Vai ser minha sucessora como alta sacerdotisa dos Mistérios Eleusinos.

Seja lá o que for isso...

– E por que *eu* só estou sabendo de tudo isso agora?

– Eu não sabia sequer se algum dia chegaria a lhe contar – disse Daria, com sinceridade. – Achei que ao crescer você poderia ficar parecido demais com seu pai.

Cal estremeceu. Seu pai. Ele nem mesmo sabia como era a aparência do homem. Ele não estivera por perto quando Cal nasceu.

Daria colocou a mão no braço de Cal.

– Já não tenho mais esse medo. E, depois do ataque na escola, eu soube que havia chegado a hora de você conhecer seu legado.

Cal se desvencilhou do toque da mãe e virou-se de novo para Roth.

– Mason sabe alguma coisa sobre tudo isso?

– Não, não sabe. – Roth cruzou os braços, retesando sobre os bíceps o couro de seu colete. – E nem Rory. E se você contar a eles, se deixar escapar uma palavra disso para minha irmã... arrancarei sua cabeça com minhas próprias mãos.

– Isso é alguma forma ritual dos vikings para lidar com os inimigos?

– É mais uma preferência pessoal. E você não é meu inimigo, Cal. – Roth deu um leve sorriso. – Por enquanto.

– Basta! – Daria revirou os olhos e adiantou-se, passando pelo filho e indo ficar cara a cara com o irmão de Mason. – Quero que você vá buscar a arúspice. Precisamos mantê-la por perto.

Roth assentiu.

– Que diabo é uma arúspice? – Cal perguntou.

– Uma vidente. Uma profetisa – Daria explicou. – Muito poderosa, e muito rara. E não quero que outras pessoas a encontrem e usem a informação que ela pode fornecer. Se quisermos vencer a guerra que se aproxima, vamos precisar de toda vantagem possível.

Cal estremeceu. Guerra. Sua mãe estava falando sério. Por um instante, considerou contar a ela sobre as criaturas que encontrou em casa, na água, mas algo lhe disse para ficar calado. Pelo menos até entender direito o que estava acontecendo. E poder usar isso a *seu* favor.

Assim que deixou o escritório de Daria Aristarchos, Roth rumou para o sul em sua Harley, costurando o tráfego a toda velocidade. A cobertura de Gwendolyn Littlefield ficava no 51o andar de um arranha-céu em Tribeca. Voltado para o norte, oferecia uma vista de quase toda a ilha de Manhattan, delimitada pelo rio Hudson de um lado e o East River do outro. Os talentos especiais de Gwen haviam garantido que ela estivesse com a vida estável, mesmo que não fosse a vida que ela queria.

– Gwen?

Rothgar entrou no apartamento e atravessou a sala de estar. Bateu de leve na porta de vidro que dava para a varanda da cobertura, onde podia ver uma moça magra, pálida e de olhos escuros, com cabelo roxo espetado, enrodilhada numa cadeira espreguiçadeira. Ele abriu a porta e saiu para a varanda.

– Você está bem? – ela perguntou.

Ela se endireitou na cadeira e deu um sorriso débil. Roth assentiu com a cabeça, em silêncio, e abriu os braços. Gwen se levantou e o abraçou.

Depois de um instante, Roth a levou para dentro. Na cozinha, a mesa estava forrada com um plástico grosso, seguro nos cantos por quatro velas grossas, apagadas, mas ainda fumegantes. De um lado, havia uma pilha de notas de cem dólares e uma faca de prata afiada. No centro, havia um pacote volumoso enrolado em papel pardo. Roth nunca deixava de se revoltar com o fato de que as Parcas tinham escolhido essa moça frágil e delicada como uma arúspice. Haviam-lhe dado o dom de ver o futuro ao contemplar um animal sacrificado. E então, só para dar um toque de ironia, tornaram-na uma vegetariana convicta.

– É muito ruim? – ele perguntou.

– Não dá nem para dizer. – Ela olhou para ele, o olhar ainda assombrado pelas visões que tivera. – As coisas mudaram, Roth.

Ele assentiu e disse:

– Pegue o que achar que é essencial. Vou levar você para Gosforth.

– Vai me levar para o lugar de onde me expulsaram?

– O lugar de onde você sempre tentou *escapar*. Eles vão procurar você, Gwen...

– E então você quer me levar direto para o coração do campo inimigo.

– É o último lugar onde iriam procurá-la. – Roth sorriu sombrio. – E provavelmente vai ser o lugar mais seguro em Nova York nos próximos dias.

– Como pode dizer isso? Aquele lugar acaba de ser atacado por...

– Pegue suas coisas, Gwen. *Já*.

Roth ficou olhando enquanto ela ia para o quarto. Então ele tirou um celular do bolso traseiro da calça e clicou num número gravado na memória.

– A arúspice sumiu – ele disse num tom neutro quando Daria atendeu. Andou de um lado a outro, ouvindo, e Gwen saiu do quarto carregando uma mala.

– Não, não foi levada – Roth disse. – Fugiu. No *closet* dela tem um espaço vazio onde deveria haver uma mala, mas na pressa ela esqueceu a escova de dentes. Ela se mandou.

Gwen ergueu uma sobrancelha para Roth e meteu a mão na sacola, procurando a escova de dentes.

– O medo é um ótimo incentivador – Roth disse, depois tornou a ouvir. – Não, Daria, não acredito que ela tenha medo de *você*. Acho que está com medo é do fim do mundo. E o fato é que, se ficasse aqui no apartamento, iria assistir a tudo de camarote.

Sem dizer mais nada, apertou o botão de desligar e estendeu a mão para Gwen.

– Venha.

Enquanto iam para a porta, ele olhou para a mesa da cozinha.

– Depois eu volto aqui para limpar essa bagunça.

XVIII

O armário oculto no apartamento de Fennrys estava cheio de armas.

Armas belas, lustrosas, *mortais*.

Mason cambaleou para trás até que seu ombro bateu num dos pilares de sustentação do *loft*, e ela o rodeou, colocando a robusta coluna de tijolos entre si e Fennrys, como se fosse uma proteção. Ela havia saído da cozinha para informar a Fennrys que também não tinha achado nenhuma pista lá e dera de cara com ele diante de uma parede cheia de pistas reluzentes, pontudas e perigosamente extravagantes.

– O que... você é? – ela perguntou numa voz seca e sussurrante. – De verdade?

Fennrys virou a cabeça com violência e a encarou, seus olhos pálidos brilhavam gélidos, refletindo a luz que emanava do armário.

– O que eu sou? O que *você* é*?* Foi você quem encontrou este lugar.

Ele apontou para o medalhão que ainda pendia do punho de Mason pelo cordão de couro. Ela havia esquecido por completo dele. Quando ela o ergueu diante do rosto, o disco cinzento de ferro balançou inocente, para a frente e para trás, não mais parecendo ter vontade própria. Mason tinha feito um pedido silencioso de encontrar um lar para Fennrys. E, como um gênio saído da garrafa, o medalhão realizou esse pedido. Ali era o lugar de Fennrys, Mason soubera no instante em que saiu do elevador, e a descoberta de Fennrys só confirmava isso. Era o lar de um guerreiro, e tinha o jeito dele. E Mason sabia que a parte dela que não estava paralisada de medo gostava dali. Muito.

Pondo de lado sua tensão, ela cruzou o assoalho de madeira até ficar a centímetros dele. Cada músculo do corpo de Fenn estava retesado e pronto para lutar ou fugir.

Ela ergueu os braços e pendurou o medalhão no pescoço dele. As pontas de seus dedos roçaram a pele do pescoço dele, e ele fechou os olhos. As narinas

dele se dilataram, como se estivesse aspirando o cheiro dela, e Mason viu os músculos da garganta dele movendo-se como se engolissem em seco. Ela colocou a mão no disco de ferro e sentiu seu desenho em relevo, frio contra o calor da pele dele.

– Não sei como – ela sussurrou. – Não sei o que está acontecendo aqui. Mas sei que você está em casa. Este é seu lugar.

– Sim – ele murmurou e abriu os olhos de novo, cobrindo a mão dela com a sua. – Mas eu não o teria encontrado sem você. Obrigado.

Mason sentiu o peito dele subindo e descendo a cada respiração. Sentia seu coração vibrando a cada batida. Ela sentiu o contraponto de seu próprio coração batendo quase duas vezes mais rápido que o dele e perguntou-se, não pela primeira vez, o que era que estava fazendo. Ela tirou a mão de sob a dele e inspirou fundo. Por trás de Fennrys, a parede de lâminas reluzia... convidativa.

Havia espadas longas e espadas curtas. Uma espada *claymore*, que era quase tão alta quanto ela própria, e outra cujo punho tinha o copo ornamentado e revestido com couro negro. Uma rapieira de elegância graciosa, com guarda-mão em curva, estava pendurada no meio da coleção, e, ao vê-la, Mason prendeu a respiração. Ela teria achado que seria do início do século XVII se a lâmina prateada, delgada, não parecesse nova em folha. Devia ser uma réplica. No entanto, quando ela olhou com mais atenção, viu na lâmina marcas que indicavam ser original.

Ao lado dela, Fenn corria um olho experiente pelo acervo de instrumentos mortíferos. Então ele cruzou a sala até onde havia deixado a sacola de lona que estivera carregando durante todo o dia. Mason não havia mencionado o fato de que a reconhecia; ele a pegara do depósito do ginásio de Gosforth. Ela sabia que dentro dela estava a espada que ele havia usado para salvar sua vida.

Ele tirou a lâmina longa e larga e procurou um lugar vazio para pendurá-la. Não havia nenhum.

– Parece que esta é uma adição nova à coleção – ele comentou.

Mason estendeu a mão, e ele passou a espada para ela, o cabo primeiro, para que ela pudesse examiná-la. A lâmina afilava-se da largura de um palmo até a ponta levemente arredondada, e os gumes reluziam, afiados como navalhas. O cabo era de osso, ou talvez de marfim, envolto em arames, com uma guarda curta e curva e um pomo robusto, decorado com padrões enovelados, como contrapeso. Ela estendeu o braço, segurando-a paralela ao chão.

– É pesada, mas muito bem balanceada. – Devolveu a ele e acenou com a mão

para a parede de armas. – É uma bela coleção. Sabe... – ela hesitou por um instante, pensando. – Ouvi o que Toby te disse no depósito, sobre suas... habilidades.

– Eu sei que você ouviu – a boca dele torceu-se em sua expressão costumeira de quem se divertia.

– Certo. – Ela baixou a cabeça e virou as costas para o armário. – Bem, estou pensando... quem sabe você é tipo um agente do governo, ou algo assim. O que você acha?

– Um agente do governo com uma coleção de espadas e nenhuma arma de fogo. É, parece provável. – Ele deu uma risada breve e baixou a lâmina em sua mão, deixando-a pendente ao seu lado. Olhou para Mason, e a solidão e confusão voltaram aos seus olhos. – Obrigado por me ajudar a encontrar este lugar, Mason. Mas ainda não consigo entender nada.

Ele deu as costas para o armário de armas e guardou de novo a espada na sacola, colocando-a na prateleira abaixo das armas em exibição. Então ele franziu de leve as sobrancelhas e passou a mão sobre a madeira do que parecia ser um conjunto de gavetas rasas sob o armamento.

Mason perguntou-se se haveria mais um monte de instrumentos perigosos ali, mas, quando Fennrys abriu a gaveta de cima, ambos ficaram de boca aberta com o conteúdo. A gaveta estava dividida em compartimentos que continham dinheiro. *Muito* dinheiro, tanto dólares estadunidenses quanto uma grande quantidade de vários tipos do que devia ser moeda estrangeira: moedas de prata, bronze e até o que parecia ser ouro, com diversas inscrições que não eram familiares. Ele não tocou nessas, mas pegou algumas centenas de dólares. Ele passou o dedão pelo monte, folheando-o, e então ergueu os olhos para Mason, que o olhava de queixo caído.

– Está com fome? – disse Fenn, sua boca formando aquele meio sorriso enlouquecedor. Ele sacudiu o bolo de dinheiro. – Eu pago.

O Boat Basin Café, na rua 79, era um dos lugares favoritos de muitos universitários durante o final de semana. Mason não estava muito a fim de encontrar alguém conhecido enquanto estivesse com Fennrys, mas imaginou que seria seguro o suficiente num dia de semana. Além do mais, ela estava ansiosa por algum lugar ao ar livre, e o café tinha um pátio bacana, com vista para o rio Hudson e a marina, onde os iatistas ricos ancoravam seus barcos para comer hambúrguer e tomar cerveja.

Para chegar ao café, era necessário descer por um caminho fechado que descrevia uma curva até chegar a uma marquise com colunas que rodeava um círculo central, um espaço aberto que lembrava um coliseu cercado por arcos de pedra.

Uma recepcionista os levou a uma mesa com guarda-sol e lançou um sorriso cálido a Fennrys enquanto os acomodava. Ele agradeceu com um aceno de cabeça distraído, e Mason conteve um sorriso.

Fennrys tirou do ombro a alça da sacola de lona com a espada e a apoiou na mesa. Mason havia perguntado, quando saíam de seu *loft*, por que ele estava levando a espada, e ele só olhou para ela, como se de repente ela tivesse começado a falar outra língua. No entanto, ela ficava aliviada por ele tê-la consigo.

É aquela coisa, ela disse para si mesma. *Se por precaução você leva o guarda-chuva com você, então não chove.* Fennrys tinha levado a espada, por via das dúvidas. Assim, logicamente, eles não seriam atacados por zumbis.

Até aquele momento, parecia que a teoria dela estava funcionando. O dia estava lindo e o tempo, perfeito. Normal. Nada de tempestades nem zumbis. *Draugr*. *Tanto faz*. Ainda assim, Mason lembrou-se do que Fennrys havia dito sobre ser necessário sempre ter uma estratégia de fuga, e ela se pegou checando as saídas mais próximas.

O sol refletia na superfície da água uma luz quente e ofuscante, mas a brisa que soprava do Hudson era fresca e suave no rosto de Mason. Fennrys levantou-se para ajustar o guarda-sol e protegê-la do brilho do sol. Então sentou-se de frente para ela e ficou inquieto, enquanto Mason, com as mãos no colo, observava-o achando graça. Ele parecia quase nervoso. Como se eles estivessem num encontro.

Pareceu ter passado uma eternidade até que um garçom com cara de tédio, três piercings no lábio e um exagero de tatuagens viesse e grunhisse para eles.

Fennrys mal olhou para cima ao dizer:

– Traga-nos duas cervejas Blue Moon. Mason, o que você quer comer?

Ela o olhou hesitante.

– Hã...

O garçom emitiu um som gutural e Fennrys o olhou.

– O quê?

– Identidade – respondeu o garçom, olhando de relance para Fennrys.

Os músculos da mandíbula de Fennrys se retesaram.

– Você não precisa ver a identidade dela – disse. – Só traga a cerveja para a senhorita.

Mason colocou a mão no braço de Fennrys.

– Está tudo bem. Eu não... – ela se interrompeu ao perceber que ele não a escutava.

Em vez disso, ele estava encarando o garçom imóvel, sem sequer piscar. Parecia nem estar respirando, mas sua mão desceu devagar até que as pontas dos dedos tocaram o medalhão de ferro que tinha ao pescoço. Seu olhar azul ártico era penetrante como o gume de uma lâmina bem afiada, e Mason ficou aliviada por não ser nela que estava cravado.

O garçom pareceu que ia ficar realmente furioso. Mas então, enquanto Fenn continuava a encará-lo, uma expressão de confusão tomou conta do rosto do cara. Ele franziu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

– Duas cervejas – ele murmurou. – Tá. Tudo bem.

Então deu meia-volta e se foi.

Fennrys voltou-se para Mason.

– O que foi aquilo?

– O quê? – ele piscou os olhos enquanto olhava para ela.

– Você, tipo, hipnotizou aquele cara?

– Claro que não. – Ele não parecia ter certeza. – Eu só... eu só fiz o pedido.

Ele não tinha *só* feito o pedido. Ele havia feito alguma outra coisa e forçara o garçom a fazer o que ele queria. Como mágica, ou algo assim.

Depois de poucos minutos, o garçom voltou e colocou na mesa dois copos de um líquido dourado, decorados com rodelas de laranja. Mason só olhou para o dela, enquanto Fennrys tomava um grande gole do seu e olhava para Nova Jersey, do outro lado do rio. Seu humor leve de antes havia sumido, e ele agora voltara à *persona* de Fennrys, o Lobo.

Mason não queria de fato a cerveja. Entretanto ela tomou um golinho mais pelo fato de Fennrys realmente estar se esforçando para ser agradável com ela. Ou algo assim. Como se ele estivesse desesperado para parecer cavalheiro, mas não soubesse bem como. Era até comovente, para ser honesta consigo mesma.

– É... bom – ela disse, indicando com a cabeça a cerveja que pusera de volta na mesa. – Obrigada.

Fennrys suspirou.

– Você não tem que ser condescendente comigo, Mase. Está tudo bem.

– Não estou sendo. Eu...

Ela se interrompeu e franziu a testa, sem saber o que dizer. Era tão frustrante... Havia imaginado passar algum tempo a sós com o misterioso Fennrys, o Lobo desde que ele desaparecera na tempestade, e agora ali estava ela, e entre eles rolava toda aquela esquisitice. Ela tomou outro gole de cerveja. Não era ruim. A fatia de laranja enfiada na borda do copo dava um sabor doce que suavizava o travo do álcool.

– Não estou sendo condescendente – ela repetiu e esperou até que ele olhasse para ela. – Você é a última pessoa do mundo com quem eu pensaria em ser condescendente. Só estou... Não sei. Confusa, acho.

– E o que está te confundindo?

– Você.

Ele riu brevemente e abriu as mãos com as palmas para cima, recostando-se na cadeira.

– Sou um cara bem simples. O que você vê é o que sou... porque é tudo o que há.

Ela sorriu para ele e sacudiu a cabeça.

– É tudo o que há *agora*. Você não pode continuar como uma página em branco para sempre, Fenn. Ou você vai se lembrar de quem é, ou vai se tornar o que quiser ser. Essa não é a parte confusa.

– E qual é, então? Quer dizer, exceto por meu apartamento radical, o óbvio interesse por armas, os aparentes poderes místicos e a forma repentina e surpreendente como entrei em sua vida... o que poderia estar te confundindo em tudo isso?

Mason riu.

– É. Isso. Mas também... não é tanto *como* você entrou em minha vida, mas o *porquê* de você ainda estar aqui.

Ela olhou fixo para o rosto dele, sem piscar. Não tinha planejado que a conversa tomasse aquele rumo.

– Você salvou minha vida, Mason – ele disse, com a voz baixa, rouca.

– Só estava devolvendo o favor.

– Você foi boa comigo.

– Eu...

Ele passou o polegar pelas marcas em seu pulso.

– Tenho a impressão de que você talvez tenha sido a única.

Mason estendeu a mão e passou os dedos de leve pela pele marcada, onde velhas feridas tinham se transformado em cicatrizes, e outras mais novas

estavam sarando por cima delas. Ela sentiu Fennrys estremecer quando tocou a parte de dentro do pulso dele.

– Eu gostaria mesmo de saber quem fez isto com você – ela disse baixinho; uma fúria branda queimava em seu peito ao pensar nele acorrentado como um animal.

– Não tenho certeza de que você gostaria – Fennrys pegou sua cerveja com a outra mão. – Quem quer que sejam, não acho que joguem limpo.

Mason observou as emoções que passavam pelo rosto dele. De repente, ele parecia muitos anos mais novo, e vulnerável. E, por um instante, foi como se ele estivesse assistindo a um filme que só ele podia ver.

Ele está se lembrando de algo, ela pensou. *Algo que não quer me contar. Ou que não quer que eu saiba.*

– Você se lembra de onde conseguiu essas marcas? – ela perguntou baixinho.

Ele respirou fundo, seu peito expandindo-se e esticando o tecido de sua camiseta. Ele exalou num suspiro prolongado e tomou outro longo gole de sua cerveja.

– Não. Mas tenho uma bela coleção de pesadelos recorrentes. Pelo menos eu acho que são pesadelos. Entretanto, podem ser lembranças. Quem sabe? Seria mais fácil saber, acho, se um deles fizesse algum sentido. Mas, em um deles, estou num lugar escuro. Pequeno, como uma adega, ou caverna, ou algo assim. Não consigo ver muita coisa, não há janelas e o piso parece de terra. O cheiro é... indescritível. Podridão e umidade.

Mason sentiu seu próprio nariz se enrugar.

– Você consegue sentir o cheiro nos sonhos?

Ele deu de ombros.

– Como eu disse, talvez seja uma lembrança. Só não sei do quê. Mas eu me lembro... correntes. Na parede. E uma porta sólida com barras de ferro. Acho que devo ter passado algum tempo lá dentro.

– Parece horrível.

Fennrys deu um de seus sorrisos desajeitados e chacoalhou a cabeça.

– Para você, sim. Você tem claustrofobia. Tenho certeza de que para mim era como um piquenique no inferno.

– Claro – Mason acompanhou-o na brincadeira. Ela não queria que as coisas ficassem sombrias. – Isso, fale como se eu fosse uma maluca!

– Mason, cá entre nós, no quesito normalidade, você ganha de mim por uns duzentos por cento. – Fennrys sorriu. Ele na verdade tinha um sorriso lindo...

quando não estava *tentando* usá-lo.

Mason viu-se olhando-o fixamente por tanto tempo que no fim ele só ergueu uma sobrancelha para ela. Ela sentiu que estava ficando vermelha e desviou o olhar do rosto dele para o rio. O dia estava começando a nublar. O céu luminoso havia perdido um pouco de seu brilho, e a brisa do Hudson tinha se reduzido a zero. Estava começando a ficar frio e úmido ali no terraço do café. Mason olhou para dentro, tentando ver o garçom em algum lugar entre as sombras e os grupinhos de fregueses. O garçom mal-humorado não estava em nenhum lugar à vista.

– Sinto muito por isto ser tão... bizarro para você – disse Fennrys. – Tudo isto.

Mason de repente percebeu, sobressaltada, que ele agora a segurava pelo braço, seus longos dedos rodeavam de leve os músculos fortes e atléticos de esgrimista que passavam pelo pulso dela. Ela não sabia se aquele gesto tinha o intuito de tranquilizá-la ou impedi-la de sair correndo. Mas o calor da mão dele em sua pele irradiava uma onda cálida que subia pelo seu braço em direção à sua cabeça e ao seu coração. Fazia o resto de seu corpo se sentir relativamente frio, e ela piscou rápido e olhou para longe, para além do rio... que, ela notou de súbito, estava desaparecendo depressa por trás de uma muralha de nevoeiro que avançava.

– Ah... maldição – ela sussurrou. – Bizarro não dá nem para começar a descrever isso, Fenn – ela acenou com a cabeça na direção do nevoeiro cada vez mais denso.

Fennrys olhou por cima do ombro na direção em que ela olhava, e seus dedos apertaram de repente o braço dela. Inúmeras formas distantes, indistintas, planavam em silêncio por cima do rio, na direção da marina.

– Precisamos ir – disse Fennrys.

– Achei que você diria algo assim – disse Mason, enquanto ambos se punham em pé ao mesmo tempo.

– *Agora* – a palavra saiu como um rosnado.

Um som estranho rasgou o ar cinzento, seguido de mais um, e mais um... Para Mason, soavam como antigas trompas de batalha. De dentro do coração da escuridão turva, formas altas, curvas – cabeças de dragão – pareceram se materializar do nevoeiro. Pontos de chamas desabrocharam acima das águas. Um deles cresceu e, de repente, uma imensa bola de fogo chocou-se contra o elegante casco branco de um iate ancorado na marina.

Fennrys praguejou baixinho e recuou um passo, derrubando sua cadeira ao

fazê-lo. Um dos clientes no pátio gritou quando o iate explodiu em chamas. Outros pareceram só então perceber que o dia havia se tornado escuridão... e que havia navios-fantasmas navegando na direção deles saídos do âmago de um nevoeiro demoníaco. Acima do coro de gritos assustados, o som de uivos atingiu os ouvidos de Mason, e no ato ela gelou. Já tinha ouvido aquele som antes. *Draugr*. Só que dessa vez não estavam sozinhos. Havia coisas no céu.

E coisas na água.

– Mas que *diabos* – resmungou Mason entre os dentes cerrados, enquanto os clientes do café começavam a berrar de terror verdadeiro. Os "dragões" que ela vira deslizando rio acima revelaram ser os navios espectrais com proas altas e curvas, no formato de feras míticas. Ela podia ver guerreiros alinhados nos lados dos navios, armados com espadas como a que Fennrys tinha da primeira vez em que o viu. Só que muitas daquelas armas estavam quebradas ou retorcidas, e os "homens" que as portavam eram tortos e de músculos frouxos, com escudos redondos e surrados presos a braços flácidos. O estado decrépito não tornava os *draugr* menos perigosos, isso ela sabia a partir do primeiro encontro com eles.

Fennrys apontou para as aparições.

– Sério, com que frequência esse tipo de coisa acontece com você? – ele disse com voz tensa.

– Engraçado, eu ia te perguntar a mesma coisa – respondeu Mason, entre dentes.

Ela olhou por cima do ombro. A multidão agora estava se empurrando e se debatendo, berrando, tentando ir para a saída, mas ia devagar demais. Mason se lembrou da noite no ginásio, e do que aquelas criaturas tinham feito com Cal. Se os *draugr* alcançassem aquela gente, seria um massacre. Fennrys também sabia disso. Mason olhou-o de relance e viu que ele estava abrindo o zíper da sacola da arma com que ela tanto implicara por ele haver trazido.

– Essas pessoas só conseguirão se salvar se eu ganhar algum tempo até elas fugirem – ele disse, dirigindo um olhar breve para ela. – Quero que você saia daqui também, Mase.

Mason sentiu a boca seca de tanto medo, mas ela ergueu o queixo e disse:

– Não vou embora sem você.

Fenn lançou-lhe um olhar irritado e abriu a boca, mas ela o cortou antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

– Nem vem. Nem pense em me dizer que é para meu próprio bem. Não vou fugir, Fenn. Você vai precisar de minha ajuda e sabe disso.

As narinas dele se dilataram e ela viu os músculos de sua mandíbula se contraírem. O olhar dele fuzilou-a por um longo momento silencioso. Então ele disse:

– Tudo bem. Pode ficar. Mas fique atrás de mim e não entre no meu caminho, certo?

– Certo – respondeu Mason. – Suponho que você não tenha colocado aí uma arma extra...

Sem dizer uma palavra, ele tirou uma espada curta e delgada da sacola e passou a ela.

– Certo. Obrigada.

A arma encaixava-se muito bem na mão dela, e ao segurá-la, Mason sentiu um formigamento de excitação subir por seu braço. Mas então sua determinação falhou por um instante, e ela tateou em busca de sua cerveja abandonada e tomou um gole longo e nervoso.

– É... – Fennrys tirou o copo da mão dela e o colocou de volta na mesa. – Só que você vai precisar de mais do que coragem líquida para te manter viva pelos próximos minutos.

Mason o encarou enquanto os olhos dele ficavam sombrios, indo do azul-gelo à cor de um mar tempestuoso. Ele ergueu as mãos e soltou o cordão de onde pendia o medalhão de ferro. Murmurando baixinho, ele o prendeu ao redor do pescoço dela. Então acenou a cabeça para ela e juntos se viraram de frente para o rio.

Velas quadradas cinzentas e esfarrapadas pendiam como mortalhas de mastros únicos, agitando-se e ondulando na brisa inexistente, como asas de dragões. De dentro da bruma espessa como sopa de ervilha, os lampejos de bolas de fogo incandescentes irromperam. Por trás deles, uma turba enlouquecida de clientes em pânico corria em direção às saídas, aglomerando-se na passagem em arco que dava para a saída do restaurante e criando um congestionamento. Uma garota caiu de joelhos no terraço de pedra, gemendo de terror ou de dor, e Mason fez menção de ir em sua direção, mas Fennrys sacudiu a cabeça.

– Não se preocupe com eles – ordenou. – Não se distraia. Vão conseguir sair, ou não. – Ele virou a cabeça na direção dos vultos que pulavam na água rasa e avançavam pela margem acima, espalhando-se pelos píeres a partir do rio. – Mas você já lutou com essas criaturas antes e sabe que elas não vão ter nenhuma chance se nós não a dermos. Então, concentre-se. Se uma dessas criaturas passar

por mim, é você quem vai ter que detê-la. Não enfeite, mate-a o mais rápido que puder. Certo?

– Tá legal... tá legal.

– Você vai ficar bem, Mase.

Fennrys ficou diante dela e assumiu uma postura levemente encurvada, equilibrando-se na parte da frente dos pés.

– É como uma luta de esgrima.

– Combate. Combate de esgrima.

– Tanto faz.

Mason riscou o ar com sua espada, sentindo-lhe o peso. Ela girou o ombro do braço que portava a espada e fez os músculos da face e do pescoço relaxarem, descontraindo de forma consciente a mandíbula. Colocou-se numa postura de guarda adaptada. Seus batimentos cardíacos diminuíram e sua respiração entrou num ritmo constante, circular. O medalhão de Fennrys formigava de encontro a sua pele. Uma lagoa tranquila, silenciosa, formou-se em algum lugar lá dentro dela, e ela viu tudo com nitidez impressionante.

E tudo o que ela via... era vermelho.

XIX

As formas cinzentas e esquálidas dos *draugr* agarraram as grades do pátio e subiram para o terraço, atirando para os lados mesas e guarda-sóis coloridos enquanto avançavam; os olhos leitosos fumegando com uma fúria irracional. Os clientes do restaurante tinham esvaziado o pátio e lutavam para atravessar a área do bar e, passando sob os arcos de pedra, sair para a área circular aberta, por onde podiam alcançar o caminho em espiral e fugir para longe daqueles seres horrendos que atacavam, vindos do rio escuro.

Fennrys e Mason se prepararam. As chances contra eles eram absurdas. Ao menos, era o que Fennrys pensava, mas de repente ele notou um movimento na água. A superfície plana, cor de chumbo, do rio Hudson agitou-se numa espuma branca... e então negro-avermelhada. O que quer que estivesse se movendo logo abaixo da superfície estava na verdade *atacando* os *draugr* à medida que eles se atiravam pelos lados dos barcos-dragões. E não era tudo. Grandes vultos escuros apareceram nos céus acima, circulando com asas enormes, criaturas que mergulhavam repetidas vezes para capturar com garras poderosas alguns dos *draugr* caídos, destroçando-os, atirando no rio os pedaços dos guerreiros monstruosos.

Pelo visto, eles tinham aliados.

A primeira onda de atacantes chegou. Dentes e garras e lâminas de gumes dentados assaltaram Fennrys em saraivadas frenéticas, e ele se viu aparando e desferindo golpes como se a espada em sua mão fosse uma extensão viva de seu corpo.

Sua mente deslizou sem esforço para um lugar sombrio e carregado, um profundo reservatório, tingido de vermelho, de fúria primitiva e sedutores pensamentos sussurrantes de destruição e violência incontrolável.

Ignorando as instruções de ficar na retaguarda, Mason de repente adiantou-se para o lado de Fennrys quando os *draugr* o alcançaram. Ele gritou irritado para

que recuasse, mas ela o ignorou. E portou-se mais do que bem, manejando a espada com uma perícia que transcendia o puro desespero. Parecia que ela estava sendo movida pelo mesmo tipo de ânsia alucinada de lutar que o próprio Fennrys sentia. Era como se, naqueles breves momentos desesperados, Mason fosse possuída por uma força externa a ela. O impulso súbito dele de ceder-lhe o medalhão tinha sido acertado, ele pensou. O poder do objeto parecia alimentar uma espécie de fúria que vinha do fundo de sua alma, multiplicando-a e jogando-a contra os *draugr*, com efeitos devastadores. Embora fosse tremendamente útil, dadas as circunstâncias, num canto da mente de Fennrys aquele pensamento fez soar um alarme.

Corpos cinzentos retorcidos começaram a cobrir as pedras do calçamento, enquanto ambos cavavam com suas lâminas em tempo e espaço suficientes para que a maioria dos clientes aterrorizados fugisse pelo caminho de saída do restaurante. Os gritos de pânico foram sumindo nos ouvidos de Fennrys, e ao mesmo tempo os *draugr* recuaram, reagrupando-se depois que a onda inicial foi dizimada pela oposição feroz e inesperada.

Naquele momento de espaço para respirar, Fennrys virou-se para Mason.

– Cruze o restaurante. Recue para o pátio circular interno – ele a instruiu. – Há mais espaço lá para lutar se eles nos atacarem de novo. E se não atacarem, poderemos seguir em frente e cair fora daqui.

De olhos arregalados e ofegante, Mason pulou por cima de um dos vultos caídos, que vertia sangue preto, e correu pelo restaurante, um labirinto de móveis derrubados, na direção de um arco que dava para o pátio interno a céu aberto. Fennrys vinha logo atrás dela. Mas, quando chegaram ao largo parecido com um coliseu, algo aconteceu. Fennrys viu que Mason de repente hesitou e se retraiu, sua fúria alucinada desapareceu tão depressa quanto surgira. Ele a viu recuar de um *draugr* em vez de acuá-lo com um ataque. Os ombros dela se curvaram para a frente numa postura defensiva, quase temerosa, e seus olhos reviravam de um lado a outro. Ela parecia fenecer bem na frente dele. Não fazia sentido. Eles estavam ganhando. O que havia de errado com ela?

Então ele olhou para cima e percebeu.

Uma bruma cerrada havia descido sobre o círculo aberto do pátio central do café como um teto impenetrável, uma mortalha preta como fumaça que escondia o céu. Ela pendia como uma pesada cortina de veludo, por todos os lados, e o efeito era sufocante, desconcertante. De repente, era impossível saber qual dos

arcos levava para fora do pátio. Se escolhessem o caminho errado, ficariam presos e nunca poderiam abrir caminho para fora dali.

Era um belo truque, especialmente destinado a atacar os problemas de Mason com “limitações espaciais”. Ficou muito claro para Fennrys, naquele momento, que alguém sabia muito mais sobre Mason Starling do que seria saudável para ela. Ou, naquele instante, para ele. Quem quer que estivesse por trás do ataque estava usando o medo de Mason contra eles.

– Ah... droga... – murmurou Fenn.

Os *draugr* os cercaram totalmente.

– Vamos lá, Mase – disse Fennrys, pegando-a pela mão e puxando-a para o centro do círculo. Ele apontou para dois arcos agora idênticos. – Por onde a gente vai?

– Não tem por onde – ela gemeu.

Ele a olhou de relance e viu que Mason havia ficado terrivelmente pálida. A palma da mão dela estava pegajosa de suor frio de encontro à dele quando ele a segurou com mais força.

– Não tem como sair daqui! Não tem um jeito de escapar! Eu... eu não sei sair. Fenn... ah, meu Deus, estamos encurralados...

– Nada disso – ele rosnou e chutou no peito com sua bota de sola grossa um *draugr* que atacava, sorrindo de forma selvagem com o estalo satisfatório do esterno da criatura, ao sentir a caixa torácica esmagar o coração morto. – Encontre um caminho ou então abra um, Mase. Use o medalhão. *Use-o*, de verdade.

Aquilo tinha funcionado com Mason antes, qualquer que fosse o poder que o disco de ferro tivesse. Fennrys tinha de fazer com que ela o usasse de novo, para encontrar uma saída daquela armadilha mortal que havia sido montada especificamente para tirar vantagem do maior medo dela.

– Não posso. Não posso...

– Você pode, *sim*. – Fennrys virou-se e pegou-a pelos ombros, forçando-a a olhar nos olhos dele. – Abra uma passagem em sua mente, Mason. Encontre a saída dentro de você e então torne-a real. Faça *acontecer*. – Ele a virou para ficar de frente aos arcos onde rodopiava o nevoeiro sinistro. – É assim que a magia funciona.

– Eu não... não...

– Qual deles? – ele perguntou com suavidade. – Não se preocupe com o caminho lá para cima. Leve-nos para o rio, querida. Encontre a passagem. Abra

a porta e eu sigo logo atrás de você.

Ele meio que se virou e decapitou um *draugr* com um desprezo quase casual. Mas aquilo foi mais para se exibir para Mason. Ele não ia conseguir aguentar por muito tempo. Seus braços estavam cansados, e mais e mais demônios de pele cinza jorravam pelos arcos, de todos os lados, avançando aos poucos na direção deles. Mas na água havia amigos, ou ao menos era o que ele esperava que fossem, que talvez pudessem ajudá-los a escapar. Valia a pena tentar. Sobretudo porque era a única chance que lhes restava.

– Tire-nos daqui, Mase – ele sussurrou aflito.

A temperatura estava caindo depressa, e estalactites de gelo começavam a se formar nos arcos, como dentes agudos em bocas escancaradas e famintas. Fennrys soltou a mão de Mason, e os ombros dela enrijeceram. No entanto, ela respirou fundo e virou-se para fora, olhando para cada arco, uma expressão de intensa concentração tomando conta de suas feições. Fennrys viu diminutas centelhas brancas reluzindo na superfície do disco de ferro no pescoço dela. Seu olhar de safira saltava de uma passagem a outra e, de repente, uma rajada de vento quente soprou por uma delas, jogando para trás os cabelos de ébano, como asas a cada lado da cabeça.

– Por ali!

Ela apontou com a espada e estendeu a mão para trás, para pegar a de Fenn. Juntos eles correram para diante, atirando-se através da névoa escura. Esta rodopiou como um enxame de vaga-lumes ao longo dos braços e rostos deles, e de repente eles irromperam no terraço, onde uma violenta tormenta elétrica rugia e transformava o rio Hudson num caldeirão de espuma branca.

XX

Mason correu para a marina, onde os iates ardiam e os navios-fantasmas com proa de dragão balançavam silenciosos, sem suas tripulações guerreiras. Seus passos ressoaram pesados nas velhas tábuas de madeira, e, sem parar para pensar no que estava fazendo, ela se atirou do final do píer num mergulho longo e raso que a carregou para dentro da água, por debaixo do combustível do iate que ardia na superfície. O mundo reduziu-se a fogo por cima e água profunda e gelada por baixo. Como num de seus sonhos.

Ela começou a afundar, arrastada para baixo, para as profundezas sombrias do rio, pelo peso da espada que ela se recusava a largar. A outra mão segurava com força a mão de Fennrys, enquanto ele se debatia e chutava, lutando contra a corrente rápida e irrefreável do rio. Mason era uma excelente nadadora e havia enfrentado correntes fortes ao nadar no Havaí, durante férias em família. Porém nunca havia sentido nada como agora. Era impossível. Era quase como se o rio Hudson tivesse mente própria. E era uma mente maliciosa, cheia de maldade. Eles podiam ter escapado dos *draugr*, mas agora enfrentavam o perigo real de se afogarem.

Mason bateu os pés para cima, com toda a vontade, fechando os olhos contra o ardor do combustível misturado à água. Quando abriu os olhos de novo, viu inúmeros vultos escuros na água, seres escamados, esguios, os cabelos negros como algas marinhas flutuando na correnteza, pairando num círculo ao redor dela e de Fenn. Mason gritou, um leque de bolhas prateadas escapando de sua boca e escorrendo para cima diante de seu rosto, e algo branco de repente passou adiante daqueles horríveis seres de pesadelo. Quando Mason conseguiu enxergar de novo, viu-se cercada por nove mulheres de uma beleza ofuscante, com cabelos brancos como pérolas, pele azul luzidia e olhos de esmeralda. Todas sorriam para ela.

E aquilo, Mason pensou enquanto começava a perder a consciência, o simples fato de que estavam sorrindo – *isso*, ainda por cima de tudo – era inacreditavelmente esquisito.

Mason não sabia quanto tempo havia se passado quando acordou e viu que estava na margem oeste do rio Hudson, do lado de Nova Jersey, deitada numa extensão cascalhada de terreno abandonado, por baixo de uma espécie de instalação industrial portuária que parecia abandonada. Ela gemeu e rolou para um lado, vomitando uma golfada de água do rio de gosto horrível, e ao abrir os olhos viu que Fennrys estava agachado a pouca distância dela, olhando-a com um misto de curiosidade, preocupação e – isto a magoou um pouco – desconfiança.

– Não me olhe desse jeito – ela murmurou mal-humorada. – Pelo menos não sou um matador de monstros que caiu de dentro de uma tempestade e impediu um miniapocalipse zumbi.

– Não – Fennrys concordou de imediato. – Não, você só bateu um papo agradável debaixo d'água com... hã... o que exatamente você acha que aquelas mulheres azuis eram?

– Achei que eram deusas.

– É. Foi o que pensei também.

Ela se sentou, toda dura, torcendo a água malcheirosa de seu cabelo, e olhou na direção do rio. A água corria tranquila, refletindo a luz do sol do final de tarde em tons de cobre e ouro. Ela se virou de novo para Fenn.

– Como você sabia?

– Sabia o quê?

– Todo aquele lance que você disse de "torne a coisa real em sua mente e ela vai se tornar real". Saca, "é assim que a magia funciona"?

Ela olhou para ele, os braços envolvendo protetores os joelhos. Porque tinha sido exatamente o que havia acontecido no pátio redondo do café. Ela havia criado uma passagem em sua mente, como ele tinha dito a ela para fazer, que levava para fora, para o rio. E foi o que aconteceu. Claro, talvez tivesse sido só uma coincidência, por pura sorte. Mas ela duvidava muito, *muito* mesmo.

– O quanto exatamente você se lembra, Fennrys?

– De alguma forma, eu sei que o que você fez... o que eu disse para você fazer... é magia. – Ele franziu a sobrancelha quando disse aquela palavra. – E eu

também sei que magia, nesse caso específico, se escreve com M maiúsculo, e não é algo com que podemos lidar o tempo todo.

Mason piscou os olhos confusa.

– Com M maiúsculo. Certo. Então... não é magia, mas Magia. – Aos ouvidos dela, soava exatamente igual, mas em sua mente, de fato parecia um pouco diferente. *Esquisito*. – Como queira. Mas não acho que conseguiria fazer isso de novo.

– Espero que você não precise. – Fenn apontou para o medalhão no pescoço de Mason. – Mas acho que você precisa ficar com isso. Só mais um tempo.

– O quê? – Mason olhou para ele. – Não! Você precisa dele. Você me disse isso.

– Eu *precisava* dele.

Ele sorriu para ela, e ela percebeu que, por mais desacostumado que estivesse com aquele gesto, Fennrys, o Lobo, tinha um sorriso maravilhoso.

– Eu precisava dele para trazer você de volta para mim.

Ah... uau...

– Você é a única garota que conheço no mundo, Mase. – Ele deu uma risadinha com a expressão no rosto dela. – Seria uma pena se eu tivesse de ter todo o trabalho de encontrar outra.

Bem na hora em que as coisas poderiam ir de subitamente incríveis para subitamente desconfortáveis, Fennrys desviou o olhar. Ele desgrudou da perna de seu *jeans* um longo pedaço de planta aquática e ergueu-o diante do rosto por um instante, como se procurasse alguma pista do que acabava de acontecer com eles. Mas era só um pedaço de planta aquática.

Ele a jogou de lado e, fazendo um gesto para o rio, disse:

– Então... que sabedoria ancestral a equipe de nado sincronizado compartilhou com você?

– Você não conseguiu ouvir o que elas disseram? – perguntou Mason.

– Não. Papo de garotas, acho.

– Ah. Hã. Será que eu devia te contar, então?

– Você decide.

Mason pensou nas coisas que as deusas do rio haviam lhe contado. O som das vozes delas, distorcido e com eco, ainda reverberava de forma estranha em sua mente. Ela não via nenhum motivo para não contar a Fennrys. Era bem evidente que as palavras delas não tinham nada a ver com ele.

– Elas disseram algo do tipo “Somos as filhas do Guardião, o inimigo do

Devorador. Trazemos uma mensagem. Ajudá-la nós vamos, por uma promessa e um preço.” – Mason encolheu os ombros. – Pensando bem, elas meio que soam como o Yoda.

Fennrys franziu as sobrancelhas.

– Só isso?

– Não. Quer dizer, elas nos ajudaram. Elas nos tiraram do meio daquele enxame de... o que eram aquelas coisas horríveis meio répteis, afinal?

– Nixxie – Fennrys respondeu sem pensar.

– Quem são...?

Ele a olhou com uma expressão carrancuda.

– Ah, droga, eu *não* sei. Eu só sei como se chamam. Continue. Você estava dizendo que elas nos ajudaram porque... – Ele ficou alarmado de repente. – Espere aí. Você não prometeu nada para elas, prometeu?

– O quê? – Mason assustou-se com sua intensidade súbita. – Hã... não. Quer dizer. Nada específico. Por quê?

Fennrys soltou o ar de uma vez, pelo nariz, com olhar introspectivo.

– Não tenho certeza. É só mais uma coisa que não sei, mas... Tenho um pressentimento ruim quanto a fazer promessas a criaturas como aquelas mulheres. Tenho a impressão de que elas são do tipo que mais tarde voltam para cobrar o favor.

– Bem, eu não disse que faria nada ruim – murmurou Mason, sentindo-se um pouco idiota.

Ela já tinha lido o suficiente sobre folclore e contos de fada para saber que Fennrys devia estar certo. Promessas eram coisas perigosas, e não deviam ser feitas em vão. Por outro lado, naquela hora, ela tinha certeza de que, se tivesse recusado a oferta das sereias, elas teriam nadado para longe e deixado aqueles seres-lagartos, escamosos e cheios de dentes... como Fennrys os havia chamado? Nixxie?... comerem ela e ao valente loiro que a acompanhava. Ou, mais fácil ainda, elas deixariam que eles se afogassem. Então, sim, ela tinha feito uma promessa.

– Eu só prometi que, se alguma vez tivesse a chance, eu... como elas disseram?... daria um fim no Devorador.

Fenn ficou olhando para ela.

– Não parece uma coisa tão ruim, não é? – ela perguntou, de repente questionando seriamente seu próprio julgamento no momento em que fez a promessa. – Quer dizer... qualquer um com o apelido de *Devorador* parece que

bem merece ser morto. E nem tem importância. Sou uma simples aluna do ensino médio, pelo amor de Deus, e não uma espécie de anjo da morte vingador. Tenho certeza de que o Devorador, quem quer que seja, estará bem seguro se eu for sua única ameaça. Você não acha?

– Não sei, Mase. Acho que não vou ter certeza de nada por um bom tempo. Mas... você deve estar certa. E fez a coisa certa. Se não tivesse prometido, nós dois estaríamos mortos. – Fennrys pegou um pedregulho liso e chato e jogou-o no ar algumas vezes. – Alguma ideia de quem pode ser esse tal Devorador?

– Não – Mason suspirou. – E as damas bondosas pareceram não achar importante preencher as lacunas. Como se eu simplesmente fosse saber quando tropeçasse no cara esperando na fila do Starbucks para comprar um *latte* e um salgado.

Fennrys sacudiu a cabeça e riu. Então, com uma torção lateral repentina do pulso, lançou a pedra, que quicou na superfície agora tranquila do rio.

– Você é realmente uma garota muito especial, Mason Starling.

– Uau. – Mason engoliu em seco, tentando desfazer o nó de medo que pareceu ficar preso em sua garganta diante daquele pensamento. Procurou manter um tom leve, mas até ela pôde notar o tremor em sua voz. – Isso é *exatamente* o que toda garota quer ouvir. – Ela afastou do rosto o cabelo preto úmido, tremendo, e seus dentes começaram a bater, ainda que ela os tivesse cerrado com força. – Em exatamente *qualquer* circunstância que não seja esta.

Fennrys ficou em pé e cruzou os três passos de distância entre eles, abaixando-se ao lado de Mason. Ele a circundou com um braço e esfregou-lhe o ombro com suavidade, aquecendo-a.

– Estou aterrorizada, Fenn.

– Eu sei, Mase – ele disse baixinho. – Ajudaria se eu dissesse que também estou?

Ela torceu o corpo e ergueu os olhos para ele.

– Não, nem um pouco – respondeu, muito séria.

– Ótimo. Porque não estou. – Ele sorriu. – Nem um pouco.

Ela se pegou respondendo com um sorrisinho. Ele a abraçou com mais força. Ela enterrou o rosto no ombro dele e se perguntou... foi só sua imaginação, ou os lábios dele tinham mesmo roçado o alto da cabeça dela? Não... lá estava, de novo. Ela sentiu cada milímetro de sua pele formigar a partir daquele ponto de contato em sua cabeça, até as solas dos pés.

Mason relaxou um pouco no abraço de Fenn, virando-se para apoiar a cabeça

no peito largo dele, de modo a poder olhar para o outro lado do rio, para a vista de Manhattan. O píer da marina e vários iates estavam em chamas, mas não havia mais qualquer sinal dos navios-fantasmas ou do nevoeiro que os levara até a costa, só uma fina camada de fumaça opaca por cima das labaredas oleosas e escuras. Ela se perguntou se os corpos dos *draugr* que ela e Fennrys haviam largado espalhados por todo o café teriam desaparecido junto com os barcos. Da mesma forma como tinham desaparecido do ginásio de Gosforth.

Mason podia ouvir as sirenes chegando mais perto, e viu dois barcos da polícia subindo o rio a toda velocidade. Ela torcia para que ninguém tivesse se ferido com gravidade no pânico alucinado para fugir do café e imaginou como isso ia aparecer no noticiário noturno. Teria alguém registrado com o celular alguma imagem dela atacando os guerreiros-cadáveres com uma espada? Ela não sabia bem como explicaria algo assim a seu pai.

Muito longe, para além da fumaça que subia em espirais, Mason podia ver duas aves circulando em voo pairado por cima da cidade. Eram imensas, águias ou talvez condores, embora fosse difícil dizer com a distância. Mas então ela se lembrou das formas aladas, indistintas pela velocidade, que ela pensou ter visto atacando os *draugr*, e estremeceu.

As aves atraíram o olhar dela para onde o sol poente se refletia nas torres envidraçadas dos edifícios comerciais de Nova York, e Mason se lembrou, com um sobressalto de pânico, que ela teria treino de esgrima em talvez menos de uma hora. E, estando agora na margem oeste do rio Hudson – em *Nova Jersey*, caramba –, ela teria de criar asas e voar, caso não saísse naquele minuto e tentasse encontrar um táxi para levá-la de volta ao Upper West Side. Ela ficou em pé tão depressa que bateu com a parte de trás da cabeça em cheio no rosto de Fennrys.

– Ai! – Ele pôs a mão no nariz e fechou os olhos com força.

– Ah, meu Deus, me desculpe! – Ela ergueu a mão, mas a recolheu depressa, antes de causar mais algum dano. – Sou mesmo um perigo para mim e para os outros...

Fenn abriu um olho e piscou para ela.

– Isso não, Mason – ele disse, com seu sorriso meio maluco. – Nunca.

Mason sacudiu a cabeça e devolveu o sorriso, mas em sua mente um fiapo delgado e sinuoso de dúvida se esgueirou por entre a afirmação de Fennrys. Ela pensou em Calum e suas cicatrizes, e ficou pensando se no fim das contas não teria sido ela quem o colocou em perigo. Se tivesse sido *ela* o alvo do ataque

monstruoso ao ginásio naquela noite, algo que à luz do ataque no café, por mais inexplicável que fosse, parecia cada vez mais provável, então, que ela era perigosa. E as pessoas de quem ela gostava podiam se ferir por causa dela. Não importava o que Fennrys dissesse.

XXI

Rory estendeu a mão e desligou a televisão. As notícias do dia só falavam de algum tipo de ataque na marina no rio Hudson, e todos os comentaristas especulavam a respeito de terrorismo. Rory fez um muxoxo. Que tipo de terrorista fajuto incendeia um monte de barcos de mauricinhos, todos cheios de fru-frus e com nomes idiotas como *Onda Mística* pintados nas proas? De qualquer forma, o agito já tinha terminado, e ninguém tinha sequer tirado fotos decentes da destruição com os celulares. Os habitantes de Manhattan eram tão inúteis...

Talvez, ele pensou, Mason gostasse de viver naquele dormitório idiota na academia, mas Mason era uma fracassada, e nunca fazia nada de interessante, mesmo. Do ponto de vista dele, era como trocar um *spa* particular por uma piscina pública. Dizer que Rory tinha uma visão cínica da condição humana era um eufemismo e tanto.

Assim, quando teve a chance de voltar para casa, ele aproveitou. E, uma vez lá, decidiu prolongar a estadia alegando um terrível resfriado, sem dúvida provocado pela exposição aos elementos durante a tempestade. Quando Mason retornou para Gosforth na manhã de segunda-feira, ele se despediu da irmã caçula com um falso nariz congestionado e voltou para o meio dos deliciosos lençóis de algodão egípcio de sua cama *king size*. Com um pouco de sorte, ele poderia prolongar aquilo para conseguir uma semana inteira longe da escola.

Depois de alguns dias refestelado em seu quarto, imerso em sua vasta seleção de *video games*, ele finalmente emergiu e, assobiando baixinho, rumou para a sauna com uma garrafa de conhaque surrupiada da reserva especial do pai escondida no bolso de seu roupão felpudo.

Rory sabia que Top Gunn não estava lá transbordando de felicidade por tê-lo em casa, mas o lugar era tão grande que ele mal via o pai, e por ele estava ótimo se continuasse assim. Gunnar andava com um humor particularmente ruim de

qualquer modo. Assim, Rory podia passar o tempo que quisesse sozinho, para tentar entender o que diabos tinha acontecido no ginásio durante a tempestade.

Os outros podiam ignorar, ou esquecer, ou varrer para baixo do tapete o quanto quisessem. Rory ficava mais do que feliz por eles fazerem isso. Ele sabia que havia algum bom motivo quando, movido por seu instinto, pressionou Mason a ficar de boca fechada, assim que percebeu para que lado os outros pendiam. E não era só porque ele não queria fornecer material para os tabloides sensacionalistas. Eles não queriam contar a verdade a ninguém? *Ótimo*.

Para ele, era perfeito.

Ele queria aquilo tudo só para si.

Ele nem sabia o que "aquilo" era. Ainda. No entanto, havia vozes estranhas, agitadas, sussurrando-lhe no fundo da mente, vozes que lhe diziam que *isso* era o que ele vinha esperando por toda a sua vida. Isso era o início de algo... extraordinário. E Rory não queria dividi-lo com ninguém. Muito menos com Mason.

Descalço e enrolado só numa toalha de banho, ele voltou pelo corredor acarpetado e de paredes revestidas de madeira escura, sentindo-se agradavelmente inebriado pelo vapor e pela bebida e planejando como passar o resto do dia. Uma vez decidido, ele vestiu *jeans* e camiseta e, depois de um breve desvio pelo escritório vazio do pai, dirigiu-se para o enorme porão que havia embaixo da mansão.

Anos atrás, muito antes de Rory nascer, seu avô Magnus Starling havia convertido o aposento gigantesco num espaço que agora alojava uma enorme e complexa maquete ferroviária. Ela continha uma miniatura perfeita da cidade de Nova York, com trilhos de trem irradiando-se do Grand Central Terminal e da Penn Station, e incluía toda a Manhattan e uma boa parte de Long Island e a costa de Nova Jersey. Água de verdade circulava ao redor das ilhas moldadas nos rios East e Hudson e pelo porto, onde erguia-se uma pequena Estátua da Liberdade.

Quando era criança, Rory às vezes desaparecia lá embaixo durante o dia inteiro e se perdia na pequena cidade, fazendo a versão miniatura do trem particular dos Starling correr através dos túneis secretos sob a cidade, aqueles que tinham sido construídos especificamente para os negócios da família Starling e que eram desconhecidos até mesmo para algumas das figuras públicas de Nova York.

Agora, graças a Gunnar e a Magnus, havia trechos dos trilhos subterrâneos

que conectavam o condado de Westchester e Long Island, dando a Gunnar Starling fácil acesso aos confins de seu império, como se ele fosse um rei.

– Ele *acha* que é um maldito rei – resmungou Rory para si mesmo, agachando-se e rastejando para baixo da imensa mesa que sustentava a maquete.

Havia um dispositivo que removia todo o Central Park do meio da cidade, de modo que o operador podia ficar ali, cercado pela cidade por todos os lados, enquanto conduzia. Rory puxou a alavanca, e o trecho do parque baixou e deslizou por baixo da mesa. Havia um interruptor no painel de operação que ativava um elaborado sistema de fibras ópticas que fazia toda a maquete brilhar e piscar como a cidade de noite. Normalmente Rory o teria ligado, mas ele queria a escuridão. Só precisava de luz suficiente para ler.

Ele se sentou no meio da cidade em miniatura, ligou uma pequena lanterna e tirou o velho diário de couro de Gunnar de debaixo da camisa. De repente, algo nele pareceu estranho. Por anos, o diário tinha ficado oculto no cofre do escritório de Gunnar, sem ser tocado por ninguém a não ser por Rory. Mas agora, na página seguinte ao último registro, havia tinta fresca. Rory prendeu a respiração enquanto lia o novo texto escrito.

As Nornes me fizeram uma segunda visita esta noite...

O sangue de Rory gelou.

A tempestade. Ela foi um prenúncio, como eu tinha suspeitado. Porém mais do que isso. Tanto um portento quanto um portal. Os caminhos estão abertos de novo.
E meu sonho de Ragnarök, há muito morto, foi revivido.
Aquelas que determinam o destino acharam por bem dar-me uma segunda chance.
As Nornes me ofereceram uma taça da qual beber. Por um preço.
Como o poderoso Odin, agora estou totalmente privado da visão de um olho.
Entretanto a profecia agora está clara para mim, e vejo os equívocos para os quais, em minha arrogância, antes eu estava cego.

Rory sentiu uma pontada de inusitada piedade por seu pai. Tinham tomado metade de sua visão! Ele tentou imaginar, por um instante, qual seria a sensação daquilo. Mas então ele se livrou do pensamento e olhou o resto da página. Seu

pai havia reescrito a mesma profecia que as Nornes tinham lhe passado tantos anos antes, em Copenhague. As palavras em si estavam praticamente inalteradas. Porém Rory ficou chocado ao ver o que algumas mudanças na ordem delas tinham feito com o sentido original das frases. Ele voltou ao registro original.

Uma árvore. As asas de uma ave do arco-íris entre os ramos.
Três sementes da macieira, crescidas, tão altas quanto a lança de Odin, empunhadas pela mão da Valquíria.
Despertarão, os filhos de Odin, quando o Devorador retornar.
O martelo cairá sobre a terra que deverá renascer.

A nova versão agora dizia:

Uma árvore. Um arco-íris. As asas de uma ave entre os ramos.
Três sementes da macieira, crescidas, altas.
Quando a lança de Odin for empunhada pela mão da Valquíria,
os filhos de Odin despertarão.
Quando o Devorador retornar,
o martelo cairá sobre a terra, para renascer.

Perplexo, Rory leu a explicação de seu pai, que de repente esclareceu tudo.

Mason me lembra tanto, todos os dias, sua mãe tão linda. Minha preciosa Yelena. Minha filha tem sido minha maior alegria... e minha mais amarga decepção. Porém agora ela é a chave para realizar meu sonho para o mundo. Posso fazer com que ela se torne uma Valquíria – aquela que escolhe os mortos em batalha. Com a lança de Odin em sua mão, Mason terá o poder de criar um terceiro filho de Odin, que ficará ao lado de meus dois próprios filhos. Eles serão os arautos do Ragnarök, eles invocarão os Einherjar, os guerreiros mortos, que trarão o fim do mundo como ele existe agora. Este reino cinzento, sofrido e arruinado renascerá esplendoroso de suas próprias cinzas.
E tudo que preciso fazer é sacrificar a alma de minha adorada filha...

Aquilo atingiu Rory como um raio. O fato de Mason ser mulher não era o desastre que ele sempre imaginou. Ela não era um obstáculo à profecia. Ela era a

chave. Naquele momento, Rory ouviu vozes, vindas da adega nos fundos da sala do trem. Ele se agachou sob a mesa e escondeu o diário no canto mais profundo, sob a maquete, que conseguiu. Então prendeu a respiração e escutou.

– Mal consigo acreditar.

– É verdade. E está ao nosso alcance, Rothgar – respondeu o pai.

Rory esforçou-se por ouvir o que estavam dizendo, mantendo-se em imobilidade total para não fazer barulho algum. Até as vozes que sussurravam em sua cabeça nos últimos dias agora estavam caladas.

– O fim do mundo – disse Roth numa voz cheia de assombro. E... medo?

– *Não* – disse Gunnar, resoluto. – O começo dele. Ajude-me a escolher algo adequado para celebrar essa ocasião. Vamos brindar a nossa boa sorte, e então lhe direi o que preciso que você faça.

– Farei o melhor que puder – Roth respondeu.

– Mas é claro. Você nunca falhou, Rothgar. Você nunca me desapontou. Quisera eu poder dizer o mesmo de todos os meus filhos.

Vá se danar, velho, pensou Rory, com amargura. Mas Gunnar não estava falando dele.

– Não é culpa de Mason ter nascido mulher, papai – disse Roth.

– Eu sei. E eu não a trocaria por nada deste mundo. Bem, eu não a trocaria por *este* mundo. Entretanto a oportunidade para nós, para a humanidade, de recomeçar, Roth? Eu trocaria minha fortuna, meus filhos, minha própria alma. Foi para isso que fomos colocados aqui. Este é nosso destino. E agora Mason terá a chance de redimir o acidente de seu nascimento e deixar-nos a todos orgulhosos.

Ele vai fazer isso, pensou Rory. *Ele vai mesmo tentar fazer com que tudo aconteça.* E então pensou... *Eu vou ajudar.* Ele ficou onde estava, mudo e encolhido, ouvindo enquanto Gunnar dizia a Roth o que tinha ouvido das três Nornes. Tudo o que Rory já sabia. Mas ele precisava armar-se de motivos suficientes para que Gunnar o deixasse tomar parte no que estava por vir. Porque estava evidente que seu pai não confiava nele do mesmo jeito que confiava em seu irmão. O fato de Gunnar estar ali embaixo discutindo grandes planos com Roth – e só com Roth – era prova mais do que suficiente disso. Rory ouviu o tilintar de taças e o estouro abafado de uma rolha.

– Vai se juntar a nós? – a voz de Gunnar flutuou até ele, vinda de muito perto. – Ou vai ficar aí encolhido como uma raposa na toca, esperando os cães de caça passarem?

Lentamente Rory virou a cabeça e olhou para cima. Viu seu pai em pé como um deus, olhando para ele. E estendia uma taça de champanhe. Gunnar apertou um interruptor, e a cidade em miniatura acendeu-se à volta de Rory e começou a brilhar e piscar.

Rory parecia um gigante emergindo do meio da cidade pelo buraco que se abria onde deveria estar o Central Park. Engolindo o medo, ele estendeu a mão para aceitar o brinde oferecido pelo pai.

Ao contrário de todos os outros detalhes da maquete, a ponte Hell Gate não era totalmente precisa. Rory havia notado isso de imediato quando era criança e sempre tentara entender o porquê. A ponte de verdade estava pintada com um vermelho profundo, quase sinistro. No entanto, na pequena cidade da maquete, a ponte não havia sido pintada, e o metal prateado tinha um brilho iridescente. Aquilo sempre intrigara Rory, mas, até aquele momento, nunca lhe ocorrera o que ela de fato representava.

Bifrost.

A ponte de arco-íris para Asgard, o lar dos deuses nórdicos.

– Seus antepassados administraram a construção dessa ponte, meus filhos – divagou Gunnar baixinho, terminando de tomar o champanhe da celebração.

Ele havia se sentado num banco alto ao lado da maquete, descrevendo aos filhos sua epifania profética e os passos que teriam de dar para concretizá-la.

– Este trecho de rio originalmente se chamava Hellegat. É holandês. O termo poderia significar duas coisas: “Passagem Brilhante” ou “Portal para Hel”. É *nosso Hel*, meninos. O Inferno Nórdico. – Gunnar percorreu os contornos da ponte curva com um dedo. – Suponho que signifique as duas coisas, na verdade. E tem estado ali por todo esse tempo, esperando que realizemos seu propósito. Há uma magia poderosa entremeada ao âmago dessa construção. O projeto, os materiais utilizados... são todos muito especiais. Ela é uma maravilha, oculta em plena vista. Não é apenas uma ponte, é uma passagem para Asgard, um caminho para o reino dos deuses. *Mas*... – ele ergueu a mão. – O caminho só pode ser trilhado pelos mortos, e numa única direção. Pelo menos as coisas eram assim até recentemente.

– E o que mudou as coisas?

– Não o quê, Rothgar. Quem.

Gunnar passou um dedo pela sobrancelha esquerda distraído, o olhar perdido. Ficou em silêncio por um longo instante, e Roth e Rory se entreolharam. Rory se

lembrou de repente do último registro do diário e perguntou-se se Gunnar havia contado a Roth sobre a perda da visão, o preço que pagara pelo conhecimento que agora compartilhava com eles.

– *Quem*, pai? – perguntou Roth, por fim.

Gunnar saiu de seu devaneio e tomou o resto de sua bebida.

– Ele chama a si mesmo de Fennrys, o Lobo – disse Gunnar. – E é uma dádiva oferecida a nós pelos próprios deuses.

XXII

Desta vez, havia uma pedrinha no peitoril da janela quando Mason voltou da aula naquela tarde. Era lisa e reluzente e tinha um cordão prateado amarrado ao redor, com um bilhete. Mason sorriu quando pegou a pedrinha e desdobrou o papel.

Minha casa, esta noite, 18h. FL.

Ela tinha de admitir, a forma de comunicação de Fenn tinha seu charme. Muito mais legal do que mensagens de texto. Mason ficou virando a pedrinha na mão, pensando. Ela não deveria ir. Tinha uma montanha de dever de casa, uma sessão do grupo de estudo que ela não podia se dar ao luxo de perder e, mais tarde, naquela noite, um treino de esgrima opcional que ela sabia perfeitamente que Toby não consideraria opcional. Não para ela, e não às vésperas das eliminatórias nacionais. E mais, da última vez em que esteve com Fennrys, ela havia sido atacada e quase morta por monstros. De novo.

Sério, ela devia ser uma boa garota e fazer o que deveria ser feito.

Mas estava se sentindo rebelde, fora do seu normal. E merecia uma noite de folga. Não merecia?

Merecesse ou não, Mason sabia muito bem, só pela forma como o coração batia acelerado no peito, pela forma como argumentava consigo mesma e pela forma como seus olhos voltavam o tempo todo para a pedrinha em sua mão e para o bilhete, que não ia ser uma boa garota.

Não dessa vez.

– Tenho uma coisa para você – disse Fennrys, assim que ela saiu do elevador de carga, no apartamento dele.

Quando ela chegou ao armazém, viu que a porta da frente fora deixada aberta e o elevador estava à espera, com a grade aberta, pronto para levá-la até o andar de cima. Mason ainda estava um pouco surpresa consigo mesma. Ninguém sabia onde estava, ninguém sabia com quem estava ou como encontrá-la. Fazia poucos dias que conhecia Fenn e quase tinha sido morta em mais de uma ocasião na presença dele. E, ainda assim, nunca havia se sentido mais segura em toda a sua vida.

Segura, mas um pouco sem ar. Ela tentou não ficar mexendo no cabelo ou na roupa, meio desejando não ter decidido se arrumar e apenas ter ido de *jeans* e tênis, como sempre.

Ao entrar no apartamento, notou que todas as janelas da longa parede de tijolos estavam abertas alguns centímetros, emolduradas por cortinas que se agitavam suavemente, como uma fileira de fantasmas.

Mason sorriu. Ele tinha aberto as janelas para ela.

Nenhum deles disse nada enquanto Fennrys a conduzia para a parte do amplo *loft* mobiliada como uma sala de jantar. Havia uma longa mesa de jantar de madeira, e sobre ela estava um estojo de couro escuro, longo e estreito, que se afilava numa das extremidades. Tinha sido adornado com uma larga fita prateada, atada com um laço. O olhar de Mason foi e voltou entre o estojo e Fennrys.

– Vá em frente – ele disse baixinho. – Abra.

Mason estendeu a mão, hesitante, e puxou uma das pontas do laço. Ele se desfez e ela abriu os fechos prateados na lateral do estojo e ergueu a tampa. Dentro, aninhada em veludo azul-escuro, estava a belíssima e elegante rapieira de empunhadura curva e lâmina prateada que Mason tanto havia admirado no dia em que ela e Fennrys descobriram o apartamento e as armas escondidas. A respiração ficou trancada em sua garganta quando ela viu o cartãozinho preso a ela dizendo:

Para Mason. A única garota em meu mundo.

Ela respirou fundo e manteve o rosto virado para que Fennrys não o visse enquanto piscava os olhos com a súbita umidade nos cílios, que transformava em estrelinhas luminosas a luz refletida pela lâmina.

– Você quer que eu fique com ela? – perguntou baixinho.

Ouviu a risadinha dele atrás de si.

– Cheguei à conclusão de que, se você vai continuar se metendo em situações em que precisa lutar para escapar, é melhor que fique bonita fazendo isso.

O brilho da luz no punho envolto com fios metálicos compeliu-a a estender a mão e pegar a arma. As linhas recurvadas da guarda envolveram sua mão como os floreios da pena de um calígrafo. Ela ergueu a espada de seu leito de veludo e viu que, por baixo dela, havia uma luva de esgrima de couro negro, junto a uma bainha para ser usada a tiracolo, como um boldrié. Esta também era negra, com detalhes em prata e uma pedra azul cravada no fecho. Obviamente não era algo que tinha sido feito para Fennrys; era feminino e esguio e combinava perfeitamente com *ela*.

Mason pegou-a e passou o arnês por cima do ombro, de modo que a bainha ficou pendendo em seu quadril esquerdo. Então pegou a luva. Ela embainhou a espada apenas o suficiente para calçar a mão direita no couro macio que serviu... bem, como uma luva.

– É perfeita – ela disse, sacando a espada enquanto ia para o centro da sala, onde o tapete havia sido enrolado e posto de lado.

Brandiu a espada de um lado a outro, num movimento circular, em forma de oito, súbita e completamente à vontade. Os melhores momentos de Mason, os mais serenos, eram aqueles em que tinha uma espada nas mãos. Toda a sua timidez e hesitação se evaporavam, e ela era capaz de sentir-se confiante e forte.

Fennrys a observava enquanto ela executava uma série de exercícios de esgrima. Estava acostumada, claro, a uma lâmina muito mais leve e fina, mas os princípios não eram muito diferentes. Depois de alguns momentos ali parado observando-a, os braços cruzados e um sorriso erguendo um canto da boca, Fennrys virou-se e deslizou a parede para um lado, para ter acesso à coleção de armas, e pegou uma segunda rapieira – esta com guarda-mão mais discreto, mais masculino. Então rodeou Mason num semicírculo, parando diante dela numa displicente posição em guarda.

O sorriso dele era um convite, e Mason sorriu de volta. Fez uma pequena saudação com sua lâmina. A respiração tranquilizou-se em seu peito, e ela sentiu o fluxo de sangue para a cabeça e a descarga de adrenalina quando Fennrys fez um falso ataque com sua espada, que ela aparou com facilidade e desviou para o lado. O ataque exploratório dela, um golpe de corte diagonal mirando o ombro esquerdo dele, também foi malsucedido. Ambos rodearam um ao outro por um instante, e então Mason partiu para um golpe lateral baixo, que passou por baixo da guarda de Fennrys e quase lhe acertou a coxa, pouco acima do joelho. Ela

pensou por um instante que teria que recuar o golpe para evitar atingi-lo de fato, mas então a lâmina dele abateu-se num movimento circular líquido, rápido como um raio, e chocou-se com a sua, com força suficiente para entorpecer de imediato seus dedos. A espada voou da mão dela e deslizou por toda a sala.

E de repente ela se viu com a ponta da rapieira de Fennrys tocando a base de sua garganta.

Os olhos azul-claros do Lobo estavam faiscantes e frios, suas pupilas dilatadas. Suas narinas também se dilataram enquanto ele desviou a ponta da espada um pouco para o lado, de modo a tocar o ombro direito de Mason, quase como se ele estivesse a ponto de consagrá-la como cavaleiro, então ele se aproximou dela. O aço frio do dorso da lâmina deslizou pela pele nua de Mason como uma carícia gélida. Ela estremeceu e ergueu o olhar para o rosto de Fenn.

– Posso não me lembrar de muita coisa, mas disso eu me lembro. E, definitivamente, creio que fiz isso muitas vezes – ele murmurou.

– Desarmar garotas em seu apartamento? – ela perguntou, com a respiração ofegante e rápida, e não apenas por causa do esforço. – Essa é sua ideia de um encontro?

Fennrys sorriu para ela.

– Eu me refiro a lutar. Acho que eu já lutei... muito.

– Eu já poderia ter dito isso a você quando nos conhecemos. E de novo na marina. – Ela sorriu para ele e acenou com a cabeça na direção de sua espada caída ao chão. – Agora posso pegar meu presente de volta, por favor?

Ele riu, com aquele som baixo que parecia perigoso, quase um rosnado, e que fazia o coração dela bater mais forte. Então ele se virou e apanhou a espada caída, jogando-a com leveza na direção dela. Mason apanhou-a logo abaixo da guarda, com a mão enluvada.

– Então... – Fennrys riscou o ar diante de si com a espada. – Quer tentar de novo?

Mason olhou para ele, erguendo uma sobrancelha. Ela achava ter entendido o que ele pretendia, mas perguntou assim mesmo.

– Por que você está fazendo isso?

– O quê?

– Tudo isso – ela fez um círculo no ar com a ponta da espada. – Esse lance da esgrima.

– É importante para você.

– E...?

– E eu quero ajudar você a vencer a competição na semana que vem. – Ele deu um passo na direção dela. – Eu vi como você ficou chateada por ter perdido aquele último combate. Você é uma lutadora fantástica, Mason, mas acho que posso ajudá-la a melhorar ainda mais, se me permitir. Como eu disse... acho que já fiz bastante isso.

– Eu tenho um treinador...

– Eu sei.

– E Calum em teoria me orienta nos treinos.

– Mas ele não está fazendo isso, está?

Ela sacudiu a cabeça em silêncio.

– Tire os sapatos – ele disse.

Ela olhou para baixo. Ele tinha razão. Os saltos, por mais baixos que fossem, de fato não eram adequados para o combate (claro, e a saia curta e provocante que ela vestira também não). Ela chutou os sapatos para longe e ficou imóvel enquanto Fennrys se colocava por trás dela e com suavidade erguia os braços dela para a posição em guarda. Ela ficou naquela posição, preparando-se.

– Não – ele disse.

A voz soava em sua orelha. Ela podia sentir a respiração dele agitando os fios soltos de seu cabelo que tinham escapado de seu rabo de cavalo.

– Seus dedos estão muito apertados. Tensos. Foi por isso que consegui desarmar você com tanta facilidade. Você tem que ficar relaxada. – Ele colocou a borda dos dedos sob os dela e afrouxou-os, de modo que a espada balançava de leve na mão dela. – Assim.

– Eu sei como segurar uma espada.

– Eu sei que você sabe como *segurar* uma espada. Não estamos falando de segurar. E também não é *usar*. Uma espada não é uma ferramenta. Não se você fizer tudo certo – ele prosseguiu num murmúrio. – É uma extensão de sua vontade. Há continuidade de fluxo. Não estamos falando em *usar* uma arma. Mas sim de *tornar-se* uma. De fazer da espada uma parte de sua mão. Seu braço. Seu corpo todo.

Enquanto falava, Fennrys corria as mãos pelo dorso das mãos dela. Ao longo do braço dela, pelos ombros. Pelos músculos que desciam de ambos os lados da coluna. Sobre seu traseiro e pelas coxas e panturrilhas, até os calcanhares dos pés descalços dela. Mason sentiu como se as mãos dele tivessem deixado um rastro de fogo e cristais de gelo por sua pele. Ela lutou para não soltar uma

exclamação quando ele se ajoelhou ao seu lado e envolveu com os longos dedos seus tornozelos nus.

– Você está tensa.

– Estou em guarda. Não devo estar preparada para lutar?

– Você não pode lutar se não estiver solta. Você não tem espaço de manobra. Não há espaço para mudar de ideia. Relaxe seus pés.

– Como vou poder mudar de ideia com meus pés?

– Seus pés vão saber o que precisam fazer antes que seu cérebro lhes diga. Deixe-os livres. Vamos lá, Mase. Mexa os dedos dos pés.

Ele pousou as palmas das mãos sobre os pés dela, e seus polegares acariciaram de leve os arcos dos pés. Ela sentiu cócegas e não teve escolha a não ser mexer os dedos.

– Deixe para lá o controle consciente de seu corpo – ele murmurou.

Mason não achava que tivesse qualquer controle de seu corpo, consciente ou não, naquele exato momento. Ela estava parada, dura como uma pedra, mexendo os dedos dos pés e com a respiração acelerada e superficial. Seu coração batia forte e parecia ter se mudado do peito para a cabeça. Ela não sabia aonde o cérebro iria para dar lugar a ele. Mas, sim, seu cérebro com certeza havia partido.

– Mason? – Fenn ergueu os olhos para ela.

– Sim?

– Abaixe-se.

Tão veloz que quase parecia um borrão, Fennrys saiu de sua posição agachada e lançou sua lâmina num arco diagonal na direção da cabeça dela. Ela viu o golpe como um lampejo de um relâmpago, e o ar na sala foi de pesado e carregado eletricamente a um vácuo quase total. A espada dela brilhou para diante de seu corpo e para cima, para aparar, zunindo, o ataque de Fenn, e fez a lâmina dele deslizar para longe enquanto ele saltava para trás e brandia sua rapieira de um lado a outro. Ele recuou um passo, fez uma finta e então correu para cima dela, atacando com velocidade alucinante – ombro esquerdo, ombro direito, corte na cabeça, golpe de ponta no coração –, e Mason recuou, aparando com tudo o que podia, nem sequer arriscando uma resposta quando poderia dá-la, porque sabia que ele estava esperando por isso.

Em vez de retaliar, ela permitiu que Fenn a perseguisse por quase todo o aposento e então, no último momento, ela baixou a ponta de sua espada, passou por baixo de sua guarda, mergulhou e virou sua rapieira no instante seguinte,

batendo com o dorso da lâmina contra o flanco de Fenn, no que deveria ser um golpe dolorido, fazendo-o recuar. Num combate competitivo de sabre, aquilo teria lhe rendido um ponto. No presente caso, fez com que fosse desarmada. De novo.

Fennrys rodopiou e estendeu para trás o braço livre. Passou-o ao redor da lâmina dela, deu uma pancada dolorida no braço dela com o pomo de sua espada e arrancou a arma da mão dela. Então avançou sobre ela, as duas espadas cruzadas como lâminas de uma tesoura sobre o esterno de Mason.

Com os olhos azul-gelo brilhando, aquele meio sorriso enlouquecedor na face, Fennrys empurrou Mason pela sala até que ela não podia ir mais além. Suas omoplatas se achataram contra a superfície áspera da longa parede de tijolos, enquanto Fennrys se debruçava sobre ela.

– E aí? – ele perguntou, os lábios perto da orelha dela.

Ela podia sentir a respiração em seu rosto, fria e regular. Ele não estava respirando pesado, enquanto ela ofegava. *Babaca...*

– Isso é contra as regras – Mason reclamou entre os dentes cerrados.

– É.

Pelo canto do olho, ela viu o sorriso dele crescer, e ele encolheu um ombro, como que a desafiando a fazer algo quanto àquilo.

– Então?

– Então você está desclassificado – ela disse. E ergueu o joelho com força.

Fennrys se encolheu, não tanto quanto ela gostaria, e Mason empurrou-o para longe, de passagem curvando-se para tomar da mão dele sua arma. Ela se precipitou para o centro da sala, virando-se para encarar Fennrys e esperando que ele estivesse furioso. Mas ele não estava bravo. Ele estava rindo. Dobrado em dois de dor, os dentes expostos numa careta horrível... e *rindo*.

– Assim está melhor – ele disse, com voz entrecortada.

Mason respirou pesado e sacudiu a cabeça, sem poder acreditar.

– Acabei de te acertar e você não está furioso?

– Vale tudo, querida.

– Isso aqui não é amor *nem* guerra.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

– Não sei qual dos dois me desaponta mais.

Mason sentiu que estava ficando corada. *Droga*.

– Você disse que ia me ajudar com a esgrima. É um *esporte*.

– Certo. Uma competição.

– Certo.

– O objetivo final é vencer.

– Sim.

– A qualquer custo.

– Eu...

– É só uma guerra com regras. – Fenn endireitou-se e foi na direção dela, mancando só de leve. – Você não vence uma guerra lutando pela metade. Você tem estilo e você tem técnica, Mase. Porém você não vence uma guerra sem desejar isso mais do que qualquer outra coisa. Você não vence se deixar o que quer que seja ficar em seu caminho. Você não vence sem um instinto assassino.

Isso era o que Calum dizia que faltava a ela. Sua vista ficou vermelha, e ela sentiu os dedos apertarem o punho da espada. Ela viu o canto da boca dele torcer-se para cima de novo, naquele sorriso de satisfação consigo mesmo e, tão de repente quanto aparecera, a névoa vermelha dissipou-se. De repente, ela entendeu o que ele estava fazendo. Provocando-a. De todos os modos.

E então ela se lembrou do que ele havia dito sobre ficar tensa. Ela forçou-se a segurar a espada com menos força. Acalmou a respiração e lembrou-se de todos os lugares onde Fennrys a tocara. Mão, braço, ombro, costas, perna... ela se forçou a ficar ali parada pelos segundos que demorou para relaxar todos aqueles músculos. Uma centelha de calor brotou do medalhão de Fenn, que ela ainda usava ao pescoço. Mason sorriu.

E então libertou seu instinto assassino.

XXIII

Um círculo vívido de sangue brotou na camisa dele.

Fennrys colocou a mão no ombro, e o líquido rubro escorreu por entre seus dedos. Uma única gota brilhante caiu através do espaço. Os olhos arregalados de Mason a seguiram como se fosse filmada em câmara lenta. Quando atingiu o piso de madeira, deixou uma manchinha vermelha respingada. Ela deu um gemido e, como se fosse libertada de repente de um encantamento, deixou cair a espada e correu os três passos que a separavam de Fennrys, que oscilava em pé, olhando o local onde ela o ferira, como se tal coisa nunca tivesse acontecido antes.

– Isso nunca aconteceu antes – ele murmurou.

A frieza, o instinto assassino que ela vira nos olhos dele apenas um momento antes, mesmo enquanto ele lutava sem dar tudo de si – aquilo que *ela* havia tentado imitar –, tudo isso havia desaparecido. Agora ele estava ali, simplesmente parecendo confuso.

– Ai, meu Deus! – exclamou Mason, deixando cair a espada e correndo para segurá-lo pelos ombros e ajudá-lo a sentar-se no chão. A espada dela jazia no piso de madeira ao lado deles, e os primeiros sete centímetros da ponta afiada como uma navalha estavam manchados com sangue denso, espesso.

– Droga, droga, droga... – ela murmurou, em pânico.

Mason sabia que o ferimento provavelmente não punha a vida dele em risco. Assim tão alto no ombro, ela provavelmente não tinha perfurado o pulmão dele, e não estava nem perto do coração. Mas, ainda assim, era muito sangue.

Porque você acaba de feri-lo. Tem um monte de sangue, porque você o feriu!

Ela se virou e correu até o banheiro.

– Onde está seu estojo de primeiros socorros? – ela gritou, enquanto vasculhava o armário de toalhas e os compartimentos debaixo da pia. – Não me

diga que você tem todas essas armas em casa e não tem um maldito estojo de primeiros socorros?

– No closet do *hall* de entrada. Prateleira de cima – respondeu Fenn, a voz um pouco ofegante. – Ei, eu me lembrei disso. É um bom sinal, não é?

– Com certeza – ela murmurou, enquanto corria do banheiro para o *hall*. – É ótimo. Aposto como você vai se lembrar de tudo sobre quem é, bem a tempo de morrer de hemorragia.

Na prateleira mais alta do closet do *hall* havia, de fato, um estojo de primeiros socorros. De tamanho industrial. E um rápido exame do conteúdo, antes de ela levá-lo até onde Fennrys estava, deu-lhe a nítida impressão de que aquele estojo era bem usado. *Este não é o estojo de primeiros socorros de alguém que de vez em quando se queima fazendo um omelete ou que às vezes se corta.*

Havia compartimentos na bandeja de cima destinados a pilhas de curativos de tamanho grande, pelo visto já bem depauperadas, e um grande frasco de iodo com menos da metade do conteúdo. Tubos de cremes antibióticos já meio espremidos, e um rolo de fio de sutura reduzido a seus últimos centímetros.

Aquilo já era inquietante. Mas o conteúdo de uma segunda bandeja, por baixo da primeira, era ainda mais perturbador. E intrigante. Estava repleta de todo tipo de coisa estranha, como ervas secas e frascos de vidro com aparência antiga, cheios de estranhos cristais e líquidos. Havia pedras entalhadas e pintadas com símbolos estranhos, e coisas envoltas em seda que ela não conseguia nem saber o que eram.

Ela fechou a tampa e correu para junto de Fenn, que estava sentado controlado e muito pálido, a mão ainda apertando o ombro. Mason ajoelhou-se ao lado dele e ajudou-o a tirar o braço da manga da camisa. O ferimento era profundo, mas estava limpo, e as bordas precisas atestavam o quanto a lâmina era afiada. Mason xingou-se mentalmente. Ela estava acostumada a lutar com lâminas cegas e jaquetas acolchoadas. Não devia andar por aí com armas de verdade. Poderia tê-lo matado. Ele poderia tê-la matado. E, ainda assim, não conseguia ignorar a emoção que tinha experimentado quando lutaram. Tinha sido estimulante.

– Talvez eu possa colocar uma rolha na ponta de minha espada da próxima vez que fizermos isso, certo? – ela disse, apertando uma grossa compressa de gaze no ferimento que ainda sangrava, estremecendo quando Fennrys sugou ar por entre os dentes cerrados de dor. – Sinto muito! Sinto muito!

Ele ergueu o olhar para ela, as pupilas tão dilatadas que seus olhos eram como

profundos poços negros orlados de azul.

– Você é humana – ele murmurou, suas palavras um tanto confusas.

– É. E você está delirando.

Mason arrancou tiras de esparadrapo de um rolo para fixar o curativo no lugar. Ela examinou a parte de trás do ombro, para assegurar-se de que a lâmina não tinha atravessado para o outro lado e sentiu um alívio tremendo ao ver que não.

– Não. – Fenn virou a cabeça. – Quer dizer... Acho que você não deveria ter sido capaz de fazer isso.

– O quê? Você acha que não posso lutar com você?

– Ah, eu acho que você pode lutar comigo. Um monte de criaturas pode. Mas poucas delas podem vencer.

– Não sou uma criatura daquelas, Fenn.

– É por isso que é surpreendente. Percebe? – Os olhos dele se fecharam. – Talvez um *glaistig* pudesse ter me acertado desse jeito antigamente. Se tivesse sorte. Ou um daqueles malditos Caçadores Selvagens...

– Gla o quê? – perguntou Mason.

– Hã?

– Você estava dizendo algo sobre *gla* alguma coisa e caçadores.

– Eu estava? – ele olhou para ela confuso.

Mason sentou-se nos calcanhares e olhou-o preocupada. Ele parecia estar entrando em choque.

– Olha... – ela disse. – Acho que seria bom eu te levar a um hospital.

– Eu ainda estou sangrando?

– Está.

– Então ainda estou vivo. Nada de hospital.

Ela franziu as sobrancelhas e pensou seriamente em chamar uma ambulância apesar da recusa dele, mas ele tinha razão. Haveria coisas demais a explicar sobre Fennrys, o Lobo. E sua falta de identidade. E sua coleção de cicatrizes. E o fato de que Mason o havia ferido com uma espada.

– Vou ficar bem, Mase. Por favor, me ajude aqui. Só preciso deitar por uns minutos. Então recomeçaremos sua aula.

Mason tinha lhe dado dois comprimidos de um frasco identificado como codeína, que ela encontrara no estojo de primeiros socorros, e por fim a dor no ombro se reduziu a um latejar surdo. Depois disso, Fennrys caiu num torpor

inquieto, cheio de sonhos. Em seu sonho, ele estava enjaulado. Como um animal.

Não era o único lá.

Havia alguém mais. Ele sabia disso, instintivamente. Podia sentir, como sentia também um olhar incandescente fixo nele. Quando fechava os olhos, podia imaginar os olhos que o fitavam, como duas brasas ardentes, sombrias e famintas. Um sorriso maligno como o brilho do fio de uma faca. Ele podia ouvir sussurros que soavam como mentiras, mesmo que não conseguisse distinguir as palavras. E, a cada tanto, deitado e acorrentado no chão de sua cela, Fennrys podia ouvir gritos distantes de agonia pura e descontrolada ecoando através do ar fuliginoso, naquela mesma voz.

E havia uma mulher ali.

Suas feições estavam quase ocultas na sombra do capuz de seu manto, mas Fennrys podia ver que tinha olhos azuis e expressão de profunda tristeza, numa face de uma beleza forte e linhas clássicas. Havia um molho de chaves pendendo de seus dedos esguios.

De repente, por um instante, era como se estivesse parado fora de si mesmo, observando. A mulher falou e ele respondeu, mas, no sonho, Fennrys não conseguia ouvir o que diziam. Ele se esforçou para ouvir os sons, mas havia um zumbido terrível em seus ouvidos, e quanto mais empenho fazia em ouvir, mais intenso ele ficava. Viu a si mesmo acenar a cabeça em concordância.

Então ouviu-se o som de uma chave virando na fechadura velha e enferrujada. Mais sons metálicos enquanto a mulher abria as algemas que prendiam seus pulsos e tornozelos. Tinham estado ali por muito tempo, e a pele por baixo do metal áspero estava sensível e esfolada onde não tinham se formado crostas de cicatrizes. As correntes caíram ao chão com um tilintar metálico quando Fennrys lutou para ficar em pé, sem se importar com sua nudez, só querendo sair pela porta e ir para o lado de fora das barras de ferro. Precisava sair dali. O chão por baixo de seus pés nus era de rocha grosseira, afiada e lascada em alguns locais, polida pelo desgaste em outros, e se inclinava suavemente para cima, num túnel escuro e sinuoso, delimitado por paredes de pedras pretas irregulares, por onde escorria a umidade. A pedra brilhava em alguns lugares com água, em outros, com o que parecia sangue.

A mulher que o soltou seguiu à frente, ligeira e com segurança. Ela não hesitou enquanto conduzia Fennrys pelo labirinto, embora ele pudesse jurar que

andavam em círculos. Ela nunca titubeou. Parecia conhecer o lugar como se fosse sua casa.

No sonho, a jornada pareceu durar um longo tempo. As botas de sola macia da mulher não faziam ruído enquanto ela caminhava, e a longa túnica branca que usava por baixo do manto agitava-se ao redor de suas pernas sem um sussurro sequer.

De repente, o túnel abriu-se numa campina ondulante, circundada por uma floresta cerrada. Um rio largo cortava-a ao meio. A mulher se virou para olhá-lo. Nas sombras do capuz, os olhos eram do azul de uma tempestade sobre o oceano. Tinham um brilho feroz.

– Lembre-se da promessa que me fez – ela disse numa voz de aço e fumaça.

Que promessa? Isso era importante, pensou Fenn. Ele tinha de se lembrar.

– Lembrarei.

– Não vá esquecer.

– Não.

– Tudo. Você vai fazer *tudo* o que estiver ao seu alcance.

Do que ela está falando? – ele pensou enquanto se observava no sonho. Por mais que tentasse, não conseguia se lembrar do que aquela mulher estranhamente familiar, de assombrosa intensidade, queria que ele fizesse. Mas ele se ouviu respondendo numa voz firme e segura.

– Sim. Tudo que estiver ao meu alcance.

Tudo...

Ela estendeu a mão e encostou a ponta de um dedo esguio no medalhão que pendia ao redor do pescoço dele.

– Existe poder aqui. Vou lhe dar o pouco que posso para que você o leve de volta ao mundo. – O disco de ferro ficou quente de encontro à pele dele... e então novamente frio como gelo. – Agora vá. Cruze o rio Leto. Íris vai guiá-lo.

A mulher encapuzada indicou com um gesto o meio do rio. Fennrys virou-se e viu outro vulto em pé na água, uma mulher de cabelos prateados e de beleza etérea, com grandes asas brancas abertas atrás de si. Ela estava ao lado de uma lâmina faiscante de água que parecia fluir para cima a partir do meio do rio, como uma cortina reluzente com as cores do arco-íris. Fennrys caminhou pela água, para a lâmina de água. Penetrou nela; os arco-íris despedaçaram-se como vidro em estilhaços à sua volta, e ele caiu...

Os olhos de Fenn se abriram de repente, e ele ouviu o som da própria respiração, forte em seus ouvidos. O ar do quarto estava frio. Estava escuro. E

havia o som suave de um ressonar vindo da poltrona de couro junto à janela. Sob os raios de luar que entravam pela janela alta quadriculada, Fenn viu uma cascata de cabelos negros como a noite caindo por cima do braço da poltrona.

Mason.

Ela ainda estava ali.

Aquilo gerou uma sensação inesperada de calidez em seu peito. Diferente da dor lancinante de quando ela o ferira com a espada. Ele lutou para se colocar numa posição sentada na cama e sentiu algo se acomodar sobre seu peito. Ele levou a mão até lá e percebeu que Mason tinha amarrado o medalhão de volta no pescoço dele.

– Eu não sabia como fazê-lo funcionar. – A voz dela soou suave na escuridão.

Ele olhou e viu que os olhos dela estavam abertos. No brilho da lua prateada, eram como safiras profundas, hipnotizantes. Mesmo com a distância entre a cama e a poltrona, ele se sentiu mergulhando nas profundezas daquele olhar.

– O que disse?

– O medalhão. Sei que você o usou para ajudar Calum a sarar. Eu não sabia como fazer funcionar desse jeito, mas achei que só de usar, ele poderia te ajudar.

Fennrys fechou os olhos e conseguiu sentir o poder que emanava do medalhão. Deu um sorrisinho e olhou de novo para Mason, que estava sentada abraçando os joelhos, coberta com uma manta.

– Hã. É... Sabe... isso nem me ocorreu enquanto você estava correndo de um lado para outro atrás de bandagens e iodo. Você pode me dar um minuto? – O olhar dele relanceou para a porta.

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas de Mason, e ela fez que sim com a cabeça.

– Claro. Sim, tudo bem... – Ela se levantou e foi até a grande porta corrediça que separava o quarto do resto do *loft*. – Bem, me chame se... hã... você precisar de algo.

Mason puxou a grande porta, fechando-a atrás de si, tentando não olhar para Fennrys, ferido e sem camisa na cama. O pescoço dela estava todo dolorido por ter dormido toda torta na poltrona, esperando que ele acordasse. Ela estava feliz por ter feito isso. Agora podia ir embora. Voltar para Gosforth antes que alguém notasse que ela havia sumido. Só que ela não queria partir. Do outro lado da porta, ela ouviu os murmúrios de Fenn, recitando da mesma forma melódica que fizera com Calum.

Ela pensou em ir embora, mas não queria fazer isso antes de ter certeza de que Fennrys ficaria bem sozinho. Em vez de ficar ali inquieta, ela foi recolher o material de primeiros socorros e arrumou-o dentro do estojo.

Tudo pronto e esperando pela próxima vez que eu vier e atravessar o cara com a espada, pensou.

Foi colocar o estojo de volta no *closet* da entrada e desta vez notou algo que não havia notado quando o buscava desesperada. Havia ali várias jaquetas parecidas penduradas em cabides. A manga de uma delas parecia ter sido rasgada por um urso. Ou um leão. Ou talvez um...

– É.

A voz de Fenn soando logo atrás dela assustou Mason. Ele estendeu o braço e tocou os rasgos paralelos no couro.

– Que pena, não é? Provavelmente era minha jaqueta favorita.

O olhar dele, ao baixar os olhos para ela, era duro e penetrante, desafiando-a em silêncio a dizer o que ela estava pensando. Mason engoliu o nó de medo na garganta e ergueu o queixo.

– Você é um lobisomem? – ela balbuciou.

Fenn fechou os olhos com força e suspirou. Mason notou que a cor dele havia voltado e que ele parecia estar recuperando as forças. *Genial. São para te matar e comer.*

– Mason – ele disse com suavidade. – Qual a probabilidade de isso ser verdade?

– Mais ou menos a mesma da existência de zumbis da tempestade. E navios-fantasmas e deusas do rio e...

– Certo. Entendi. – Ele sacudiu a cabeça cansado. – *Touché*.

Ele tinha vestido uma camiseta, para alívio dela, que podia ao menos olhar para ele sem corar. Ela teria cruzado os braços defensivamente se ele não estivesse tão perto dela. Teve de se contentar em cerrar os punhos ao lado do corpo. Tentou se lembrar de tudo o que ele acabara de lhe ensinar sobre manter-se solta antes de uma luta. Mas ainda sentia a garganta travada.

– Você é? – perguntou de novo. – Um lobisomem?

– Acho que não.

– Só que você não *sabe* – ela disse enfática. – Mas... Não sei... veja só as evidências. Quer dizer, você toma cerveja Blue Moon, seus ferimentos saram com rapidez assombrosa... como está seu ombro? Você está bem agora?... e seu nome é Fennrys Lobo.

– Eu *gosto* de cerveja Blue Moon, está bem melhor agora, obrigado, e *talvez* seja um apelido.

– Talvez uma descrição.

Ela ergueu a manga da jaqueta como uma prova irrefutável.

– É a *minha* jaqueta – ele retrucou. – O que... você acha que eu ataquei a mim mesmo?

– Talvez seja de quando você foi mordido – disse Mason, teimosa. – Quando você foi transformado. Talvez...

– Talvez, talvez, talvez! – Frustrado, Fennrys bateu com a mão na parede ao lado da cabeça dela, e Mason se encolheu. – Talvez você assista a filmes demais!

Ele deve ter visto o medo nos olhos dela então, porque recuou e lhe deu as costas, afastando-se pela sala em direção à enorme lareira que se abria, escura e fria como as mandíbulas de uma fera, do outro lado do aposento. Ele se deixou cair diante dela e ficou com o olhar fixo nos restos de uma tora enegrecida e coberta de cinzas que jazia sobre a grade. Como se o fizesse sem pensar, ele enfiou a mão no bolso do *jeans* e tirou um isqueiro. Mason viu quando ele o acendeu com um movimento do polegar e então... *colheu* a chama do isqueiro e, com um estalar de dedos, lançou no ar a pequena gota de fogo, que aterrissou na lenha chamuscada. Ela brilhou e originou uma pequena chama que cresceu enquanto Mason olhava de boca aberta.

Por fim, Fenn pareceu notar o silêncio dela e virou-se para olhá-la por cima do ombro. Recortado contra a luz do fogo, o perfil dele era de uma beleza crua, esculpido como uma estátua de mármore. Ele franziu as sobrancelhas ao ver como ela o olhava.

– Como... – Mason apontou para o isqueiro que ele ainda tinha na mão.

Fennrys baixou o olhar para ela, a expressão familiar de perplexidade passando por suas feições por um breve instante, seguida por um ar de desespero sombrio. Ele jogou o isqueiro no chão à sua frente, produzindo um baque surdo. Os cotovelos apoiados nos joelhos, Fenn colocou a cabeça entre as mãos e murmurou:

– Eu não sei.

Mason hesitou. Ela devia ir embora. Definitivamente, havia algo em toda aquela situação que não estava certo. Algo perigoso. Ela sabia daquilo desde o princípio. Qualquer um com meio cérebro podia ver que nada que dizia respeito a Fennrys, o Lobo, era normal. Mas vendo-o ali, encolhido diante de um fogo

que havia conjurado do nada, Mason percebeu como ele parecia completamente sozinho. Vulnerável.

Ela se aproximou e ajoelhou-se diante dele. Os olhos azul-claros dele estavam fechados, e sua face parecia esgotada e amargurada. Ela colocou as mãos nos joelhos dele, e sem dizer nada ele encostou a testa na dela.

– Vou ajudar você – ela disse baixinho. – Vou ajudar você a entender tudo. Prometo.

Sem abrir os olhos, Fenn respirou fundo, estremecendo, e assentiu com a cabeça, a testa ainda tocando a dela. Mason passou os braços ao redor dele e, na escuridão iluminada pelo fogo, apertou-o contra si. Ficaram daquele jeito por um longo tempo, até que os raios da lua cheia entraram pelas janelas, recortados pelos quadrados delas. A fria luz azul caiu sobre eles, e Fennrys segurou a cabeça de Mason entre as mãos de modo que ela olhasse para ele. Ele sorriu para ela, e foi o sorriso mais lindo que ela já tinha visto.

Ele se inclinou para a frente devagar, meio como se esperasse que ela se erguesse e saísse correndo, virou a cabeça de lado, beijando-a com suavidade nos lábios. O beijo pareceu transformar em eletricidade o luar que os banhava. Mason sentiu os pelinhos do braço se arrepiarem e um formigamento se espalhar de seu corpo para os membros e através das pálpebras cerradas. Ela inspirou profundamente pelas narinas, o aroma característico dele, de aconchego e especiarias e couro, e entregou-se ao beijo. Bem quando seus lábios se abriam sob a pressão dos lábios dele, ela o sentiu sorrindo de novo, e ele a afastou alguns centímetros com suavidade. Seu olhar azul-claro pareceu o próprio luar quando ele o desviou para a janela.

– Viu? – ele disse, pegando a mão dela e deslizando-a por seu rosto. – A lua cheia está nascendo. E eu nem preciso me barbear.

Ela riu. E talvez tivesse sido mentira dizer que não foi em parte por alívio. Ela se aproximou para terminar o beijo que tinham começado, mas Fennrys colocou um dedo nos lábios dela, um sorriso malicioso brincando com os cantos de sua boca. O olhar dele passou pelo luar que entrava e ele se colocou em pé, erguendo-a junto consigo.

– Venha aqui – ele disse, e foi com ela até a janela que dava vista para o parque High Line, que passava diante do armazém, apenas dois ou três metros separando ambas as estruturas. Ele ergueu a janela, gemendo um pouco com o esforço, enquanto a esquadria antiga de madeira rangia nos trilhos vergados pelo

tempo. Então ele saltou com leveza e se empoleirou no peitoril, agachado, ainda usando suas botas, mas com os pés tão firmes como se estivessem descalços.

– Venha – ele a convidou.

Mason pegou seus sapatos, que Fenn a fizera tirar no que parecia ter sido uma eternidade atrás, e baixou a cabeça sob o peitoril, mas parou quando viu que os músculos de Fennrys estavam retesados como se ele se preparasse para saltar.

– Fenn, o que você está fazendo? – ela perguntou desconfiada.

Ele olhou por sobre o ombro para ela, com um brilho no olhar.

– Quando você me trouxe para cá, antes de descobrirmos este apartamento, você disse que era porque queria dar uma volta pelo parque. Não chegamos a dar. Vamos fazer isso agora.

– Já passa das onze. Está fechado.

– Claro que está. Para qualquer um que não seja um lobisomem.

Ele sorriu. E saltou. Mason balbuciou alguma coisa e adiantou-se apressada a tempo de ver Fennrys cruzar o espaço entre o prédio e o parque, por sobre o guarda-corpo de ferro ornamentado e a faixa ajardinada logo além, para aterrissar numa postura agachada, no caminho pavimentado do parque. O choque do pouso pareceu violento a ela, mas ele se pôs em pé de imediato, girou o ombro antes ferido e estendeu a mão para ela, chamando-a.

– Venha, Mason. Eu pego você, prometo.

– Você é *maluco*.

– E você ainda está aqui, comigo, depois de tudo o que aconteceu. Não venha me dizer que *eu* é que sou o caçador de aventuras. Está na cara que você é tão maluca quanto eu. Agora venha. Só uma volta no parque.

É só um salto desafiando a morte seguido de uma volta no parque, Mason pensou ao ver-se, de forma inexplicável, subindo no peitoril para se equilibrar como Fennrys tinha feito. Ela ficou ali empoleirada, hesitando, por um longo momento, olhando pela fenda para o lugar onde ele estendia os braços para ela. Parecia mesmo um longo salto. E uma longa queda. Mais longa se ela errasse. Mas os anos que havia passado treinando ataques e agachamentos e postura em guarda haviam dado a Mason músculos longos, firmes e muito fortes nas pernas. Ela inspirou fundo, prendeu a respiração e lançou-se na noite enluarada. Por um instante, sentiu como se voasse. E logo depois estava caindo.

Então Fennrys a pegou no ar e a puxou de encontro ao seu peito, e ela estava de volta em solo firme. Bem... mais ou menos. Seus braços circundavam o pescoço dele e os pés dela estavam vários centímetros acima do solo.

– Então, não foi tão difícil, não é? – ele sussurrou no ouvido dela.

O High Line estendia-se pacífico sob o céu noturno, um longo e sinuoso caminho campestre que cruzava por entre cânions de aço e concreto.

– Meu pai me contava tudo sobre este trecho de trilhos quando me trazia para o cais – disse Mason baixinho, enquanto caminhavam, apreciando a vista do rio Hudson. – Para ele, era muito triste que este trecho elevado de trilhos estivesse em desuso. Ele dizia que era uma boa ideia desperdiçada. Ele é meio maluco por trens. E "meio" quer dizer "obsessivamente". Acho que é um fascínio compreensível para quem trabalha com transporte de mercadorias, mas ele tem até mesmo seu próprio trem, e ferrovias particulares que correm por túneis sob toda a Manhattan.

Fennrys deu um assobio baixinho.

– Pelo menos ele tem grana para bancar esse estilo de vida.

– É, com certeza ele tem.

Fennrys fez um gesto indicando as árvores que cresciam de ambos os lados deles.

– O que ele acha de terem transformado isto num parque?

– Ah, ele é totalmente a favor. Gunnar tem muitas reclamações – Mason riu. – Ele acha que nós, seres humanos, somos criaturas horríveis, fúteis e esbanjadoras, que não apreciam os recursos de que dispomos e em geral não os merecemos.

– Parece um pouco duro.

– Não sei... – Mason encolheu os ombros, passando a mão pelas pontas plumosas de uma touceira de capins silvestres, prateadas ao luar. – Quer dizer, de modo geral, não estamos sabendo como conservar este planeta, não é?

– Nesse caso, não vou colher flores silvestres para você.

Enquanto percorriam uma parte do parque onde o pavimento se reduzia a uma longa faixa estreita e reta, Mason apontou para o caminho e disse:

– Isso meio que me lembra uma pista.

– Que é...?

– O tapete que é colocado para definir a área legal onde se pode lutar num combate de esgrima.

Fennrys parou e olhou o caminho.

– Lembra, não é?

Ela fez que sim.

– Bem, então vamos usá-lo assim. Por que você não volta amanhã e fazemos outra sessão de treinamento, aqui sob as estrelas?

– Você não fica meio preocupado com a possibilidade de eu te matar da próxima vez?

– A morte não me assusta – ele disse, displicente, com um aceno de pouco caso. – Eu a conquistarei como conquisto todo o resto.

– Então eu posso continuar te espetando com a espada? – Ela lhe lançou um sorriso radiante.

– Na verdade, eu prefiro que não. Não tanto por mim, mas pelo meu guarda-roupa, entende?

Mason deu um soco de brincadeira no ombro dele, e ele estremeceu e se encolheu.

– Ah, meu Deus – ela exclamou, estendendo um braço ao redor dele para ajudá-lo. – Eu sinto muito...

– Eu não – ele rosnou na orelha dela, quando seus braços a envolveram naquele tipo de abraço contra o qual ela poderia lutar por horas sem ser capaz de se livrar. – É bom saber que sempre posso te enganar com a encenação do guerreiro ferido. Agora conheço a sua fraqueza.

Ele sorriu para ela, olhando-a de cima, e ela bateu novamente, mas sem qualquer força no golpe, porque ele tinha os braços dela presos em seu largo peito.

– Você é perverso – ela disse.

Ou ao menos era o que pretendia dizer. Só que de repente ela descobriu que seus lábios haviam encontrado outra ocupação além da fala. Fenn diminuiu a força com que a segurava, apenas o suficiente para que ela pudesse passar os braços ao redor do pescoço dele e puxar sua cabeça. Beijaram-se ao luar, de pé em meio ao paraíso suspenso criado no que tinha sido uma ponte abandonada que levava a lugar algum.

XXIV

Em todo o tempo em que estava em Gosforth, Mason nunca tivera que voltar escondida para o quarto depois do toque de recolher. Uma semana antes, ela nem teria sido capaz de imaginar as circunstâncias que necessitariam de tal coisa. Ou, aliás, como faria aquilo.

Mas acabou que não era tão difícil. Não depois que Fenn lhe disse como fazer. Comece pela extremidade do galpão de manutenção perto dos fundos do edifício principal de pedra, que abriga o salão de jantar. Passe da pilha de caixotes de plástico da cafeteria para o alto da caçamba de lixo. Da caçamba era fácil – para ele, porque ela teve que se esticar – chegar ao friso de pedra que contornava todo o perímetro do segundo andar do alojamento. Tinha sido assim que ele deixara a pedrinha com a mensagem. Ela sorriu ao pensar em todo o trabalho que ele tivera só para vê-la.

Mason subiu descalça no friso, os sapatos colocados dentro da bolsa que trazia a tiracolo. Tinha deixado a bela espada prateada e sua bainha com Fennrys, prometendo voltar na noite seguinte para treinar, com um pouco de sorte com menos sangue, mas com a mesma quantidade de beijos. Estes tinham sido extraordinários, e faziam os pés dela formigar sobre a pedra fria, só de lembrar. O friso tinha mais ou menos uns trinta centímetros de largura, e a parede irregular de pedra tinha lugares suficientes de apoio para os dedos, enquanto ela avançava de lado em direção à sua janela, sempre aberta. Foi com uma leve sensação de vitória, e um pouco de cansaço, que ela passou um joelho por cima do parapeito e entrou.

Quando o abajur da escrivaninha se acendeu por trás dela, Mason quase teve um ataque do coração.

Ela rodopiou e viu Heather Palmerston sentada, de pernas cruzadas e elegante, numa das duas cadeiras do quarto, olhando-a fixamente.

– A viajante exausta retorna, finalmente – comentou Heather.

– Credo, Heather – gemeu Mason. – Você quase me matou de susto.

– Só devolvendo o favor – Heather respondeu seca. – Passei boa parte do dia encobrindo sua ausência, sabe? Tive que dizer a Toby que você estava na orientação de matemática, ao orientador de matemática que você estava no treino de esgrima, a seu irmão que você tinha ido ao boliche e a seu outro irmão que você estava na biblioteca.

– Boliche?

– Cale-se. – Heather apontou para a outra cadeira. – Sente-se.

Mason obedeceu.

– Eu estava começando a pensar que você talvez estivesse morta em alguma sarjeta por aí, ou algo assim. Achei que *eles* talvez tivessem te pegado.

– O quê... os *draugr*?

– N... hã, é. Eles também. – Heather piscou os olhos como se tivesse pensado em dizer outra coisa, mas então sacudiu a cabeça, um olhar duro fixo em Mason. – Até o *diretor* me parou no corredor hoje e me perguntou se andava acontecendo algo com você. E minha mãe, até ela, mencionou que tinha visto seu pai no clube e me perguntou se eu sabia como você estava, porque aparentemente ele, palavras dela, "ficou perturbado" quando seu nome foi mencionado.

Aquilo não era bom. Mason ia ter que começar a ser mais cuidadosa se quisesse continuar se encontrando com Fenn. Ela olhou para Heather, que ainda a olhava. Era óbvio que a outra garota estava bem irritada. Porém Mason sentia-se satisfeita, e também muito surpresa, por alguém como Heather Palmerston ter se dado ao trabalho de ajudá-la.

– Eu não preciso ter tanto trabalho quando *eu* cabulo aula.

– Heather?

– Quê?

– Obrigada.

– De nada. – Os olhos dela brilhavam à luz do abajur, intensos. – Tudo o que tenho a dizer é: é melhor que tenha valido a pena.

Mason não conseguiu conter o sorriso que sentia estar se espalhando por seu rosto. Tinha valido *tanto* a pena, pensou, lembrando os beijos e o luar. Convenientemente, sua mente cortou a parte do ferimento. Depois de um momento de silêncio, Heather jogou uma almofada na cabeça dela.

– Conta! – exclamou de repente, pulando da cadeira para a cama, onde agarrou outra almofada, abraçou-a e inclinou-se para a frente com uma

expressão de expectativa que era quase lasciva. – Detalhes! Todos! Eu sei que você estava com o loiraço do mal. O que aconteceu?

Mason ficou chocada ao constatar a transformação da rainha do gelo Heather Palmerston no que parecia ser sua melhor amiga para sempre, ansiosa por fofocas. Entretanto ela não sentiu nem uma ponta de falsidade da parte da outra. Afinal de contas, Heather havia passado o dia mentindo para encobrir sua ausência, quando podia simplesmente dedurá-la e dane-se. Aos poucos, Mason foi percebendo que a garota em quem sempre pensara como a criatura única no topo da cadeia alimentar de Gosforth podia muito bem ser tão solitária e carente de amigos quanto a própria Mason. No entanto, vendo Heather olhá-la com tanta ansiedade, decidiu que não valia a pena desperdiçar aquele momento de conexão psicanalisando a situação. Em vez disso, ela pegou do chão a almofada que Heather tinha jogado nela e se instalou na ponta da cama, de frente para a colega.

Contou tudo o que tinha acontecido com Fennrys, incluindo o incidente no Boat Basin Café, e tudo o que se passara nas últimas horas. Até mesmo os sete centímetros de aço frio no músculo do ombro de Fenn.

– Ah, meu Deus, você feriu ele com a espada?

– Eu não tinha a intenção...

– Não! Eu *com certeza* teria feito a mesma coisa! – Heather sacudiu a cabeça entusiasmada. – Que bela forma de fazê-lo tirar a camisa. E então você podia ficar toda “ah, coitadinho, está doendo?” e bancar a enfermeira *sexy* cuidando daquela loirice espetacular. – Ela fez uma cara maliciosa.

Mason conteve uma risada e acertou-a com um travesseiro.

– Você não presta.

– Como se você não tivesse perdido o fôlego e se derretido quando aconteceu.

– Fiquei mais em pânico e com vontade de morrer. Tinha *muito* sangue. – Mason sacudiu a cabeça. – Mas então ele usou aquele lance do medalhão... o mesmo que ele fez com Cal no depósito... e se curou. Ficou quase como novo. Se bem que acho que ele vai ter mais uma cicatriz bem impressionante para combinar com todas as outras.

– É, eu me lembro delas – disse Heather.

– Imagino – Mason fez uma careta. – Achei que você estava querendo decorar tudo, do jeito que olhava para ele.

– É como eu lido com o terror absoluto – Heather deu de ombros. – Mas ainda queria saber onde ele as conseguiu. – Ela se recostou na parede e lançou um

olhar de lado para Mason. – Ele consegue se lembrar de *alguma* coisa?

Mason sacudiu a cabeça.

– Na verdade, não.

– Uau, isso é esquisito, Starling.

– Não, Heather. O que é esquisito é ele ter aparecido no meio de uma tempestade e salvado a gente dos monstros. *Isso* é esquisito. Tudo o mais que aconteceu a partir daí só segue a mesma linha.

– Você já o beijou?

– Heather!

– Você vai beijá-lo de novo?

Mason sentiu-se ficar vermelha como um tomate, mas sorriu para Heather e disse:

– Vou aproveitar cada oportunidade que tiver.

Do lado de fora do quarto de Mason, Rory sentiu a pele de sua mão e de seu braço mudar de febril para gelada, enquanto ele afastava as pontas dos dedos da superfície de madeira polida da porta. No instante em que o fez, as vozes das duas garotas do outro lado ficaram de novo indistintas e abafadas. Ele abriu a outra mão e olhou para a pequena bolota de carvalho dourada que segurava. O brilho intenso da runa entalhada em sua superfície sumiu enquanto ele olhava, e ele a guardou no bolso.

Ele odiava usar o precioso estoque de magia roubado, a menos que fosse algo importante ou *extremamente* rendoso, como no caso dos talismãs para expandir o desempenho, que ele havia criado e fornecido a Taggert Overlea e a outros caras do time de futebol americano da universidade. Porém, ao passar pela porta do quarto da irmã, cortando caminho para ir à cozinha fazer uma boquinha tardia, ouviu vozes vindas do outro lado da porta e agiu por instinto.

Afinal de contas, bisbilhotar sempre havia ajudado muito no passado. Usando um pouquinho da Magia da bolota com a runa, ele expandiu seus próprios sentidos e *ouviu*... e cada palavra trocada entre Mason e Heather chegou até ele através da pesada porta de carvalho com uma clareza cristalina. Seu instinto tinha sido realmente muito bom.

Sacudindo a mão para se livrar do formigamento gelado, Rory virou nos calcanhares e correu ligeiro pelo corredor, antes que alguém o pegasse se esgueirando. Estava muito satisfeito consigo mesmo. Aquele seu ato de indiscrição renderia muito bem. E realizar os planos de Gunnar agora ficava

muito mais fácil. Rory e Roth não precisavam mais vasculhar toda a cidade em busca daquele cara. Não quando sua própria irmã caçula acabava de admitir que vinha se encontrando regularmente com ele.

– Caramba – Rory riu enquanto voltava para seu próprio alojamento, na ala adjacente do velho edifício de pedra. – Mouse está caidinha pelo Senhor Herói.

Ele mal podia acreditar em sua sorte. E se aquele tal Fennrys sentia o mesmo por Mason, e a julgar pelo que tinha ouvido era isso mesmo, então a coisa era ainda melhor. Porque, se fosse esse o caso, quando chegasse a hora, eles não teriam que ameaçá-lo para forçá-lo a cruzar a ponte de Hell Gate.

Só tinham que ameaçar Mason.

XXV

Nos dias seguintes, Fennrys esperava ansioso pelo começo da noite. Por causa de Mason. Eles continuaram com os treinos de espada, usando o High Line, já fechado ao público, como sua pista pessoal. Fenn não deixava que Mason trouxesse as armas de treinamento. Em primeiro lugar, ele nem saberia o que fazer com aquelas espadinhas diminutas e leves, porém, mais importante, ele não queria que ela tivesse medo das lâminas maiores e mais afiadas. Não queria que ela tivesse medo de feri-lo de novo. E com certeza queria que superasse seu medo dos *draugr*.

Além disso, uma vez acostumada ao peso maior da espada que lhe dera, quando Mason voltasse ao sabre de competição, ele lhe pareceria muito mais leve e fácil de manejar. A estratégia estava funcionando, ela lhe disse no final da semana. Em seus treinos diurnos, ficara evidente uma melhora considerável em suas habilidades já impressionantes, e ela parecia estar superando as reações fóbicas. A mudança foi tão dramática que Toby estava a ponto de lhe perguntar se ela tinha tomado alguma bomba.

Mas não eram só as sessões de treino em si que Fennrys esperava ansiosamente. Era a alegria muito maior de estar na companhia da garota de cabelos negros e de descobrir coisas para dizer que a fizessem rir. E por sua vez se sentir sorrindo. Passeando com ela pelo High Line, sentando-se nas galerias que haviam sido construídas nas seções dos trilhos que passavam pelos prédios em volta e escondendo-se de algum segurança ocasional, Fennrys segurava a mão de Mason com tanta suavidade como se ela fosse feita de vidro, embora pudesse sentir a força que havia nos músculos e tendões sob a pele macia.

Naquelas noites, o High Line era seu próprio paraíso particular. Uma fita de verde e prata rodeada pelas luzes cintilantes da noite de Nova York que pairava sobre a vida nas ruas abaixo. Com um teto estrelado – quando o céu não estava

encoberto com nuvens, o que parecia muito comum nesses dias –, Fennrys até conseguia, se calculasse bem, a oportunidade de roubar um raro beijo.

Mas tais oportunidades eram algo que ele encarava como uma dádiva preciosa, da qual não devia se aproveitar de forma leviana. Mason era especial. E ele não queria fazer nada que a pressionasse ou a fizesse ter receio dele. No fundo da mente, Fennrys tinha a estranha e persistente sensação de que já havia feito isso antes. Com alguém muito especial. Tinha a sensação de que não havia dado certo. Tinha a sensação de que muitas coisas não tinham dado certo na vida da qual não conseguia se lembrar.

Com o passar dos dias, Fennrys ficou cada vez mais determinado a descobrir quem, e o quê, ele era. Mesmo porque só assim ele poderia permitir que qualquer tipo de relacionamento entre ele e Mason Starling fosse adiante. Ela era especial demais para deixar que acontecesse qualquer coisa que pudesse ameaçá-la. Mesmo se – ou especialmente se – essa coisa fosse ele. Assim, foi levando devagar as coisas.

Noites no High Line. Noites cheias de sonhos.

E os dias ele passava percorrendo a cidade, tentando sem cessar encontrar pistas sobre sua própria identidade perdida, com pouco sucesso. Essa cidade era sua cidade. Disso ele sabia. Sabia que tinha passado um bom tempo nela. Mas nada era exatamente como ele... não poderia dizer “se lembrava”; talvez “percebia” fosse a melhor forma de se expressar. Era como se houvesse uma estranha pátina de muitas camadas recobrindo os lugares familiares. Como quando contou a Mason que podia se lembrar de quando o London Terrace não estava lá; ele *podia*. Tinha certeza.

Por fim, numa tarde, lhe ocorreu investigar a única coisa palpável que o ligava à sua vida anterior: o *loft* no armazém com aparência anônima e abandonada. Sabia com certeza que o lugar era seu, que vivera ali, mas não tinha como saber quem de fato era o dono da propriedade. Se estava pagando aluguel para alguém, Fennrys tinha certeza de que em algum lugar devia existir um registro de posse. Um título de propriedade, talvez. Algo. Alguma pista.

Não conseguiu achar em nenhum lugar do imóvel, nem por dentro nem por fora, qualquer indício de quem seria o proprietário. Mas tinha que haver registros municipais. No entanto, se havia, a funcionária do departamento de registros de imóveis não conseguiu encontrá-lo. E, talvez estimulada pela mesma força persuasiva que Fennrys havia usado sem querer no garçom do Café Boat Basin dias antes, ela passou quase duas horas procurando, de muito bom grado.

Fenn voltou para casa frustrado. Foi quando estava no elevador de carga, subindo, que finalmente encontrou a primeira pista.

Havia um certificado de manutenção por trás de um vidro aparafusado acima do painel de controle. Estava tão amarelado e apagado com o tempo que Fennrys nem sequer o notara até então, e mesmo ao examiná-lo de perto não conseguiu ler nenhuma das palavras. Mas estava dobrado ao meio, e havia uma possibilidade, ele pensou, que alguma informação na metade de baixo tivesse escapado à ação do tempo. Não havia nenhuma ferramenta para desparafusar a moldura que prendia o papel à parede do elevador, então ele envolveu o punho na manga da jaqueta e quebrou o vidro com um soco. Tirou o papel quebradiço de dentro da moldura e o levou consigo para o *loft*, indo até uma janela. A tipografia era bem antiga, de uma velha máquina de escrever manual, e no espaço para Dono/Proprietário podia-se ler "Vinterkongen Empreendimentos". Fennrys ficou olhando as palavras por muito tempo. Elas não chegaram a despertar nenhuma lembrança.

– Tudo bem, então – murmurou, por fim. – Vamos ver se não desenterramos alguma informação sobre você, senhor Vinterkongen. Se é que esse nome é real...

Fennrys concluiu que a forma mais fácil de acessar eventuais informações seria por meio da Biblioteca Pública de Nova York. O dia estava ensolarado quando ele se dirigiu ao metrô da rua 23 para ir até a estação da rua 42 e de lá para a Quinta Avenida, onde dois imensos leões sentados ladeavam os amplos degraus de pedra que levavam ao pátio diante da ala principal da biblioteca.

Fennrys galgou os degraus, olhando para o impressionante prédio diante de si. Perguntou-se se já havia estado ali antes. De certa forma, tinha a impressão de estar entrando no castelo de algum rei grande e poderoso, e essa sensação era estranhamente familiar.

– Droga. Quem sabe você é algum filho de estrela do rock com amnésia, ou algo assim – murmurou para si mesmo. – Ou então a ovelha negra de alguma família real.

Fennrys percorreu os corredores até encontrar uma sala de leitura com terminais de computador de acesso livre. Descobriu algumas coisas interessantes na hora e meia seguinte: entre elas, que não conseguia digitar, que não gostava de ler na tela do computador e que o mouse era ruim de usar.

– Bom... então não devo ser um superespião. Ou funcionário público. – Ele suspirou. – Já reduz bem as possibilidades.

Além disso, uma vez que pegou o jeito de como usar a interface de busca da biblioteca, descobriu que, quem quer que fosse dono do imóvel de seu *loft*, tinha uma coleção impressionante de propriedades em Nova York e na área adjacente. Além do armazém, dilapidado por fora e todo reformado por dentro, havia também um apartamento a oeste do Central Park, um auditório da virada do século no distrito dos teatros e ao menos mais uma dúzia de outras propriedades na própria ilha de Manhattan. Fora isso, encontrou pouquíssima informação sobre o tal Vinterkongen, se é que era mesmo uma pessoa. Mas a coisa ficou mesmo interessante, para não dizer preocupante, quando, ao examinar referências para antigas escrituras e registros genealógicos, ele topou com o registro de uma transferência de terras datando de 1800 e pouco. Era uma transação entre duas partes listadas como Vinterkongen e Sturlungar, uma antiga família com origens na Comunidade Islandesa.[2] Uma outra busca indicou que Sturlungar era a grafia original de um sobrenome cuja versão mais moderna era... Starling.

– O que a sua família tem a ver com o dono misterioso de meu apê, Mason? – Fennrys murmurou, empurrando a cadeira para trás e olhando a tela. – E qual é exatamente o *tamanho* da encrenca na qual estamos metidos?

Antes de deixar a biblioteca, ele fez uma busca de mais dois termos: Íris e Leto. Os nomes que ele recordava terem sido ditos pela mulher de capuz em seus sonhos, depois de ser ferido por Mason. Íris, de acordo com a mitologia grega, era uma mensageira alada dos deuses, uma espécie de elo entre mortais e imortais, e a personificação do arco-íris, que era também como ela viajava entre os Reinos. De acordo com várias fontes, sabia-se que ela passara algum tempo no Mundo dos Mortos. Leto era o nome de um rio naquele submundo mitológico, e suas águas causavam o esquecimento em quem as bebesse ou nadasse nelas.

Fennrys ficou lá sentado, dando voltas à informação em sua cabeça. Aplicando este novo conhecimento ao sonho.

– Foi só um sonho – murmurou para si mesmo.

Mas se tivesse sido... por que se lembrava de ter visto uma mulher alada pairando sobre o carvalho tombado no ginásio de Gosforth, logo depois de ele ter despencado de uma janela com as cores do *arco-íris*... sem qualquer *lembrança* de quem ou o quê ele era? Por que uma deusa, e uma deusa grega, ainda por cima, teria se interessado por ele? Quem era a mulher com capa que o havia libertado e o levado até ela? E em que inferno de lugar estivera?

A última pergunta ecoou um pouco alto demais em sua cabeça.

Em que *inferno* estivera?

Uma hora depois, Fennrys estava sentado do lado de fora, numa das muitas cadeiras verdes dobráveis oferecidas aos usuários do Bryant Park, olhando para o luminoso céu azul sem na verdade vê-lo. Ninguém olhou para ele duas vezes, exceto um homem velho e grisalho, vestindo um casacão surrado e com um ursinho de pelúcia esfarrapado metido debaixo do braço, que virou a cabeça quando passou por ele. Fenn olhou para cima ao notar que o homem havia parado e achou que ele iria pedir dinheiro ou cigarros.

Ele não pediu nem uma coisa nem outra; ele apenas disse:

– Ah. Oi.

Fennrys saudou-o com a cabeça, em silêncio.

– Não vou ter que juntar minhas coisas e me mudar para outro parque de novo, vou? – o homem perguntou.

– Como?

– Bem, é que a última vez que vi você foi no Central Park. Na época em que aquela sua jovem amiga me disse para sair de lá. – Ele encolheu o ombro. – Ela me disse que o parque não era seguro. Que havia criaturas ruins lá, do tipo que come a sua cara.

Fennrys sentiu um frio súbito, como se uma nuvem passasse na frente do sol.

– Que amiga era essa?

– A princesa, claro.

Uma *princesa*, Fennrys pensou. *Certo*. Ele tentou se livrar da inquietação momentânea e lançou ao homem um sorriso condescendente.

– Estou por aqui desde então. Gosto de parques – disse o homem. – Você também gosta, não é?

Fennrys olhou para o homem desconfiado.

– É. Sim, acho que gosto de parques. – Embora até *pensar* no Central Park o deixasse muito nervoso. Ele se pôs em pé. – Mas não tenho a mínima ideia do que você está dizendo, amigo.

O velho encolheu de novo os ombros e sorriu.

– Você não é o primeiro a me dizer isso. Como tem passado?

– Você... me conhece?

– Não exatamente – ele respondeu. – Mas vi você por aí uma ou duas vezes, ao longo dos anos. Lá no Central Park. Você e... eles. Aqueles que brilham.

– E quem seriam esses que brilham? – Fennrys perguntou.

Mas o homem sacudiu a cabeça com veemência.

– Ah, não. Não, não... Melhor eu não falar sobre isso. – O homem ergueu seu ursinho de pelúcia, ao qual faltava um dos olhos de botão, e disse: – Mas você pode perguntar ao Major. O Major sabe tudo sobre essas coisas.

Maldição. Fennrys suspirou.

– Tudo bem. Fica para outra vez.

– O senhor é quem sabe, chefe.

– Olha, preciso ir andando – ele disse ao homem e seu urso. – Você se cuide, hein, Veterano? – Pescou no bolso o que restava do dinheiro de Rory e deu-o ao homem.

Os olhos do sujeito se arregalaram.

– Caramba. Obrigado, parceiro.

– É para comprar hambúrguer, não bebida. Entendeu?

– Positivo, chefe!

O velho fez o urso bater uma continência e pegou o dinheiro. Fennrys ficou olhando enquanto ele se afastava e sacudiu a cabeça, achando graça. Tinha feito sua parte para encher o estômago de um sem-teto, mas não estava nem perto de encher as lacunas em sua própria cabeça.

[2] Estado que existiu na Islândia do século X ao século XIII. [N. T.]

XXVI

— Ela é perigosa.

– Obrigada, Toby. – Mason revirou os olhos e apertou mais o laço do sapato. – Bem o que eu precisava ouvir.

– Ah, me desculpe. – O sarcasmo de Toby estava a toda. – Você queria que eu dissesse “Aaah, essa é fichinha, Mase. Como a garota que você enfrentou na semana passada, sabe, aquela que te deu uma surra...”? Isso ia ajudar?

– Não, Treinador Durão, não ia. – Ela sorriu para ele.

Toby sacudiu a cabeça e ergueu a caneca para tomar um grande gole de café.

– Alguém por aqui parece que conseguiu ter duas noites bem dormidas, finalmente.

– Algo assim.

Mason trocou de pé e amarrou o outro cordão, cheia de confiança. Noites bem dormidas, sim. Mas não foi o sono que colocou o sorriso de volta em seu rosto e a perícia de volta em sua lâmina. Foi Fennrys.

Os três primeiros combates foram tranquilos. O que fazia Mason preferir o sabre ao florete e à espada era que os competidores costumavam gritar muito. O fato de ser possível atacar o oponente com golpes de corte e não apenas de estoque parecia fazer aflorar algo primitivo nos esgrimistas, e eles trocavam gritos entre si enquanto a saraivada de ataques e respostas os mantinha em movimento, para diante e para trás na pista. Ela tivera que conter as exibições vocais enquanto treinava com Fennrys no High Line, pois a gritaria teria atraído num piscar de olhos a vigilância do parque, ou até a polícia. Mas ali, no ginásio, Mason podia berrar até sua cara ficar roxa por trás da máscara.

E foi o que fez. Na maioria, gritos de vitória. Ela tinha se redimido.

– Bem, com certeza, não foi nada mal – disse Toby, casualmente, no fim do dia. – É bom ter você de volta, garota. E ainda melhor.

– Obrigada, Tobe. – Mason sacudiu o cabelo, soltando-o do rabo de cavalo. – Acho que tudo o que eu precisava era que você conseguisse suas botas de volta. – Ela deu um chute de brincadeira nos coturnos surrados. – As sandálias com meias me afetaram de verdade da última vez.

Ele resmungou baixinho, e ela viu um lampejo de apreensão nos olhos dele, provavelmente o receio de que ela voltasse a falar da noite da tempestade. Porém Mason foi prudente e ficou de boca fechada. E já não parecia tão difícil manter o terrível segredo daquela noite. Não quando ela podia dividi-lo com Fennrys. Depois do ataque na marina, sua estranha ligação com Fennrys parecia fortalecer-se a cada dia. Toda a estranheza e as coisas impossíveis que se abateram sobre ela eram de algum modo muito mais fáceis de suportar, porque ela sabia que Fennrys estava ali. Esperando com uma espada na mão e aquele sorriso maluco e *sexy* no rosto.

Mesmo que quase nada tivesse acontecido entre eles – um beijo aqui, mãos dadas ali, um abraço ao final de cada noite antes que ele a colocasse num táxi para ir embora (e ele sempre abria a janela antes que ela entrasse) –, Mason ficava sem fôlego e zonza só de pensar nele. Como agora.

– Ei, Mason...

Ela se virou e, por uma fração de segundo, ficou confusa porque quem a chamava não era Fennrys, o Lobo.

– Ah! Hã... oi, Cal – ela balbuciou envergonhada por ter sido pega devaneando. E com um cara que *não* era aquele à sua frente... o cara com quem ela costumava devanear tão poucos dias antes. Mason sentiu a culpa invadindo-a de repente.

Calum observava o rosto dela, e ela se perguntou o que teria visto ali, porque o meio sorriso dele hesitou e uma ruga apareceu entre suas sobrancelhas.

Ela se forçou a sorrir para ele.

– Como você está?

– Estou bem. – A mão dele fez menção de subir até o rosto. – Posso falar com você?

– Sim, claro.

Calum fez um sinal para que Mason o seguisse, e por alguns minutos caminharam juntos lado a lado em silêncio, para longe dos caminhos mais frequentados entre os prédios da universidade, em direção a um local mais tranquilo do campus. Cal ficava olhando de canto de olho para Mason, como se quisesse se certificar de que ela ainda estava com ele.

– Você se saiu muito bem hoje.

– Obrigada – disse Mason, num tom neutro.

Ela não queria que Cal perguntasse sobre a melhora de sua técnica, sobretudo porque deveria ter sido ele a ajudá-la a melhorar. Mas, por outro lado, não havia motivo para ela se sentir mal com seu aprimoramento. Era Cal quem tinha sumido da face da Terra, não ela. Mason sabia que estava magoado, mas ele não tinha respondido a nenhuma das mensagens de texto que ela lhe enviara nos primeiros dias, perguntando como ele estava. E ele não havia sido particularmente agradável da última vez em que ambos se falaram...

– Desculpe-me por aquele dia – ele disse, quase como se tivesse lido a mente dela. – Acho que fui meio...

– Grosso comigo? – perguntou Mason. Era algo que Heather teria dito, e pareceu um pouco esquisito saindo de seus lábios, mas ela ficou aliviada em dizer aquilo. Ela percebeu que ainda estava bem irritada com Cal pela forma como ele a havia tratado naquele dia, diante de Carrie Morgan e dos outros alunos de Gos. Mas agora a preocupação dela era se Cal iria virar as costas e desistir da conversa.

Em vez disso, ele deu um sorriso amarelo.

– É, eu fui meio grosso. Estive tentando te encontrar para pedir desculpas, mas você anda meio que sumida ultimamente. Você não tem tentado me evitar, nem nada assim, não é?

Havia um tom quase acusador na pergunta, que por algum motivo a deixou irritada. Ela estacou no meio do caminho.

– Será que você não está invertendo as coisas?

Mason lembrou-se da conversa que tivera com Heather, sobre como Cal estava... ou melhor, sobre como Heather *dissera* que ele estava apaixonado por Mason. Um flerte casual, sair alguma noite para ver um filme com outras pessoas... isso não era o equivalente de *amor*. Cal não conhecia Mason bem o suficiente para ter esse tipo de sentimento por ela. Heather podia estar convencida do que dizia, a ponto de terminar tudo com ele por causa disso, mas Mason não acreditava naquilo. Nem por um segundo.

E mesmo que acreditasse, ela não tinha certeza de querer. Não mais.

– O que você queria me dizer, Calum? – ela perguntou, percebendo a dureza de seu tom.

– É que... Bem... – ele respirou fundo. – Olha, eu acho que você é a única pessoa com quem posso falar sobre isso.

A expressão do rosto de Cal derreteu a ira súbita de Mason, e ela controlou seu humor. Cal estava falando sério. Algo o perturbava profundamente, e Mason sentiu pena dele. Ele parecia mesmo... perdido. Sozinho. Ela ficou se perguntando por que ele achava que *ela* era a pessoa com quem ele podia contar e tentou se lembrar da última vez em que o vira conversando com alguma outra pessoa em Gos. Não conseguiu. Na verdade, parecia quase como se Cal estivesse se isolando de todos os demais alunos. Ela se lembrou de Heather contando que, mesmo tendo voltado a assistir às aulas, ele não estava dormindo no dormitório. Ele voltava para casa todas as noites, e isso era suficiente para que a fofoca corresse solta em Gosforth.

Mason tinha imaginado que ele só precisava de tempo para se recuperar dos ferimentos. Mas, fora a cicatrização rápida das feridas, não parecia haver mais nada errado com Cal. Nada físico, ao menos.

– Que foi, Cal? Qual é o problema?

– Bem, hã... – Ele passou a mão pelo cabelo, o rosto franzido. – Na noite passada, quando estava em casa, eu não conseguia dormir. Quer dizer... não foi só na noite passada. Não tenho dormido muito desde... você sabe.

– Eu sei – Mason assentiu com a cabeça.

– Bom... eu tenho ido até a beira do lago...

A propriedade milionária e tradicionalíssima da família de Cal se situava em Long Island, bem na ponta de Kings Point, na Costa Dourada, onde costumavam ficar todas as extravagantes mansões históricas de gente como os Vanderbilt e os Roosevelt. Era o lugar que Scott Fitzgerald tinha glamorizado e transformado em ficção em *O Grande Gatsby*. A maioria das imponentes mansões antigas tinha sido demolida ou transformada em edifícios públicos, mas a casa dos Aristarchos ainda estava em pé.

Ela olhou para Cal, imaginando o que ele queria dizer a ela. Viu o olhar dele turvar-se, como se seus pensamentos tivessem se voltado para dentro, focalizando em alguma recordação.

– Cal?

– Hã? – Os olhos dele se cravaram de repente no rosto dela. – Ah, me desculpe.

– Então você foi até a beira do lago... – incentivou Mason. – O que aconteceu?

Ele deu um suspiro pesado.

– Olha, eu sei que era você quem queria contar tudo sobre o que aconteceu de

verdade no ginásio naquela noite. E eu sei que, quando os outros disseram que a gente devia ficar quieto e fingir que nada tinha acontecido, eu fui na deles...

– Cal, está tudo bem. Eu entendo. E vocês estavam certos. Teriam achado que a gente era um bando de babacas contando lorotas. As coisas que aconteceram com a gente naquela noite simplesmente não acontecem com o resto do mundo. Vocês estavam certos.

– Não, Mason. – os olhos dele brilhavam de forma quase febril, e ele se aproximou dela, segurando-a de repente pelo ombro, assustador, intenso. – Quem estava certa era *você*. Acho que esse tipo de coisa acontece com mais frequência do que as pessoas querem admitir.

– Cal... Aconteceu algo com você enquanto você estava em sua casa?

Ele respirou fundo e contou uma história incrível sobre criaturas estranhas, assustadoras e belas, que estavam na baía. E que, todas as noites que havia passado em casa depois da tempestade, ele ia até a beira do lago e ficava observando as criaturas se movendo e se divertindo, e escutava-as cantarem. Sentada ao lado dele, Mason ouvia, paralisada pela narrativa. De repente, a voz de Cal falhou, nervosa, e Mason olhou para ele. Cal estava pálido e sua pele tinha um brilho quase de cera.

– Na noite passada... – ele parou de falar e engoliu em seco.

– Na noite passada *o quê*?

– Na noite passada... elas não ficaram só cantando para mim. Elas me chamaram para ir com elas.

Ele disse aquilo num sussurro, mas Mason conseguiu perceber o desejo desesperado, quase violento, na voz de Cal. Ele fechou os olhos, os músculos de sua mandíbula contraindo-se com a lembrança, e o silêncio entre eles se estendeu. Mason sentiu-se empalidecer, o sangue drenando de seu rosto como se o coração tivesse de repente lançado um toque de recolher.

– Eu quase escuto as vozes delas em minha cabeça. Eram tão fortes, tão... insistentes...

Ela estendeu a mão e segurou a de Cal.

– Acho que você não deve mais ir até a beira do lago, Cal.

Os olhos dele se abriram de repente, e ele a olhou com um olhar cortante como navalha. Ele riu, e a voz dele falhou de novo.

– Olha... é meio engraçado você dizer isso, Mason. Porque tenho a impressão de que você e eu estamos em situação parecida.

– O que...

– E eu podia ficar aqui te dizendo, até perder a voz, para ficar longe daquele Fennrys. Para seu próprio bem. E você faria isso?

A boca de Mason se abriu, mas nenhum som saiu.

– Foi o que eu pensei. – Ele riu, sem qualquer alegria, e ficou em pé. – Sabe, talvez eu devesse aceitar a oferta das ninfas do mar. Quem sabe eu descubro que aquele é o meu lugar. Seria legal descobrir que eu pertenço a algum lugar. Que eu tenho alguém.

Mason ficou ali parada sem saber o que dizer, enquanto Cal dava as costas e ia embora, mas ela sentiu a partida dele como um membro fantasma. Considerando o que poderia ter sido, Calum era um sonho passado. Mas agora... e a sensação era de que a culpa tinha sido dela... ele parecia estar vivendo em algum tipo de pesadelo, estranho e perigoso.

XXVII

Mason estremeceu, e Fennrys passou um braço por seus ombros, embora ele não tivesse bem certeza de que a pele dos braços dela havia se arrepiado por causa da temperatura fresca ou do tema da conversa deles. Ela havia descrito o encontro de Calum à beira do lago enquanto caminhavam pelo High Line na escuridão. Os passeios furtivos no parque fechado tinham se tornado uma espécie de ritual para eles, depois da prática noturna de esgrima. Fennrys apreciava aqueles momentos, mesmo que Mason estivesse a fim de lhe contar os problemas de outro cara... Ele mentalmente reprimiu uma centelha irracional de ciúmes. Ele escutaria e então talvez conseguisse uma chance para abordar outro tema que vinha incomodando-o no fundo da mente. Fennrys ainda não havia discutido as descobertas que fizera na biblioteca naquele dia. Ele ainda não sabia o que pensar sobre o fato de que a família de Mason e a pessoa, ou entidade, proprietária daquele lugar de alguma forma estavam conectadas.

Ele franziu as sobrancelhas e trouxe a concentração de volta para a história de Mason, que dizia:

– Quer dizer... Já houve casos de coisas estranhas sendo encontradas boiando nas águas ao redor de Nova York. Nos anos 70, mais ou menos, encontraram uma girafa morta no rio. Um nadador de maratona colidiu com ela. Dá para imaginar? – Ela estremeceu de leve ao pensar naquilo. – Mas pelo menos as girafas são reais. Elas existem. Mas o que Cal descreveu...

– Você acha que eram as mesmas que encontramos?

Mason encolheu os ombros.

– Acho que não. Quer dizer, tenho certeza de que ele teria mencionado se elas tivessem pele de um azul vivo. E as nossas não estavam montadas em monstros. Acho que é um tipo completamente novo de esquisitice.

– Por qual motivo ele achava que você era a única pessoa com quem ele poderia conversar? – Fennrys perguntou, e imediatamente xingou-se em silêncio quando ela se virou e ergueu uma sobrancelha para ele. – Quer dizer... e Heather? Você não me disse que eles estavam namorando?

– Hã. Sim. A palavra importante aí é “estavam”.

– Ah.

– E esse não era realmente o foco de minha história – disse Mason, seca.

– Eu sei, eu sei... – Ele sorriu para ela por um instante, e então algo começou a interferir em sua percepção.

Fennrys diminuiu o ritmo e olhou a cidade ao redor, brilhando na escuridão, cercando-os por todos os lados. Depois de uma semana de tempo muito inconstante, o ar estava estranhamente parado.

– Pode acreditar, Mason. Se eu tivesse a menor ideia do que está acontecendo, eu te diria. Eu diria a Calum. Droga, eu...

Os sons de cães ladrando, débil e distante, fez Fennrys deter-se dentro da ampla Passagem do Mercado Chelsea, uma parte do parque que passava por uma esquina do edifício que abrigava o Mercado Chelsea, e onde existia uma instalação artística com centenas de lâminas de vidro colorido, que representavam os diferentes estados de espírito do rio Hudson. A luz etérea azul, verde e vermelha que penetrava dava à noite um aspecto sobrenatural. De alguma forma, combinava com os latidos dissonantes que se aproximavam.

– O que é isso? – sussurrou Mason.

– Não sei – respondeu Fennrys. – Mas o que quer que seja, está caçando.

– Caçando o quê?

Fennrys olhou para ela.

– Nós.

– Que pergunta idiota – Mason murmurou baixinho.

Ela sentiu uma onda de adrenalina passando pelo corpo com a qual já estava se familiarizando. O fato de estar ficando acostumada com aquilo não podia ser uma boa coisa. Na distância, vindo pela ponta do parque que dava para a rua Gansevoort, ela podia ver vultos escuros, ágeis. Criaturas altas, com pelagem desgrenhada e longas pernas. Mason imaginou poder ver olhos amarelos e mandíbulas com a baba escorrendo, mesmo que ainda estivessem longe demais para isso. Mas estavam se aproximando depressa. Fennrys já estava tirando do

ombro a sacola de carregar espadas e abrindo a aba que a fechava. Tirou a espada de Mason e entregou-a a ela, com uma expressão séria.

– Isso é *só* para se prevenir – disse enfático.

– E o que isso significa?

– Significa que você não vai nem pensar em tentar bancar a heroína. Sua parte vai ser fazer uma única coisa, e fazê-la bem para que nem mesmo eu consiga te alcançar.

– E o que é?

– Correr.

Assim que a palavra saiu dos lábios dele, o sonho de Mason voltou à lembrança dela. Aquele em que Fennrys dizia a ela para correr... e então se transformava em monstro. Antes de sequer tomar alguma decisão consciente, Mason se virou e correu pelo parque deserto na direção norte, seguindo a fita sinuosa do caminho, que brilhava esguia e prateada à luz da lua. Lua cheia.

Talvez houvesse pessoas nas ruas lá embaixo, pedestres, gente indo para a balada, talvez até algum policial, mas o parque em si, por estar fechado, estava obviamente vazio, exceto por ela, Fennrys e... o que quer que estivesse caçando-os. Mason não ousava parar um instante e procurar um guarda-corpo por cima do qual olhar e gritar pedindo socorro. Mesmo que pudesse fazer isso, ela não queria envolver inocentes. Ela só podia correr e torcer para que Fenn conseguisse enfrentar o que quer que fosse aquilo. E se ele não conseguisse... a espada na mão dela faiscou em sua visão periférica como prata líquida, enquanto ela corria.

Mason não olhou para trás nem quando ouviu os rosnados e rugidos terríveis e os gritos de dor horrendos, e ela conseguiu chegar à escada da rua 18 em tempo recorde.

Ela ficou eternamente agradecida pelo fato de estar usando tênis e *jeans* dessa vez. Depois da primeira “aula” de esgrima com Fennrys em seu apartamento, Mason havia deixado de lado todo o encanto feminino e optado por roupas práticas. Estava sendo muito útil naquela situação em particular. Na 18, havia uma passarela de grade metálica saindo em ângulo reto da estrutura do parque, levando para uma escada que, por sua vez, descia até a rua. Claro, por estar fora do horário, a porta gradeada no final da escada estaria trancada. Mason nem se deu ao trabalho de ver se havia algum jeito de abri-la por dentro. Em vez disso, quando chegou ao patamar elevado, antes do último lanço de escada, ela passou a perna por cima do corrimão e saltou.

Ela atingiu com força o pavimento e encolheu-se para rolar de lado, tentando não decapitar a si mesma com a espada. Acima dela, e para o sul, podia ouvir os sons de uma batalha furiosa. Metade dela queria voltar e ajudar Fennrys. A outra metade estava tomada pela necessidade urgente de correr. Como ele lhe dissera para fazer. No entanto, agora que estava fora do parque, Mason não tinha para onde ir. O armazém de Fennrys estava logo ali, mas Mason sabia que estava trancado. A menos que ele próprio desfizesse as "proteções", como ele as chamara, ela não tinha como entrar no edifício. Podia tentar chamar um táxi, mas as ruas estavam incrivelmente desertas, e de qualquer modo ela não tinha muita certeza de que tipo de motorista pararia para uma adolescente de olhos arregalados, roupas sujas e uma espada na mão.

Além disso, agora que estava longe e escondida atrás da escada do High Line, ela não queria deixar Fennrys totalmente sozinho. Enquanto pensava nisso, ela ouviu uma barulheira tremenda quase em cima dela. As grades de metal da escada sacudiram e se entrechocaram com violência. Olhando para cima através da treliça de metal da passarela, Mason assistiu à batalha como se estivesse sendo encenada num palco. Os vultos escuros se moviam sobre ela com uma graça musculosa e letal e uma selvageria desenfreada.

De repente, Mason ouviu um urro de fúria. Ela não poderia dizer, honestamente, se tinha vindo de um dos animais... ou de Fennrys. Mas então o corpo de um cão gigantesco caiu do céu como um saco de cimento úmido, e Mason conteve um grito e cobriu o rosto.

Exausto, Fennrys pulou por cima do corrimão e aterrissou agachado ao lado de Mason. Passou as costas da mão pela testa, e ela ficou riscada de sangue.

– Não foi nada – ele disse, afastando a mão dela enquanto Mason gemia em solidariedade e tentava pôr de lado os fios de cabelo loiro grudados a um corte superficial, de onde o sangue escorria num filete lento pela lateral do rosto dele. – Pode deixar – ele rosnou. – Vai sarar.

Mason encolheu a mão. Ela parecia assustada, magoada pelo tom ríspido da voz dele, mas ele não podia evitar. Estava ainda com tanto medo por ela que tremia.

– Eu disse para você correr.

– Eu corri.

– Eu não disse para você *parar* de correr. – Ele podia sentir que seus dentes estavam arreganhados num esgar. – A esta altura, você já devia estar a meio

caminho do Central Park, maldição!

Ele deu as costas a Mason e olhou para cima, para o corpo imóvel de outro cão de caça, pingando sangue através da grade. No instante em que alguém descobrisse os animais, haveria policiais e seguranças do parque enxameando por toda parte e fazendo perguntas. Por algum motivo, Fennrys meio que esperara que as coisas se desfizessem e desaparecessem depois que ele os matou, como miragens. Como os *draugr*.

Mas eles não eram miragens e não eram monstros míticos. Eram cães, apenas cães, e jaziam ali agora, parecendo normais e patéticos na morte, e ele se sentiu mal por ter sido o causador dela. Claro que teria se sentido muito pior se não tivesse sido. Aqueles cães eram capazes de rastrear e abater presas muito maiores na natureza. Conseguiam abater javalis e até ursos, mas eram chamados de *wolfhounds* por terem sido criados especificamente para matar lobos.

Só que desta vez parecia que o lobo tinha ganhado a briga. *Desta* vez.

Depois de sua explosão furiosa, o silêncio se prolongou entre Fennrys e Mason, até que finalmente ela se colocou em pé e disse baixinho:

– Bom, então acho que é melhor eu ir embora. Como você disse, eu já devia estar a meio caminho para o Central Park, agora.

Ela se virou e começou a caminhar para longe dele, a espinha ereta.

Fennrys observou-a afastando-se por um momento, alguma coisa incomodava em sua mente. Então ele ficou em pé e correu atrás dela, alcançando-a em menos de meia quadra. Ele a segurou pelo pulso e fez com que diminuísse a velocidade. Ela se virou e olhou para ele. Os olhos dela estavam tão azuis que quase brilhavam ao luar, como os de um gato.

– Da próxima vez, continue correndo.

– Não sei se posso fazer isso.

– Venha cá, vamos embora. – Ele tirou a espada da mão dela, com suavidade, e colocou-a de volta no estojo, junto com a dele.

– Para onde?

– Central Park.

– Espere, achei que você só tivesse dito isso para ser desagradável.

– E foi mesmo. Mas acho que o urso pode estar sabendo de algo. Talvez a gente até descubra algumas respostas por lá.

– O *urso*?

Mason olhou-o como se ele tivesse finalmente pirado. Talvez tivesse.

– É. O nome dele é Major. Eu explico no caminho. – Fennrys limpou o

sangue da testa com a manga de sua jaqueta de couro e fez sinal para um táxi que passava na distância. – Ou talvez não.

Estavam parados na entrada do Central Park, em Columbus Circle. Fazia quase cinco minutos que estavam ali. Mason nunca tinha ficado tanto tempo ali sem ser acossada por ciclo-riquixás, ou gente alugando bicicletas ou vendendo chapéus e camisetas, mesmo àquela hora avançada. Mas naquela noite, ninguém incomodava Fennrys, e nem ela, culpada por associação.

– Vamos entrar?

– Sim.

– Você parece que não está querendo.

– Não quero.

– Você sabe por que não quer?

– Não exatamente.

– Tudo bem...

– Acho que alguma coisa aconteceu comigo aí. Algo ruim.

Mason olhou para o perfil de Fennrys. Os ângulos agudos e as linhas de seu rosto estavam banhados com o brilho da iluminação da rua, e a pálida luz alaranjada suavizava os contornos e fazia com que ele parecesse jovem, como Cal ou algum de seus colegas de classe em Gosforth. Mason ansiava saber o que havia lhe acontecido que o transformara de um adolescente comum naquele homem extraordinário, intimidador e solitário que estava ao seu lado. Ela teve a impressão de que logo descobriria.

Quer dizer, supondo que ele decida mesmo entrar no parque...

Como se uma parte dele tivesse ouvido os pensamentos dela, Fenn deu um passo repentino para a frente. Suas narinas se dilataram como se ele farejasse o ar em busca de algum perigo, e seus punhos estavam cerrados dos lados do corpo. Mas ele seguiu adiante, para dentro do parque, tomando a direita, e dirigindo-se para o norte, para o centro do parque. Mason foi junto. Um fino véu de névoa erguia-se da terra, cruzando os caminhos a cada tanto e acumulando-se nas baixadas e nos vales do terreno ondulado do parque. À frente deles, e de ambos os lados, ocultas entre as profundas sombras negras lançadas pelas árvores altas, Mason julgou ver luzes dançando, como vaga-lumes na distância. Ainda que não fosse época de vaga-lumes.

O tempo todo ela ficava olhando Fennrys meio de lado, para ver se alguma coisa acontecia com ele. Metade das vezes em que olhou, ele tinha os olhos

fechados. Passaram pelo carrossel, por um grande gramado e pelo lago. Indo para norte e leste. Fennrys ficou em silêncio total até quase chegarem ao Museu Metropolitano de Arte. Os pés de Mason estavam começando a doer, embora ela estivesse de tênis. De repente, Fennrys parou e inclinou um pouco a cabeça, olhando ao redor. Seu olhar estava fixo em algo que Mason não podia ver.

– O que quer que seja, está perto – ele disse baixinho.

– O que quer que seja *o quê*?

– Não sei. Não com certeza.

Ele fechou os olhos de novo e, sob a luz de um poste, Mason podia ver os olhos dele indo e vindo por baixo das pálpebras fechadas.

– Em minha mente, eu posso ver... luzes – ele disse. – Como centelhas ou chamas. É como se todo o parque se estendesse diante de mim, e houvesse esses pontos de luz espalhados por todo ele. Acho que são... pessoas.

– Pessoas?

– Não exatamente. Seres...

– Isso é mais... hã... Magia? – Mentalmente, ela adicionou a inicial maiúscula. – Como algum tipo de GPS místico, ou algo assim?

– Acho que sim. É como se eu pudesse sentir aqui no parque todos esses seres que não são... humanos.

– Nesse caso, a gente não devia *sair* do parque? – Mason não podia deixar de pensar em todos os seres não humanos que havia encontrado recentemente e em como na verdade não queria encontrar mais nenhum deles naquele momento.

Entretanto, Fennrys pousou a mão no braço dela, impedindo-a de sair correndo.

– Não. Acho que não corremos nenhum perigo. Não aqui. Não esta noite.

– Por que não?

– Porque já estive aqui antes. Essas pessoas... coisas, sei lá... elas têm medo de mim. Não vão nos incomodar. – Ele se virou e olhou para o norte, e seus olhos se estreitaram. Focalizando. – E tem mais alguém aqui...

– Quem? – Mason perguntou num sussurro.

– Não sei quem é. Mas também não vai ser incomodado.

Mason apertou o passo para acompanhar Fennrys. Por algum motivo, saber aquilo não a fazia sentir-se melhor.

XXVIII

Fennrys subiu com cautela os degraus baixos de pedra que levavam até o Greywacke Knoll, passando pelo túnel verde formado pelos galhos de macieiras até uma clareira octogonal. O lugar estava pavimentado com tijolos imbricados e em seu centro havia um monumento de granito impressionante, tão antigo que Fennrys quase podia sentir a história emanando em ondas a partir dele. Havia uma coluna alta e esguia de pedra, com quatro faces, apontando para o céu, montada nas costas de quatro caranguejos de bronze; sua superfície era coberta com hieróglifos. Era chamada de Agulha de Cleópatra, embora esse nome fosse equivocado. O obelisco na verdade havia sido encomendado pelo faraó Tutmés III, mais de 1500 anos antes que a grande rainha sequer tivesse nascido.

Tinha sido um esforço tremendo levar aquele monumento do Egito para Nova York, mas ele estava ali desde 1881. Ele chamava a atenção e, até mesmo para quem não conseguia sentir as ondas sutis de poder emanando dele, teria sido impossível parar de olhar para ele... se não fosse pela pessoa que estava apoiada ao corrimão de bronze que o rodeava. *Ele* também chamava a atenção.

O jovem era atraente como um modelo, tinha a pele lisa e um tom bronzeado profundo. Suas feições eram marcadas e regulares, com maçãs do rosto salientes e nariz longilíneo, e os cílios que orlavam seus olhos eram tão espessos que ele parecia estar usando delineador. Seu cabelo negro formava finos *dreadlocks*, da grossura de um lápis, que chegavam aos ombros. Quando sorriu, exibiu um sorriso branco reluzente e caninos pontudos. Seus olhos eram de um marrom tão escuro que pareciam negros.

Estavam fixos, sem piscar, em Fennrys.

– Você está com uma aparência péssima – ele disse e riu. Era um som fácil, agradável... e gelou Fennrys até a medula. – Podia ser pior, suponho.

Fennrys olhou para baixo, para ver o que estava vestindo.

– Não, não, as roupas estão ok. – O homem fez um gesto de que aquilo não tinha importância, ele próprio vestido impecavelmente com um terno elegante preto, com uma camisa de seda azul-escura, de colarinho aberto, por baixo. Minúsculos aros dourados brilhavam em ambas as orelhas. – Quero dizer, se fosse eu, teria escolhido uma jaqueta mais justa, mas você provavelmente precisa de espaço. É difícil manejar uma espada com roupas feitas sob medida.

Fennrys teve de se conter para não pegar a espada que trazia cruzada a suas costas. Ele teve a impressão de que, contra aquele ali, armas não teriam lá muita utilidade. Em vez disso, ele manteve uma postura relaxada, esperando para ver o que o estranho faria a seguir.

– Você é esperto. E *essa*... – ele olhou ostensivamente para a espada que Fennrys *não* sacara – foi a decisão acertada, Fennrys Lobo.

Fennrys nem se incomodou em perguntar como o homem sabia o que ele estivera pensando.

– Achei que seria – respondeu.

– Você já está na cidade faz algum tempo – disse o desconhecido, mudando de posição de modo a ficar apoiado no corrimão com um cotovelo, numa pose indolente. Seu olhar desviou rapidamente para Mason e então voltou para Fennrys. – Onde você esteve todo esse tempo?

– Por aí – disse Fennrys, seco, evitando o impulso de entrar na frente de Mason para protegê-la. – Hoje passei algumas horas agradáveis na biblioteca e em seguida fui espairecer um pouco no parque Bryant. Obrigado por perguntar.

– Parque Bryant. Faz sentido. – O desconhecido revirou os olhos para cima. – E eu aqui esperando por você, no primeiro lugar ao qual eu teria pensado que você voltaria. Qual o problema? Lembranças ruins demais?

Fennrys recuou como um animal assustado.

– Isso não foi engraçado – Mason retrucou.

O olhar do homem estreitou-se, voltando-se para ela de novo, e cada músculo do corpo de Fennrys retesou-se de apreensão. Ele virou a cabeça para Mason sem tirar os olhos do rosto do homem.

– Sabe aquele lance de nunca falar com estranhos, Mase? – disse Fennrys em voz baixa. – Não dá para ser muito mais estranho do que esse aí.

Mason ergueu os olhos para ele, seu olhar azul faiscando ferozmente. Então, de repente, antes que ele pudesse detê-la, ela deu a volta em Fennrys e foi direto para o obelisco, parando quando estava a poucos metros do desconhecido.

– O que você é? – ela indagou decidida.

O homem ergueu uma sobrancelha para ela, um tanto surpreso.

– Perdão?

– O que você é? – ela repetiu. – Quer dizer... até agora, ao longo desta semana, cruzei com zumbis da tempestade, sereias-lagarto, deusas do rio, coisas voadoras horríveis que não quero nem saber o que são e dublês dos cães dos Baskervilles. Então. O que você é? Demônio? Vampiro?

– Vampiros não existem – menosprezou o homem.

– Certo. Como sou tonta.

– Sou um lobisomem.

Mason piscou os olhos e virou-se para Fennrys.

– Viu? E eu achava que era você.

– Ah, por favor. – O homem fez um muxoxo. – Ele precisaria de muito mais estilo para fazer parte do meu grupo. E eu não sou apenas *um* lobisomem.

Mason virou-se de novo para ele.

– Eu sou *o* lobisomem.

– Ah, puxa, se não estamos com sorte.

– Você tem tido sorte até agora, Mason Starling – disse o homem, ríspido, fuzilando-a com um olhar que tirou toda a valentia dela. – Se eu fosse você, faria todo o possível para que isso virasse uma tendência. Agora eu sei que você ficou assustada, e assim está bem. Mas um pouco de respeito não seria nada mau. Sobretudo considerando-se que você está num parque no meio de Nova York conversando com um deus.

– Achei... achei que você tivesse dito que era... um lobisomem – ela gaguejou.

De repente, as feições do homem começaram a ficar indistintas e a mudar.

Fennrys precipitou-se para a frente e puxou Mason para longe quando uma onda de luz azul-escura crepitante dançou por sobre a pele do desconhecido, que se tornou negra como ébano, lisa e luzidia, enquanto a face dele se alongava e assumia a forma de um longo focinho pontudo. Suas orelhas deslocaram-se para trás e para cima. Os músculos do pescoço se espessaram e uma pelagem fina e negra os revestiu, mascarando seus contornos. O terno caro desapareceu, substituído por um colar dourado que pendia sobre seu torso, estendendo-se sobre os ombros musculosos quase como asas. Ele rebrilhava com as pedras preciosas encravadas e servia para enfatizar que o resto dele agora estava praticamente nu, exceto por um longo tecido de linho pregueado, com bordados de ouro, que tapava suas partes íntimas e era preso por um cinto também de ouro. Suas mãos ainda eram... mãos. Fennrys quase havia esperado que fossem

patas, mas não, ele ainda tinha dedos, como uma pessoa, embora as unhas fossem longas e afiadas, como garras. E pintadas com um azul brilhante, de cor lápis-lazúli. Todo o seu corpo estava revestido com uma pelagem negra brilhante, com um reflexo índigo que ressaltava o físico escultural que, do pescoço para baixo, ainda parecia humano. Exceto pela pelagem.

Seus lábios se afastaram para revelar um focinho cheio de dentes reluzentes, afiados como adagas. Os olhos faiscavam com uma alegria sombria, e ele disse, numa voz que era como o rosnar de um lobo:

– Eu *ia* chegar nesse lance de deus de um jeito mais suave.

Mason desejou não desmaiar, mesmo que quase pudesse ouvir o sangue sendo drenado de sua cabeça. Em sua mente, não havia dúvida alguma de que o ser que tinha diante de si era o que dizia ser. O poder parecia jorrar dele em ondas. Ela o reconheceu de livros e imagens que tinha visto na internet, pesquisando para um ensaio sobre antigos mitos e lendas. Ele era Anúbis, o deus egípcio dos mortos, com sua cabeça de chacal. Ele sorriu para ela de novo, e de novo sua forma mudou, e um lobo negro elegante descreveu um círculo em torno de onde ela e Fennrys estavam.

E então, de repente, à volta deles, as sombras debaixo das árvores começaram a se contorcer e a fluir na direção em que eles estavam, e meia dúzia mais de lobos chegou à área pavimentada em torno do obelisco, formando um círculo ao redor de Mason e Fennrys.

Tá legal, pensou Mason. Talvez ela *devesse* desmaiar.

Fennrys segurou-a com mais força quando o corpo dela começou a amolecer em seus braços. Ela se segurou a ele, tentando não sucumbir a um nível totalmente inédito de medo. Então, tão de repente como havia se transformado, o jovem deus elegante estava de novo diante deles, mais uma vez vestido na forma humana. Seus companheiros lupinos o cercavam, sentados, observando com olhos que tinham muito mais compreensão do que os olhos de lobos deveriam ter. Olhos humanos.

– Detesto me exibir, mas creio que fui bem claro, não?

Mason fez que sim.

– E creio, também, que você entende agora que posso ter alguma informação sobre as coisas incomuns que têm acontecido nesta cidade nos últimos dias.

Ela assentiu de novo.

– Ótimo. Meu nome, caso você não saiba, é Anúbis. Podem me chamar de

Rafe, crianças. – Seus olhos se desviaram para Fennrys. – E nós precisamos mesmo conversar.

A princípio, pareceu que a conversa seria curta e infrutífera. Sobretudo porque, no geral, consistiu em perguntas que Rafe fez a Fennrys, e que este não tinha como responder, de forma alguma. Perguntas sobre sua vida antes do momento em que conseguiu se arrastar para fora do carvalho de Gosforth e começou a lutar com monstros.

– Você não se lembra de *nada*? – disse Rafe, por fim, a frustração evidente em sua voz. Ele sacudiu a cabeça, e seus *dreadlocks* balançaram para a frente e para trás sobre suas maçãs do rosto salientes.

Fennrys encolheu os ombros.

– Me desculpe.

– Maldição – Rafe murmurou para si mesmo. – O rio Leto. Então foi *assim* que ela fez...

– Você pode ajudá-lo? – perguntou Mason.

– *Ajudá-lo*? – disse Rafe, cortante, olhando para ela. – Eu devia destroçar a garganta dele neste instante e acabar com isso. Provavelmente isso pouparia muito sofrimento ao reino mortal!

Mason deu um gemido e recuou horrorizada e confusa.

Fennrys só olhou para ele, sem piscar.

Rafe deu um suspiro carregado.

– O que sou eu? – Fennrys perguntou.

Mason prendeu a respiração.

O deus egípcio dos mortos passou a mão sobre seus *dreadlocks* e olhou para cima, tendo nos olhos uma expressão que poderia ser de piedade. Como se pedisse em silêncio perdão pelo que ia dizer.

– Você nasceu como um príncipe viking no ano de 1003, de acordo com o calendário corrente. Com 7 meses de idade, você foi levado pelo rei de Faerie, o Reino das Fadas, também conhecido como o Outro Mundo, para ser criado como um guerreiro e guardião do portal entre os mundos. Acontece que esse portal está situado dentro do Central Park, e era por isso que eu esperava que você, ao retornar, acabasse vindo para cá.

A boca de Mason abriu-se.

– F-F...

– Fadas. É. – Rafe olhou para ela. – Pelo menos é o que eu suponho que você ia dizer.

– Certo. É. – Mason engoliu em seco, nervosa. – Ei, hã, não quero ser grosseira, senhor... Rafe. Mas por que um deus egípcio está contando a um viking antigo a história da vida deste? – ela perguntou, tendo dificuldade em entender toda a situação.

– Porque sou o único por aqui que sabe algo sobre ela. – Ele encolheu os ombros. – Tenho contatos, sabe? E quanto ao lance de ser egípcio, bem, existe uma mistura muito maior nos Reinos do Além, que são os reinos dos deuses, do que você imaginaria. Ao longo dos milênios, as fronteiras entre as várias regiões começaram a ficar indistintas. Os limites onde um mundo termina e outro começa agora se sobrepõem, e não é tão improvável que, por exemplo, um Olimpiano entre em contato com um Aesir. E, aliás, é como eu suspeito que *você* tenha conseguido voltar para este reino. – Ele voltou a olhar para Fennrys. – Acho que deve haver uma dupla de deusas mancomunadas, embora eu não possa ter certeza.

– E você? – perguntou Mason, imaginando quantas perguntas ele permitiria que ela fizesse. – Como chegou aqui, se é tão difícil cruzar de um lado a outro?

– Eu? – Rafe deu um sorriso amargo. – Fui expulso de meu próprio submundo muito antes de tudo isso acontecer, por um deus irmão meu que tinha a ambição, e o ego, de fazer isso acontecer. Desde então o mundo mortal tem sido meu lar. Mas ainda consigo notícias regularmente, sabe?

– O que aconteceu comigo aqui no parque? – perguntou Fennrys de repente, com um tremor na voz.

Rafe virou-se para olhar direto para ele.

– No ano passado, houve uma rebelião no Reino de Faerie que quase resultou numa grande invasão do Outro Mundo a este reino. Se não tivesse sido impedida no exato momento em que foi, teria resultado num grande piquenique de fadas no centro de Manhattan. – A boca de Rafe torceu-se num sorriso sem alegria. – E por “piquenique” refiro-me a morte, destruição e o caos costumeiro do Povo de Faerie.

Mason agora entendia. Ela tinha visto Fennrys enfrentar os horrores sobrenaturais e rechaçá-los.

– Então essas criaturas iam invadir, e Fennrys ajudou a impedir a invasão.

Rafe voltou um olhar sombrio para ela.

– Impedir? Ele foi um dos que ajudaram a *causá-la*.

– O quê? – Fennrys fez um movimento brusco com a cabeça.

O olhar de Mason ia de um para outro. Ela devia ter ouvido mal. Fennrys não

teria feito algo assim. Ele era um dos caras do bem. Não era?

– Que diabos você está dizendo? – perguntou Fennrys subitamente irritado.

– Você não precisa acreditar em mim – disse Rafe.

Ele fez um gesto indicando o nevoeiro que havia se formado ao redor deles, sem ser notado, enquanto estavam sentados no banco do parque, falando sobre coisas impossíveis. Espirais peroladas se moveram para um lado como cortinas sendo recolhidas, revelando um garoto franzino, de altura mediana, com pele azul-clara e cabelo escuro que caía pela testa, quase escondendo os olhos escuros e vazios. Mason sentiu que olhar dentro deles seria como equilibrar-se à beira de um abismo sem fundo. O garoto adiantou-se, com as mãos nos bolsos de seus *jeans* justos. Ele usava uma jaqueta preta fechada com um zíper, com punhos que estavam um tanto puídos, e um lenço listrado de preto e cinza. Parecia como se alguém o tivesse construído com fumaça e cinzas e dias nublados e descoloridos, em que o sol na verdade nunca conseguia atravessar as nuvens.

– Etienne – disse Fennrys, num sussurro chocado. – *Fantasma*...

– Ele é um... fantasma? – perguntou Mason, com a voz tensa.

– Não... – murmurou ele, sacudindo a cabeça.

Mason viu o medo e a compreensão desabarem sobre ele. Ela quase podia sentir as fendas abrindo-se na mente de Fenn, através das quais as lembranças jorravam. Ela pôde vê-las preenchendo o olhar dele enquanto ele olhava para o garoto.

– É o nome dele... quer dizer, não de verdade. O nome dele é Etienne. Nós costumávamos chamá-lo de Fantasma.

– Na verdade, você está certo nos dois sentidos – a boca estreita do garoto pálido curvou-se num sorriso tênue.

– Porque você está morto – Fenn sussurrou, com a voz de um homem afogando-se.

Etienne fez que sim.

– Você me viu morrendo.

– Não matei você.

– Não. – O garoto cinzento encolheu os ombros. – Não matou. E na verdade eu talvez merecesse, de qualquer modo.

– Por quê? O que o faz dizer isso? – rosnou Fennrys. – Será que é porque, naquela época, você estava tentando me matar?

Os olhos escuros de Etienne ergueram-se impenetráveis, cravando-se no rosto de Fennrys.

– Eu estava errado ao fazer aquilo.

– Pode apostar!

O Fantasma sorriu para ele, um sorriso triste.

– Nós dois estávamos errados, Fennrys. Você apenas conseguiu viver tempo suficiente para ter a chance de reexaminar suas escolhas.

– Estou surpreso em ouvir você dizer isso.

O Fantasma encolheu os ombros, os olhos negros faiscando.

– A Morte tende a nos dar uma perspectiva singular das coisas. – Ele ergueu a mão, e o nevoeiro começou a moldar-se na imagem de um outro lugar, um outro tempo. – Mas até aí... você deve saber tudo sobre isso, não é, Fennrys?

XXIX

Morto. Estou morto...

Fennrys havia morrido. Havia dado sua vida para salvar outra, para redimir-se de sua traição. Ao fazer isso, tinha esperado encontrar a glória no Além, nos palácios de seus ancestrais. Uma recepção de boas-vindas a Valhala, para o guerreiro exausto.

Mas não tinha funcionado bem como ele havia calculado.

Quando o Fantasma conjurou a visão de seus últimos momentos na Terra, as recordações desabaram sobre ele. Apertando as têmporas com a agonia das lembranças, Fennrys caiu de joelhos sobre as pedras do calçamento. Não podia ser verdade. Mas era.

Lembrou-se, com clareza perturbadora, do momento em que se ofereceu para tomar o lugar de outro homem na carruagem de uma Valquíria. Sabia que estaria renunciando ao reino dos mortais. Para todos os efeitos, morreria, mas ainda assim ele o fez. E fez principalmente pela moça de cabelos ruivos e olhos verdes que, em sua memória, podia ver em pé ali, na borda do Reservatório Jackie Onassis. Para que, aos próprios olhos, pudesse se redimir. Para recuperar um pouco de sua honra ante a opinião dela, sabendo muito bem que, àquela altura, não poderia ter mais nada com ela. Fennrys ouviu-se gritar – um som arrancado do fundo do peito – e fechou os olhos com força, tomado pela dor. Se o Povo de Faerie nunca o tivesse sequestrado, ele teria vivido e morrido como um príncipe guerreiro entre os seus. Teria sido um herói e ido para Valhala depois de tombar numa batalha gloriosa. Mas eles o haviam sequestrado. E Fennrys havia crescido, cheio de raiva e ressentimento por seu destino ter-lhe sido negado.

Ao subir na carruagem da Valquíria, Fennrys imaginara que, quando chegasse a Valhala, o reino dos deuses de Asgard, haveria festas e gloriosas batalhas para lutar de novo e de novo. Olrun, a Valquíria, havia-lhe garantido que assim seria.

É claro que fazia algum tempo que ela não voltava a Asgard. As coisas haviam mudado.

E alguém não queria Fennrys por lá.

– O que você está fazendo? Pare! – Mason gritou.

Rafe a segurou com força pelo pulso, a expressão sombria.

Fennrys estava caído de quatro diante deles, os olhos arregalados e a boca aberta num grito silencioso de protesto. Etienne estava em pé a sua frente, rijo com o esforço de conjurar a visão. Os olhos negros de Etienne moviam-se de um lado a outro, seguindo as imagens das recordações que havia ajudado a evocar, uma película transparente de remorso banhando suas feições. Em volta de Fennrys, Mason podia distinguir formas e sombras, cenas se desenrolando: projeções fantasmas de lembranças inundando os lugares vazios da mente de Fenn.

– O que está acontecendo com ele?

– Etienne está conjurando uma visão do que aconteceu a Fennrys em Valhala. Como é um dos reinos dos mortos, e o próprio Fantasma pertence a tais reinos, ele tem a capacidade de fazê-lo. É o que Fennrys está vendo agora.

– Isso não parece nada com a Valhala das histórias que li! – Mason disse, apontando com violência para a câmara de horrores em que Fenn se encontrava. O olhar de Rafe se fixou nela, e seus olhos escuros se arregalaram.

– Você pode *ver* isso? – perguntou numa voz que soou como uma chicotada.

– Claro que posso! Está bem na minha frente. – Mason voltou-se para o lugar onde Fennrys se retorcia de dor. Sombras o atacavam, pesadelos com dentes e garras rasgavam sua carne. A escuridão ondulante enrolando-se à volta dele enquanto ele jazia indefeso, acorrentado e preso ao chão de terra de uma cela.

– Chega! – Mason rosnou. – Faça parar *agora*.

Ela se aproximou do homem-deus, com os punhos cerrados.

Rafe recuou alguns centímetros diante da ira dela e a encarou por um momento. Então disse:

– Etienne, chega.

O fantasma bateu as palmas das mãos com o som de um trovão, e a visão desapareceu. Fennrys caiu sobre o calçamento, o peito arfando.

– Pensei... pensei que Valhala teria acomodações melhores – arquejou.

– E tem – Rafe disse sombrio. – Parece que trocaram sua reserva. Você acabou numa suíte em Hel.

Hel, ou Helheim, Mason sabia muito bem, era o equivalente do inferno na mitologia nórdica. Não podia acreditar que fosse esse o lugar de Fennrys. Mas se ele tinha sido libertado por alguém... talvez não fosse.

Ela se ajoelhou ao lado dele, ajudando-o a sentar-se. Ele tremia como uma folha. E quando ela o envolveu com os braços, ele se deixou amparar. Um dos lobos que assistira a tudo sentado, em silêncio, soltou um ganido triste.

Rafe veio devagar e acocorou-se diante deles. Mason moveu o corpo para proteger Fennrys.

– Escute – disse Rafe, numa voz quase gentil. – Eu sei o que é ser arrancado do único lugar em todos os mundos ao qual você acredita pertencer. Você achou que estava sendo algum tipo de herói. Os Aesir obviamente não pensaram da mesma forma. O problema é que agora, herói ou vilão, você é a coisa mais perigosa a aparecer neste reino em muito tempo.

– Por quê?

– Porque você pode transitar entre os mundos. Pode ir para *lá*... e *voltar*. E tem uma profecia muito desagradável sobre isso rolando por aí – Rafe explicou.

Como se algo tão incompreensível assim pudesse ser chamado de explicação, Mason pensou.

– E ele? – ela perguntou, apontando para o fantasma, que se postara por trás de Rafe. – Não é o que ele faz?

– Ele? – Rafe se virou para o espectro do garoto pálido e passou a mão através dele. Etienne emitiu uma expressão mal-humorada, mas fora isso não pareceu afetado. Era totalmente incorpóreo. – Ele não é lá uma grande ameaça, vê? O problema com Fennrys é que ele permaneceu *vivo* quando morreu. – Rafe sacudiu a cabeça, admirado. – E, pelo fato de ele existir, há quem ache que isso o torna um arauto. E há quem gostaria de usá-lo como um meio para um determinado fim.

– Que fim?

– *O fim* – disse Rafe. – O Ragnarök. O apocalipse. O fim do mundo.

Mason e Fennrys trocaram um olhar de dúvida. Tinha sido difícil de acreditar em tudo até aquele momento, mas a ideia de um apocalipse sobrenatural já era demais. Mason simplesmente não conseguia acreditar naquilo.

– O lance com os Faerie fez com que uma fissura se abrisse entre este reino e aqueles do além – disse Rafe. – Hoje em dia, a maioria dos antigos deuses dos vários panteões... grego, romano, céltico, e por aí vai... tem tão pouco interesse por vocês, mortais, quanto vocês por eles. Já os Aesir, os deuses nórdicos... Bem,

alguns deles veem as coisas de um jeito um pouco diferente. Eles curtem a ideia de acabar com o mundo e quase todos os seus habitantes e recomeçar do zero. – Rafe assumiu uma expressão furiosa. – Eu *não* gosto nada disso. Tenho um apartamento muito legal no SoHo. Tenho um guarda-roupa que faria o editor da revista GQ babar. A solista de flauta de jazz mais badalada do mundo vem de Praga no mês que vem para tocar exclusivamente em minha casa noturna. Ela tem 21 anos, é ruiva e pode sussurrar coisas doces em meu ouvido em oito línguas diferentes. Não quero que o mundo acabe. Eu *gosto* do mundo.

– Então, o que vai fazer quanto a isso? – Fennrys perguntou baixinho. – Como vai impedir os Aesir de conseguir o que querem? Me matando? De novo?

Mason se contraiu toda. Não estava disposta a deixar que isso acontecesse.

– Eu adoraria. – Rafe encolheu os ombros. – Mas não tenho permissão para fazer isso. Na verdade, não me permitem fazer quase nada. Fui expulso do meu próprio submundo há quase cinco mil anos, e desde então venho peregrinando pelo reino dos mortais. Cá entre nós, um deus no exílio é tão útil quanto uma arma sem balas. Só estou lhe dando informação que acho que pode ter utilidade para você. Gostaria de ver você resolvendo tudo por conta própria.

– Você não precisa fazer isso – Mason disse. – Precisa? Você podia simplesmente entregar Fenn a alguém que pudesse tomar uma providência quanto a ele. Não é?

– Sim, podia. Na verdade, tem quem ache que vou fazer exatamente isso, assim que o encontrar. – Rafe deu um forte suspiro. – Mas acho que você está metido numa encrenca que não é de sua responsabilidade. Acho que você, Fennrys, merece uma segunda chance. Gostaria de ajudá-lo. Apesar do que todos dizem, com base em minha experiência, posso dizer que as profecias nem sempre se cumprem. E mesmo quando se concretizam, costuma ser de forma inesperada. Então sempre existe esperança. Brechas. Uma forma de contornar o destino. Ele sorriu, um sorriso lupino muito apropriado, e disse – Para o inferno com o destino.

Dois dos lobos companheiros de Rafe começaram a andar inquietos de um lado para outro, cheirando o ar como se sentissem a chegada do amanhecer. Rafe olhou para eles e levantou-se. Quando ele se virou de novo para Mason e Fennrys, seus olhos faiscaram à luz das lâmpadas, repletos de sabedoria ancestral.

– Vão e vivam suas vidas – disse, numa voz de suavidade surpreendente. – Tenham cuidado e sejam fortes. Mas entendam uma coisa. *Realmente* entendam.

Se tudo isso começar a desandar… quero dizer, de verdade... não terei outra escolha a não ser deixar que os outros resolvam as coisas ao modo deles. – O brilho nos olhos tornou-se duro e penetrante. – Não deixem que chegue a esse ponto.

Ele deu meia-volta e se afastou deles, a alcateia seguindo em seu rastro como aparições silenciosas. O Fantasma Etienne hesitou por um instante. Seu olhar sombrio e insondável estava cravado não em Fennrys, mas em Mason. Aquilo a gelou até os ossos. Então ele também desapareceu na noite, seguindo os passos do deus dos mortos.

Fennrys levantou-se cambaleante e ofereceu a mão para ajudar Mason a se erguer.

– Eu lamento tanto... – ele disse. – Caí de paraquedas em sua vida normal e não fiz nada a não ser transformá-la num inferno. Pelo visto, literalmente.

Porém Mason estava decidida, por ele e, para dizer a verdade, também por si própria, a não só parecer corajosa, mas a *ser* corajosa.

– Não diga isso. Não deixarei que essa... *coisa*... esse apocalipse iminente, esse conflito cósmico que não é mais do que um jogo idiota de deuses, monstros e destruição, interfira em minha vida. – Ela o pegou pela mão e o puxou até os degraus que levavam de volta ao caminho do parque. – Você ouviu o que Rafe disse. Não vou correr e não vou me esconder. Vou viver minha vida. E você também.

Não é todo dia que a gente tem uma segunda chance como esta, certo? – ela pensou. E até um antigo deus dos mortos tinha dito que Fennrys a merecia.

Andando ao lado dela, com a cabeça baixa e as feições contraídas de angústia, Fennrys disse em voz débil:

– Eu não mereço...

Mason virou-se de repente, ergueu a mão e puxou a cabeça de Fenn com violência para si. Ela o interrompeu com um beijo que lhe arrancou as palavras da boca antes que ele pudesse dizê-las.

Surpreso, Fennrys hesitou por um instante. Porém os braços de Mason envolveram com força o pescoço dele, e de repente ele a estava beijando faminto, levantando-a do chão e apertando-a num abraço violento. Mason agarrou-se a ele, os dedos segurando a parte de trás de sua cabeça.

– Nunca mais diga isso, Fennrys – ela disse. – Nunca mais quero ouvir você dizer que não merece ou que não é digno de algo. Você merece. Você *é*. – Ela

apertou a testa contra a dele, e eles ficaram unidos nesse abraço por um longo tempo, até que Mason disse, com pesar: – Mas você tem que me deixar ir agora.

Fennrys pareceu chocado por um instante, até que o corpo de Mason começou a sacudir com seu riso.

– Não, eu só quis dizer que você tem que me botar no chão! – ela disse, sem fôlego. – Não estou conseguindo respirar...

– Ah! Desculpe!

De imediato, ele afrouxou o abraço de urso, colocando-a no chão com suavidade. Deu um passo atrás, afastou o cabelo do rosto dela e lançou-lhe seu sorriso constrangido e lindo. E, pela primeira vez desde a noite em que os cães os atacaram no High Line, na verdade pela primeira vez desde o ataque à escola, Mason sentiu que tudo ia acabar bem.

– Agora me leve para casa – ela disse. – Amanhã tenho uma competição importante para vencer. Você investiu muito tempo e esforço para ajudar a me preparar para ela, e não quero desapontá-lo. Com ou sem apocalipse iminente.

Fennrys jogou a cabeça para trás e riu.

– É assim que se fala, doçura!

– É isso aí. – Mason deu um sorriso. – Dane-se o Ragnarök. Temos coisas mais importantes a fazer.

XXX

Mason ergueu os braços e ajustou o elástico que prendia seu rabo de cavalo. O ombro direito estalou com o gesto, e ela gemeu e girou o braço em círculos, testando o movimento. Ela parecia estar bem, apesar de tudo pelo que passara nos últimos dias. Um pouco envergada, mas não quebrada. De dentro de sua sacola, tirou a jaqueta branca acolchoada e a fina malha de metal cinzento que ia por cima. Como ela lutava com o sabre, a malha revestia seu torso e seus braços. Estava presa a um fio que registrava os toques da lâmina eletrificada do sabre durante os combates. Embora estivesse dolorida por causa de seus embates recentes, Mason sabia que qualquer dor residual desapareceria, esquecida, assim que ela estivesse conectada ao placar eletrônico e frente a frente com seu oponente, pronta para competir. Ela virou meio corpo e estendeu a mão para o lugar, ao seu lado no banco, onde tinha deixado sua luva e a sobreluva de metal, mas elas não estavam ali. Ela se virou por completo e viu Calum, apoiado na parede, estendendo o equipamento de proteção para ela.

– Oi – ele disse.

O som da voz dele fez a respiração de Mason ficar presa na garganta. Ela olhou bem nos olhos dele, tentando ler o que ele estava pensando. Os ferimentos no lado de seu rosto estavam cicatrizando bem. Mas as cicatrizes nunca desapareceriam por completo. Os *draugr* haviam marcado Cal para toda a vida.

– Eu queria vir te desejar boa sorte – ele disse e sorriu para ela.

– Ah...

Duas semanas antes, ter Calum Aristarchos vindo atrás dela daquele jeito teria sido a glória para Mason. Agora ela não sabia bem o que pensar. Ele não estava competindo, pois ainda tinha o braço numa tipoia, e ela havia achado que ele não apareceria naquela noite. No entanto, ali estava ele, com o mesmo sorriso arrebatador que sempre tivera, mas agora prejudicado pela forma como a cicatriz puxava o canto de sua boca. Mason se esforçou para sorrir de volta.

Cal baixou os olhos por um instante e então os ergueu de novo para ela, por sob a franja queimada de sol que lhe caía na testa. Ela sempre sentira vontade de estender a mão e afastá-la do rosto dele. Desde que o conhecera. Ela queria fazer isso agora.

– Eu quero mesmo ver você vencendo esta noite, Mase.

– Obrigada, Calum. Você sabe que isso significa muito para mim.

– E achei que, depois da competição, quem sabe pudesse levar você a algum lugar. Sabe... só nós dois.

Mason sentiu o sangue subir para sua face.

– Eu...

Eu não posso. Fenn está aqui. Ela sabia que Fennrys estaria em algum lugar, esperando por ela. Vendo-a competir. Ele tinha prometido que estaria por ali para apoiá-la, e eles já tinham combinado ir a algum lugar depois.

– Não posso, Cal.

Mason teve de afastar o olhar do lampejo de dor nos olhos dele. Ela baixou os olhos e se ocupou, tirando o moletom que usava por cima do *top* de atletismo. Quando relanceou os olhos por Cal, viu que a expressão dos olhos dele havia mudado de sofrimento para... fúria.

– Certo, entendi – ele disse, com o olhar fixo no medalhão de ferro que ela usava ao pescoço, e prosseguiu, com a voz dura. – Achei que você fosse devolver isso. A *ele*.

Ah, Deus, ela pensou, *lá vamos nós de novo...*

– Eu devolvi.

– Sério? Então por que você está usando ele no pescoço?

Ela se virou para trás para pegar o equipamento, tentando manter o humor sob controle. Não havia tempo para aquilo. Não com a competição daquela noite vindo para cima dela a toda, como um trem de carga. Se não ia deixar que uma profecia de fim de mundo a distraísse, com certeza também não deixaria Cal Aristarchos fazer isso. Ela precisava se controlar, ou ia se dar mal no combate de novo.

Não. Você não vai. Lembre-se de todo o trabalho que você fez. Com Fennrys.

Mason respirou fundo e respondeu, com calma.

– Eu o devolvi a Fennrys uns dias atrás. E ele me deu de volta para dar sorte hoje. É algo tão terrível assim?

– É, se você está encontrando esse cara com tanta frequência a ponto de trocar presentinhos de amor. – O rosto de Cal se contorceu numa careta raivosa, feia,

acentuada por suas cicatrizes. – É a *única* coisa que você está fazendo com ele, certo?

– Como é que é? – Mason exclamou atônita, os olhos arregalados. – E o que isso te interessa, Calum? Você não tem nada que se meter com a minha vida. Aliás, ultimamente você tem deixado bastante claro que não quer nada comigo. Então por que isso agora?

– Mason...

– Se você quer mesmo saber o que eu tenho feito com ele, eu conto – ela o interrompeu. – Eu tenho treinado. Ele tem me ajudado. Sabe, aquilo que você ia fazer? Antes de você ficar todo irritadinho e decidir que eu não valia o seu tempo?

– Espere... *você* não valia o *meu* tempo? – O rosto de Cal estava vermelho de fúria. Aquilo fazia as marcas de garras se destacarem ainda mais, e Mason estremeceu, desviando o olhar. Cal notou. – É. Claro. Mas acho que é bem o contrário.

– Você não sabe do que está falando. – Mason sentou-se no banco e desamarrou os sapatos, puxando os cadarços com tanta força que um deles arrebentou.

– Não, claro que não – menosprezou Cal. – Por que saberia? Não sou o herói. Sou só o cara com cicatrizes no rosto.

– Ah, por favor, Cal.

– Não, Mason! Eu vejo. Vejo o jeito como você olha para mim. Ou, deveria dizer, o jeito como *não* olha para mim.

Mason olhou para o tênis que segurava como se os olhos pudessem perfurar a sola. Cal tinha razão. Ela sabia. Sabia que cada vez que olhava para ele agora, tudo o que via eram as marcas das garras dos *draugr*, mas não porque ela achasse que Cal estava repulsivo. Na verdade, as marcas eram uma lembrança constante do que havia acontecido naquela noite. A noite em que havia começado toda a estranheza e o terror dos últimos dias e, para ser bem sincera consigo mesma, os ocasionais momentos maravilhosos.

– Olha... Cal... – ela ergueu os olhos e forçou-se a olhar para ele, olhar de verdade, e não desviar a mirada. – Eu lamento que você tenha sido ferido naquela noite, mas você tem que parar de descontar em mim. Não foi culpa minha.

– Não? – ele disse baixinho.

Tão baixinho que por um segundo ela achou que não tivesse entendido

direito. Mas ela percebeu que tinha entendido, sim, ao ver o modo como ele olhava para ela. Pela força bruta da acusação nos olhos dele.

– Mas que diabos isso significa? – ela perguntou numa voz fria, perigosa. – Não foi minha culpa. E você não tem o direito de me fazer sentir culpada quanto a isso. Também não tem o direito de me fazer sentir culpada a respeito de Fennrys. Ele não é meu namorado, Cal. E só porque...

– Você hesitou.

A afirmação calou a boca de Mason, e as palavras morreram em seus lábios. Ela sentiu a garganta contrair-se.

– O quê? – disse com voz entrecortada. – Eu *o quê*?

– Aquela... *coisa*... me agarrou, mas você estava bem ali, Mason – Calum sibilou, com violência. – Você teve tempo. Você tinha a espada. Você não foi rápida o suficiente, e sou *eu* quem tem que sofrer com as consequências. Você simplesmente não conseguiu encarar o combate.

Mason não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Um *combate*? Do jeito que você fala parece que foi só uma briguinha no pátio da escola! Aquela coisa...

– Levou a melhor enfrentando você!

De repente, Calum jogou as luvas dela no banco e apontou para o ginásio com violência. Mason quase tinha esquecido de que estava a ponto de competir.

– E aquilo ali, hoje? – rosnou ele. – É só de mentirinha, mas aposto que nem assim você consegue encarar. Você se esconde por trás da máscara de esgrima e evita o mundo real e finge que está tudo bem. Normal. Você finge que... aquele cara é normal. Mas ele não é. E não está tudo bem. E você não pode evitar o que está acontecendo, Mason.

Mason encarou Cal. De repente, ele não estava falando só deles dois. Ele não estava falando de um romance de escola que não tinha dado certo, ou de sentimentos feridos ou mesmo da competição.

– E o que exatamente você acha que está acontecendo, Cal? – ela perguntou.

Ele abriu a boca e pareceu que ia responder, mas então apenas sacudiu a cabeça.

– O quê? – ela perguntou de novo.

Uma ruga profunda apareceu entre as sobrancelhas dele, por baixo da franja. Ele deu um passo na direção de Mason e segurou o braço dela.

– Tudo o que posso dizer é que algo muito ruim está para acontecer, Starling. Algo ruim de verdade. E é melhor você crescer bem depressa e perceber que sua

vida protegida e privilegiada de “filhinha do papai” não vai te manter segura por muito mais tempo. E nem o seu guerreiro durão.

– Cale a boca, Cal! – Mason puxou o braço, soltando-se da mão dele, aterrorizada de repente pela intensidade febril nos olhos dele. E pelas coisas que ele estava dizendo. – Você não faz a mínima ideia do que está falando!

Estava tudo bem. Ela havia decidido isso na noite passada. Havia decidido, em sua cabeça, que tudo ia ficar bem. Cal não sabia o que estava dizendo, e aquilo não ia ser o fim do mundo. “Dane-se o Ragnarök”, ela havia dito a Fennrys. Ela tinha coisas melhores a fazer. Mas aquilo não parecia melhor. Parecia terrível.

– Achei que você tinha dito que veio aqui para me ver vencer – ela disse, a voz falhando um pouco.

– Disse. Só não sei se você consegue.

Ele se virou e se afastou dela. De novo.

Alguns minutos e muitas inspirações profundas mais tarde, Mason entrou no ginásio e foi para o banco do time de Gosforth. Ela saudou os colegas com um aceno de cabeça, sentou-se e tentou esvaziar a mente de tudo o que Calum Aristarchos havia dito.

Tentou... e falhou.

Conseguiu passar pelos dois primeiros dos três combates de cinco toques, mas a duras penas. Ela transpirava muito por trás da máscara, e seu sabre delgado parecia pesar em sua mão como se fosse um cano de chumbo. Toda a tensão que Fennrys tanto trabalhara com ela para libertar de seu corpo voltou de uma vez. Ela estava dura, com movimentos rígidos. Suas defesas eram desesperadas, e seus ataques, indecisos. E as luzes que piscavam registrando os toques no placar iam menos e menos para ela. Mason lutava com desespero, e estava desequilibrada e sua mira estava péssima. E o que era pior... ela estava hesitante.

Bem como Cal disse...

De repente, de forma desconcertante, Angie Delnorte atacou, jogando de lado a lâmina de Mason, e açoitou com seu próprio sabre, acertando o ombro esquerdo de Mason com um corte dolorido. A luz verde piscou, assinalando o quinto ponto para Angie, outro combate perdido para Mason e, de repente, Mason Starling havia sido eliminada na primeira bateria da competição. Algo que nunca tinha acontecido antes.

– Você está bem? – Fennrys perguntou de novo. Ela não tinha respondido nas

duas primeiras vezes. Ele colocou a mão sobre o ombro dela. – Mase?

– Ah, sim, estou ótima! – Mason guardou a máscara na sacola e tirou a sobreluva e a luva de couro com movimentos bruscos, raivosos.

Ela podia ouvir os gritos da torcida pelos esgrimistas que ainda estavam competindo. Mason havia abandonado o ginásio na primeira oportunidade que teve. Fennrys, escondido no fundo das arquibancadas, tinha visto quando ela saiu e foi atrás dela.

Ele tentou consolá-la.

– Vamos, não foi...

– O quê? – ela se virou contra ele. – Não foi tão *ruim* assim? Eu só banquei a mais completa idiota diante de quase toda a escola e perdi qualquer chance que tivesse de chegar à equipe nacional. Sabe, é a *única* coisa pela qual venho lutando em praticamente toda a minha vida.

– Mason...

– A única coisa que era *minha*. A única coisa que eu queria.

– A única coisa?

– Não. – Ela lhe lançou um olhar fulminante. – Nem comece com isso, Fennrys. – Ela soltou o elástico do rabo de cavalo e sacudiu a cabeça, e o cabelo negro espalhou-se ao redor de seu rosto. – Eu queria isso desde criança. E então tudo aconteceu e comecei a pensar que não era importante, sabia? Mas depois da noite passada, depois de tudo que Rafe disse sobre viver nossas vidas, percebi que *era* importante. Percebi que sonhos são importantes, e quando ele disse aquilo, pensei que tudo ia ficar bem. Achei que podia ir em frente e ser normal. Com a esgrima. Com *você*...

– Vai haver outras competições, Mase.

– Não. Para mim não vai haver mais. – Ela jogou a jaqueta de esgrima na sacola de lona e vestiu o abrigo com o brasão de Gosforth. – Cal estava certo. Eu nunca devia ter me envolvido com você. Tudo o que aconteceu nas últimas semanas foi uma distração gigantesca, e agora estou fora do páreo e fora da equipe, e sou só motivo para boas gargalhadas. A vida como a conheço terminou para mim. Assim, se você não se importa, vou para algum lugar ficar arrasada e aborrecida até que o resto do mundo desmorone e termine para me fazer companhia. Me acorde quando for mesmo o Ragnarök.

Depois de dizer isso, ela percorreu o corredor e saiu pelas portas duplas que davam para o estacionamento dos fundos, sem olhar para trás. Fennrys ficou ali parado, sentindo como se alguém o tivesse acertado no peito com um martelo.

Ele não tinha ideia do que acabava de acontecer, mas não havia motivo para Mason estar agindo daquele jeito. Mesmo depois do que havia acontecido no parque na noite anterior, ela estava pronta para a competição. Estava perfeita. Não fazia sentido, a menos que...

"Cal estava certo", ela havia dito.

O que significava que Cal, que parecia estar ignorando Mason desde aquela noite no ginásio de Gosforth, de repente tinha começado a falar com ela de novo. Fennrys perguntou-se exatamente o que ele teria dito a ela. Ele o havia visto rondando o ginásio antes de a partida começar, mas na hora não tinha pensado muito naquilo. O rosto do garoto ainda estava desfigurado, e Fennrys achou que ele estava apenas bancando o Fantasma da Ópera. Mas agora ele suspeitava que Cal viera para confrontar Mason. E se ele fez aquilo justo antes do combate dela, então *isso* podia ser o que a tinha abalado tanto.

Fennrys virou nos calcanhares e saiu para procurar Calum Aristarchos e ter uma palavrinha com ele.

– Starling! – chamou Heather, em algum lugar às suas costas.

Mason continuou andando.

– Mason... espere!

Os passos da outra garota soaram pelo calçamento. Mason nunca tinha visto Heather correr por nada, e por isso parou e se virou, esperando nas sombras entre dois edifícios do *campus* até que a outra garota a alcançasse. Estava frio, e um vento gelado soprava fragmentos de detritos em rodamoinhos ao redor delas.

– Ei, onde é o fogo? – ela disse, sem empolgação, quando Heather parou a sua frente, ofegante, as faces coradas pelo esforço.

– Não sei – Heather arfou, curvando-se para a frente. Ela apoiou as mãos nos joelhos e sacudiu a cabeça, seu longo cabelo loiro como mel formando uma cortina diante do rosto. – Acho que ainda não começou. Mas, escute, acabo de ter uma conversa muito longa com uma menina maluca chamada Gwendolyn Littlefield, e você está numa tremenda encrenca, Starling. Ou pelo menos vai estar...

Mason olhou-a fixamente, sem piscar, esperando que Heather recuperasse o fôlego e explicasse exatamente o que aquilo significava. Esse momento nunca chegou. De repente, houve um sussurro de tecido por cima do ombro de Mason, e um grande saco de lona desceu por cima de sua cabeça. Ela ouviu Heather gritar, mas o som foi interrompido por outro, um golpe surdo, e sua amiga ficou

em silêncio. Mason estava em pânico, aterrorizada demais para gritar, enquanto o saco de lona a envolvia por completo. O material era espesso e resistente; ele bloqueava toda a luz e tornava difícil respirar. Fedia a borracha velha e suor. Só pelo cheiro, Mason sabia que devia ser um dos sacos de carregar bolas de basquete que ficavam guardados no ginásio da universidade. Entretanto, saber de onde o saco vinha não ajudava em nada. Não era suficiente para dar a ela nenhuma pista sobre o que estava acontecendo. Mas então alguma outra coisa o fez: Mason ouviu vozes abafadas e se esforçou para entender o que estavam dizendo. Ela sentiu o sangue gelar em suas veias quando percebeu quem estava falando.

– O que você quer fazer com a outra? – A voz, anasalada e desagradável, era inconfundível, e pertencia ao capitão do time de futebol americano, Taggert Overlea. – Ela apagou.

– Não me importa o que você fizer com ela – respondeu Rory. A crueldade fria na voz do irmão fez Mason querer chorar.

– Quem sabe a gente devia trazê-la junto... – Tag parecia hesitante.

– Tudo bem. Mas leve-a na frente com você – disse Rory enquanto Mason sentiu-se sendo jogada sem cerimônia no que parecia ser um espaço pequeno e confinado. – E deixe-a fora do meu caminho. Precisamos sair daqui.

Ah, Deus! Mason pensou desesperada, enquanto sentia um grito rastejando por sua garganta acima com uma lentidão angustiante. *Não. Isso não. Qualquer coisa menos isso...* Ela ouviu e sentiu uma tampa fechando, e soube com certeza absoluta que Rory a jogara no porta-malas de seu Aston Martin. Ele sabia muito bem de sua claustrofobia violenta, e ainda assim havia feito isso. Com ela. Com sua irmã caçula. Mason tinha razão durante todos aqueles anos em que dizia a Roth que suspeitava que Rory a odiava. E agora ele ia puni-la enlouquecendo-a por causa de algo que ela tinha feito errado. Ela nem mesmo sabia o que era.

O grito que vinha se avolumando dentro dela se tornou um uivo de terror angustiante. E ninguém, ela sabia, iria ouvi-la por cima do ronco do motor, enquanto o carro percorria a noite, com Mason presa no porta-malas... por razões que ela não conseguia sequer imaginar.

XXXI

– Eu não sei do que você está falando! – disse Calum, entre os dentes cerrados, quando Fennrys o golpeou contra a parede do ginásio pela segunda vez.

Ele estava suspenso vários centímetros acima do chão, e o garoto loiro e musculoso que o segurava pela frente da jaqueta não parecia sequer estar se esforçando para mantê-lo ali.

Fennrys, o Lobo, olhou-o inflexível.

– Tenho certeza de que você sabe.

– Ei, Cal – soou uma voz por cima do ombro de Fennrys. A voz era baixa e profunda. Tranquila e ainda assim capaz de ameaça, se necessário. – Esse cara está incomodando você?

– Não, Roth, somos velhos amigos – rosnou Calum, lançando um olhar para o irmão mais velho de Mason. – O que está parecendo?

– Parece que ele está bem furioso com você. Mas você é quem sabe, cara. Não quero me intrometer entre... velhos amigos. – Roth encolheu os ombros, e os dois sujeitos com roupas de couro de motociclista que estavam atrás dele tentaram em vão não dar um sorriso irônico. – Eu não queria interromper, eu só queria perguntar se você sabe onde está minha irmã.

De repente, Cal viu-se de novo pisando o chão sólido, quando Fennrys bruscamente o soltou e virou-se para encarar Roth Starling. Os dois se encararam como um par de lobos alfa frente a frente na floresta.

– Posso ajudá-lo? – perguntou Roth, educadamente.

– Você é Rothgar.

– Como não sei quem você é, estou em desvantagem.

– Fiquei sabendo que isso não acontece com frequência.

– Não acontece. Posso perguntar quem teve a gentileza de lhe contar isso?

– Sua irmã.

Cal observou os olhos de Roth varrerem Fennrys da cabeça aos pés, analisando-o.

– Você conhece Mason? – perguntou Roth, com ainda mais suavidade.

A pergunta soou tão gentil que todos os instintos no corpo de Cal urraram para que ele procurasse abrigo antes que as coisas ficassem ruins de verdade.

– Sou um amigo dela – Fennrys respondeu.

– Você não estuda em Gosforth.

– Não.

Roth deu um sorriso frio.

– Mason não tem amigos que não estudam em Gos.

– Talvez ela tenha, e não contou.

– Então é você – Roth murmurou. – Ele. O Lobo.

Um momento se passou. Imobilidade. Então movimento...

Cal não tinha desviado o olhar, e sequer piscado, mas ainda assim não fazia ideia de onde as armas tinham subitamente aparecido. A lâmina na mão de Roth parecia uma faca de caçador, enorme, com uma ponta curva de aparência ameaçadora e gume serrilhado, como uma fileira de dentes de tubarão. A que estava na mão de Fennrys, o Lobo, parecia uma adaga saída de algum épico medieval, com uma lâmina larga, de ponta aguda. Só pela forma como a luz se refletia no gume, Cal podia perceber que estava afiada como uma navalha.

– Jesus! – ele murmurou para si mesmo, um suor frio de repente brotando de sua testa. – Vamos com calma, gente. Alguém vai sair machucado.

– Acidentes acontecem – disse Roth, suavemente. – Talvez você queira dizer a seu velho amigo para guardar o brinquedinho dele, antes que ocorra uma fatalidade, Cal.

Fennrys não disse nada, mas o sorriso que se abria no rosto naquele momento era com certeza a expressão facial mais perturbadora que Cal já tinha visto em outro ser humano. Até mesmo Roth pareceu dar um tempo. E os dois companheiros de Roth, que não tinham movido um músculo desde que as facas apareceram, se entreolharam.

As marcas de garras na face de Cal formigaram quando o sangue fugiu de seu rosto, e ele deu um passo para a frente, erguendo as mãos, uma para cada um dos outros homens.

– Parem com isso, vocês dois – ele disse, tentando agir como Toby Fortier agiria. Virou-se para Roth. – Olha, eu vi Mason um pouco antes da competição.

E... nós discutimos. Eu estava tentando encontrá-la agora para pedir desculpas... de novo. Mas acho que ela não está aqui. Procurei por todos os lados.

– Ela não pode ter ido longe – disse Fennrys. – Eu estava falando com ela faz poucos minutos.

Roth baixou a faca e colocou a mão no bolso, tirando um celular. Digitou um número e esperou. Enquanto a chuva começava a cair, eles ouviram o refrão do tema do filme *O Mágico de Oz* soando baixinho, vindo do beco que conduzia ao estacionamento. Roth saiu correndo e chegou ao lugar onde o celular de Mason estava caído, assim que a música parou. O visor *touch screen* tinha uma teia de rachaduras.

Todos puderam ouvir a voz dela saindo do aparelho que estava na mão dele, "Aqui é Mason. Deixe uma mensagem e eu respondo assim que o disco terminar."

E o violento crepitar de um raio acima deles foi seguido quase de imediato pelo estrondo do trovão, que estremeceu o ar quando a chuva começou a cair de verdade. Roth praguejou baixinho, furioso, e abaixou-se para pegar o celular. Quando se endireitou, ele se virou e olhou na direção de onde tinham acabado de vir. Fennrys também olhou para trás. Foi como se ambos tivessem pressentido a presença do homem que Cal conhecia como Rafe, antes mesmo que ele aparecesse, saindo das sombras e caminhando depressa até eles. Sua respiração estava ofegante, como se ele tivesse corrido. E, por um breve instante, pareceu a Cal que os contornos de seu vulto estavam... meio *indistintos*.

Roth saudou-o bruscamente com a cabeça.

– Temos um problemão – disse.

– Ah... É maior do que você acha – disse Rafe, sombrio. Ele se virou para Fennrys e cumprimentou-o com um pequeno aceno de cabeça.

– Prazer em revê-lo – Fennrys disse secamente. – Bem, não.

Rafe deu uma risadinha sarcástica.

– Lembra o que eu disse sobre as profecias terem um jeito engraçado de se transformarem em realidade de forma que a gente não espera? Eu não quis dizer engraçado de fazer rir.

– Fala logo.

– Diga a ele, Rothgar – disse Rafe.

– Gunnar, meu pai, acredita em Ragnarök. O fim do mundo. Um apocalipse mítico do...

– Eu sei o que é o Ragnarök, seu babaca. – Fennrys revirou os olhos.

– Tudo bem. Ele acha que é a única forma de tornar o mundo bom de novo, mas sua fé na profecia com o tempo desapareceu, porque faltava uma peça fundamental do quebra-cabeça.

– Que seria...?

– Para encurtar uma longa história... parece que, para a profecia ser cumprida, Gunnar precisa de uma Valquíria. Esse seria o destino de Mason, mas só se alguém puder entrar em Asgard e sair de novo, trazendo a lança de Odin. Se Gunnar conseguir a lança, ele pode transformar minha irmã numa daquelas que escolhem os mortos em batalha. Depois disso, todo o resto de seu plano pode se realizar.

Cal ficou gelado. Ele podia ter contado a ela. Ele devia ter contado a Mason tudo sobre o encontro entre Rafe, sua mãe e Roth. Ele teve a chance, quando lhe falou sobre os monstros marinhos, ou pouco antes da competição, mas preferiu ficar de bico fechado. Claro, ele tinha receio de quebrar a promessa feita a Roth, mas era mais do que isso. Ele estava com tanta raiva dela... Com raiva e ciúmes. E agora Mason havia desaparecido, e talvez estivesse em alguma encrenca séria, e a culpa era dele. Ele devia ter dito para que ela tomasse cuidado e tentado protegê-la.

Fennrys lançava olhares assassinos a Roth.

– Você não veio aqui procurar Mason. Seu pai mandou você para me pegar, não é?

– Não – Roth hesitou por um instante e então fez que sim com a cabeça. – Bem... sim. Quer dizer, eu deveria encontrar você e levá-lo até Bifrost, a ponte do arco-íris, que leva a Asgard, com o objetivo de forçá-lo a cruzá-la e trazer a lança.

– E como exatamente você faria isso?

O olhar de Roth foi e voltou entre Fennrys e Rafe.

– A Magia de Bifrost foi entremeada a uma ponte de trem chamada Hell Gate. Ela cruza o East River.

– Espere. – Fennrys franziu as sobrancelhas. – Eu conheço essa ponte. Acho que conversei com o *troll* que mora debaixo dela.

Cal piscou os olhos, enquanto o olhava.

– Figura de linguagem?

Fennrys sacudiu a cabeça.

– Acho que não. Ele disse que a ilha sobre a qual a ponte passa é... como ele disse? Terra Morta.

– Bom, a ponte *é* um portal para o mundo dos mortos – resmungou Rafe, obviamente ficando impaciente. Ele fez sinal a Roth para que prosseguisse.

– Certo. – Roth passou a mão pelo cabelo. – Bom, o plano era que Rory pegasse Mason depois da competição e a levasse ao outro lado da ponte. O que eu deveria fazer era rastrear você e dizer que a cruzasse e fosse atrás dele.

– Me rastrear? E como você ia fazer isso, exatamente?

– Tenho meus meios.

– Esses meios não incluem *wolfhounds*, incluem?

Roth franziu as sobrancelhas confuso.

– Não, não incluem.

– Minha mãe tem *wolfhounds* – disse Cal, adiantando-se um passo.

Fennrys olhou para ele e sacudiu a cabeça. Então se virou de novo para Roth.

– Por que levar Mason para o outro lado?

– Apólice de seguro. Ninguém achava que você iria por vontade própria. Rory iria ameaçar feri-la se você não quisesse cruzar a ponte.

– Seu filho da...

Roth ergueu as mãos.

– Espere. Isso tudo era o plano de Gunnar e de Rory. Não *meu*! Eu nunca desejei Ragnarök. Pergunte a Rafe. Tenho me encontrado em segredo com ele e com a mãe de Calum. Ela é uma mulher muito poderosa. Temos tentado descobrir um modo de deter essa maluquice.

– É verdade – confirmou Cal.

– Eu não vim aqui atrás de você, juro. Não quero que você sequer chegue perto daquela ponte. Eu só estava tentando encontrar Mason antes de Rory.

Uma estranha expressão de impotência cruzou o rosto de Roth. Não combinava nada com ele.

Fennrys fez uma careta de desprezo.

– Você não se esforçou o suficiente.

– Espere um minuto – disse Cal. – O que acontece se algum dos vivos tenta cruzar a ponte? Quer dizer, um mortal normal.

– Nada – Roth deu de ombros. – Você cruza uma ponte. Só isso. Vai parar no Queens, sem nenhum problema. Embora você esteja no Queens.

– Então sou o único cara que pode cruzar para Asgard?

– O único *cara*, sim – disse Rafe, baixinho.

Todos os olhos se voltaram para ele.

– O quê?

– Lembra aquele grande problema que mencionei? – Rafe tinha um olhar perturbado. – Mason Starling não está exatamente... *viva*.

– Que diabos você está dizendo? – Fennrys dava a impressão de que iria matar Rafe por dizer aquilo. – Se algo acontecer a ela, eu vou...

– Não, não foi isso que eu quis dizer. A princípio eu não tinha certeza. A verdadeira natureza dela está, de alguma forma... escondida de mim. – Sua expressão se tornou muito grave. – Sou um deus no exílio, lembre-se, e meu poder não chega nem perto do poder que eu tinha. Tive uma suspeita quando percebi que ela podia ter acesso às visões que Etienne conjurou para você, sobre sua estada em Valhala. Ela não deveria ter sido capaz de ver nada. Etienne confirmou isso para mim. Em algum momento, Mason esteve no mundo dos mortos e voltou de lá. Roth, sua irmã *morreu*.

Cal não conseguiu entender metade do que acabava de ouvir. Ele apenas olhou para Roth, que tinha ficado muito, *muito* pálido.

– Ah, meu Deus. A brincadeira. Houve um jogo de esconde-esconde quando ela era pequena. Ela ficou presa num galpão por três dias. Nunca nem pensei que... – Roth murmurou chocado. – Mas nós a encontramos. Ela estava viva!

– Alguém deve tê-la revivido – disse Rafe.

Fennrys praguejou.

– Acho que isso explica a claustrofobia.

– Rory não sabe! – Roth exclamou de repente, o desespero crescendo em seus olhos. – Quando ele tentar levá-la através da ponte...

– Ela vai cruzar. Para o além. E se Mason, de algum modo, encontrar por si só a lança de Odin, ao tocá-la, vai se transformar numa Valquíria – disse Rafe. – Vai se tornar uma daquelas que escolhem os mortos em batalha, queira ou não. Isso vai dominá-la. Controlá-la. Temos que impedir seu irmão antes que ele chegue à ponte.

Roth virou-se para um de seus companheiros silenciosos.

– Dê a ele as chaves de sua moto – disse, acenando para Fennrys. – Você pilota?

– Não, eu nunca...

– Eu piloto – disse Cal, adiantando-se. Ele apanhou no ar as chaves lançadas e olhou para Fennrys. – Vou ser seu motorista, herói – disse, irônico, e rodopiou o chaveiro no dedo enquanto se adiantava. – Vamos.

XXXII

Mason estava vagamente consciente de uma sensação de movimento que penetrava a névoa de pânico que a envolvera, transformando seu mundo num pesadelo vermelho e cinza que ela vivenciava como se estivesse acontecendo com outra pessoa. Talvez fosse melhor assim. Ela sabia que, se pudesse se olhar num espelho, não se reconheceria. Veria uma aparição pálida, de olhos arregalados e boca aberta. E berrando. Sabia que tinha berrado até ficar com a garganta ferida. O cheiro velho de lona e borracha a sufocava; sujeira arranhava seus olhos e se acumulava debaixo de suas pálpebras. Seus músculos doíam de tanto ela se debater.

Nada disso tinha importância. O importante era que ela estava presa. Tudo o que importava era conseguir se libertar. Ela sabia, no canto distante de sua mente, onde o cérebro racional havia se escondido, encolhido como um animal apavorado, que faria, diria ou se tornaria qualquer coisa para escapar daquele espaço fechado.

O ruído de um motor ligando soou e ela reconheceu o ronronar rouco do carro de Rory. A vibração do movimento indicava que estavam indo a certa velocidade, costurando em meio ao tráfego na forma típica com que Rory estava acostumado a dirigir. Sentiu-se rolar e deslizar, chocando-se com as paredes do porta-malas, golpeando dolorosamente as costelas no suporte do estepe, do qual o pneu havia sido removido, com certeza para esta ocasião. Depois de minutos que duraram uma eternidade, ela sentiu o carro subindo uma rampa, e o motor foi desligado. Portas bateram. A voz de Heather ergueu-se indignada, mas insegura, e foi cortada por uma gargalhada de Tag Overlea, e então ambas desapareceram na distância.

Houve um longo momento de silêncio prolongado e sufocante. Ainda a escuridão total do saco de lona dentro do porta-malas do carro e a sensação do

mundo apertando-se ao redor de Mason, caindo sobre ela. A qualquer momento ele a esmagaria.

Mas então houve um tranco e o carro começou de novo a vibrar, embora Mason soubesse que o motor estava desligado. Acima do som aterrorizado de sua própria respiração e o rugido do sangue nos ouvidos, ela reconheceu os sons e os entendeu. O balanço de um lado a outro, os movimentos rítmicos. Ela sabia que o Aston Martin de Rory agora estava alojado no compartimento de transporte do trem particular de Gunnar Starling.

Mason se debateu e esmurrou a lona que a prendia, que enrolava e apertava seus braços e pernas como as bandagens de uma múmia e a fazia sentir como se estivesse amortalhada para ser enterrada. Era como se já tivesse sido trancada no túmulo. Mas então seus dedos tocaram as bordas de uma costura na lona, onde os pontos pareciam ter começado a se soltar de uma borda desfiada, e Mason sentiu uma pequena ponta de esperança.

Depois de alguns minutos de atividade frenética, ela se forçou a parar e ouvir. Não havia nada além do rugir do trem nos trilhos. Uma parte dela perguntou-se para onde diabos Rory a estava levando. Outra parte não queria saber. Se ele já tinha feito tudo isso com ela, conhecendo-a tão bem como a conhecia, fosse lá o que seu irmão tinha em mente, não podia ser coisa boa. Mason conseguiu passar a cabeça e um braço pelo buraco que fez no saco de lona. Contorceu-se e lutou, coberta de suor e imunda, mas fazendo um esforço quase sobre-humano para escapar. Precisava continuar concentrada nisso.

Já tinha sentido, com uma espécie de distanciamento clínico que a impedia de vomitar, que havia quebrado a maioria das unhas enquanto abria caminho à força para fora do saco. Podia sentir os dedos molhados, o sangue escorrendo para se acumular em meio aos dedos e nas palmas das mãos.

Ela não se importava.

Precisava escapar. Torcendo o corpo de modo que os ombros estivessem escorados contra a parte de trás do porta-malas, Mason começou a chutar a divisória entre o compartimento e o banco traseiro. Roth sempre menosprezara o “carrinho de brinquedo” de Rory, dizendo que era o brinquedinho frágil de alguém metido a James Bond. Mason decidiu provar que ele estava certo, mesmo sem pensar nisso racionalmente. Chutou e chutou até que um de seus pés atravessou a divisória e se chocou com o estofamento de crina de cavalo e molas. As pontas das molas prenderam-se à carne da panturrilha, mas Mason nem sentiu. Continuou chutando até que o banco do passageiro foi arrancado de

seu encaixe com um guincho e dobrou-se para a frente, abrindo uma abertura irregular pela qual ela se arrastou.

No escuro, ela passou sobre o banco de trás para dentro do carro. Quando viu o próprio reflexo no para-brisas, foi como olhar para mais um monstro. Pálida, olhos fundos, o rosto e a testa cobertos de sujeira, o abrigo e a *legging* manchados com sangue e graxa. Os cabelos negros caíam em volta do rosto como uma mortalha, e seu rosto parecia esquálido e cadavérico. Tateou desesperada em busca da maçaneta, e a porta se abriu de repente e ela caiu no chão do vagão do trem, junto com sua sacola de lona, que Tag ou Rory deviam ter jogado no carro quando a capturaram. Mason revirou o conteúdo, histérica, e sua mão se fechou sobre o punho da espada que Fennrys tinha lhe dado. Ela a havia levado para a competição, para lhe dar sorte. Quase riu ao pensar nisso. Quanta sorte. Ainda assim, tirou-a da sacola e passou a tira do boldrié ao redor do corpo, de forma que a espada pendeu do lado esquerdo.

Não sabia por que tinha feito aquilo.

Afinal, não ia enfiar a espada em Rory quando o encontrasse, ia?

Não. Não... Não ia nem procurá-lo. Qualquer que fosse o jogo dele, era para valer. Senão, nunca teria feito aquilo com ela. Não era uma brincadeira. Sua respiração entrecortada soava tão alto em seus ouvidos que ela tinha certeza de que Rory ou Tag ouviriam e viriam correndo para trancá-la de novo dentro do Aston Martin, desta vez garantindo que ela não saísse de novo. Ou pior.

Só de pensar nisso, Mason arrastou-se em pânico para um canto escuro do contêiner do trem. Na escuridão, seu ombro bateu contra uma barra de metal, e Mason percebeu que havia uma escada que levava ao alçapão de acesso no teto do vagão. Liberdade. Ar. Ela não tinha ideia do que faria depois de chegar ao teto, mas não importava. Já sentia como se as paredes do contêiner a estivessem esmagando. Sair do carro de Rory não era o bastante; precisava sair do trem.

Mason virou-se e começou a subir.

Rory havia esperado toda a sua vida por algo assim. Sentia-se quase embriagado de alegria, vendo Heather Palmerston encolhida sobre o banco de couro, pálida e trêmula. Tag estava no bar, servindo-se de outra dose de uísque do estoque particular de Gunnar e enfiando charutos no bolso. Rory nem estava bebendo, mas sentia-se absolutamente inebriado. Era assim que era ser seu pai. Era isso que era ter poder. Ele era a peça-chave no plano de Gunnar Starling. E Top Gunn

estava confiando que Rory não falharia. E ele não falharia. Até aqui, tudo havia saído perfeito.

Rory não tinha dúvida de que seu irmão competente e responsável faria sua parte e que o namoradinho lobo de Mason apareceria na hora exata. Então Rory faria uma bela encenação, ameaçando machucar Mason se Fennrys não fizesse exatamente o que eles queriam. Estava debatendo quanto, exatamente, seria encenação e quanto ele poderia de fato torturar sua pobre irmã perfeitinha e pura antes que seu pai interferisse. Em se tratando de conseguir a lança de Odin, ele achava que poderia ir bem longe.

Rory estava muito satisfeito de ter usado a claustrofobia de Mason a seu favor. *A essa altura*, pensou, *ela deve estar encolhida em posição fetal e catatônica*. Não iria lhe dar nenhum trabalho.

Olhou pela janela e viu que o trem havia passado para os trilhos que levavam ao longo acesso para a ponte Hell Gate. A rampa de acesso se elevava gradualmente por mais de três quilômetros e meio antes de unir-se à ponte em si, e o trem não estava indo rápido. Ainda não podia ver a forma em arco da ponte onde ela se erguia sobre a ilha Wards, atravessava o East River, e prosseguia até o Queens, onde Rory pararia o trem e esperaria. O céu acima era roxo e negro, riscado pelas linhas irregulares e bifurcadas dos raios alaranjados e prateados. Os trovões eram tão fortes que podia ouvi-los sobre o ruído do trem.

– Fique de olho na patricinha – disse a Tag, que quase babava em cima de Heather. – Vou dar uma olhada na ratoeira.

Deslizou a porta ao final do vagão de passageiros e passou para o contêiner de transporte. Sem sequer se incomodar em procurar o interruptor, tateou até chegar ao carro e, rindo, bateu na mala. *Isso vai deixá-la totalmente apavorada*, pensou.

– Ei, Mouse! – gritou.

Não houve resposta.

– Nem um gritinho? – provocou.

Mas então, na penumbra, ele viu a sacola de lona de Mason no chão, o conteúdo espalhado ao redor. Correu até lá e viu a porta do lado do passageiro aberta... e o interior do carro todo destruído. Havia um grande buraco dando para o compartimento do porta-malas. Sangue por todo lado... e nenhum sinal de sua maldita irmã.

Rory foi tomado pela fúria e abriu a boca para gritar, mas algo atraiu seu olhar. No canto do vagão, viu o alçapão de acesso sobre a escada de serviço batendo, destrancado. Praguejou e correu para a escada. Então estacou e,

retornando até o Aston Martin, abriu o porta-luvas, procurando algo no escuro antes de voltar para a escada.

* * *

O vento no alto do trem atingiu Mason como um soco no peito, deixando-a sem fôlego e ameaçando fazê-la sair voando. Não conseguia ficar ereta, e pensou que a qualquer momento seria arrancada do teto do trem e lançada por sobre a lateral da ponte para as águas espumantes e perigosas lá embaixo. Caiu de joelhos e começou a engatinhar, indo até o corrimão de latão ornado que percorria o teto do vagão, que era uma verdadeira antiguidade.

Não fosse a sensação de tudo ser tão real, Mason juraria que estava num de seus pesadelos – o pior que já tivera. Ou talvez a sensação de hiper-realidade fosse porque ela finalmente tinha perdido de vez o contato com o mundo real.

Nesse estado de espírito, quase não ficou surpresa quando olhou para baixo, para o lado do trem, e viu duas Harleys correndo em alta velocidade. E Anúbis, na forma de um grande lobo negro, vindo atrás do trem como um cachorro perseguindo um carro.

Do interior do luxuoso vagão de passageiros, Heather olhou pela janela enquanto as duas Harleys emparelharam com o trem, rodando precariamente por uma faixa estreita da qual haviam sido removidos dois trilhos desativados, restando apenas uma faixa de cascalho coberto de ervas daninhas. Heather apertou mais o rosto contra a janela e estremeceu quando viu algo que parecia um esguio lobo negro correndo ao lado deles, mais rápido do que qualquer lobo normal seria capaz de correr. Viu que numa das motos vinha Roth Starling, mas a que estava à frente levava dois passageiros. Fennrys, o Lobo vinha tenso, agarrado no banco de trás. O motorista usava capacete, mas Heather reconheceu a jaqueta de Cal. Numa manobra arriscada, ele aproximou a moto do trem, enquanto Fennrys posicionava os pés debaixo do corpo, primeiro um, depois o outro. Heather prendeu a respiração quando ele se pôs de pé, ficou imóvel por um instante como se fosse voar, e então saltou, tentando agarrar algum apoio na lateral do trem.

– O que esses dois malucos estão tentando fazer? – disse Tag por sobre o ombro de Heather, a voz cheia de incredulidade e de algo que parecia assombro. Então ele deu uma risada gutural quando a Harley de Cal começou a oscilar perigosamente.

Heather gemeu e se apertou mais contra a janela, o coração na garganta enquanto Calum lutava para controlar a moto sobre a superfície irregular da rampa de acesso. Ela não podia ver direito de onde estava, mas viu os pés e as pernas de Fennrys sumirem, e concluiu que ele conseguira içar-se ao teto do trem por uma escada lateral. Cal acelerou a moto para poder acompanhar o trem à medida que este fez a curva que levava à ponte Hell Gate. Devia ser quase impossível controlar a moto na faixa de cascalho ao lado dos trilhos. Heather podia ver os tendões das costas das mãos de Cal, retesados como cabos de aço com o esforço de manter firme a moto. Passaram então sob o imenso portal de concreto, as vigas da ponte erguendo-se dos dois lados, e prosseguiram por sobre o East River.

Heather manteve o olhar fixo em Cal, como se pudesse transferir sua força para as pernas dele. Ela sabia que ele estava ali para ajudar Fennrys a salvar Mason, e não a ela. Não importava. Ela o viu inclinar-se para a frente, a cabeça com capacete abaixada... e então o viu virando a cabeça de um lado para outro, como se algo tivesse atraído sua atenção de repente. Ele sacudiu a cabeça, levando a mão até um lado do capacete, como se tentasse cobrir o ouvido. Parecia estar sentindo dor. Heather viu seus ombros se contraírem quando a moto começou a desviar-se na direção do guarda-corpo da ponte. A cabeça de Cal virava com violência de um lado para outro, e ele socava o lado do capacete. A roda dianteira da moto virou de repente da esquerda para a direita e ele perdeu o controle. A parte de trás da Harley projetou-se para a frente. Heather deu um grito de horror quando Cal foi catapultado da moto, rodopiando no céu noturno. A moto chocou-se contra uma das vigas vermelho-ferrugem da ponte, ricocheteando no caminho de Roth Starling, que apertou o freio com um guincho terrível e deu um cavalo de pau. O corpo de Cal descreveu um arco no ar e caiu por cima da lateral da ponte, em direção às águas turbulentas do rio lá embaixo.

Heather o viu cair, o grito morrendo em sua garganta. Ela deslizou pela janela e caiu atordoada no banco de couro, o horror dando lugar ao choque gelado. Ao seu lado, Tag Overlea praguejou baixinho e afastou-se da janela, os olhos arregalados, as feições sombrias, sem acreditar no que vira. A moto acompanhou o trem por um instante e depois sumiu de vista.

E Calum Aristarchos... havia desaparecido.

XXXIII

Fennrys jogou a perna para cima do teto do vagão e quase fez Mason cair. Ela soltou uma exclamação e recuou bruscamente para longe dele. Seu cabelo negro açoitou ao redor da cabeça dela, como um tornado de sombras; os olhos de safira estavam arregalados e se moviam como os de um animal aterrorizado. Estavam vazios e não o reconheciam. Fennrys apoiou-se sobre os pés, agachado para não ser jogado de cima do trem pelo vento e estendeu a mão para ela, mas ela encolheu-se, evitando-o. Ele olhou para o rosto dela e viu que estava presa nas profundezas de um pânico que lhe turvava por completo a mente.

O que Rory fez a ela? – ele se perguntou com uma amargura desesperada.

O sangue escorria pelo rosto e pelos braços de Mason, manchando o moletom que ela usava. Fennrys viu o brasão de Gosforth, e a imagem da velha na lavanderia automática surgiu em sua mente: a água vermelha agitando-se na máquina de lavar, o mesmo brasão batendo contra o vidro, encharcado de sangue...

Ele sacudiu a cabeça com força para dissipar o horror que sentiu.

– Mason! – gritou para ela, o vento roubando o som de suas palavras e jogando-o para trás dele. – Sou eu! – Ele estendeu a mão. – Pegue minha mão. Tudo vai ficar bem, Mase...

Ela queria acreditar. Queria de verdade.

Mas estava presa num pesadelo.

E em seus pesadelos, Fennrys sempre dizia para ela correr.

Assim, ela correu. Ela se virou e lançou-se para a frente, tropeçando e caindo de quatro, rastejando, ficando novamente em pé, com dificuldade, e inclinando-se contra o vento enquanto lutava para avançar rumo à parte dianteira do vagão. Fennrys gritou para ela parar. Imensas vigas de ferro, pairando numa curva

graciosa entre dois portais de concreto monolítico, surgiram como uma miragem diante dos olhos de Mason, enquanto o trem seguia em frente pelos trilhos que subiam rumo à ponte.

Ela ouviu Fennrys gritar seu nome e virou-se a tempo de ver Rory subitamente surgir do alçapão da escada, entre ela e Fennrys. Seu irmão olhou de um para o outro, e um sorriso de pura maldade abriu-se em seu rosto.

– Ótimo! – ele gritou acima do vento, lutando para se equilibrar enquanto saía do alçapão e ficava em pé no centro do teto do vagão. – Isto é conveniente!

Mason não podia acreditar em seus olhos. Rory tinha uma pistola numa das mãos. Que diabos seu irmão estava fazendo com uma pistola? Ela mal podia entender o que ele dizia, enquanto o vento arrancava as palavras de sua boca.

– Eu ia me divertir à custa de Mason, mas...

Fennrys se adiantou um passo, e Rory ergueu a arma, apontando-a para o outro rapaz.

– Fique bem aí, herói! – Rory ordenou. – A brincadeira só está começando...

Ele enfiou a outra mão no bolso e tirou algo pequeno e redondo. Mason não conseguiu distinguir o que era, mas Rory começou a murmurar palavras que ela não conseguiu ouvir, e o que quer que fosse, começou a brilhar.

A luz dourada escapou como raios de sol por entre os dedos de Rory, lançando ao redor deles um halo de luz cada vez maior e mais intenso. A locomotiva passou pelo arco oeste da Hell Gate, e de repente toda a ponte começou a tremeluzir. Os tirantes e vigas de ferro começaram a faiscar e dançar com luzes e cores cambiantes, e toda a estrutura começou a se alongar adiante e atrás deles... estendendo-se para cruzar o abismo entre o reino mortal e o além. Mason tampou os ouvidos com as mãos, sob a cacofonia de zumbidos e tinidos, como milhares de sinos de vento apanhados por um furacão, assaltando seus sentidos. O ruído cresceu até soar como martelos golpeando cordas de harpas. O som fendia o ar à volta deles enquanto um *show* de luzes prismáticas explodia em raios cortantes de arco-íris, subindo para o céu noturno. Mesmo atordoada como estava, ainda envolta nos restos de seu pânico claustrofóbico, Mason sentiu um assombro um tanto distante dominá-la.

Aquela era Bifrost, a ponte do arco-íris para Asgard.

Ela virou-se e viu, bem no centro da ponte, uma cortina reluzente de luz branca como diamante. Sentiu uma vontade irrefreável de estender a mão, abrir a cortina e ver o que havia do outro lado. Ela olhou para a locomotiva logo adiante dela, avançando com suas oito rodas que soltavam faíscas, e de repente não viu

mais uma máquina. Ela viu um cavalo. Um cavalo de batalha, negro como carvão, galopando pela ponte com oito *patas*.

Mason rastejou para trás, afastando-se da borda, virando-se a tempo de ver Fennrys atacar seu irmão. Na fração de segundo em que Rory se distraiu com o brilho ofuscante da manifestação de Bifrost, Fenn arremeteu e agarrou Rory pelo meio do corpo, arremessando-o com força no teto de metal corrugado. Mason viu com horror quando ele esmurrou a cara do irmão, que se contorcia por baixo dele. Rory virou-se e chutou Fennrys na lateral da cabeça, fazendo-o rolar na direção da borda. Mason gritou, mas Fennrys conseguiu se segurar antes de rolar por cima do corrimão, bem quando Rory deu mais um chute nele. Desta vez, Fennrys aparou o golpe e, com um safanão, jogou Rory para trás. O olhar de Fenn era de pura selvageria. Ele esmurrou outra vez o rosto de Rory e então golpeou de novo e de novo o pulso dele, tentando fazê-lo largar a arma que era agitada de um lado para o outro.

Mason viu quando o braço de Rory se quebrou. O rosto dele estava ensanguentado. Fenn continuou esmurrando, mesmo quando Rory se encolheu, incapaz de se defender. Tirada de seu estupor, Mason cambaleou para a frente e segurou o braço de Fenn antes que ele pudesse dar outro golpe.

– Pare! Pare! Você vai matá-lo!

Fennrys resistiu por um instante, e então a expressão dele se desanuviou e ele a puxou para mais perto.

– Mason... – Ele olhou por cima do ombro dela. O trem estava quase no meio da ponte, agora. A luz da cortina luminosa estava quase insuportável nesse momento. – Venha...

Ele a fez ficar numa posição agachada e ajudou-a a ir na direção da traseira do vagão; havia uma escada de mão que descia pelo lado de fora do vagão.

– Temos que descer do trem, Mase – disse Fenn. – Você não pode atravessar a ponte. Coisas ruins vão acontecer. Você entende?

Ela concordou atordoada. *Coisas ruins...*

– Desça tudo o que puder. Vou estar o tempo todo com você. Vamos pular juntos, para o lado, onde não há trilhos. Encoste-se em mim o máximo que puder, e eu te protejo quando atingirmos o chão. Só mantenha seus braços recolhidos, certo?

Ele começou a erguer por cima da cabeça de Mason a alça do suporte da espada dela. Ela não poderia pular com aquilo preso ao corpo. Mas, antes de

fazê-lo, houve um som como o da explosão de um escapamento de carro, só que mais forte. Mason ouviu-o acima do rugido do trem e dos uivos do vento.

Outra explosão de cor, esta de um vermelho escuro, brotou do ombro de Fennrys. Fenn rodopiou para longe de Mason, uma expressão de surpresa atordoada em seus olhos azul-claros. Mason olhou para trás, por cima do ombro, e viu Rory agachado contra o vento, no rosto uma expressão de maldade pura e irrefletida. O braço direito dele pendia inútil ao seu lado, mas ele segurava a pistola na mão esquerda.

Mason virou-se de novo para Fennrys... mas ele estava caindo para longe dela, em câmera lenta, enquanto ela gritava e estendia-lhe a mão. Como se o vento o carregasse, ele rolou pela parte de trás do trem. Mason ficou ali parada, imóvel como uma estátua, enquanto o trem seguia em frente, carregando-a consigo.

O brilho da ponte a envolvia e se tornou ofuscante, as cores do arco-íris mesclando-se numa espuma de um branco glacial, que lhe roubou a visão do mundo e a substituiu por uma escuridão súbita e chocante.

O impacto do projétil atravessou o corpo de Fennrys. Ele tentou se agarrar ao nada e caiu pelo ar, despencando no pavimento da ponte e rolando pelos dormentes. Meio inconsciente, quase meio *morto,* ele ergueu a cabeça e viu o trem avançando rumo ao muro de luz resplandecente que caía como uma cortina bem no centro da ponte do arco-íris. Ele viu a silhueta de Mason no alto do vagão, o punho da espada reluzindo ao seu lado, o cabelo erguido ao vento como um capacete alado e os olhos de safira olhando para ele, cheios de terror e angústia.

Houve um ribombar de trovão e o lampejo de um raio que rasgou a noite... e então escuridão. O trem rugiu através da cortina brilhante e seguiu pela ponte Hell Gate, afastando-se rumo ao outro lado do rio. Fennrys viu o vulto agachado do irmão de Mason ainda no teto do vagão. Mas Mason havia sumido.

A cabeça de Fennrys pendeu sobre seus braços, e suas costelas feridas e doloridas se agitaram num soluçar desesperado. Um momento de silêncio se seguiu ao caos e o envolveu, e então Rafe estava ali, ao seu lado. O deus lobisomem mudou de forma, de animal para homem, e ele se ajoelhou para colocar um ombro sob o braço direito de Fennrys. Ajudou-o com suavidade a se colocar em pé e então o conduziu zonzo e dolorido rumo ao alto portal de concreto, enquanto Fennrys tentava se soltar, protestando, num murmúrio,

dizendo que precisava cruzar a ponte. Ele tinha que seguir Mason e trazê-la de volta.

– Sou o único que pode fazer isso...

– Você não vai a lugar algum – disse Rafe, com firmeza. – Não sei o que pode acontecer se você morrer de verdade enquanto estiver nos reinos dos mortos, e não sei se quero descobrir. Acho que você também não. E do jeito que está minando sangue por esse buraco, é o que pode acontecer se você sair correndo atrás dela.

– Mas Mason...

– Você vai encontrá-la. Paciência. A ponte não vai a lugar nenhum.

Estavam quase chegando ao portal de concreto quando sentiram um trovejar por baixo dos pés. Fennrys se voltou, meio que esperando ver um trem avançando sobre eles vindo da outra direção. Mas, enquanto a vibração aumentava, ficou claro que o som não provinha de outra locomotiva. Uma série de explosões surdas se sucedeu num crescente, até que toda a estrutura da Hell Gate balançou violentamente e o centro da treliça da ponte explodiu para fora, com um guincho ensurdecedor de metal se rompendo e concreto se despedaçando.

Rafe atirou-se sobre Fennrys, empurrando-o para trás de um dos pilares do arco, e ficaram os dois ali, agachados, protegendo a cabeça, enquanto fumaça e centelhas os cobriam e restos choviam sobre eles. Quando o caos se acalmou, Fennrys pôs-se de pé com dificuldade e lançou-se para longe do abrigo do arco do portal. A ponte Hell Gate ainda estava diante dele. Ao menos em parte.

Porém no centro havia um espaço vazio. As vigas de aço de ambos os lados ainda se projetavam no espaço, como dedos retorcidos de mãos desesperadas para se tocarem, mas agora incapazes de fazê-lo. Fennrys podia sentir o cheiro acre de explosivos sendo carregado pela brisa. Alguma coisa, alguém, havia explodido intencionalmente a ponte. Já não haveria como cruzar nem Hell Gate... e nem Bifrost. Não haveria como ir para Asgard.

A fumaça subia em espirais pelo céu noturno.

O lamento distante das sirenes flutuou no ar.

Fennrys ficou parado, olhando em desespero a ponte em ruínas, sabendo que Mason Starling estava em algum lugar do outro lado... e que agora não havia maneira alguma no mundo de alcançá-la.

Ele sentiu algo dentro de si desmoronar, e as últimas de suas forças se esvaíram de suas pernas. Ele começou a cair, mas Rafe o agarrou pelo braço e o

manteve em pé.

– O que foi que eu lhe disse, Fennrys Lobo?

Fennrys virou-se para ele atordoado.

– *Sempre* há esperança – disse Rafe, enfático. – Sempre há um jeito. *Sempre*. Você só precisa achar. E é melhor você começar a acreditar nisso, porque sua garota vai precisar. E nós também, se quisermos ter alguma chance de trazê-la de volta.

XXXIV

O brilho branco ofuscante foi desaparecendo aos poucos por trás dos olhos de Mason. O vento havia parado. Fennrys havia sumido.

O som do trem silenciara.

Devagar, ela abriu os olhos e olhou ao redor. Uma paisagem interminável se estendia até o horizonte, com as cores do crepúsculo. Planícies infindáveis, desoladas, totalmente rodeadas por nuvens de tempestades, altas e ameaçadoras, escondendo as margens do céu. Mason viu lampejos de relâmpagos lambendo os confins da terra árida. Trovões tão distantes que soavam como um tremor nas profundezas da Terra, um som mais sentido do que ouvido. Ela girou uma volta toda e ficou cara a cara com um vulto envolto numa capa e encapuzado, que não estivera ali um momento antes.

Mason levou a mão ao cabo da espada ao seu lado.

O vulto ergueu a mão e empurrou para trás o capuz. Uma cabeleira negra emoldurou um rosto, pálido como um cadáver e adorável. Olhos azul-escuros olharam para Mason, e a sombra de um sorriso curvou os lábios pálidos do rosto feminino, enquanto ela dava um passo adiante e dizia numa voz que parecia o som de um sino:

– Olá, Mason. Bem-vinda a Hel.

Ela estendeu os braços.

– Sou sua mãe e tenho esperado por você há muito tempo...